

A TORMENTA QUE ME ATRAI

RAONY



SÉRIE DEMÔNIOS REAIS - VOLUME 1

ELIE ANJO



Copyright © 2020 Elie Anjo

Capa: **Cenna Nunes**

Diagramação: **Islay Rodrigues**

Revisão não profissional

Todos os direitos reservados. Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do e-book.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/ 98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

RAONY — Livro 1

Demônios Reais

Elie Anjo

1ª edição — 2020

Todos os direitos reservados.



Raony

DEMÔNIOS REAIS

A TORMENTA QUE ME ATRAI

LIVRO UM



PRÓLOGO

Elie Anjo - Demônios Reais

Lendas antigas contam a história de um ser superior. Um deus de uma tribo indígena que poucos sabem que realmente existiram.

No início dos tempos a terra passava por mudanças extremas, essa tribo pediu para o seu deus denominado Oric, o pai de tudo, cessasse as tempestades e para que lhes provessem alimentos.

O xamã e também chefe da tribo entregou sua filha mais velha como sacrifício. A bela Triskiana, pura de alma e virgem.

Mas antes do sacrifício ser feito, Oric fez um acordo com os humanos, fazendo da filha do chefe da tribo sua sacerdotisa e responsável por instruir seus filhos, filhos esses que compartilhavam características humanas, porém eles tinham habilidades especiais que no início ajudavam os humanos.

Eles eram tratados como príncipes, responsáveis por cuidar das fendas dos dois mundos. Pois existiam muitas outras criaturas, tão belas e poderosas quanto eles, sempre a espreita.

Os príncipes eram Rudá o primogênito, Jandir, Marlon, e Raony, o caçula problemático, esse caçula cometeu uma ofensa contra seu pai ao corromper sua tão adorada sacerdotisa.

Tal ofensa não passou despercebido pelo chefe da tribo, por conta disso Oric começou a tomar decisões que fez com que o filho mais novo,

Raony, matasse o xamã causando assim uma guerra, Raony foi caçado e traído pela sua amada.

Por causa do descontrole do seu filho, Oric o prendeu em uma fortaleza. Mas seus irmãos mais velhos se compadeceram do caçula e o libertaram Raony do seu cativeiro, onde era mantido longe de tudo e de todos.

Devido a isso, todos sofreram o peso da mão do seu criador e pai; amaldiçoados a viver eternamente com os humanos, sem nunca revelar quem são ou o que realmente eram.

Para piorar o castigo, eles foram dotados com características animais, lutam contra o homem e contra a fera e a luxúria, apenas uma fêmea humana será capaz de saciá-los, e quando isso acontecer, quando eles finalmente encontrassem sua fêmea perdição, a ela seriam fielmente devotados. Seriam dominados pelos seus próprios desejos.

Os irmãos também são conhecidos como a realeza do caos, *demônios reais*. Os longos séculos que viveram entre os humanos os tornaram mais sombrios, condenados a sucumbir no vazio...

Mas é claro que isso é apenas uma lenda que ao passar do tempo, ganhou várias versões e nos dias atuais, ninguém realmente sabe o que de fato aconteceu.



CAPÍTULO UM

Elie Anjo - Demônios Reais

As esquinas estavam silenciosas e cobertas pela neblina. A pouca iluminação criada por alguns postes tinge o contorno dos carros e criam sombras desordenadas que refletem na dura calçada esburacada.

São pequenos buracos, porém são incômodos, tento não enterrar nesses buracos meu caro e nada precioso *Louis Vuitton*, desenhado por *Christian Louboutin*. Não entendo nada de moda, apenas prestei atenção no que a vendedora dizia e isso foi antes dela me dar o seu número, me convencendo a comprar esses sapatos e a fodê-la.

Esta preocupação toda com esse sapato é porque não quero chegar ao meu destino sem estar da mesma forma que saí de casa, um arranhão sequer no meu caro, porém nada precioso, sapato, seria péssimo para o meu ego.

Ego este muito difícil de controlar quando se dividi espaço com reles mortais, o zé povinho de toda existência.

Antigamente andar por esta rua nesse horário significava que alguma prostituta estaria me oferecendo seu corpo pecador, dificilmente recusava, assim como dificilmente me sentia saciado apenas com uma fêmea humana.

Hoje marginais ocupam os becos e vielas, na verdade sempre ocuparam. Só que a cada dia parece proliferar de maneira desenfreada.

Prendo o meu punhal na bainha de prata incrustada com algumas pedrarias, apenas rubi nada de muito valor. Com sutis passos chego finalmente no galpão escondido em uma massa de arvoredos, pelo cheiro é pinheiro, pelo menos isso. Não cheira a poluição ou a lixo. Mortais são poluidores e acumuladores de lixos, não é agradável conviver com seres tão

lastimáveis.

Foram longos e torturantes anos vivendo entre eles.

Já ouvi dizer que a morte aparece de várias formas para um mortal, reza à história de uma senhora de 100 anos que esperava a morte sentada em uma cadeira sem poder exercer sua caminhada pelo seu adorado jardim;

A senhora não se conformava em viver na varanda apenas admirando as flores que cultivou a vida toda, dando a elas cuidados enérgicos diariamente.

Algo que muitos mortais temem lhe alcançou — a velhice, ela passou dois anos seguidos pedindo para a morte a conduzir para o mundo dos mortos; mas os anos se passaram e ela continuou vendo seu jardim se desfazer sem poder tocar, sem poder cuidar, apenas morrendo.

De certo aquela senhora não sabia que estar velho não é sinônimo de estar morto: — e isso se aplica a mim, já vivi muito, no entanto, ainda padeço vendo as flores da minha vaidade. Flores que cultivei desde que passei a conviver com os reles mortais, estas flores cobertas pelo pecado estão desfalecendo.

Admito fui um péssimo Lorde do Caos, boa parte das minhas ações é movida pela minha falta de bondade e sede de vingança.

Pincelo o ar com a palma da mão aberta como se estivesse afastando uma incomoda e invisível cortina da minha frente. A porta pesada de metal do galpão se abre e eu entro sem cerimônia.

Pelo menos eles vieram, humanos estúpidos e problemáticos acham que andar em grupo, fazer parte de uma gangue, os tornam mais fortes. Tolos. Para mim continuam os mesmos zé povinho de sempre: Beberrões, fedorentos e brigões.

Ainda me pergunto o por que me presto a isso, a resolver assuntos que tecnicamente não são meus.

Tudo bem que estimo o Ructon, mas pelo amor de Oric!

Se envolver com máfia não é algo que alguém que esteja em contado

com os *Royal Demons* se preste e, por conseguinte serve aos Lordes do Caos.

Brinco com o punhal entre os dedos.

Sinto além do fedor horripilante de machos humanos, a umidade do lugar decadente é de sucumbir a minutos de vômitos, talvez eles não possam sentir porque além de terem o olfato habituado ao lixo do mundo deles, não são dotados dos sentidos apurados de um Lorde.

Ructon meu servil está amarrado no chão, apesar de ele não ser humano, para sua eterna desgraça, e põe desgraça nisso, Ructon é tão fraco quanto um humano.

O cabelo castanho dele está respigando água, coberto de sangue, porém seu corpo já está se regenerando, tenho que terminar com este assunto pois preciso voltar para o hotel, tenho assuntos para resolver. Assuntos muito quentes.

Quando enfim depois de cem anos nesse mundo degradante decido fazer algo para me distrair, e estou falando dos meus negócios, não dos assuntos quentes, me ocorre do meu palerma servil se permitir ser pego por um grupo de humanos; colocando em risco nossa identidade.

Meia dúzia de escorias me olham como se fossem alguém. Para mim não são nada, não passam de uma poça de carne e ossos facilmente quebráveis. Recuso—me a tocar nesses corpos que deveriam estar se curvando perante a mim.

— Meu...

— Calado Ructon. — O interrompo. — Seu palerma, inconsequente. Fez—me atravessar este maldito aglomerado de pessoas desagradáveis...

— Também conhecido como cidade.

Ele é ousado, servil audacioso, não sei por que ainda o mantenho vivo e pior, me prestei a este papel ridículo. Encaro os seis humanos na minha frente tentando encontrar motivos para não os matar de maneira devagar e dolorosa.

Ah, lembrei!

Não quero me sujar e perder meu tempo dividido o mesmo ambiente que eles.

— Eles são mudos? — Pergunto ao vê-los me olhar em confusão. — Ou tem o cérebro de gelatina?

— Falam Russo. — Suspira meu servil.

— Vou soltar você, e você termina o que começou.

— Serei eternamente grato, meu senhor.

Captei o sarcasmo em suas palavras, maldito Ructon!

Eu tentei usar meu controle e segurar meu temperamento, mas é muito difícil controlar esta fúria implacável de dentro de mim. Se eu pudesse exterminava essa raça maldita.

Quando jogo meu punhal em direção ao meu servil, alguns deles tenta me atacar.

Que audácia!

E eu nada fiz para eles, além de estar olhando com minha carranca frígida para os vermes na minha frente, me desvencilho com facilidade de um.

Aquilo foi um soco?

Rosno e seguro seus punhos infratores, quebro seus dedos fazendo o humano se contorcer de dor, eles me olham um tanto surpresos, um tanto amedrontados...

Minha atenção se desvia para o meu servil se desatando das cordas, um deles saca a arma, mas que miserabilidade!

Mais essa agora!

Disparam contra mim, e eu me livro das balas arranhando meus sapatos lustrosos no chão de terra. É o fim para estes humanos!

— Espero por você lá fora, meu senhor. — Corre meu servil inútil. — *Vocês se foderam* — Ele fala em russo.

Não sabem a profundidade da ira guardada no mais profundo da minha alma. Eu não queria, entretanto, já que estou na lama, pisando em estrume, optar por me sujar por completo.

Tiro meu caro, mas nenhum pouco precioso, terno Armani e o jogo no chão pisando em cima, de nada me servirá, nem mesmo para limpar minha bunda.

Uso a telecinese e atravesso o punhal jogado no chão no pescoço do humano armado, sei usar meu corpo para surrar, mas luto com meus irmãos e não me presto a massacrar humanos como tenho vontade de fazer.

Turu... Turu... Tum...

Mas que porra é esta agora?

Meu coração bateu forte como um pêndulo balançado com força. Tão forte que foi capaz de me desestabilizar.

Ignoro e soco a cara do humano chocando o corpo dele entre uma parede, ouço o estalo dos ossos dele se quebrarem, os outros tentam correr, porém mato-os lançando seus corpos na parede e criando uma pintura tosca dos corpos esmagados deles, sangue jorra e sobrepõe as paredes;

Saio do lugar, meu servil estar do lado de fora me aguardando.

— Veio sozinho, meu senhor?

— Vim com o motorista do Marlon, e você voltará andando, me recuso a dividir o mesmo carro com seu corpo de fedorê humano.

Marlon é meu irmão, um pouco mais velho que eu, minha babá por sua vez, não tanto quanto o Jandir, também conhecido como "a mãezona."

Já o Rudá, meu irmão mais velho, é mais parecido com um pai frígido e desde que passei a morar com os humanos, ele me mantém cativo das suas exigências. Eu já não tenho contanto com meus irmãos mais velhos.

Apenas o carrapato do Marlon continua me perseguindo para onde eu vou, pelo menos ele não impõe regras das quais eu nunca serei capaz de seguir.

E sobre o compromisso importante que me aguarda no quarto do hotel, faz dois dias que estou nessa cidade e desde então me sinto incomodado com algo que desconheço, as batidas do meu coração se tornam irregulares de uma maneira muito errada.

Eu apenas sinto, mas não existe nada que considere valioso a esse ponto.

Penso em fazer negócios por aqui, mudamos de cidade com frequência e as mais apropriadas são as pequenas e pacatas.

Esta me parece uma boa opção. Apesar de ser o mesmo lugar, o mesmo lugar que cometi a tolice de entregar o coração para uma humana arrancar.

Contudo, não vi muita humana comestível, porém meu servil inútil me garantiu que selecionou uma atração de boas-vindas. Saio do elevador social e ando despreocupado até a minha suíte.

Ouçoo vozes animadas e femininas vindas de dentro. Sou recebido por um par de seios grandes amostra, uma linda morena me aguarda enquanto bebe vinho, estar sentada no sofá com as pernas cruzadas.

— Na cama. Preciso de um boquete daqueles. — Ordeno para a mulher, e ela me segue como uma boa garota obediente.

Abaixo minha calça e me sento na borda da cama, não tão excitado assim, porém se ela for boa no que faz não vai demorar muito para que eu encha a boca dela, ou talvez demore...

— O que está esperando? — Ela se ajoelha e envolve meu pau, tem uma boquinha carnuda que engole gemendo. — Não geme é irritante.

Ela para de gemer e eu tento relaxar, desprendo os botões da minha camisa, a humana começa a fazer um bom trabalho.

— O que mais quer que eu faça? — Ela pergunta com uma voz doce e enjoativa.

— Só fale alguma coisa quando eu pedir, não me olhe, quero que chupe meu pau, só isso.

Ela melhorou no boquete, eu gosto, relaxo e me deleito do prazer que começou a ascender o desejo por foder.

Tum, tum, tum.

Mais isso agora!

Novamente o desconforto, essa cidade amaldiçoada!

Se Triskiana acha que vou ficar à mercê dela está muito enganada. Aquela bruxa maldita. Prendo o cabelo da humana e ela dá um gemido baixo.

— Aí, o que fiz de errado? — Afasto—a do meu pau.

— Saí. — Rosno.

— Eu...

— Só saí porra! — Suspendo minha calça e saio de perto dela.

Estou padecendo de alguma doença?

Doenças não podem me atingir, mas eu não recuso sexo, transar me entretém. Deixo a humana no quarto e volto para o elevador, preciso descobrir o que está acontecendo comigo o quanto antes.



CAPÍTULO DOIS

Elie Anjo - Demônios Reais

Já fazem três semanas que estou nessa cidade, passei o dia fechando negócios. Encontrei o lugar perfeito para me estalar. Sento-me no balcão do bar do hotel e peço uma caipirinha de frutas vermelhas, quero me refrescar, desprendo a gravata e tento relaxar os ombros.

Notei que além de pacata essa cidade é formada por uma ampla comunidade cristã, *maravilha*, um lugar perfeito para um demônio viver. O que não deve ter de mulher carente a procura de uma aventura...

Uma música toca baixinho, não me incomoda, mas também não me encanta.

Sinto um sobrepeso nos meus ombros, isso sim me incomoda. Mãos pequenas e femininas pintadas com esmalte preto.

— Raony. — A fêmea humana senta-se ao meu lado.

Eu juro que tento me lembrar dela, na verdade, não tento não. Mas ela sabe meu nome, então deve ser alguém que eu fodi.

— Huh.

— Se lembra de mim?

— Por que me lembraria?

Ela não passa de mais um rosto esquecido, um rosto não tão bonito assim, mas jovial, tem cabelos castanhos escuros e olhos verdes, noto suas tatuagens. Alguma cliente minha? Analiso mais uma vez a tatuagem em sua

pele, uma bonita tatuagem, mas não é trabalho meu.

— Não.

Não a convidei, não a quero perto de mim, e por Oric, se voltar a me tocar sem o meu consentimento vou arrancar as mãos dela.

— Deveria lembrar eu...

— Transou comigo.

Ela não sabe que tenho vários rostos acumulados, mas nenhuma vontade de lembrar. Pobre iludida.

— Eu sou menor de idade.

Continuo olhando com indiferença para ela, me debruço no balcão repousando meu queixo nos meus punhos fechados, sou péssimo com interações humanas, mas pelo que eu me lembro, só fodo quem me procura.

— E, daí?

— Estou grávida. — Ela diz, unindo as mãos nervosas.

— E, daí? — Pego minha bebida e sugo-a pelo canudinho. — Quer que eu pague uma bebida?

— Eu não vim aqui por isso. — Ela pareceu um pouco irritada, e eu não entendi o motivo. — Estou grávida e você é o pai.

Quase joga a bebida para fora, um tanto surpreso, um tanto me divertindo à custa dela. Que absurdo...

— Jura? Então minha prole está em seu ventre? — Seguro firme o pulso da vadia. — Terei meu próprio demônio?

Aperto mais ainda vendo algumas pessoas nos olhar em choque.

— Raony, por favor, não me machuca.

— De onde me conhece? — Rosno.

— Você faz parte do Royal Demons.

Que para os humanos é apenas a irmandade de homens ricos.

— Ótimo sua vagabunda agora pega sua bunda gostosa e saia da minha frente. — Tiro as mãos dela.

Deixo uma boa nota no balcão e saio resmungando — Garota insolente. Nenhuma fêmea humana é capaz de ter um filho dos filhos de Oric, seria uma desgraça se isso acontecesse.

Audácia!

Nítido o interesse em minha riqueza, que baixa, uma noite, uma trepa, um pau não é o suficiente. Como uma boa vagabunda, tinha que tentar dar o golpe.

Eu zapo para longe do hotel, vou para uma estrada deserta, sinto o vento castigar meu corpo com a frieza, alcanço um penhasco não tão alto assim e me jogo com tudo.

O ar gelado, a velocidade que meu corpo caí, esta adrenalina é uma das poucas coisas que me fascina.

Faz-me ficar perto da morte, mas nunca, nunca a alcançar.

Uma das coisas que me separa dos humanos é que eles têm medo de ficarem doentes, envelhecer ou morrer, nada disso me atinge, porém eu os invejo, pois eles vivem e eu nunca tive o prazer de viver e tal possibilidade me assusta, eu apenas existo.

Prazer, prazer, eu quero sentir prazer.

Meu corpo choca com o chão arenoso, alguns ossos quebrados... e um, dois, três, inicia-se o processo de regeneração.

Olho para o negro do céu, com meu corpo convertido em dor. Ainda assim tenho forças para tirar meu pau de dentro da minha calça e me masturbar.

— Oric, seu fodido de merda, pensa que me puniu? Pelo menos tem boceta para me enfiar. Um paraíso vaginal.

Culpa daquela maldita fêmea estou preso nesse mundo desgraçado,

me levanto e continuo a me masturbar olhando para o mar e recordando das belas curvas das fêmeas com as quais me delicieei. Nunca o rosto de alguma delas. Solto meu esperma na areia rindo como um louco que eu sou.

Sou a luxúria encarnada e sou amaldiçoado por ter um coração e sentir coisas que só humanos deveriam sentir... dor em meu corpo carnal é melhor do que sentir esse vazio, essa...

Tum...Tum.Tum...

Novamente é sensação, mas...

Não vejo nada além do vazio, do negro da noite, e as árvores atrás de mim sendo consumidas pela escuridão e vento inquietante, esta imagem me reflete.

Tum... Tum... Tum...

Sinto um aperto no peito, uma dor visceral. Ajoelho-me segurando meu peito, que parece que será arrancado para fora.

“Demônio me ajuda. Serei sua.”

— Merda. Não. Tudo menos isso!

Meu corpo foi arrastado em um rápido estalar e zapo para outro lugar.

Colido com um chão de madeira velha e empoeirado, não resta quase mais nada de alvo na minha camisa.

Ouçó os murmúrios de uma doce voz recitando uma oração, eu odeio doce.

Um tapete encardido embola no meu sapato, o lugar exala pobreza, uma desgraça. Entretanto, se já estou aqui não custa nada continuar meu percurso até o fim do corredor.

Deparo-me com uma pequena cozinha e uma mesa redonda com uma vela acesa, e uma...

O que ela é? Um tipo de anjo fodido?

Anjos? Bufo em desdém, ela não consegue me enxergar, tem uma

bíblia aberta em cima da mesa. A garota loirinha olha fixamente com lindos olhos de esmeraldas para seus punhos fechados em um gesto de prece, tem lábios gentis, o inferior tem um peso maior, rostinho pequeno e com maçãs salientes. Porém proporcional com o conjunto de rosto um tanto angelical, nariz pequeno e delicado, delicada, muito delicada.

Um tanto bonita, não tão bonita assim, passável, comestível, como passas estragadas e eu não gosto de passas.

Quantos anos ela deve ter?

Passo por ela ainda sem me revelar.

— Demônio é você?

Como ela ousa me chamar, como poderia saber da minha existência? Sabemos da nossa fêmea perdição, no entanto, não imaginei que a minha seria logo uma humana...

Tenho um triste choque da realidade. Que desgraça! Devo ser muito condenado, o mais condenado de todos, logo uma humana? Oric deve me odiar por ter profanado o corpo da sua sacerdotisa. Deveria ter prestado mais atenção quando o Rudá nos informou da maldição.

Miserabilidade!

Ela desleixou a mão repousando nas pernas vasculhando atentamente em volta, o seu vestido gasto é tão feioso quanto à toalha detonada da mesa, se não fosse de outra cor seria difícil distinguir onde começa a toalha e onde termina o vestido.

— Oh, poderoso e infernal demônio, demoníaco. És tu? — Curvo a sobancelha vendo essa coisinha pecaminosa na minha frente. — Espero que sim, amém, ou como você é um demônio o correto seria “não amém”? Perdoe, não amém então. — Ri nervosa — céus eu ainda nem acredito que deu certo, só espero não ter invocado a *Annabelle* ou algo do tipo.

Ela fecha um dos olhos, depois abre numa tentativa ridícula de me fazer ficar visível para ela, depois de um tempo sem nada acontecer capto a decepção em seu olhar, deve estar muito desesperada para chamar um "demônio", eu não sou o que ela imagina, sem dúvidas passo longe.

Curvo-me um pouco para confirmar algo. A garota se debruça na mesa me dando a chance de assoprar os cabelos da sua nuca, revelando uma pela leitosa e alguns fios se espalham, me espanto com a pequena marca.

Fico estagnado vendo os pelos dela se arrepiarem, estou tão próximo que sinto cheiro de baunilha, bom, agradável... É essa sensação que eu não quero sentir, e o maldito do meu pai quer que eu sinta isso de novo, a sensação... É como se eu acabasse de encontrar algo de muito valor, tão valioso que me faz ficar sem chão só de pensar em perder.

Não!

Afasto-me de imediato. Todos esses anos vivendo entre os humanos não imaginei que a profecia de Oric se cumpriria. Não pode ser verdade, de todos os demônios por que eu tinha que ser o primeiro?

— Eu senti você. — A voz trêmula da garota me alcançou, tirando-me da escuridão que minha mente se escondeu. — Ajude-me, por favor, eu prometo que serei só sua.

Garota tola, não sabe do que está falando.

— Por favor.

Garota maldita.

Guiado pelos instintos, me revelo para ela. Ela usa um sapatinho de fivela, que horror. Por que não uma humana que curtisse tatuagens, ou piercing... Logo ela?

— Olá irmã. A paz esteja convosco. — Ofereço o meu melhor sorriso mordaz.

Ela se levanta surpresa, mas não parece estar com medo. O que essa garota passou para não ter medo de mim? Ora, afinal de contas sou um "demônio" e acabo de me materializar para ela.

A fêmea humana me avaliou dos pés à cabeça e o olhar de decepção dela foi uma flecha atravessada em algum lugar, menos no meu peito. Dane-se.

— Tinha que ser um demônio tatuado? — torce o nariz. — É

poderoso pelo menos? — Nada respondi. — Sou Grace Jane, onde assino o contrato?

Estendeu-me sua pequena e delicada mão. Congelo a expressão para não demonstrar minha surpresa, pasmado.

— Grace? Como Graça?

Sinto o cheiro de inocência em contraste com doçura, com um toque de bondade, um prato exótico e nada pitoresco e para completar é baixinha... Aspecto... Fofo?

Por Oric...

— Grace. Seus pais sabem que brinca de invocar demônio tarde da noite?

Afasto-me da gororoba do bem, chamada Grace.

— Eu tenho dezoito anos, e não... Na verdade senhor demônio preciso da sua ajuda. Muito.

— Que tipo de ajuda?

Minha voz é tão fria quanto à noite lá fora e aqui dentro também, pois não tem aquecedor nesse mausoléu.

— Minha irmã mais nova está grávida, uma cabecinha de borboleta, ela saiu dizendo que ia encontrar o pai milionário, mas sei que isso é mentira que o pai da criança só pode ser o sequelado do Jack. — Grace dispara como uma buzina velha em um trânsito travado. — Meu pai vai matá-la se descobrir.

— Quer ceifar o feto?

— Não! — Recusa horrorizada.

E quase me divirto com a reação dela, o mais engraçado ainda é ela querer resolver um problema que nem dela é.

— Quero que mate meu pai.

Esta humana...

Ela é louca?

— Você fez um pacto. Será minha Grace. — Saliento.

— Sim, mas a cláusula você escutou?

Que cláusula?

Tudo isso já é ridículo, eu não preciso de um pacto para tê-la, ela só precisa existir para ser minha na hora que eu quiser.

— Huh? — Dou vez a loucura da humana.

— Nada de coisas sexuais, sou noiva. Posso servir para outras coisas, tipo posso ser algum tipo de mensageira do além, me manifestar nos templos, não tem problemas vão me exorcizar mesmo.

Sem palavras...

Como pode me mandar esta humana tão absurda para me atazanar? Eu não, eu nunca! Recuso-me. Não a quero perto de mim.

A ignorância sobre o que eu sou não é o problema, o problema é que essa frágil humana é o oposto de tudo o que sou.

— Humana, façamos um trato, eu mato seu pai e você nunca mais me chama.

— Uau! Que demônio bonzinho! Mas é claro que aceito.

— Onde está o velho? Vou matá-lo!

— Pode vim amanhã? No momento ele não está.

Que desgraça de humana irritante.

— Como se chama meu gentil demônio?

— Eu não sou seu, não sou gentil, meu nome ou qualquer coisa sobre mim não lhe diz respeito.

— Você já disse que não é gentil, já sei algo sobre você, mas tem razão, pode ir.

Ela não vai conseguir me atordoar com suas palavras atrevidas. Eu saio, desapareço antes de perder meu precioso, raro, muito raro, controle e estrangular a humana insolente, amanhã me livrarei dela definitivamente.



CAPÍTULO TRÊS

Elie Anjo - Demônios Reais

As luzes da boate serpenteiam, criando uma mistura de cores e perturbação em minha mente. Não apenas as luzes como o som alto e os corpos deslizando, se esfregando, pulando.

Reflito sobre o ocorrido e decido que não terei o mesmo destino cruel duas vezes, por conta disso vou renunciar qualquer presente enviado por Oric.

Grace Jane, ela é minha perdição, portanto ficarei do lado oposto do globo e continuarei usufruindo a minha liberdade.

Quando passei a viver com os humanos eu não sabia como funcionava essa maldita dimensão, embora já tivesse ouvido falar de uma raça vivendo do outro lado do véu que, nunca despertou meu interesse, alguns vivem aqui porque querem.

Eu vivo porque me envolvi com a fêmea errada, a mulher do meu pai. As consequências por gozar e encher de porra a boceta de Triskiana me trouxe para este lugar que para mim é pior que tudo.

Eu sinto, eu quero, e não tenho.

É assim que me sinto: Eu sinto um vazio, eu quero preencher, entretanto, não sei como.

É horrível!

Eu gosto de coisas amedrontadoras, mas tudo isso me deixa sem chão e com...

Tum... tum. tum...

Droga de novo, de novo, olho meu relógio e bate uma hora da manhã.

O que uma garotinha faz acordada?

Rosno e vejo um dos meus irmãos atravessar a boate com dois coquetéis. Estou jogado em um sofá com as pernas cruzadas balançando meus lustrosos sapatos.

— Irmão. — Ele me serve o martini. — Essa noite você está calado.

Marlon é mais velho que eu, e mais chato também.

— Eu não tenho motivos para falar, nesses últimos cem anos acho que repeti as mesmas conversas com você, várias vezes. — Balanço a taça.

— Você passa mais tempo entre os seios de alguma fêmea do que de fato falando.

Isso é verdade.

— Sabe... Sobre uma fêmea especial, sobre a enviada de Oric, a predestinada... — Começo falando com indiferença. — Você já ouviu falar se alguém já encontrou?

Marlon me olha sem interesse algum pelo assunto.

— Nunca. — Ele sorve sua bebida. — Nunca conheci um cara tão sortudo a esse ponto.

Eu bufo, quero muito que uma Grace Jane cruze o caminho dele.

Marlon também gosta de tatuagens, somos sócios, começamos em um estúdio de tatuagem e atualmente estamos à procura de um lugar perfeito para abrir uma boate e outro estúdio.

— Não sei o que faria se encontrasse a minha. — Continuo.

— Por acaso encontrou a sua?

Ele me conhece muito bem.

— Não.

— Mente. Você encontrou. — Marlon fica inquieto. — Pois é essa reação que você terá, ficará perdido, e eu nunca vi você perdido por outros assuntos que não fosse a Tris, e agora... Sua fêmea perdição. — Sorri convencido.

Merda.

Isso que dá, — são quatrocentos anos de convivência com ele. Sim, essa é minha idade, tenho quatrocentos e doze anos.

Acha-me velho?

Não mais velho que meus outros irmãos.

Impossível o Marlon não me conhecer.

Já brigamos muitas vezes.

Inúmeras.

Não uma briga de tapas, mas de quebra de braços e outras partes dos corpos. Jandir é mais passivo, Rudá é mais... Distante, eu nem me atrevo a procurar briga com ele.

— Não espalhe para os outros. — Peço um pouco tenso.

— Por que não? Deveria estar feliz, é o primeiro. Sortudo. — Só me falta isso agora, Marlon me incentivando a ir para o abismo.

— Feliz? Sorte? — Cravo meus olhos nos seus. — Ela é um desastre Marlon.

— Não pode ser tão ruim assim.

— É péssimo.

— Ela não faz seu tipo? — Questiona enquanto termina de beber.

— Óbvio que não. Passa longe.

— E você não faz o tipo dela? — Brinca com as perguntas, ele tem essa mania.

— Nem se eu fosse um pastor.

Marlon ri, seus olhos estalam, odeio quando ele fica assim, as ideias deles não são as melhores.

— Precisa ter sua fêmea perdição perto de você.

Eu falei, suas ideias são péssimas.

— Longe de mim, bem longe de mim. — Corrijo.

— É tão ruim assim? Você adora fêmea. — Ele parece perdido.

— Pra começar ela acha que sou algum tipo de entidade maligna. — Meneio a cabeça e debruço no sofá, foco no teto e tento relaxar.

— Isso é ruim, ela não sabe nem a metade das coisas... Sempre me pergunto isso, como vamos explicar para as humanas quem somos.

— Estas meras humanas nunca vão nos aceitar.

— A questão... — Pausa e se aproxima. — Como você é o primeiro, se o Rudá ficar sabendo vai querer estudar seu caso.

Rosno.

— Nem fodendo eu serei cobaia do Rudá, já disse eu não a quero, vamos mudar de cidade e nos esquecer da existência dela, ela envelhece e morre.

— Vai perder a chance de conhecer algo que nunca mais vai poder ter.

— Tá bom, chega. Você está parecendo à mamãe Jandir falando.

— Não me compare com os outros, pois eu sou mais eu. Mas o que mais ela acha de você?

— Não sei, a garotinha estava brincando de invocar demônio, infelizmente, como eu estava aqui nessa cidade maldita pude senti-la.

— Então ela não deve saber quem nós somos.

— Não.

Bebo calado e vejo uma morena no canto do balcão me devorando

com o olhar, ela troca algumas palavras com a amiga, eu foco no assunto.

Ele faz meu tipo, parece o tipo que vai me matar enquanto me fode.

Tremo os lábios na borda do copo e vasculho de longe as pernas torneadas dela em um vestido reluzente colado no corpo.

— Fêmea? — Marlon pergunta.

— Fêmea.

Confirmo e me levanto, atravesso a multidão asquerosa de humanos fedorentos, com suor e perfume de todo mau gosto possível, seguro meu espirro, odeio lugares fechados e com tanto Zé povinho assim.

Mas aqui estou, troquei a vida de presidiário quando morava na mansão do Rudá para estar aqui.

E isso faz tanto tempo...

Já me imagino enterrado na boceta dessa bela morena, meu pau está ativo boa parte do dia, gosto de sexo como gosto de... Não de tanta coisa para comparar, então gosto de sexo como gosto de sexo.

Corpos se chocam no meu, e eu me controlo para não os empurrar.

Tum... tum... tum...

Novamente, novamente! Humana maldita.

“Ajude-me demônio, por favor.”

A voz dela está fraca e parece assustada.

Que desgraça.

Vou terminar logo com isso e ter minha liberdade. Farei com que esta humana se arrependa de ter me chamado de novo.

Desapareço no meio da multidão e zapo até a casa dela, chuto a porta que bate na parede, se despedaçando.

Encontro duas pessoas na cozinha, uma velha no chão e Grace orando debruçada em cima dela, a cabeça da velha sangra um pouco.

— Humana. — Ela mal me ouve chegar.

— Demônio, você veio. — Sua pronuncia é embolada e quase inaudível.

— Vim terminar o que começamos.

Não quero perguntar o que aconteceu, os olhos dela estão vermelhos de tanto chorar, algo dentro de mim revira e eu ignoro de imediato.

— Ele está dormindo no quarto. — Ela diz e se levanta, noto seus lábios partidos e hematomas no pescoço.

Sinto um tremor no corpo e uma ira que não consigo controlar.

Droga!

— Ele fez isso?

Não quero saber, não quero me envolver, quero me distanciar, porém é impossível deixar passar esta situação ela é mi...

Uma humana estúpida por se permitir ser agredida. Não vou me curvar a este instinto de proteção maldito. Eu não posso, de novo não.

Saio de perto dela e atravesso o corredor, a madeira velha do chão chia a cada passada que dou, Grace vem logo atrás de mim abraçando-se, usa jeans surrado e seus pés descalços em um chão frio para uma pequena humana.

Quando encontro à porta do quarto abro com cuidado, tem um homem dormindo e roncando ocupando uma cama de casal, além disso, o quarto estar bagunçado, roupas e lençóis jogados, meus olhos são guiados para uma mancha de sangue sobre um armário ao lado da cama.

— Melhor sair daqui humana.

— Eu... quero ver.

Qual o problema dessa mulher? Não vai facilitar as coisas pra mim?

Ela está trêmula e chorosa, odeio tudo o que diz respeito à fragilidade.

E esta humana é tão, tão frágil, e propensa a se meter em confusão, mas a culpa é do maldito do pai dela e eu vou matá-lo.

Não quero tocar no corpo desse imbecil. Então o suspendo controlando os movimentos com as mãos, o corpo dele levita e o arremesso na parede causando barulho.

Ele acorda e tenta gritar, o sufoco com um baixo nível de telecinese. Nunca matei um humano a pedido de outro humano. Não nos envolvemos com os humanos e certamente não sou o que ela imagina.

— Por favor, pare. — Pede a humana.

Eu a olho de cima, intimidando-a, essa minúscula humana acaba de me dar outra ordem.

— Eu desistir. Deixe-o, não preciso mais, eu não vou mais incomodá-lo.

Não, sei que ela vai. Ela vai me chamar toda vez que estiver em apuros e eu sempre serei obrigado a vir. Infelizmente para minha eterna desgraça, eu não consigo controlar isso.

— Eu vou cumprir o acordo, vou matá-lo e você não vai mais me procurar.

Ela está arrependida, não o quer morto, humana bondosa e cheia de compaixão, vou fazer com que se arrependa de ter me chamado, a quero longe e não vou perder a chance.

— Não vai mais me chamar prometa!

— Eu disse que não vou. — Estremece.

Eu aperto a mão, fecho o punho com força e o coração do humano explode dentro dele, o corpo cai no chão e a humana fica de joelhos diante da cena.

Escuto passos no corredor e me oculto usando meus poderes.

Duas fêmeas entram.

Reconheço o rosto da vagabunda grávida, a irmã dela está grávida?

E o pai delas queria fazer algum mal, provavelmente à mãe tomou a frente e apanhou.

A velha está tão horrorizada quanto às filhas.

Não consigo controlar o riso ao ver a cena. Que patético, estão chorando por alguém que queria matá-las?

— O que você fez Grace? — Pergunta a velha.

Grace me olha aturdida.

— Eu não fiz, ele fez. — Aponta para mim.

Eu sorrio para ela, ela faz uma careta para o nada, pois não conseguem mais me ver. Não desapareço, apenas crio barreiras.

— Demônio maldito, eu disse que não era para matar! — Grita desesperada.

— Grace, minha filha não há ninguém aqui, além de nós. — Sua mãe a ampara. — Você... Vê um demônio?

— Mas ele está aqui mamãe, ele está aqui conosco. — Ela coloca a mão no rosto o cobrindo-o. Tanto, tanto desespero... — Eu o invoquei, a culpa é minha.

Sua mãe afasta-se dela. Pobre Grace, ainda está apegada a ideia de que sou um demônio.

— Trisha ligue para o pastor Jordan e para a polícia. — A mãe ordena — Você vai ficar bem Grace.

Eu não contenho minha curiosidade e me detenho no lugar.

Os minutos se passam e a vejo sendo arrastada pela mãe e pelo pastor, ela é trancada no quarto e amarrada na cama.

Pobre Grace, talvez se ela fosse à predestinada do Jandir teria mais sorte, pois ele é incapaz de cometer tamanha maldade.

— Deveríamos apenas interná-la, mamãe.

— Cale a boca, sua irmã não é louca, só está possuída pelo capeta. Eu assumo o crime, direi que o matei.

— Mas a senhora não pode me deixar, mamãe...

— Não seja egoísta, ela é sua irmã.

Entro no quarto dela, Grace está imóvel olhando para o teto, não imaginei que as coisas chegariam a esse ponto, não é tão ruim assim, vai mantê-la longe de mim e me odiando a ponto de não me chamar mais.

Bom, muito bom.

Recuso-me a ser devoto dessa humana. Quando precisar dela, se um dia precisar dela, eu a procuro.

— Eu fui burra. Não fui? — Ela está com as esmeraldas opacas.

— Você foi estúpida em acreditar em algo desconhecido.

— Você fez um acordo comigo.

— Eu cumpri o acordo e o matei, e você vai cumprir o seu.

Aproximo-me dela e curvo um pouco meu corpo para ficar em sua altura.

— Entende?

— Sim. — Funga.

Dentro de mim há uma briga implacável. Se eu ficar perto dela, será muito difícil lutar contra isso, conheço esse sentimento, porém eu vou lutar até o fim, lutarei contra esse desejo insano de protegê-la.

Não serei traído novamente, ou talvez rejeitado por ser quem sou, melhor terminar logo com isso.

— Peça Grace, peça com todo seu coração para eu ficar longe de você, eu preciso que você pronuncie.

Ela acena com a cabeça, tento me manter firme ao fitar seus olhos tristonhos.

— Fique longe de mim, demônio.

E simplesmente desapareço, estou livre. Oric não vai conseguir me prender. Ainda voltarei para o meu mundo e foderei com força a boceta da Tris. Jamais me renderei aos caprichos do meu pai.



CAPÍTULO QUATRO

Elie Anjo - Demônios Reais

É tão triste quando se chega a algum momento da vida em que você olha para trás e pensa que de fato foi uma perda de tempo planejar o futuro minuciosamente. Um "planejamento", suas expectativas, aquilo que você desejava muito alcançar.

Sabe. Eu acreditei de fato que poderia conseguir tudo, que se eu depositasse minha confiança em Deus e na minha família, ou em mim mesma, tudo daria certo.

Tola, como fui uma tola!

Quando Eric dizia que me amava eu sabia que era real, pois nós compartilharmos algo lindo e profundo.

Podem dizer que sou brega ao fazer minhas comparações, mas nosso amor era tão profundo quanto as águas do oceano. QUE BREGONA! Pois esta sou eu, se acostumem.

Continuando com as minhas breguices um tanto filosóficas, ou seria melhor científica, geográfica? Bom enfim... continuando:

Um deslocamento nas placas tectônicas aconteceu, e um maremoto fez com que tudo se transformasse em um caos, infelizmente devo confessar que a causadora desse maremoto fui eu, a tola Grace.

Causei o maremoto, afundei o barco, afoguei a tripulação e alimentei os tubarões... Certo, parei.

Voltando ao assunto Pobre Eric, um bom homem...

Olho novamente para a nossa casa. A casa que meu sogro nos deu, ou melhor, ex-sogro. AH MEU DEUS! Será muito difícil aceitar que é o fim!

Fungo meu nariz no meu lenço bordado com as nossas iniciais (G&E).

— Grace, chega disso! — Eric me aguarda na porta. — Eu tentei Grace, juro que tentei.

— Você não me ama mais? — castigo meu lenço fungando com toda vontade, — Ah, Eric eu te amo, por favor, não me deixa.

Eu sou apelativa? Não tenho amor próprio? Ele é meu noivo há um ano. O conheço desde criança, meu melhor amigo, estou desesperada, ele é o homem da minha vida, meu Eric, meu amor, primeiro e digno e único amor.

Nunca mais vou poder admirar seus olhos castanhos cor de mel, adoro mel, e cabelos loiros tão lindos e surreais, ele é o meu sonho.

— Grace.

— Você lembra o que o pastor Jordan disse? — Falo entre soluços. — Ele disse que você é o fruto das minhas orações, tudo aquilo que eu sonhei...

— Isso foi no dia do nosso noivado.

— Exatamente, querido.

— Da mesma forma que ele disse que era para eu te ouvir, seguir seus conselhos. — Eric nubla o olhar.

— Eu vou escutar você, serei a mulher perfeita.

— Grace... — Eric está tão triste, sei disso, ele não quer romper.

Ele me ama e por favor, não pense você que sou uma iludida, sei que ele me ama.

— Por favor.

— Eu vou levar você para casa.

— Então é isso? Um ano de noivado para ser descartada? Pelo amor

de Deus, Eric. Esses boatos vão passar.

Os últimos dias ele se afastou de mim, mas no início foi atencioso, foi na delegacia e tudo mais, somos um time, ele me conhece como ninguém, como pode colocar nosso relacionamento abaixo disso?

Estendeu no chão como um tapete e todo mundo está pisando nele.

Eric me deixa para trás, a casa é tão linda, embora ainda não esteja mobiliada, tem o meu toque nos quatro cantos dela, a cozinha maravilhosa, imaginei fazendo as melhores sobremesas nela.

— Não acredito que é o fim.

— É melhor assim.

— Melhor para quem?

Não deveria estar o tratando com o vilão da história, até porque quem se tornou a vilã desta cidade fui eu.

— Grace, docinho não seja injusta. Você sabe que sempre será o meu docinho, eu tentei, juro, mas é melhor terminarmos.

Conviver à mercê de um passado de rejeição não é algo que posso acrescentar como um passado feliz, é passado, sei que é passado, as pessoas tem a capacidade de dizer, — Grace é passado, todavia ainda sinto a agonia perfurar meu peito.

Foi muito fácil construir meus sonhos voltados para outra pessoa, uma pessoa que amei incondicionalmente. O que está sendo difícil, até hoje, é aceitar que acabou.

É como se eu tivesse sido guiada por um lindo anjo acreditando que com ele alcançaria o céu, mas quando na verdade ele me levou para um abismo profundo.

Porém eu não o culpo, o pior de tudo é que eu sou a culpada de tudo ter acontecido, poderia estar casada e vivendo ao lado do Eric. Todos os dias ele poderia me buscar na confeitaria como sempre fazia, e depois dividimos um cupcake no meio do caminho.

Era maravilhoso, era perfeito. Tanta perfeição fora perdida pelo meu maior erro, tudo por causa daquele monstro, um monstro que eu invoquei e que as pessoas me rotularam como louca; Grace a louca, Grace a mulher do demônio. Não foi fácil conviver em uma comunidade cristã esses últimos quatro anos.

Ter sido acusada de ter matado meu próprio pai usando algum tipo de bruxaria, ou ter feito um pacto com o demo, já que não conseguiram explicar como uma garota de dezoito anos conseguiu destruir uma porta e esfaquear o coração do pai sem usar nada, nenhum objeto pontiagudo.

Não imaginei que daria certo.

Na verdade, eu nem sei o que me deu.

Não deveria ter guardado as palavras da minha avó, vai saber se ela era alguma bruxa de fato... Eu amava minha avó, mas quando o assunto é esquisitices ela era a pessoa ideal. Minha mãe me proibia de visitá-la, mas nada como uma fugida.

Lembro-me das lendas antigas que ela contava. E maldita hora que fui pôr em prática.

Não foi fácil me esconder atrás do balcão da confeitaria, mesmo assim eu sorrio, acreditando que vou recuperar tudo o que perdi com minha simpatia, ou com uma bondade, pois por mais que as pessoas pisem em mim, ela ainda existe.

Andar por essa comunidade e ver as mesmas pessoas que me viram crescer se tornou algo muito difícil, antes eles tinham a visão de uma adorável Grace, mas como as coisas vieram parar a esse ponto? Como fui de filha de Deus a mulher do diabo?

Toda vez que desço para abrir minha loja e vejo o letreiro enorme do prédio a frente que está para ser inaugurado, — "Royal Demons", me lembro do demônio, não gosto.

Moro no antigo depósito que fica logo acima da loja. Pedi para reformarem e o transformei em um pequeno apartamento, tem uma sala estreita, onde fica minha geladeira e fogão, um sofá e mesa, um banheiro e um pequeno quarto. Tudo muito compactado.

Passo a maior parte do tempo cuidando da loja, meu orgulho e uma das poucas coisas que eu tenho, assim como a Lady Laura, que é o meu carro, minha avó deu para minha mãe, tanto o carro quanto a loja, porém ela não quis continuar com os negócios. Acabei tomando a frente e fazendo disso a nossa fonte de renda.

Minha mãe faleceu há três meses, o que me deixou com despesas a menos, porém resta a Trisha pois a sustento, ela é a única família que tenho.

Paguei uma faculdade para minha irmã mais nova, ela merece ter uma vida melhor que a minha, sou apenas uma confeitadeira que aprendeu tudo o que sabe com minha avó e com cursos extras.

Paguei pelos meus erros isso deveria ser suficiente, mas quando você mora nessa cidade, Santa Maria, é uma pequena cidade esquecida nesse planeta. Ela não se desenvolveu, em torno dela existem fazendas, e uma linda floresta.

E o único lugar que se tem para ir aos domingos é a igreja, e era para lá que minha mãe me levava.

Ah, sim a pequena Grace.

Não mais, agora sou a grande bruxa, a excluída do banco de trás.

Deixo o ventilador ligado para ventilar a casa, ele já está bem velhinho. Nesses últimos anos economizei dinheiro para comprar uma casa, mas é bem pouquinho, tão pouquinho que guardo debaixo da cama sob a proteção dos meus porquinhos.

E como é minha loja?

Bem hoje em dia está mais para um café, eu sou confeitadeira, claro, sirvo café também e faço tortas e doces para festas.

Ligo a rádio e deixo baixinho ao som de Roberto Carlos, meu rei, depois de JC. A música me traz uma sensação de calma, como se eu estivesse próximo a uma cachoeira imponente, mesmo a corrente caindo violentamente e agitando as águas, ao admirar o conjunto todo o que eu sinto é uma calmaria maravilhosa.

Meu carro fica estacionado na frente da loja, Lady Laura não é muito cobiçada hoje em dia, pobre do meu fusquinha cor de rosa, da mesma cor da loja, é onde faço minhas entregas.

Sou de gerente, entregadora, a confeitadeira e só não exerço mais a função de balconista porque minha adorável amiga Judi se candidatou a uma vaga que ofereci a Trisha depois que ela saiu da faculdade, mas ela recusou o emprego. Atualmente ela mora comigo, mas só aparece quando quer dinheiro, meu pequeno apartamento só serve de depósito para suas tralhas.

Não diria tralhas, pois ela tem muitas roupas caras.

Não demora muito para a Judi estacionar frente à loja, ela abre a porta fazendo o sininho tocar, tudo na loja é decorado de uma forma agradável, em tons fracos e de uma delicadeza de conquistar qualquer um. Minha avó tinha um bom gosto.

— Bom dia, meu doce. — Judi desfila até o balcão e joga a bolsa em cima dele.

Ela é bem mais alta que eu, quase fico escondida nesse balcão que considero a única coisa menos projetada na pequena loja. Na verdade, tudo é pequeno como uma casinha de boneca.

— Bom dia Jujuba. — Digo.

Ela é tão jovial, com uma maquiagem leve, sempre a considere mais linda, ela tem um corpão, tudo nela é maior, peitos, bunda e coxas bem fartas.

— É hoje o grande dia. — Fala empolgada. — A inauguração da boate e do estúdio de tatuagem. Estou até pensando em fazer uma.

— Posso ficar feliz porque teremos clientes.

— Pode ficar feliz, pois teremos homens gostosos. — Ela se exalta. — Trouxe até minhas roupas, depois do trabalho só é atravessar a rua.

— Divirta-se.

— Como assim, divirta-se? — Repete como se acabasse de ofendê-la. — Vamos querida, você vai comigo. Cansei de ter uma amiga encalhada, e pior, encalhada porque quer.

Saio de trás do balcão e vou para minha sagrada cozinha. Judite é a filha mais nova do pastor Jordan, porém em dois minutos de conversa percebe-se a sua aversão a tudo o que diz respeito aos ensinamentos dele.

— Hoje tem reunião na igreja e depois tem mais trabalhos.

Lembro a Judi que me segue com os braços cruzados, ela não vai desistir tão fácil, embora ela saiba que não vai me convencer a ir, tenho contas para pagar, e meu trabalho a noite me garante isso.

— Você é muito mais que isso Grace, porém é uma covarde.

— Só tenho meus pés no chão.

— Disso eu não tenho dúvida, tão no chão que criou raízes. — Judite tem um sorriso convencido — Anda amiga, deixa o Eric no passado e bola para frente já se passaram quatro anos. E por mais que você deseje, ele não vai voltar para você.

Nunca me envolvi com um único homem, eu tentei, mas parece que tenho alguma doença contagiosa, todos se afastam de mim, meu passado me persegue.

Tenho uma encomenda especial, e preciso começar a organizar, é apenas uma torta de aniversário que colocarei todo meu esforço para que fique impecável.

— Vamos fazer travessuras essa noite. — Determina Judi, como se eu não acabasse de dizer um não.

— Tenho uma encomenda, vou trabalhar na madrugada, prefiro meus doces.

Abro a porta dos fundos para me certificar que não há lixos, sem lixos, sem ratos, sem baratas, moscas... Me distraio enquanto empurro o lixo com a vassoura.

Uma buzina de uma moto chama minha atenção, um estranho motoqueiro joga alguma coisa que cai perto dos meus pés, ele usa capacete, portanto sem chance alguma de identificá-lo.

É uma caixinha, e quando abro encontro um envelope.

Espero que seja dinheiro, não dívidas.

No envelope tem um emblema de uma caveira com uma coroa em cima, escrito:

“Convite Royal Demons”.

Ah sim, fiquei sabendo disso, o dono convidou o comércio local, o que soa como uma afronta já que a comunidade prefere ir para igreja, não para boates.

Abro e tiro o bilhete escrito à mão:

“Você se entregou para mim. Lembra-se?”

R.”

Mais dívidas? MERDA!

Tornei-me alvo desses malditos bilhetes e brincadeiras de mau gosto, várias cartas de satanistas, fora os deboches e convites insanos. As pessoas não cansam de me atormentar. Amasso o bilhete e entro na loja. Sei que não é ele, não pode ser ele.

Aí Cristo, mas e se for ele?

Essa é fácil: Mato ele, mato aquele demônio desgraçado! Nem que seja de pirraça.



CAPÍTULO CINCO

Elie Anjo - Demônios Reais

Ninguém precisa ficar sabendo das minhas atividades noturnas. Na verdade, ninguém pode saber, eu precisava de um emprego pela noite já que durante o dia cuido da confeitaria. Foi único emprego que conseguir e paga um bom salário, ganho boas gorjetas, mas escondo de todo mundo, exceto a Judi, afinal de contas ela que conseguiu esse emprego para mim.

A parte ruim é que é em um bar, e tenho que dirigir quilômetros para chegar até ele, chego tarde da noite, ainda bem que tenho Lady Laura, ela é minha companheira.

Aumento um pouco o volume do som, a estrada está deserta.

Balanço no banco a ponto de me descontrair ao som de *Amazing Grace*, me sinto desconfortável vestida com essas roupas, essa não sou eu, para trabalhar em um lugar como aqueles tenho que usar as roupas da Trisha, ela me mata se descobrir que pego emprestada.

Lady Laura faz um barulho estranho, sou forçada a desligar o rádio.

— O que foi, minha querida? Já estamos quase lá. Aguenta só mais um pouquinho.

Ela para de fazer barulho, mas sinto cheiro de fumaça.

Encosto na estrada e saio desesperada, não tem ninguém, nenhuma alma, meu fusquinha está batendo as botas, me recuso a aceitar a perda do

único meio de transporte que eu tenho.

Minha saia logo suspende ficando mais curtas ainda. Ouço o barulho de um carro, então corro para pista em busca de ajuda.

— Gostosa! — Grita o homem.

— Preciso de ajuda, idiota.

Ele passa direto, fazendo barulho com a buzina. Torno para meu carro para pegar meu celular, tenho um imenso desgosto ao ver ele totalmente descarregado.

Saio do carro e tiro os saltos altos jogando no banco de trás.

Sem celular e já passa da meia noite, ótimo. Fico recostada no meu fusquinha por alguns segundos, será que nada de bom acontece comigo? Ainda estou sendo castigada, só pode.

— Lady Laura, me leve pra casa Lady Laura... — Canto baixinho.

Paro de cantar ao ouvir o ronco de um motor potente, não de um carro, mas de uma moto dominadora de asfalto, aquela que passa e não tem como não olhar nem que seja pra dizer: — Exibido, hum.

Entretanto, para minha surpresa esse motor potente para perto do meu humilde carro. Senhor que não seja algum maníaco ou um ladrão, não tenho dinheiro, se isso acontecer que ele aceite negociar pelas roupas da Trisha, pois vale mais que meu salário.

O motoqueiro desce e vem em minha direção, me recomponho de imediato. Ele parece muito familiar, tatuagens... Alto, uma figura muito sombria, mas quando ele tira o capacete...

Lascou-se.

Sinto um arrepio que faz meus pelos se arrepiarem ao ver a criatura perturbadora colocar o capacete debaixo do braço, todos esses anos ainda me lembro perfeitamente do seu rosto.

O demônio que tirou tudo de mim.

Me encara com a mesma raiva.

— Você é perturbada da cabeça humana? — Continua com a mesma arrogância.

Meu corpo trava sob o olhar dele me analisando.

— O que... que faz aqui? — Gaguejo e me afasto dele.

— À distância ouvi sua canção feiosa, o que me fez questionar se alguém tinha esquecido alguma velhota na estrada.

— Já viu que não é nenhuma senhora precisando de ajuda, então só continue seu caminho.

Cruzo os braços sem me deixar intimidar, já lidei com ele uma vez, na verdade não tenho medo dele, o que é estranho, pois a figura dele é muito sombria.

O demônio usa uma jaqueta de couro, e calça jeans rasgada, mas me pego olhando para suas tatuagens, seus anéis nos dedos, metais, muitos metais, nas roupas, nas orelhas, até na língua.

Tem um maxilar marcado, sobrancelhas expressivas, e a pele pálida, exceto na região inferior das pálpebras que estão mais escuras como se estivesse com olheiras.

Lembro-me dos seus olhos que parecem carregar uma história tão profunda, pude ver isso assim que o vi pela primeira vez. Sua boca bem desenhada quase sempre alinhada sem expressões gentis, ou como agora que estou o encarando, tem um sorriso dissimulado no canto dela.

— Vou continuar. — Esperei ele ir embora, mas ele não foi. — O que aconteceu?

— Lady Laura está partindo. — Digo, me divertindo com a expressão fechada dele, ele deve achar que sou louca.

— Você cochilou na estrada, acordou e freou bruscamente e bateu com a cabeça? — Ele arqueia as sobrancelhas vendo um pouco da fumaça do carro. — Ele não vai funcionar.

— Foi o que eu disse, preciso fazer uma revisão.

Mas me falta dinheiro, dinheiro, e não sei o que fazer, só tenho meus órgãos.

Talvez a Trisha tenha razão, está mais que na hora de me desprender do passado e vender a Confeitaria, já não está sendo um bom negócio.

Eu ainda não entendo porque os boatos sobre mim não terminam de uma vez. As pessoas se afastaram como se comer qualquer coisa que eu faça possa contaminá-las.

— Você tem seguro?

— Tenho. — Tenho? — Não.

— Tem ou não tem? — Pergunta impaciente.

— Não. — Falo sem jeito.

— Que estupidez, por que tem algo se não consegue manter? Ainda por cima um carro velho desses.

Não fala assim da Lady Laura! Tenho uma imensa vontade de defender minha pobre criança. Mas não quero ser chamada de louca novamente.

— Pode me emprestar seu celular? Eu resolvo isso em uma ligação.

Ele deu dois toques no queixo e me analisou. Qual o problema do demônio? Não para de olhar para as minhas pernas, isso me deixa desconfortável, revelar meu corpo desse jeito, ainda mais para ele. Nem humano é.

E eu nem acredito que ele está aqui. Não depois de tudo, de toda a sacanagem que ele me fez.

— Eu não tenho um celular.

— Tem uma Ducati, mas não tem um celular? — Resmungo enquanto fecho a porta com força. — Obrigada Lady Laura, obrigada.

— Mas eu posso lhe dar uma carona. — Oferece, — você escolhe humana, ficar aí conversando com esse objeto inanimado, ou subir na garupa da minha Ducati.

Não notei nenhum tom de exibicionismo da parte dele, pelo contrário ele falou como se fosse à coisa mais normal do mundo.

— Eu não sei se é uma boa ideia. — Encaro a moto preta na minha frente.

— Não é. Com certeza não é. Mas é uma boa ideia você ficar nessa estrada sozinha.

Por que ele está me ajudando?

— O que você quer em troca?

— Por que acha que eu quero alguma coisa de você? — A testa franzina dele só o deixa com uma expressão mais demoníaca ainda.

— Você não lembra o que fez comigo? A propósito o que faz aqui? Nessa cidade perto de mim quando deixou claro que era...

Ele range, se vira e me deixa falando sozinha, mal-educado como uma criança que não gosta de ser indagada.

— Vai vir ou não? — sento na moto.

Pego minha bolsa e olho para o conjunto, parece que o demônio saiu de algum filme sentado na moto como se ela fosse seu trono.

— Vai me responder ou não? — Insisto. — Por que fez aquilo comigo? Você desgraçou com a minha vida, por culpa sua perdi meu noivo, minha família, minha vida perfeita!

Ele me lança um olhar perfurador. Merda não queria demonstrar fragilidade na frente de alguém tão esnobe.

— Continua a mesma garotinha chorosa de sempre, humana, eu não lhe devo satisfação do que faço nessa cidade.

— Você só precisava responder.

Aí meu Cristo. Não posso chorar, então alguém me dá uma facada, um tiro! E por favor, encomendem logo o funeral, pois não tenho um tostão.

— Se não sentar nessa moto e ficar calada, eu deixo você aí.

— Mas e Lady Laura? — Balanço a cabeça e me corrijo: — Digo, meu carro.

— Ninguém vai tocar nessa lata velha cor de rosa.

— Tá legal, já chega! Se falar assim novamente vai virar um motoqueiro sem cabeça, seu bostético.

O que vejo em sua cara é total surpresa, depois raiva, sim essas sobranceiras juntas e arqueadas, narinas um pouco dilatadas e os punhos fechados no manúbrio da moto, aí que medo, aí Cristo, agora é sério alguém me dá um tiro certo.

— Ainda vou fazer você engolir cada palavra. — Diz furioso.

— Ainda vai me dar a carona?

— Merda Grace Jane senta logo na porra dessa moto! — Ele perde o controle.

Hoje teremos Grace Jane ao molho demonês.

Espera... Ele me chamou pelo meu nome. Por essa eu não esperava.

— O.k. você disse meu nome, mas eu não sei o seu nome...

Ele encara os meus pés descalços e pergunta transtornado:

— Andar descalço é a última moda?

— Sabe fazer piada. Sem graça.

Ninguém nunca o chamou de babaca? Ou melhor, nenhuma "humana" deu alguns petelecos na testa mal-humorada dele?

Pois se continuar a me ofender ele vai conhecer que o que tenho de doce tenho de amarga, principalmente quando boa parte dessa amargura começou desde o dia em que o invoquei.

Infelizmente não tenho outra opção, melhor, mais amigável, cortês, um gentleman, pois na minha vida só aparece isso aí, — Demônios, arrogantes, mentirosos e bostéticos.

Sento-me cuidadosa, mas a minha meia calça rasga.

Aí Cristo, Trisha vai sentir a perda. Não é confortável, principalmente porque estou de saia, e se não fosse pela minha meia calça tudo poderia ser pior, mas ainda assim digo:

— Feche os olhos, não olhe para minha calcinha, — Se ele fechar os olhos não vai conseguir pilotar a moto idiota. — Só é não olhar...

É o mesmo que eu diga olhe, pois ele foca na minha perna ao redor da sua cintura. Para garantir minha proteção vaginal coloco minha bolsa na frente.

— Usa isso. — Ele me entrega o único capacete, mesmo ele sendo um demônio muito terrível comigo, não quero que ele morra.

— Mas e você? — Ponho o capacete.

— Pode segurar em mim se quiser. — Me ignora.

Aprumo-me e passo os braços ao redor da sua cintura. A fragrância do seu perfume é aceitável. Tá bom. Aceitável? Uso essa palavra quando não gosto de algo, ou finjo não gostar. Mas sinceramente em off...

ELE TEM UM CHEIRO MUITO GOSTOSO!

Couro misturado com a fragrância do seu perfume, tudo junto faz com que seu cheiro seja algo de outro mundo.

E o que é agora Grace Jane? Virou perita em cheiro?

Foco, foco.

Ele ferrou sua vida.

Ele é o inimigo.

E eu sou a vítima.

Pego ele me olhando pelo retrovisor... A minha cara deve tá muito engraçada agora, quando penso bobagem reflete na minha cara de boba.

Aperto mais um pouco, não estou procurando fogo para me queimar,

acredite... Sério mesmo, eu nunca andei de moto...

— Por favor, vá devagarzinho. Nunca fiz isso. — Peço.

Ele rosna, murmura alguma coisa, e acelera, notei que o coração dele começou a bater mais forte.

— Você não tem noção das coisas que você fala.

Eu acho que ele diz isso, acho que escuto isso. Coitado se ele soubesse as coisas que eu penso.

Ainda bem que ele não lê pensamentos.

Tudo o que consigo ouvir, além do ronco do motor, é o zunido do vento, e para completar deixei o capacete aberto, o vento gelado parece querer arrancar meus olhos, eu poderia fechar o capacete, claro tenho duas mãos.

Mas elas estão apertando fortemente a cintura do demônio que não sei como não se incomoda com a intensidade do vento, então será mais fácil fechar os olhos. Mas e se o demônio resolver ir para outro endereço e me levar para o inferno?

Ri com esse pensamento. Certo, queria muito poder aplicar essa criatividade em outra coisa que não fosse apenas meus doces.

— Eu vou ficar cega! — Grito fechando os olhos.

— E eu vou ficar surdo, se gritar no meu ouvido de novo, te deixo na estrada.

— Desculpa! — Grito. — Ops! Desculpa por gritar de novo, Grosso! — Continuo gritando, claro.

Tudo bem, só estou perturbando um pouco, estou com os olhos fechados, isso foi a coisa mais arriscada que já fiz na minha vida.

Droga, droga.

Não é para eu gostar, pois é o mesmo que dizer que gosto de tê-lo por perto. Quando chego perto do meu bairro crio coragem para fechar o capacete, não posso correr o risco de alguém me conhecer.

Ele para frente à boate, e como sabe que moro ali? A casa onde morei com meus pais era outra, me livrei dela pelas lembranças amargas e para pagar as dívidas.

Na verdade, vendi mais pelas dívidas do que pelas lembranças amargas.

Desço da moto e sem querer bato a cabeça na dele, só que eu estou com capacete e ele não. Quase sinto pena dele, quase.

— Obrigada! — lhe entrego o capacete me recuperando da carona. Mas ainda quero que fique longe de mim.

Ele pega o capacete e nada diz, fica parado com a mesma cara amarrada, um manobrista pega a chave da sua moto.

Ele trabalha ali? Enfim, não é da minha conta... Na verdade é sim. O demônio tem um sorriso cínico no canto da boca. Merda.

— Você me mandou o bilhete. Você é o dono desse clube.

— Como pode ver, eu não vou ficar tão longe de você. — Quando foi que ele se aproximou tanto de mim?

Fico presa entre ele e a moto. O cínico sorriso permanece.

Algumas mulheres me olham e riem, então me lembro de que não estou vestida como de costume.

— Fique longe de mim. — Ordeno desajustada.

— Vai ser minha, Grace.

— Isso não estava na Cláusula.

— Grace, Grace. Nunca existiu Cláusula.

Desgraçado. Odeio, odeio esse demônio maldito.

Atravesso a rua rapidamente, alcanço minha loja e pego minhas chaves dentro da bolsa.

São tantas chaves e meu nervosismo não contribui, meu rosto formiga

e sinto que ainda estão olhando pra mim, falando de mim, zombando de mim.

Tento uma chave e não vai, esqueci-me de deixar a luz acesa.

Droga, sou tão idiota, depois de tentar algumas vezes consigo encontrar as chaves do portão da escada, subo correndo e me tranco na minha casa, tão segura e vazia, longe dele e de todos.



CAPÍTULO SEIS

Elie Anjo - Demônios Reais

A Grace não faz ideia disso, porém toda vez que ela se coloca em apuros, para minha eterna desgraça, que ir ao seu encontro.

Passei os últimos quatro anos longe dela porque ela estava magoada, na noite em que ela pediu para ficar longe dela, eu zapei para fora da cidade e não consegui mais retornar, por conta disso Marlon passou a cuidar dos negócios nessa cidade.

Para completar foi uma tremenda burocracia abrir uma boate nessa comunidade.

Então não terei clientes algum, a maioria dos clientes serão de fora, da cidade vizinha. A maioria são mulheres que se tornaram minhas seguidoras.

É disso que eu preciso.

Transformar essa pequena e pacata comunidade em Sodoma e Gomorra. Acima de tudo preciso trazer a Grace Jane para meu lado, ou é isso, ou o Rudá vai me atazanar mais ainda.

Sim, o Rudá descobriu que eu tinha encontrado minha fêmea perdição. Logo tratou de criar qualquer motivo para alarmar para o Jandir e quem mais estiver à procura da sua fêmea perdição as notícias se espalharam tão rápido que outros como eu começaram a ter esperança, alguns têm medo.

E outros sentem a mesma coisa que sinto no momento — Pavor, a ideia que Grace Jane é minha predestinada me causa pavor.

Ela passou os últimos quatro anos guardando um imenso rancor de mim, até que em uma noite ela me chamou. Quando zapei e encontrei com ela dormindo e tendo algum pesadelo; a maldita estava tendo um pesadelo comigo, e ainda tem a coragem de me chamar... Algo que ainda não entendi. Que tipo de sonho ela estava tendo a ponto de desejar de coração que eu estivesse perto dela?

Enfim...

A barreira criada nessa cidade desde que ela me expulsou se foi, posso ir e vim quando eu quiser.

O mais intrigante de tudo é quando ontem ela me pediu para ficar longe dela, eu não fui expulso novamente, uma pena, realmente uma pena, a chance ideal para me manter longe dela, ficaria assim até ela envelhecer e morrer...

Saio do closet já arrumado, dou uma última olhada no meu cabelo, um pouco mais baixo do que o de costume, eu uso uma camiseta branca e jaqueta preta, uma calça cinza de algodão e bandana vermelha em volta do pescoço. Uso um tênis esportivo. Pretendo caminhar um pouco por esta vizinhança monótona.

A aparição do Marlon na cozinha não é novidades. Ele se estalou aqui nos últimos anos, também responsável por vigiar a Grace e manter os machos afastados. Não a pedido meu, mas do maldito do Rudá.

No terceiro andar desse prédio é onde fica nosso apartamento, o primeiro o estúdio de tatuagens onde o Marlon trabalha e caso ele precise eu vou ajudá-lo.

No segundo andar fica a boate inaugurada ontem que eu vou passar a cuidar, juntamente com o Ructon, meu inútil servil.

Dinheiro nunca foi problema. Durante todos esses anos acumulamos riquezas de várias formas, então nenhum de nós tem a necessidade de viver para trabalhar. Ou se vive do que trabalha, então fazemos do nosso trabalho nosso hobbie.

Ructon aparece com uma sacola de papel, meu café da manhã;

— Café, da confeitaria logo ali em frente. Adocica meu amor, adocica.

O nome da confeitaria da humana é Adocica?

— Então, meu senhor. Já posso servi-lo?

Eu me sento no balcão ao lado do Marlon, ele está entretido vendo fotos da inauguração da boate.

— Eu não pedi para você trazer nada de lá. — Resmungo.

— Ok. Raony se vamos morar juntos novamente, vamos estabelecer algumas regras. — Anuncia Marlon. — Primeiro, pelo menos um bom dia você tem que me dar...

Levanto-me de imediato, lhe lançando uma careta.

— E não pode virar as costas quando eu estiver falando. — Ele grita.

Já estou bem longe do Marlon, sendo que meu servil inútil faz uma cara parecendo concordar com tudo.

Pego o elevador e desço até o segundo andar, na minha boate, no meu escritório.

— Por que pegou o elevador, meu senhor? O senhor pode simplesmente zapar. Não fui agraciado com isso, subo escadas ando... Ando muito.

— Ructon faz um favor pra mim?

— Sim, meu senhor?

— Suma! Vá procurar alguma coisa para fazer.

— E o seu café?

— Não quero.

Abro as persianas e meu escritório assim como o meu quarto fica de frente para a rua principal, e a loja cor de rosa está na minha visão.

Marlon zapa ao meu lado e diz:

— Eu disse que você ia se arrepender.

— Não me arrependi estou aqui por outros motivos.

— E agora? — Marlon senta na minha cadeira e gira, — A sua fêmea pode encontrar alguém que lhe interesse.

— Sim, pode, mas ninguém vai se interessar por ela, não por alguém com a reputação tão manchada. — Lembro a ele.

— Você sabe... Isso vale para essa cidade, se a Grace decidir se mudar vai encontrar um monte de homens babando por ela.

Encaro Marlon de canto de olho, está me testando, pra ver se tenho alguma crise de ciúmes. Isso nunca vai acontecer.

— Já disse que aquela humana louca não faz o meu tipo. Vou fazer o que tenho que fazer por obrigação, sei que vocês fariam a mesma coisa se estivesse no meu lugar.

Como a rua ainda está vazia eu zapo, se é para começar logo com os experimentos do Rudá, que seja. Sou obrigada a enviar um relatório de como será minha vida ao lado da Grace, e já posso resumir em uma única palavra — Inferno. Será um inferno, uma grande tormenta dividir meu tempo, o mesmo espaço com ela.

O sininho da porta toca, entro e outra pessoa está no balcão, onde está a Grace?

A mulher sorri amigavelmente. Ela me segue com o olhar a cada passada que dou, minhas mãos estão escondidas no bolso lateral da minha calça.

Nada mal. Gostei dela, das curvas dela. Bem mais alta que a baixinha da Grace e parece suscetível a uma foda sem compromissos.

— Bom dia. Em que posso ajudar?

Ela me pergunta, me debruço no balcão e noto a respiração dela se tornar um pouco mais intensa, suas batidas aceleram também. Sei que não é medo. As mulheres deveriam sentir medo de mim. Mas elas não sentem.

— Para começar o seu nome, depois número. — Gosto dos cabelos cacheados dela.

Pego o meu celular dentro do bolso e coloco no balcão.

— Judite, pode me chamar de Judi. E adoraria trocar nudes com você.

— Agora você tem um maldito celular? — Grace Jane sai da cozinha com uma torta de chocolate. — O que faz aqui bostético?

Ah Grace, maldita Grace...

Uma baixinha da língua comprida. Grace usa um avental com estampas de ursinhos, os cabelos loiros preso em uma toca.

Em baixo do avental horroroso tem um macacão jeans bem folgado, e para completar, claro que não podia faltar seus famosos sapatinhos de fivela, vermelhos, com meias coloridas.

Um encanto. Faz-me tremer a base. Perfeita, a fêmea da minha vida!

— Olá, Grace.

Desvio meu olhar para Judite que tem um sorriso cheio de especulações. Uma pena, acabo de perder uma bela foda.

— O que faz aqui? — Ela coloca a torta no balcão.

Bate o pé no chão e cruza os braços.

Tão sofisticada... Classe, a define.

— Tem farinha no seu pescoço. — Digo apontando.

— Sinal que estou trabalhando, ao contrário de você. — Ela limpa desajeitada.

Ela não pode simplesmente ficar quieta?

— Só quero tomar café. — Dou as costas para ela.

Minhas mãos continuam no meu bolso até me sentar em uma das pequenas mesas redondas, as cadeiras são pequenas, me ajeito, o cheiro adocicado está em todos os lugares, odeio doce.

— Deixa que eu sirvo ele Judite! — Grace não tem um tom nada amigável.

Ela marcha até onde eu estou sentado, tranquilo admirando a diversidade de cores no ressimto.

— O que quer?

— Não sei. O que você me indica? — Não como doces.

— Que tal a torta que acabei de fazer? — Ela sugere.

Só espero que não tenha veneno, apesar de não causar efeito nenhum em mim. Vai doer ser envenenado por alguém que estimo tanto.

— Tudo bem.

Quando ela se vira para voltar para o balcão, não consigo me desprender do seu corpinho pequeno, certo, tenho que admitir que ela é bonita.

Para onde minha cabeça está indo agora?

Para a bundinha redonda dela.

Sem me dar conta, eu debruço na mesa e admiro seu andar mais do que devia. A Judite nota isso, pois cochicha alguma coisa para a Grace, escuto:

— *Amiga que macumba você fez? O boy tá comendo você com os olhos.*

— *Se eu pudesse fazer uma macumba seria para mandar esse desgraçado de uma vez para o inferno.*

Assim você me magoa, Grace.

Quanto mais tempo passo com ela percebo que ela não tem nada a ver com essa comunidade religiosa.

De uma maneira habilidosa ela corta um pedaço da torta, e coloca em um prato de porcelana, me traz na bandeja com guardanapo e garfo.

Fico assustado ao ver o montante de doce na minha frente, à calda de chocolate derrama na borda da generosa fatia, dentro da fatia tem mais recheios ainda e em cima da calda tem alguns morangos cortados... Repare o tipo de coisa que sou abrigado a fazer, a comer essa coisa ... Esse...

— Querido isso é uma torta. — Diz a humana. — Não um monte de bosta.

Humana desgraçada. Ela não colabora, só fala asneira. Faz-me odiá-la mais ainda.

Corto um pedaço do bolo deixando o meu garfo cheio.

Nunca enfrentei tamanho desafio. Terei que comer algo que não gosto para não dar ousadia para ela, porém Grace senta-se ao meu lado.

Ela me deixa desconfortável. Eu posso sentir o cheiro dela sobressair os outros, é doce também, entretanto, é o seu perfume.

Grace me encara com suas esmeraldas atraentes, curva os lábios para dizer alguma coisa, depois desisti.

— Não tem veneno. — Ela diz finalmente. — Embora tivesse vontade de cuspir, talvez se a Judite não estivesse ali, eu com certeza cuspiria e você iria comer calda de chocolate com cus...

— Calada. — Ordeno.

Desço o olhar para o prato me sentindo enjoado.

— Faz isso primeiro. Come.

Ofereço um pedaço para ela, pego um que tem morango. Não era essa minha intenção: dar comida na boquinha da humana.

Grace parece não se importar, ela tem um olhar desafiador, ela tira o morango e segura entre os dedos. Abocanha o garfo e come a torta. Tiro o garfo com cuidado.

— Não sabe o que está perdendo demônio. — Ela solta um gemidinho de prazer.

A Calda mela o canto sua boquinha rosa natural... Mordo os lábios

sentindo o maldito incomodo, a mesma sensação que senti ontem quando ela envolveu seus braços na minha cintura.

Infelizmente nem sempre consigo controlar a fera que tem em mim. Não quando o assunto é Grace Jane.

Ela mela o morango na calda, na borda do prato e dá uma mordida demorada e sua boca forma um biquinho sensual como se estivesse sugando o morango.

Salivo com a cena.

Ela pode não fazer ideia do que está fazendo, mas não consigo me desprender dessa visão um tanto sensual.

Grace espera algum tipo de resposta.

Ela deve estar confusa com minhas ações.

Não digo nada.

Apenas limpo a borda da sua boca com o polegar. Deslizo meu dedo no contorno indo até o centro dos seus lábios.

Talvez se eu usasse a língua...

Perto demais. E que merda estou fazendo?

Grace cobre seu olhar com seus longos cílios loiros, ocultando suas esmeraldas timidamente.

Meus dedos permanecem no mesmo lugar por alguns segundos.

Ela respira um pouco intenso, sinto sua agitação, então Grace faz algo que não esperava, corajosamente levanta o olhar questionador... Crepitando bem lá no fundo uma repreensão.

Nunca estive com uma fêmea difícil e não fazia ideia que o desafio pudesse de alguma forma me encorajar. Se Grace fosse outra já estaria pendurada em meu pescoço me dando um beijo quente.

Mas ela parece perdida.

Ela é virgem. Totalmente leiga na arte de sedução.

— Desculpa, fiquei perto demais...

— Você está perto o bastante para lhe querer longe Grace. — Talvez ela já esteja me influenciando, pois a boquinha tagarela dela está me deixando louco.

— Hum? — Ela prende seus olhos nos meus.

Sou salvo por um clic, um flash. Judite tira uma foto nossa e me traz para realidade. Eu seduzo. Ela não vai me seduzir.

— Ficou Louca Judite? — Grace dá uma bronca.

— Foi um passarinho que pousou na calçada amiga. Relaxa.

A amiga da Grace é uma garota pervertida, pois sei que ela está excitada. Muito diferente da Grace, não sinto o cheiro da sua excitação, mas ela está balançada.

Algo dentro de mim ruge, decepcionado.

Ignoro. Da mesma forma que ela não faz o meu tipo, eu também não devo fazer o tipo dela. Lembro muito bem que ela não gosta de tatuagens... Ponto para mim.

— Quanto te devo? Eu não quero mais comer. — Afasto o prato.

— Não deve nada. Tudo bem. — Capto um tom triste em sua voz.

Essa humana me confunde. Ela não se sente atraída por mim, mas fica triste quando recuso uma torta.

— Por que ficou triste? — Não ignoro minha curiosidade.

— Não estou.

— Está.

Ela espreme os lábios.

— Não olhou em volta? — Ela levanta-se.

Faço isso, olho a minha volta e não tem mais ninguém no lugar, Grace arruma o prato na bandeja.

— Você é o meu primeiro cliente hoje, e provavelmente o único. Sirvo uma torta e você age como se fosse morrer se comesse.

Acabo de magoar a Grace Jane sem nem tentar.

Não *era* a minha intenção. Não assim; eu...

Por que estou desesperado?

Não posso ficar desesperado, meu coração se balançou. Eu não quero que ele se balance.

Que merda é essa?

— Grace...

— Tudo bem. — Esboça um sorriso falso. — Não é como se fosse da sua conta. Vou fechar esse lugar mesmo, não é mais lucro mantê-lo.

— Mas e você? — Por que me importo?

— Vou tentar em outra cidade, é você chegando e eu saindo.

Grace volta para a cozinha. Como o lugar não tem câmeras na primeira distração da Judite eu zapo para meu escritório. A Grace vai partir? Isso é tudo que eu queria.

Então me lembro do que o Marlon disse, sobre outro macho se interessar por ela.

Se ela partir jamais vou conseguir seduzi-la.

Jamais saberemos como funciona todo o processo. São tantas coisas em jogo. O Rudá me convenceu a isso. Grace é a resposta, não sabemos quando outro macho irá encontrar sua fêmea. Isso pode levar séculos, não posso perder essa chance.

Tenho que fazer da Grace minha. Tenho que garantir que ela fique perto de mim até que tudo termine então ficarei livre dessa tormenta.



CAPÍTULO SETE

Elie Anjo - Demônios Reais

Ao ver minha irmã mais nova na cama de um hospital, o meu coração pesa profundamente. Ela sempre foi mais durona que eu, nesse momento choro como se eu que estivesse acamada e impotente. O abalo ao saber que ela sofreu um aborto é algo que não consigo explicar tudo na minha vida está dando errado.

— A culpa é sua, Grace. — Trisha aperta os punhos nos lençóis dispensando a enfermeira. — Tenho ódio de você. Você sempre tirou tudo de mim. Eu nunca vou te perdoar.

Minha mãe lhe lança um olhar rígido, porém minha irmã continua me encarando com raiva e desprezo. Sinto-me mais culpada ainda.

— Sinto muito Trisha. — Peço de coração.

— Não quero você aqui! Some.

— Não trate sua irmã assim, a única culpada é você. Esse bebê era fruto de um pecado.

Não sei quem é pior, se é minha mãe ou irmã. Elas fazem me sentir péssima.

— Você também acha isso Grace? Que o perdi porque ele era fruto de um pecado?

— Não, claro que não. — Uno as mãos, me contendo de cabeça baixa.

— Exato. A única culpada é você, se você não tivesse desgastando

nossa família, ou o que restou dela. Foram tantas emoções que ele não suportou. Meu pobre bebê.

Ela chora.

— Grace, querida. Você pode nos deixar a sós? — Pede minha mãe.

Ela nunca foi capaz de liberar o perdão, depois disso as coisas só pioraram, é como se ela vivesse para cobrar alguma dívida. Eu sempre vou estar em falta com a minha irmã.

O inverno em Santa Maria é rígido. Muito em breve a neve vai começar a cair, mas até lá a região montanhosa continua com sua neblina espessa. É costume ir para reunião domingo pela manhã.

Escolho um vestido com estampa quadriculada azul cobalto branco e rendas na bainha, e meu sapato de fivela, que era da minha mãe.

Não esperava encontrar uma encomenda no meu portão, outra caixa e com o mesmo emblema.

É uma grande surpresa me deparar com os sapatos da Trisha, leio um bilhete deixado em descaso dentro da caixa:

“Gostei dos sapatos, seu carro está no conserto.

R.”

Amasso o bilhete, estou furiosa. Demônio intrometido e esnobe. Não quero dever nada para ele.

O que ele pensa que eu sou? — Se a resposta for pobre e lascada, acertou. Porém nunca serei puta de demônio.

Jogo os sapatos juntamente com a caixa no sofá.

Desço as escadas correndo, me dou conta do que estou preste a fazer. Não quero me prestar a isso, não quero jamais bater na porta do demônio, mesmo que seja para lhe dizer desaforo.

R?

Como será o nome dele? São tantas possibilidades. A primeira na minha lista é Ridículo, Rato, Resto... Rego, Rola... Certo, fui longe demais.

Não vou perder meu tempo com ele, melhor deixar para lá.

Mas e se ele cobrar de alguma maneira maliciosa?

Respiro intensamente parada no meio da calçada. E se eu o chamasse como da última vez?

Será que vai funcionar?

Mordo a língua, excitada com a ideia de perturbar o demônio de alguma forma. Caso ele me cobre de uma maneira suja o conserto do carro, posso chantageá-lo com isso.

Se ele não me deixar em paz. O chamo toda hora, de qualquer forma só saberei disso quando...

Demônio!

Bato o pé no chão a espera dele, ele não vem.

Então como isso funciona? Se eu perguntar para ele com certeza jamais me revelará.

Sou persistente isso sempre fui.

Penso na última vez que o chamei, eu estava precisando de ajuda, em ambas as vezes achei que iria morrer.

Sim, é ruim lembrar-se da noite que o chamei pela primeira vez. Meu pai tinha feito coisas terríveis, e devo ser uma filha muito cruel por ter desejado a morte dele.

Talvez seja isso, desejo de proteção. Medo de morrer?

Nesse momento não estou em perigo, reviro os olhos e deixo para lá.

Faço meu caminho para a congregação.

Como quase sempre sou uma das primeiras pessoas a chegar. Entretanto, uma figura estranha frente à igreja me chama atenção, nunca o vi por aqui.

Pobre coitado talvez esteja apenas perdido. Ele usa uma camisa social

branca e calça preta. Tem uma mochila nas costas. Charmoso.

Consigo alcançá-lo.

— Oi. — É obrigado a olhar para mim.

— Olá. — Ele tem cabelos médios e castanhos, olhos verdes. Covinhas sinuosas. Não preciso dizer que ele é bem mais alto que eu.

— Você parece perdido. — Que não esteja à procura da boate, por favor, ultimamente os perdidos que aparecem nessa cidade só se encontram lá.

— Na verdade estou à procura de uma pessoa, sei que estou no lugar certo. Só tem essa igreja nessa região. Certo? — Abri a boca para responder, mas ele continua. — E obrigado por se oferecer a me ajudar, achei gentil.

Que sorriso lindo é esse?

— Sim, e por nada.

— Do pastor Jordan?

— Aqui mesmo.

— Ótimo, é por ele que estou procurando.

— Ele deve ter chegado.

— Obrigado mais uma vez. — Eu o acompanho subindo as escadarias. — Fiquei curioso sobre você. Frequenta essa congregação? Posso ser bobo perguntando isso vendo você entrar aqui.

Ri com a atrapalhão dele.

— Não. Tudo bem. Frequento aqui.

— Sou tão distraído, não me apresentei. Sou Marcos, vou ficar responsável pelo coral de natal.

Isso é uma surpresa maravilhosa, pois faço parte do coral. Não me comunicaram sobre isso, só não me expulsaram do coral porque o pastor Jordan não permitiu, mas não fico livre dos complôs.

— Que maravilha. Sou a Grace. — Mas isso quer dizer que ele não vai ficar aqui por muito tempo.

Uma grande pena.

Entramos na igreja e o pastor vem ao nosso encontro, ele é um homem já de idade um pouco avançada. Cabelos grisalhos e a pele morena disfarça tão bem os traços da idade. O pastor Jordan é uma boa alma.

— Marcos, seja muito bem-vindo. — Ele toca em minha mão. — Grace, minha querida, a paz esteja convosco.

Beijo sua bochecha e me sento no meu lugar excluído. O fundo.

Marcos e o pastor levam um tempo conversando no escritório. Depois que a reunião termina como fico no banco de trás, saio antes que todo mundo.

Avanço pelas ruas pacatas da cidade, agora não tão pacata assim, tem um grupo de pessoas jogadas na praça, vestidas de preto e com metais e tatuagens em várias partes do corpo.

R não está entre elas.

Por onde anda o R?

O que ele faz aos domingos?

Não sei nada sobre ele.

Não tem sinal de trânsito por essa região porque o fluxo de carro é pequeno. Então basta apenas olhar para um lado e para o outro, depois que faço isso coloco meus pés na faixa e atravesso.

Porém o barulho de uma moto me chama atenção.

Será o R?

A moto está vindo rápido demais em minha direção. Sim, reconheço a moto do R e o homem também é tatuado.

Ele usa capacete, tem certa semelhança com o R.

É ele.

Aposto que quer me assustar.

Não quero saber dele, apenas adianto o meu lado e estico as pernas mais ainda, quase corro para atravessar a pista.

Estou muito perto de alcançar a calçada.

Mas estremeço e meu coração dá um salto ao notar que o motoqueiro joga a moto para cima de mim.

Aí Cristo, eu vou morrer.

A moto passa raspando em mim.

Alguém me segura forte, ainda estou olhando perplexa para a moto mais à frente.

A pele da pessoa está um pouco úmida sinto cheiro forte de perfume. Isso é sabonete dos caros.

Meu breve momento de choque é interrompido com fungadas raivosas.

Levanto o olhar para o monumento tatuado que me segura com força.

— R? — Ele acaba de me salvar de ser atropelada?

— Você é estúpida? Não olha por onde anda?

Agita-se a ponto de os respingos de água do seu cabelo cair em meu rosto.

O cara da moto está parado olhando para a gente.

— Depois eu mato você, Marlon! — R rosna.

O motoqueiro arranca e nos deixa.

Estou completamente confusa. Não procurei ser atropelada, da mesma forma que não gosto de ser chamada de estúpida. Isso dói. Mesmo vindo de um demônio que não significa nada para mim.

Fui descartada por ser estúpida. Eu sou estúpida. O Eric sempre me policiava por ser tão boba.

Eric tornou-se noivo da Helena, uma mulher de boa família e como todos dizem, ela tem classe e reputação. Coisa que por mais que eu tente jamais vou ter.

Desprendo-me dele, tendo outro choque maior ainda ao vê-lo apenas de toalha.

Abro a boca surpresa com a cena, e aquele ardor no rosto. Em brasas.

Ele deve ter tatuagem em oitenta por cento do corpo. Não só isso; é bem cuidado e tem músculos bem distribuídos.

— Vai ficar me olhando, ou sair de vez da pista?

Eu ainda estou na pista? Podia jurar que tinha alcançado à calçada. Sou muito distraída. Droga.

— Eu não te chamei. — Desvio o olhar, devo estar vermelha como um tomate.

— Se você não me chamasse eu não estaria aqui. — Ele prende melhor a toalha ao redor da cintura, alguns membros da igreja passam e nos olham petrificados. — O que é? Se olhar demais estraga! — Ele Grita, afastando a todos.

Já posso ouvir os boatos sobre mim. Grace encontrou a pessoa perfeita para ela — o Demônio tatuado. As pessoas focam em mim, os boatos nunca cessam.

— Como funciona isso? Eu não entendo. Como faço para que isso não acontecer mais? — Ando apressada para longe dele. — Eu não quero isso, não quero ter você por perto. Tenho que mudar de cidade?

Ele me segue.

— Acredite humana, se você não me quisesse por perto já estaria longe de você. Mas é exatamente porque você me quer por perto, que estou aqui.

Alguém joga água na minha cara! Está pegando fogo. Eu o quero por perto? Estou tão desesperada por machos que estou tendo algum tipo de tara por demônios?

— Está livre. Pode ir, eu o liberto de qualquer pac...

Ele pega meu pulso e me vira, de uma maneira nada delicada me prende novamente contra seu corpo.

— Só tem um jeito de acabar logo com isso e você sabe. — Ele diz as palavras junto do meu pescoço.

Sua voz é grave, porém um tanto aveludada.

Sinto uma sensação indesejada entre minhas pernas, sim, sim, naquele lugar.

— Eu não sei, só fique longe de mim. — Faz muito tempo que não tenho contato tão próximo de um homem, nesse caso ele é um demônio. — E sobre o carro, eu vou te devolver.

— Não precisa.

— Claro que precisa.

— Me paga de outro jeito, te garanto que será bem mais gostoso e proveitoso. — Ele inala meu cheiro, ainda grudado no meu pescoço.

— O quê? Olha aqui demônio...

— Calada. — A voz dele está diferente, mais rouca. — Eu sinto o cheiro da sua excitação.

Ele lambe ali mesmo, só potencializando seja lá o que começou debaixo das minhas pernas.

O braço dele em volta da minha cintura aperta mais ainda.

— Me solta. — Peço um pouco mais alto. — Ou eu vou gritar. — Ameaço.

— Adoraria ouvir você gritando meu nome enquanto fodo você com força.

Agora é oficial. Odeio esse demônio.

— Respeito é bom e eu gosto, demônio. — O afastamento em um

empurrão.

— Foder também é bom e eu gosto Grace.

Idiota e desnecessário.

A suas pupilas estão diferentes, ele age como se estivesse sobre o efeito de alguma droga, acabo de afastá-lo de algum êxtase. Ele está bem fora de si, ou ele é bem maníaco sexual.

Sigo meu caminho.

— Você vai ser minha, não tem para onde correr.

Raspo as unhas atrás no meu pescoço sentindo uma leve coceira.

Olha para trás e ele já não está mais lá. Demônio maldito.



CAPÍTULO OITO

Elie Anjo - Demônios Reais

Os nossos corpos carregados por tamanha luxúria chocam-se em constantes movimentos de vai e vem, é tão bom estar dentro da Tris e fodê-la enquanto ela geme meu nome de quatro, totalmente minha, totalmente submissa. Seus longos cabelos presos em meus dedos, aperto enquanto enfio mais fundo com as dobras da sua boceta apertando o meu pau.

— Raony. — Ela me chama.

Viro seu corpo tirando meu pau de dentro.

— Por favor, me enche. Só hoje. — Ela puxa meu cabelo e arranha meu braço. Agora de frente para mim, olho no olho, eu adoro seu olhar feroz.

— Tris, não podemos ter um filho. — Isso me deixa triste.

— Não vai. — Ela está arfando e tão deliciosa se contorcendo em meus braços. — Por favor.

Ela é minha predestinada. Sei disso, a única coisa que nos impede de sermos felizes é o maldito do pai dela. A Tris não será mais sacerdotisa, será minha.

— Você será minha Tris? Está disposta a deixar sua aldeia para trás? — Pergunto e coloco novamente meu pau na entrada da sua boceta.

— Sim, por favor, sim.

Mentirosa! Grace é como a vagabunda da Tris, uma mentirosa. Ela

pode tentar esconder sua excitação, mas a sinto e isso é complicado, pois acaba me afetando de uma maneira intensa.

Não consigo controlar esses malditos instintos. Embora não deseje nada mais que fodê-la.

Equivoquei-me em achar que a Tris era minha predestinada. Mas ainda assim ela foi à única fêmea que me tornei devoto.

A Grace não terá nada de mim. Além de bons orgasmos. Contudo, quando ela estava em perigo zapei para ir ao seu encontro. Marlon maldito, estar adorando ver minha desgraça.

Sento-me na cama e envolvo a mão em torno do meu pau ereto. Isso que dar ter uma fêmea inútil que não serve para me satisfazer, só me atçar.

Depois de tomar um banho, zapo para a boate.

Escuto a voz do Marlon sentado em um dos sofás.

— Marlon desgraçado. — Arremesso uma das cadeiras nele. Ele se desvia com facilidade. — Nunca mais faça isso. Não coloque a vida da humana em perigo!

— Preocupado com ela?

— Não! Seu idiota! Zapei até ela de toalha, tive que interromper meu banho.

— Só queria ver minha cunhadinha.

Só então reparo em outra convidada, ela segura uma mala e acaba de entrar no recinto.

Lembro-me, conheço-a.

— Olá Raony. — A irmã mais nova da Grace.

— Oi. — Onde ela estava? Não vive com a Grace?

Ela deixa a mala de lado e senta-se ao lado do Marlon.

— A Trisha será a nova ajudante do barman. — Marlon dá a notícia.

— Por consentimento de quem? Achei que eu era o responsável por essa espelunca.

— Não me quer perto de você, Raony? — Ela cruza as pernas. — Preciso de um emprego, minha irmã mais velha é uma inútil, não consegue lidar com os negócios e estamos precisando de dinheiro urgente.

Ela deve ser o calo da Grace, já teria me livrado dela.

Ructon aparece com uma bandeja de suco, ele serve silenciosamente, depois fica parado um pouco afastado da gente, mas consegue nos ouvir perfeitamente.

— Então vão me contratar?

— Pode ser. — Digo. — Mas você sabe a última vez, você estava grávida e até disse que eu era o pai...

— Ah, sobre isso, sinto muito, era muito jovem na época. — E agora, não é? Ela e Grace são jovens demais. — Só estava desesperada.

— O que aconteceu com a criança? — Bebo o suco de limão azedo, Ructon não coloca açúcar nas minhas bebidas.

— Perdi, e a culpa é da Grace. — Não me informaram esse detalhe. O que mais aconteceu com a Grace que eu fiquei sem saber?

Não gosto dessa humana, nem como fala da irmã.

— Por que ela é culpada? — Pergunta Marlon. — O bebê era seu.

— Não sabem o que aconteceu? — Ela fica transtornada. — A Grace foi acusada de ser uma bruxa, meu pai foi morto de uma maneira bizarra, da mesma forma que ela falava que a culpa era do demônio que ela tinha invocado. Todo mundo dessa cidade passou a me perseguir, fomos abandonadas. Até o pai do meu bebê...

— Calada. — Interrompo. — Você e sua irmã são irritantes, não quero saber mais nada. Pode começar amanhã à noite. Ructon vai conversar com você sobre o contrato.

Por Oric! Sem dúvidas eu detesto essa humana.

— Não sei não, meu senhor. Só acho que o senhor deveria analisar melhor o currículo dela, pois pelo que eu entendi, ela só tem experiência em mentir. — Destila meu servil inútil e intrometido.

— Quem é esse? — Pergunta a irmã da Grace. — Como ousa falar assim de mim? Você nem me conhece!

— Meu mordomo inútil, porém muito sábio. — Saboreio a expressão de pasmada na cara dela. — Sim, isso mesmo que você ouviu. Você não passa de uma mentirosa.

Marlon observa tudo se divertindo.

— Então por que me aceitou?

Porque tenho misericórdia da Grace.

Mantendo-a aqui é sinônimo que deixará a Grace em paz. Um peso a menos, Grace focará em outras coisas, tenho que preencher o tempo da Grace.

Rudá me deu apenas um mês para conquistá-la ou ele vai dar uma de mamãe e vim aqui, já imagino o pomposo Rudá ao lado da Grace explicando tudo pra ela. Não deixarei isso acontecer.

— Raony?

— Não é da sua conta. Não queria o emprego?

Ela tem que entender onde é o lugar dela. A Grace é muito ingênua sobre essa cobra. Mas não posso julgá-la eu também não concordo com certas coisas que meus irmãos fazem, porém os mantenho por perto, pois é tudo que eu tenho. Sem eles minha vida seria mais solitária ainda. Talvez a Grace pense da mesma forma. Mas isso não me impede de esfolar alguns deles se entrar em meu caminho.

— Seja mais cortês, Raony. — Marlon diz.

— Seja menos hipócrita, Marlon. — Encaro meu servil inútil. — E você, menos enxerido. Seu currículo está recheado de intromissão e de envolvimento com a máfia Rússia.

Marlon ri, ou melhor, Marlon gargalha.

— Irmão, eu não sei o que seria sem esse seu humor. Ele é ótimo. — Marlon levanta-se. — Trisha me siga, vou acompanhar você até o quarto.

— Que quarto? — Pergunto irritado.

— Ela não tem onde ficar. — Explica Marlon.

— Problema dela. Foda-se. Aqui ela não fica.

— Raony não seja mesquinho ela é sua cunh...

— Não se meta em assuntos que não são seus. — Me levanto e saio de perto deles.

Não a quero por perto, não gosto dela.

— Tudo bem Marlon não brigue com seu irmão. — Ela usa uma voz baixa e manipuladora.

Vivi mais tempo que essa cobra, ela não vai me enganar. Desde o dia em que ela mentiu, tentando me dar o golpe, tenho a vontade enorme de arrancar sua língua mentirosa.

— Ainda dá tempo de comprar uma casinha de cachorro e colocar no quintal. — Novamente Ructon se mete.

Mas pensando bem gostei da ideia. Deixo isso transparecer em minhas feições.

— Finalmente uma boa ideia, Ructon! Providencie isso. — Escondo minhas mãos no bolso e dou uma última olhada para a humana. — Aqui não tem *arrego*.

— Eu bem sei disso... É trabalho, trabalho... — Reclama meu servil.

— Se a sua comissão fosse por ideias, Ructon, não ganhava nem uma moeda, mas essa foi boa, vai ganhar uma boa comissão.

A Grace é diferente. São irmãs. Porém muito diferentes.

Não há possibilidades de Grace me odiar por ter matado o pai dela.

Pois talvez, ela me odeie pela consequência que isso causou.



CAPÍTULO NOVE

Elie Anjo - Demônios Reais

— *P*ra onde está me levando papai?

Papai não me disse nada, hoje é o meu aniversário de 7 anos e eu não quero sair com ele. Quero ficar em casa esperando minha festinha.

É primavera e pareço uma fada vestida de branco e com uma coroa de flores que não são de verdade, mas são lindas e enfeitam meus cabelos, vovó me deu essa roupinha, mas mamãe disse que é coisa do demônio.

Não gosto do demônio ele é mau.

Papai me carrega para um lugar escuro, cheio de mosquito e tem muitas árvores. Não gosto do cheiro dele, pois ele bebeu, sei disso.

— *Papai, eu quero ficar com minha mãe. — Peço chorando e me balançando.*

— *Fique quieta Grace. É para o seu bem. Não vai doer.*

Papai me leva para um lugar distante e me deita perto de uma árvore.

— *É pra o seu bem Grace, infelizmente você nasceu com essa maldita marca. Não vou deixar minha filha ser puta de demônio. — Não entendo o que ele está falando. — Você não precisa viver com um destino tão cruel.*

Papai aperta meu pescoço e eu não consigo respirar. É tão ruim, eu tento chamar pela minha mãe, mas ela não vem. Meus olhinhos querem se

fechar.

Alguma coisa bateu nele e ele caiu perto de mim.

Apenas choro, pedindo socorro.

— Grace, eu estou aqui meu anjinho, não chore.

— Vovó! — A minha vovó me carrega pra longe dele.

— Papai tentou me machucar de novo.

— Não vai mais acontecer prometo. — Vovó tem um abraço tão quentinho, ela cheira a açúcar.

Acaricia meu cabelo e sinto sono, vovó é mágica, mas ninguém pode saber.

Durmo no colo da vovó.

Doce. Cheirinho bom de doce, só tem na casa da vovó.

Abro os olhos e sei que é a cama dela. Passo a mão no meu pescoço que ainda dói, e de fininho saio da cama e vou para onde ouço a voz dela e da mamãe, escondo-me atrás de um armário no corredor.

— Novamente ele tentou matar minha neta. Eu vou matá-lo. Sua irresponsável, já disse para largar esse homem. — Vovó briga com mamãe. Bem feito!

— Eu não sei o que está acontecendo com ele. — Mamãe chora. Não chora mamãe. — Ele parece outra pessoa quando faz isso.

— Porque não é ele. Alguém está tentando matar a Grace Jane, e está usando a mente fraca do seu marido.

— Como assim alguém? Não me venha com essa conversa louca de bruxa. Mamãe seja normal pelo menos uma vez e me ajude a salvar a Grace do pai dela.

— Virão outros. A Grace nasceu com a marca.

— Olha só sua louca. Onde está minha filha? Vou levá-la.

Vovó empurra minha mãe.

— Não. Até você se livrar da praga do seu marido ela vai ficar aqui. Saia! — a porta se abre sozinha, só eu pude ver o vento abrir. Vovó é mágica.

— Vou deixá-la aqui um tempo, mas venho buscar minha filha e nada de encher a cabeça dela com suas mentiras e loucuras.

Mamãe me deixou, choro até minha avó vir até mim.

— Vem cá meu docinho. Vamos para a Adocica com lady Laura fazer torta de morango. — Ela me carrega, — sei que hoje é seu aniversário. Vou te dá o melhor presente de todos.

— Mas e a Trisha e a mamãe? Elas não vêm?

Quero brincar com a Trisha. Mas ela não gosta de brincar comigo.

— Não! Vamos ser só nós duas. — Vovó me coloca no banco da frente da Lady Laura. — Escuta Grace, quando eu não estiver mais por perto pra protegê-la. Você tem alguém especial que pode chamar e ele virá.

— Como o super-homem?

— Sim.

— Quem é ele? — Vovó me conta histórias divertidas.

— Um demônio.

Abro a boca com medo, — meu coração faz tum, tum.

— Mas mamãe disse que demônios são maus.

— Grace, presta atenção querida. Ele não é isso que sua mãe diz, ele só é alguém especial como você. Vai proteger você.

Coloco a mão no queixo pensando:

— Ah, então ele não é um demônio, mas um anjo! Qual o nome dele?

— Não sei, mas ele virá. E você vai descobrir quando o chamar na hora certa. Até lá, vamos comer bolos.

— *Oba, adoro doces! Espero que meu anjo também goste.*

É horrível, atormentador e me deixa com falta de ar, alguém aperta meu pescoço e tento me desprender. meu corpo todo reage em revolta e defesa, minha tortura parece não ter fim, não quero morrer.

“*Grace é só um pesadelo. Grace?*”

Sua voz calma ressoa dentro de mim, consigo ouvir um fraco sussurro me guiando para fora do meu pesadelo.

Respiro intensamente, pois o meu pesadelo foi tão real que acordei com falta de ar, mas há algo diferente dessa vez, pois tem realmente alguém me tocando enquanto durmo. Abro os meus olhos, completamente amedrontada com essa possibilidade.

A luz do abajur está acesa assim como o olhar preocupado do R focado em mim, ele acaricia meu rosto enquanto sussurra meu nome, ainda não consigo me mover, é como se ainda estivesse presa no meio da floresta sendo atacada pelo meu próprio pai.

— Vai ficar tudo bem. Não tenha medo, ou pressa para se levantar.

R parece entender meu desespero para me mover e continua a estimular minha pele com seus toques, estou arrepiada, o vento frio de ventilador ataca minha pele úmida pelo suor, eu não esperava ele aqui.

Desde que reencontrei o R esses pesadelos acontecem com mais frequência.

Levanto o rosto encarando-o.

— Está melhor?

Balanço a cabeça, confirmando.

— O que faz aqui R? — Nem quero saber como ele entrou, já que me certifiquei de trancar tudo.

— Você estava angustiada, me fez sair da boate e vir até aqui. Aprenda meu nome pelo menos. Raony.

Ele deve ser o demônio que minha avó falou. Porém não vou

considerá-lo um anjo. Também não o considero um demônio... Isso é tão confuso.

Ele libera meu rosto e mantenho a dignidade, tenho que trocar os lençóis e tomar um banho.

Esses pesadelos me deixam aflita e impotente, eu era uma criança incapaz de me defender das loucuras do meu pai.

Depois de algum tempo ele melhorou e minha mãe continuou com ele. Porém quando estava um pouco mais velha, ele começou a beber e a espancá-la toda vez que minha mãe se colocava em minha frente para me defender. Já não tinha mais a minha avó pra me socorrer.

— Esses seus pesadelos são um incomodo pra mim. Tenho de me deslocar de onde estou pra vir. Você me chama, Grace.

— Eu já disse que não sei como isso funciona. — Pego roupas no meu pequeno guarda-roupas. — Desculpa e pode ir.

— Não até me dizer o conteúdo do sonho.

— Não é da sua conta.

— Você sonha com o que aconteceu com seu pai? Por tê-lo matado em sua frente...

— O que é isso? Culpa? — Questiono levantando o olhar.

— Não. Mas não sabia que ia causar tudo isso, de você ficar assim.

Dou de ombros sem entender os lamentos dele. Uma hora ele me despreza e parece me odiar, outra se preocupa comigo. Bipolar?

— Pois é. Por que isso agora? Demorou três anos para ter consciência das coisas que você fez? Pelo amor de Deus! — Indignada, passo por ele e vou para o banheiro. — E saia do meu quarto. Saia da minha casa.

Ele grunhe.

— Você não quer isso, se quisesse já teria acontecido.

— Toda vez que tenho medo chamo por você de alguma forma. Quando preciso de ajuda.

— Quando essas coisas aconteceram?

— Quando eu era criança. — Ele parece querer saber mais então apenas completo. — Começou quando tinha seis anos.

Raony permanece fechado, difícil saber o que se passa em sua mente.

— O que ele fez.? — Ainda não caiu a ficha pra ele? — Machucou você? — É, ainda não caiu à ficha.

— Sim. Tenho esses pesadelos com o que aconteceu, estou correndo ao redor da cidade, na floresta para me salvar dele. — Não digo que ele tentou me matar.

— Como ficou sabendo de mim? Quando você me chamou não teve medo. A essa altura do campeonato sabe que não sou o demônio que vocês humanos acreditam.

— A minha avó me contava essas histórias.

Raony cruza os braços e raspa a borda da boca com o polegar, o gesto é natural e um tanto sedutor. Não quero falar nada disso pra ele, porém preciso me justificar de alguma forma.

— Essas histórias eram de mim? — franze a sobrancelha.

— Acho que sim. Eu era muito pequena, ela me dizia que se precisasse de ajuda era para eu chamar por um demônio.

Ele fica totalmente confuso e meu rosto esquenta.

— O que mais?

— Não quero falar sobre isso...

— Se está relacionado a mim, quero saber. — A ele não a mim? Demônio egoísta.

— Eu não sei nada sobre você, Demônio.

— Pra começar meu nome é Raony. — Ele lembra-me, — No folclore Japonês existe seres sobrenaturais chamados Yōkai, alguns tem características animais, outros conseguem se transformar em humanos...

— Você é isso?

— Não. Só estou usando isso pra te explicar. Eu não sou desse mundo, sou sobrenatural. E acima de tudo Grace: Você faz parte do meu mundo.

Não entendi muito bem o que ele quis dizer. Minha avó disse que outros tentariam me atacar, isso ficou gravado em mim de certa forma, um dos motivos de não sair dessa vizinhança, pois por mais que sejam cruéis em me rejeitar, ficará só nisso, não vão tentar me matar (Eu acho). Aqui e na igreja estou segura (Eu acho).

— Algo que tem a ver com esse sinal. Certo? — Não deixo o assunto morrer.

— Sim.

— Meu pai tentou me matar por causa dele. — Revelo de uma vez, — É esse o conteúdo dos meus pesadelos.

Não quero que ele fique se culpando achando que é por causa dele.

A carranca dele se tornou profunda, moldando um semblante duro de puro ódio.

— Ele tentou matar você! — Me encolho diante da fúria dele. — Nunca me arrependi de ter matado seu pai. Porém essas coisas que aconteceram com você. Eu sinto muito.

— Isso é um pedido desculpa?

— Não desculpa por tê-lo matado, mas por não cumprir minha obrigação de protegê-la.

Obrigação? Ele é obrigado a fazer isso? Não quero obrigar ninguém a fazer nada por mim, meu peito aperta oprimido pela dor de ser mais um fardo para alguém. Era um fardo para minha mãe.

— Não quero você por perto! Não se sinta obrigado a fazer nada por mim.

— Não é isso, Grace...

— Saí. — Me tranco no banheiro.

A respiração quente dele perfura minha pele, Raony teve a audácia de entrar no banheiro.

— Você não quer isso.

Enrosca seu corpo por trás do meu, me pressionando na porta, sua mão firme agarra minha cintura.

Reajo agitada ao seu toque, rezo para que ele se afaste de mim, pois não sei até quando vou conseguir me manter longe das suas investidas.

— Grace, você poderia ser mais fácil e ir até minha cama por conta própria. Quanto mais difícil, mais eu quero. — Morde a pele do meu pescoço. — Não consegue esconder sua excitação de mim.

Ele fala contra a minha pele e o latejar entre minhas pernas se torna mais intenso.

— Eu não vou me sujeitar ao que você quer. — Falo convicta.

— O que acha que eu quero?

— Se me protege por obrigação é porque não gosta de mim, isso quer dizer que quer me ter por obrigação também.

Desprendo-me dele e viro meu corpo, ficando a poucos centímetros da sua boca. Ele fica com os lábios entreabertos me encarando.

— Você quase acertou. — Permanece com a mão apoiada na porta, imóvel olho firme para ele sem me deixar abater.

— Você entrou na minha vida e estragou tudo. Você não passa de um demônio arrogante que quer me tornar uma das suas fodas...

— Você sabe que não é isso! — Ele fala mais alto. — Sua avó deve ter falado mais coisas sobre a gente. E agora deve estar se fazendo de difícil. Você deve saber que preciso de você...

Ele é louco! E não quero ficar aqui discutindo com ele. Aperto a mão na tranca da porta e tento abrir, porém é inútil, com o pouco esforço que ele faz com a mão para manter a porta no mesmo lugar que está.

— Xiiii... — Pede ele concentrado, atento a alguma coisa, — Sua irmã está chegando.

A Trisha? Ela me mandou uma mensagem avisando que estava chegando, porém já é tarde da noite.

Ouçó um tombo vindo do lado de fora.

— Grace! — Ela me chama, sem consideração nenhuma por mim, pois se eu estivesse dormindo me acordaria.

— Vai embora. — Sussurro pra o demônio.

— E perder a chance de tirar uma lasquinha da situação?

Merda.

Raony novamente me prende segurando minha cintura, só que agora tenho a sensação que não vou conseguir me livrar dele tão facilmente.



CAPÍTULO DEZ

Elie Anjo - Demônios Reais

Vou tirar proveito da situação que a Grace se enfiou, estou duro por ela desde que começou a brigar comigo. Ela não percebeu ainda que está apenas de camisola a frente de um ser com uma extensa bagagem de conquistas.

E estou muito puto da vida por saber que tentaram tirar o que é meu, mesmo antes de saber que existia. Alguém no passado tentou tirá-la de mim.

Mesmo o pai dela estando morto... Meus instintos reagem que ainda há algo muito estranho em tudo isso, ela ainda não está segura.

E isso é inadmissível.

Miserabilidade.

Ninguém toca no que é meu e a Grace é minha.

O melhor de tudo é que o cheiro saindo pelos seus poros é delicioso. Grace está em seu período fértil, o cheiro ainda é fraco, porém consegue me deixar louco.

Minha vontade é de lambar cada parte dela, eu não vou mais lutar contra essa atração latente que sinto por ela, mesmo sendo mais carnal do que sentimental — Quero a Grace.

Não me importa com o que vai acontecer depois, tenho urgência em estar entre suas pernas e fodê-la de várias formas possíveis. Isso tudo está me virando ao avesso, mexendo com algo adormecido e se acordar, jamais eu deixarei essa fêmea humana sair da minha vista.

O corpo pequeno e assustado dela não me incomoda, a Grace não tem medo de mim, só não quer se envolver.

Então estamos no mesmo jogo, nossas diferenças nos afastam, contudo, nos unimos pela necessidade de não estarmos mais sozinhos. Ela só não quer admitir isso.

Ela se sente só, não tem ninguém, por isso me chama, por medo, por solidão. E venho até ela sentido tudo isso.

— Eu quero você.

— Eu não.

— Mentirosa.

Ela balança entre meus braços, desço minha mão nas suas costas e puxo mais para mim usando sua bunda como apoio.

Ela murmura uma súplica.

— Grace, você está demorando aí, vou dormir na sua cama. — A irmã dela chega perto do banheiro.

Eu me afundo em seu pescoço e o seu cheiro me deixa alucinado. Fora de mim. O cheiro é doce, porém nada enjoativo nunca pensei que fragrância doce pudesse me agradar tanto.

Lambo, sentindo um pouco do salgado da sua pele, mas o cheiro feminino dela é tão intenso e se sobressai do seu perfume, loção corporal, ou qualquer coisa que esteja usando.

— Não. — Ela tenta sair.

— Grace. Tudo bem aí? — Sua irmã não pergunta preocupada, seu tom é de deboche, ela é irritante. Se ela está aqui é porque o Ructon não conseguiu a casinha de cachorro.

— Estou! — Grita Grace, nervosa.

Ri da situação dela, ainda enfiado em seu pescoço, a fazendo se contorcer, ela é uma bomba de sensibilidade, Por Oric!

Quero tanto explorar todos os seus pontos sensíveis e catalogá-los mentalmente só para poder atormentá-la por horas, toda vez que ela abrir essa boquinha tagarela pra me insultar.

— Saí, eu vou gritar.

— E dizer que tem um demônio em seu quarto? — Dá pra perceber seu coração acelerar. — Só um beijo e prometo que vou embora.

— Não confio em você. Mentiroso.

— Não minto. Só um beijo. — Insisto afastando o cabelo da nuca só para beijar aquela região. Ela está toda arrepiada.

— Certo. Certo. Um beijo e você vai embora.

Colo mais seu corpo no meu, seu mamilo enrijecido esmaga meu peitoral, delícia de tão cheios e manejáveis, quero muito preencher minhas mãos e minha boca com eles, pra completar essa safada está sem sutiã.

Ela espera pelo beijo sem demonstrar tanta ansiedade, porém sei que está tão ansiosa quanto eu.

Grudo meus lábios tomando posse dos seus macios e quentes, ela demonstra resistência nos primeiros dez segundos, mas se rende ao beijo.

Sua bunda está na palma das minhas mãos, que desliza por causa do tecido fino da camisola azul, aperto cada vez mais, na medida em que aprofundamos o beijo.

Grace não se detém e enlaça meu pescoço ficando na ponta dos pés, queria que ela envolvesse suas pernas em volta da minha cintura, — sei que ela não vai fazer isso, então, me inclino de maneira que a deixe confortável e livre para me beijar como quiser, porque eu estou adorando.

Uma grande surpresa gostar do seu beijo, saber que ela beija bem.

O beijo se alonga e a encosto na parede escondendo seu pequeno corpo no meu, com todos os meus músculos voltados para nossos movimentos.

Nunca senti prazer por provar algo doce, porém, ter seu sabor

adocicado na minha boca é inovador e viciante, portanto, não me sacia, me deixa mais faminto ainda.

Afirmo mais as mãos, sentindo minhas garras querendo crescer. Merda. Não sou mais eu quando estou com a Grace, perco o controle e pela bagunça que suas mãos fazem no meu cabelo, — Grace também perdeu o controle.

Cada toque dela, por mais tímidos que sejam, é extremamente agradável para mim.

Ela se joga totalmente contra mim mesmo parecendo estar com falta de ar, também estou ficando, porém quero mais, quero dar o ar que me resta para Grace.

O porquê eu não sei. Só desejo e quando quero algo ninguém toca, ou me impede de ter.

Meu pau está uma dureza, roçando em seu ventre.

Minhas mãos estão em suas costas, em seu rosto, na sua bunda, tateando tudo e me certificando que tudo é meu.

Ela geme e nosso beijo não morre, fica lento devido ao cansaço, nos afastamos aos poucos ainda provando um ao outro, querendo mais, sentindo falta.

Ela é quente.

Não estava preparado para isso.

Belisco seu lábio em cima, em baixo, Grace descansa os braços ao redor da minha cintura, passo a mão em seu rosto até seu queixo, preciso tocá-la, é bom tocar a Grace, pois é delicada e sensível.

— Grace...

Não quero deixar transparecer o quanto ela me afeta, porém é inevitável não sentir tesão por todo esse conjunto em meus braços, desde que a vi de saia curta na estrada, a imagem não saí da minha mente, ela não se deu conta ainda do quanto é sensual.

— Não era para me beijar. — Lamenta de boca, pois não deixo passar despercebido tamanha luxúria que nos conecta, pintado em seu olhar faiscantes. Como uma menina que acabou de tocar em algo proibido.

É essa barreira que preciso tirar. Ela tem que entender que sou acessível para ela, mesmo com todas as nossas diferenças.

— Não se arrependa de algo que você gostou.

Não a deixo falar mais nada, enrolo seu cabelo loiro comprido nos meus dedos, fazendo questão de separar os fios, trazendo seu pescoço para próximo do meu nariz, inalo profundamente.

— Temos que parar...— Ela diz.

— Ao contrário de você, eu não me arrependo de algo que gosto. Sempre quero bis.

Avanço em seus lábios, eu estou tão duro, dolorido, pulsante, querendo algo que ela recusa me dar.

Estou tão fora de mim pra sair de cima dela. Que Oric me ajude!

Tirarei todo seu ar, até que ela diga sim. Ela me quer, me beija entre gemidos, não de protestos, mas de prazer, aceitação de que o que estamos fazendo está bom para nós dois.

Ela afasta-se ofegante com a boca entreaberta respirando intensamente, lábios inchados e pele rosada de excitação. Sexy, porra. Muito sexy.

— Você é uma delícia, Grace. — Falo baixo, entorpecido pelo beijo. Viciado, quero mais.

Ela abaixa os olhos e afasta-se. Não gosto dessa atitude e acabo por deixar a fera dentro de mim ranger de protesto, querendo puxar ela novamente para os meus braços.

— Não era pra ser assim, mas não me arrependo, foi bom.

— Era pra ser como? — seguro seu rosto. — O que você espera de mim?

Por que perguntei isso? Não quero mudar por ela.

— É melhor você ir. — Percebo ela ignorar minha pergunta. — Vou fazer de tudo para não o chamar quando tiver pesadelos. Apesar de não saber como faço isso. Sinto muito.

Isso me mata!

Ela vai continuar me rejeitando? Ótimo, pois também a rejeito. Não digo mais nada apenas zapo para longe dela.



CAPÍTULO ONZE

Elie Anjo - Demônios Reais

Opior de tudo é que não consigo esquecer o beijo do Demônio, ops, Raony!

Ele não me procurou mais depois do beijo e isso quer dizer; uma semana toda sem pesadelos e sem chamá-lo e sem ter a língua ousada dele grudada em minha pele. Sem ter a mão grande dele apalpando minhas nádegas, e a presença dominadora dele no ambiente, grande, não falo da altura dele, mas o tamanho da "ferramenta" roçando em mim, pensar no beijo causa um formigamento em meu ventre que vai descendo, descendo... STOP!

Não posso pensar sobre essas coisas na casa do senhor.

Balanço a cabeça desesperada.

Isso está tirando minha concentração. Mordo a boca com medo de falar alguma coisa indevida, pois ultimamente estou pensando muito nelas.

Quando o coral começa a cantar coloco toda minha energia e minha atenção em cada palavra.

Hoje é uma confraternização de boas-vindas para o novo responsável pelo coral da igreja. AÍ CRISTO! Não tem uma mulher com bons olhos que não foquem no novo maestro, sim, o Marcos.

Não demorou muito para ele se socializar, um bando de mulheres solteiras e desesperadas procura qualquer motivo fútil para ter a atenção dele.

Acho que a fui única a não o chamar nenhuma vez sequer, isso porque não quero ser alvo das línguas ferinas dessas mal-amadas.

Reviro os olhos quando a Ruth finge estar com algo estranho na garganta, Marcos sugere que ela dê uma pausa e beba água. Ruth é outra solteirona bem mais velha que eu na verdade sou a mais jovem entre elas, a Helena também, porém ela não fala muito comigo.

Permaneço na minha posição bem lá no escanteio, no final da fila. Marcos caminha até onde fico com os braços cruzados e me ouve cantar, bate um nervosismo.

Depois que terminamos o refrão ele pede silêncio e diz:

— Você tem uma linda voz Grace. Não entendo porque é tão inibida.

Ah, Marcos. Não consegue enxergar a sua volta? Estão me lançando raios nesse exato momento!

Tenho vontade de falar, porém sorrio e respondo:

— Oh, não. Está tudo bem. Sou assim mesmo.

Ruth saiu da sua posição e vem até nós. Ela tem uma verruga no queixo com três pelos, usa óculos e vestidos apertados. Ela tem curvas bonitas. Nunca invejei nenhuma delas, na verdade quando eu era noiva, meu mundo só girava em torno do Eric. Como a Helena tomou o meu lugar, ela deve estar vivendo a mesma coisa que vivi um dia, eu era intocável.

Helena se tornou um exemplo a se seguir, as mulheres a imitam. já eu, sou o oposto. uma fracassada incapaz de segurar seu homem e para completar tem uma reputação como a minha — um exemplo do que elas não devem ser.

— Marcos, querido. Que tal darmos uma pausa? Trouxemos uma torta para comorarmos sua chegada.

— Obrigado Ruth, podem ir à frente. — Ele pede.

As garotas vão para a sala de eventos na igreja, um pequeno salão. Helena dispensa algumas bajuladoras e plenamente desfila até nós dois.

— Oi. — Cumprimenta. — Grace, eu preciso falar com você.

— Agora? — Agora que fiquei sozinha com o Marcos.

Ela balança os cabelos loiros, chamando atenção.

— Hm, sim. — A alça da bolsa repousa em seu pulso, acho ela extremamente elegante. — Sobre meu casamento, não precisa responder agora, mas eu e o Eric decidimos solicitar seus serviços. Você é a melhor confeitadeira na cidade.

Na verdade, só tem eu. Se quiser serviços assim, correm para a cidade vizinha. Porém a proposta dela é muito boa para mim, ganharei uma boa grana. Mas em compensação farei o buffet de casamento do homem que prometeu casar comigo e me largou no momento em que mais precisei dele.

Marcos me encara em silêncio. Não posso recusar e demonstrar que ainda guardo ressentimento pelo término do relacionamento.

— Tudo bem. Pode passar na minha loja depois.

— Na verdade não terei tempo. O Eric ficou de cuidar disso com você. Então ele disse que é pra você ligar para ele caso se interesse. — Ela tira o cartão e me entrega.

Como se eu não soubesse o número do consultório odontológico dele.

— Tá bem. — Pego para não levantar suspeitas para Marcos.

— Obrigada. É só isso. — Helena toca no ombro de Marcos. — Você está fazendo um ótimo trabalho Marcos.

— Obrigado. Vocês também.

Deixo um suspiro sair. Toda educadinha, certo, não tenho nada contra ela.

Recomponho-me pra sair, Marcos me acompanha.

— Então quer dizer que é confeitadeira?

— Sim.

— Essa torta que as meninas trouxeram você que fez?

— Não.

— Mas porque se você...

— Elas não me comunicaram. — Falo sentindo meu rosto esquentar.

— Entendo. Então não será tão boa assim, visto que você é a melhor no que faz. — Pisca, — foi o que a Helena disse.

— Ela é muito gentil. — Pior que ela é mesmo.

— Bom, com certeza vou passar na sua loja antes de ir, adoro doces.

— Será muito bem-vindo. — E também sei fazer salgados querido na verdade sou muito eclética, cozinho de tudo, porque adoro comer bem.

Às vezes faço janta para mim e para a Judite. Isso quando ela não passa a noite com a algum cara, ela não para o rabo quieto.

— Hum, certo. — Ele passa a mão na nuca. — Na verdade estava pensando em convidá-la para jantar. Na cidade vizinha tem um restaurante muito bom, jantei lá na minha curta estadia no hotel que fica ao lado.

— Nossa. Isso seria ótimo. — Tento não demonstrar tanta empolgação assim. — Pode ser no domingo à noite? — Emendo, espero não estar sendo rápida.

— Domingo será perfeito. Amanhã passo em sua loja e resolvemos melhor.

Meu sorriso cresce.

— Sim.

Tenho um encontro, meu Deus, tenho um encontro. Saio da igreja e cruzo a esquina antes de atravessar a faixa. algumas meninas fazem companhia uma para as outras, rindo e conversando amigavelmente.

Aguardo dando atenção para a rua, caso algum motoqueiro engraçadinho tente me atropelar.

— Você não perde tempo, hein, Grace sua safada. — Alfineta Ruth. As outras soltam risinhos. — Já está tentando enfeitiçar o Marcos.

Ignoro e reviro os olhos.

— Acho que ela entende muito bem de feitiços, afinal ela invocou um

demônio e o prendeu em seu corpo. — Outra diz.

Deixo-as atravessarem primeiro. Uma fraca ventania agita o jardim de uma casa atrás de onde estou, já estava na hora dele aparecer.

— Incrível como você tem um sangue frio pra aturar essas feiosas. — Respiro lembrando o cheiro dele.

— O que?

— Elas são feias! Horroras. as cores das auras delas dá vontade de vomitar toda vez que olho.

— Resolveu aparecer?

— Sentiu minha falta?

— Não!

Ele me segue, as garotas olham para trás e cochicham entre si. Merda.

— Não fique próximo de mim.

— Tem vergonha de mim? Assim você me deixa triste.

— Você está piorando tudo na minha vida.

Tento andar o mais rápido que posso.

— Posso dizer o mesmo de você, também está piorando tudo pra mim. — Ele me alcança com facilidade e segura os meus pulsos. — A minha imagem é tão importante assim?

Balanço a cabeça negando.

— Sinceramente não me importo muito com isso, mas sou eu. Tento ser o mais correta possível pois desde daquele maldito acidente sou uma fracassada, elas não esquecem, não me deixam em paz!

— Isso é porque você se importa, passe a não se importar que elas te deixam em paz.

— Hum...

Ele fala mansamente, segura meu queixo e me faz fitar seus olhos.

— Grace, você é muito bobinha por não reparar ainda: Elas lhe tratam assim porque você representa um perigo para elas, eu não entendo porque se sente uma fracassada, você é independente não tem ninguém nessa cidade para ajudá-la, nenhum parente além da encostada da sua irmã. — Acabo rindo um pouco com o que ele diz da Trisha. — E também é muito mais linda que elas qualquer cara olhará primeiro para você.

Isso é uma grande surpresa, o Raony me colocando para cima.

— Obrigada.

— Outra coisa também, fique longe do humano chamado Eric. — Soa mais como uma ordem.

— O que? Qual o seu problema? — afasto-me dele. Ele está normal de repente surta.

— Ele é o problema e você não ver. Chega a ser patético, a garota atual dele é uma cópia malfeita de você.

Não. A Helena não tem nada a ver comigo.

— Bonita, jovem, gentil, independente. E para completar, loira! — Raony cruza os braços.

Como pode saber tanto assim? Ele é algum tipo de perseguidor?

— Me deixe em paz. Você que causou tudo isso.

— Você não me culpa. Você me quer, mas se nega.

Ele desaparece. Para meu alívio. Ufa. Está cada vez mais difícil ficar perto dele.



CAPÍTULO DOZE

Elie Anjo - Demônios Reais

R ucton abre as cortinas do meu quarto sem a minha permissão, ele é tão barulhento e enxerido não pedi para ele me acordar, para isso tenho meu despertador. hoje em dia, pois séculos atrás Ructon me acordava e fazia quase tudo para mim. Porém cada ano que passa eu preciso menos dele, os humanos evoluíram e são tantas facilidades, é incrível como um aparelho tão pequeno pode ter tantas funções, uma delas é esse aplicativo de mensagens onde fêmeas humanas me mandam nudes com frequência.

Passei a noite pesquisando sobre um barco que quero comprar, aqui perto de Santa Maria tem uma costa agradável que quero passar um tempo longe desse fedorê humano.

— Olha só, meu senhor, venha aqui, precisa ver isso. — Não sei o que esse palerma faz com um binóculo na minha janela.

— Se você me chamar de novo vou jogar você janela abaixo!

Desbloqueio meu celular e aceso o aplicativo de mensagens, inúmeras mensagens, entre elas a mensagem da Judite. um pouco receoso clico na conversa, a mensagem dela tem uma foto embaçada.

Abro.

《 *Pensou que era nudes... Safadinho.* 》 — *É o que está escrito abaixo da imagem.*

E depois abro as demais vejo apenas a imagem de um morango, imagens minhas e da Grace na loja.

Merda, eu estava assim? Com essa cara de idiota me deliciando da imagem dela comendo o morango.

Outra pessoa me manda uma mensagem, não reconheço o número, clico na imagem e reconheço de imediato a Trisha me enviando uma rajada de nudes.

Não baixo as imagens, pois não me sinto curioso.

Fêmeas é o que não me falta.

Ructon permanece olhando a vida dos outros, quase caindo da janela de tão concentrado.

Zapo para o lado dele.

— Me dê um bom motivo para não arrancar seus olhos, Ructon?

— A Grace tem outro macho veja o senhor mesmo. Todos os esforços do Rudá foram inúteis.

Ele me entrega o binóculo, ainda sem acreditar vou na onda do meu servil e espiono a lojinha da Grace, tem realmente outro macho sentado em uma das mesas da sua loja.

Grace serve um cupcake e senta-se ao lado dele.

— Quem é esse? — Não era pra ter importância, pois nenhum macho da cidade a quer.

— Ele é novo aqui. Não deve saber dos boatos — Isso é um problema... — Faz o tipo da Grace em todos os sentidos.

— Problema dela. — Devolvo o binóculo, raspo a borda da boca com o polegar. — Ela vai ver como reajo a isso. Compre algo para ela Ructon, um vestido lindo, um sapato também.

— Acho que ela não faz esse tipo de mulheres, que aceitam presentes e em troca dão a xoxota. — Ructon tem uma cara tão convencida.

— Não é por isso, vou convidá-la para um encontro e ela não tem roupas apropriadas, não vou sair com uma velha ao meu lado, tão pouco quero vê-la usando a roupa da irmã, é broxante, pois não gosto dela. — Pauso

e respiro um pouco. — Só tenho mais algumas semanas para trazer Grace para minha cama.

— Se é assim tudo bem. — Ructon estende a mão, — O cartão por favor, meu senhor, pois não tenho um centavo.

— Você anda jogando dinheiro fora seu idiota? — Vou até meu cofre, Ructon me segue.

— Não, meu senhor. São apenas investimentos.

— Apostas você quer dizer, e nem para isso você serve. Vive perdendo dinheiro. — Depois de digitar a senha, o cofre que fica atrás da minha cômoda se abre, pego o cartão que o Rudá me deu e alguns malotes de dinheiro.

Ructon arregala os olhos de viciado em jogos. Ele não é louco de me roubar, pois arranco a língua dele e penduro em seu nariz.

— Aqui. Compre um barco também, baixei a imagem no meu celular. — Bato a porta do cofre.

— Ainda sobrará muito, meu senhor, a não ser que queira comprar um vestido de diamante para lady Grace. — E existe? Não é uma má ideia.

— Compre algo sofisticado e sexy, e vermelho.

— Anotado. — Ructon desbloqueia meu aparelho, ele sabe a senha. — Hora da limpeza, vou excluir essas fotos pornográficas do seu aparelho, Lady Grace não vai gostar nada se um dia descobrir que o senhor é um tarado.

— Ela já sabe disso.

Ignoro as especulações do Ructon e zapo para o banheiro.

Depois de tomar um banho, me visto com roupas mais apropriadas.

Zapo para a cozinha e para minha surpresa tem um par de chinelos ao lado do balcão e uma costa larga com a cabeça enfiada na geladeira.

Não acredito nisso.

Miserabilidade!

— O que faz aqui?

— Olá, irmão. — Jandir levanta-se com uma garrafa de iogurte, o bigode melado dele, e o pior está sem camisa mostrando o peitoral peludo. — Senti sua falta também.

Isso é péssimo, o Rudá deve estar por perto também.

— Ainda não passei o prazo...

— Se fala isso é porque ainda não levou minha cunhada para a cama. — Me olha preocupado. — Não tem nada de gostoso nessa geladeira. O cheiro vindo do outro lado da rua é muito apetitoso.

— Nem se atreva a ir lá. Já disse, dessa semana não passa.

Jandir está apenas de calça jeans.

— Tudo bem irmão não se sinta pressionado. — Toca em meus ombros. — Não vim aqui pra isso.

— Onde está o Rudá?

— Do outro lado da rua conhecendo nossa cunhada. — Jandir não mente. E ele fala com naturalidade, não é maldoso. — E olha só, tentei provar um cupcake dela e tudo que consegui levar foi um tapa na mão.

— Mas que inferno!

Zapo para a loja da Grace, o homem que estava com a Grace não está mais na loja, no lugar dele encontro a Grace surpresa com a minha aparição.

Rudá está de costas para mim, sei que faz aquela expressão convencida e distante. Odeio isso nele, me trata como uma criança incapaz de resolver seus próprios problemas.

— Existe quantos de vocês? — Grace está pálida — Eu juro que esse aqui eu não invoquei.

Ela parece perdida, para nossa sorte a Judite não está, se tivesse ele entraria mesmo assim e depois apagaria as memórias dela.

— Pelo visto ainda não sabe nada sobre a gente. — Diz Rudá.

— Não eu... — Ela está encurralada, confusa e amedrontada.

Tento controlar minha fúria.

— Deixe-nos Rudá. — Peço.

— Somos irmãos, Grace. — Rudá me ignora. Abaixa-se e cumprimenta minha fêmea, me fazendo parecer um bárbaro. — Foi um prazer conhecer você, e a sua confeitaria... Adocica.

Grace cora.

— Tu-tudo bem...

Franzo a testa.

— Chega Rudá, depois conversamos.

— Não. Só me procure quando tiver feito. — Rudá me lança um olhar superior e desaparece.

Passo a mão na cabeça de alívio, Grace ainda me olha sem entender o que aconteceu.

— Ele falou alguma coisa com você?

— Não. Só me trouxe flores. — Aponta para um arranjo de orquídeas no balcão. — Lindas, muito gentil da parte dele.

— Grace presta atenção. Você... hm... Quer ir a um encontro comigo no domingo?

Ela abre a boca para responder, depois fecha.

— Não posso. Tenho outro compromisso.

— Igreja?

— Não.

O quê?

— É um encontro também, sabe como é, faz tempo que um cara não

me convida pra sair, não posso perder a chance.

Aperto olhos e tento apagar a nuvem em minha mente, o fato que Grace vai a um encontro me deixa desconfortável e o que é isso?

Merda.

Não posso deixar o Rudá se meter em minha vida. Eu não tenho culpa da minha fêmea ser assim.

— Espero que seja um péssimo encontro, da mesma forma que será um péssimo domingo para mim.

Zapo de volta para boate e não encontro mais nenhum dos meus irmãos.

Jogo-me no sofá, agora terei que vigiar a Grace e seus machos e garantir que nenhum deles toque nela.

Preciso descobrir quem é o macho e fazer ele desistir da Grace.

Não.

Isso está errado, se ela descobrir não sei o que será de mim, rio, estou com medo de uma pequena humana inofensiva?

Não deixei que o Ructon devolvesse o vestido, ele mesmo fez a entrega, Grace não recusou.

Sigo-a sem que ela perceba, Grace anda distraída pelas ruas e não percebe que está sendo seguida por mim, qualquer coisa de ruim a qualquer momento pode acontecer com ela.

Ela é tão frágil...

Ela para e conversa com uma senhora, sigo a bunda firme dela em uma calça jeans. Grace entra no consultório odontológico em pleno sábado a essa hora da noite.

O que ela vai fazer nesse lugar?



CAPÍTULO TREZE

Elie Anjo - Demônios Reais

Tenho a sensação estranha que estou sendo seguida.

Eric me mandou uma mensagem mais cedo dizendo que era para encontra-lo a essa hora da noite em seu consultório, deve ser o único horário disponível em sua agenda.

Não me apego a isso.

Dou dois toques na porta do seu escritório, ninguém atende então abro a porta de vez, tudo está revirado, tudo o que aparentemente estava na sua mesa está no chão e no lugar dessas coisas o corpo da minha irmã com o Eric por cima dela.

Arregalo os olhos ainda perplexa, observando os dois safados se pegando e fazendo sexo na mesa dele.

Meu corpo treme de repulsa e ódio. Não acredito que a Trisha se sujeitou a isso, se envolveu com um homem comprometido.

Meu coração palpita e arde com o choque.

Desde quando isso está acontecendo?

Ele me traiu com ela quando estava comigo?

Quero sair daqui desesperadamente, mas também quero enfrentar tudo isso de uma vez.

Levo a mão ao peito como se fosse conter as fortes palpitações que ele dá.

— Por favor, não, não. — Dou uma voadora de bolsa neles.

Arremesso minha bolsa com tudo.

— Grace? — Eric se levanta e desvio o olhar para não ver o pau dele.

— Que horror meu Deus! Que horror. — Cubro meu rosto.

— O que faz aqui? — Escuto o barulho do zíper se fechando.

— Você quer me torturar Eric, me mandou a mensagem para ver o grande filho da puta que você é.

— Eu não mandei mensagem alguma. — Ele encara Trisha rindo na mesa. — Merda Trisha, eu disse pra deixar sua irmã em paz!

— Já está na hora dela saber de tudo Eric. Sobre nós, sobre nosso bebê.

— Então o bebê... — Dou para trás.

Sinto um furor tão grande.

— Por que Tris? Por que você fez isso? Você nunca gostou de mim nem um pouquinho?

Ela nada responde, me afasto em direção a porta, quero correr, porém me falta força nas pernas e ânimo para enfrentar o que tiver do lado de fora.

A porta é escancarada por uma mão coberta de tatuagens e metais.

— Você não precisa passar por isso Grace. — Raony antecipa os passos em minha direção devolvendo um pouco do chão pra mim, — Não sozinha. — Abraça-me de uma maneira tão protetora, me encolho ainda com a cabeça tentando processar tudo.

— Raony? O que faz aqui? — Não vou olhar para Trisha, não quer

vê-la nunca mais.

— Não é da sua conta sua vadia. A propósito como conseguiu meu número? Não me mande mais seus nudes broxantes. — Ele me aperta mais ainda, desce a mão até minha bunda, não acredito que ele está me tarando em um momento como esses. — Já tenho a mulher ideal.

Golpeia minha bunda com uma tapinha.

Afasto-o, preciso pegar minha bolsa, Eric me entrega a bolsa. tenho nojo só de saber onde essa mão estava.

Olho bem no fundo dos seus olhos e digo:

— Só tenho pena da Helena, você é um lixo Eric. — Desafio Trisha com um olhar. — Vou queimar todas as suas roupas Trisha, todas as suas malditas roupas. E a partir de agora, se vire!

Passo por Raony.

— Veio a pé?

— Sim.

— Preciso chegar em casa antes dela.

— Tem um jeito de isso acontecer. — Ele segura minha cintura pressionando meu corpo de modo que fique em sua frente, presa em seus braços. — Já zapou na vida, Grace?

Como se alguém estivesse apagado as luzes e quando se ascende estou em meu quarto com as minhas coisas.

— Mas como isso é possível?

— Tudo é possível nesse universo. Agora que tal desgastar sua ira fazendo outra coisa mais gostosa do que queimar a roupa da sua irmã?

— Saí pra lá safado. — O empurro, o mais incrível é ver um sorriso desenhado em sua bochecha.

E que sorriso.

Jogo a bolsa na cama e corro até o guarda roupa, na parte onde estar às roupas dela.

— Dá pra fazer uma fogueira.

— Podemos tocar fogo em tudo de outra forma. — Ele se joga na minha pequena cama, a perna dele ultrapassa e acaba sendo engraçado. — Não vai se arrepender. Porém prefiro em minha cama.

Bufo e embolo as roupas em um lençol.

— Deixa isso aí Grace e vem cá. — Raony faz esse negócio de zapar e fica atrás de mim, me joga na cama e caio por baixo dele, segura firme nos meus pulsos. — Seria um macho muito terrível se não consolasse você.

— Você vai me beijar de novo?

Ele está com a boca quase colada na minha.

— Não como da última vez. Quero um beijo quente com direito a uma gozada sua. — Ele levanta meu queixo. — Bem gostosa Grace.

Isso me deixa excitada, aí Cristo.

Sou uma Grace totalmente livre quando ele me beija dessa forma, ele agarra meu cabelo e me toma mais pra si.

Minha boca sente o impacto de um beijo exigente, voraz, nos funde de uma maneira incrível, rápido e esfomeado, devora-me, retribuo o puxão no seu cabelo e ele solta um gemido, sua ereção cresce entre minhas pernas e é bom tê-lo encaixo tão perfeitamente em mim.

Concentrada no barulho de roupas se esfregando, pressiono mais meus joelhos em sua cintura.

Raony desce a mão em minha cintura e puxa minha blusa subindo até a altura do meu sutiã, porém não tira, apenas tateia a procura de pele, seu cheiro de macho me deixa louca, estamos colados.

Cada volta que nossas línguas dão eu fico mais sem ar.

Ele me firma debaixo do seu corpo, puxando pela minha cintura.

Minha mente tenta me trazer para realidade, mas eu não quero, está tão bom, agitado e perfeito, o barulho de algo se rasgando tira-me do torpor, ou não, ele rasga minha blusa e gemo.

Raony está sem fôlego e focado no que acabou de descobrir:

— Seios perfeitos. Cabem na minha mão.

Ele tem um poder com essa voz, com essa confiança.

Me toca de maneira livre, tira meu sutiã com os dentes, não o tirando completamente, sua língua escorregadia traça um caminho entre meio seio e meu pescoço, minha cabeça está tombada para trás com os dedos dele prendendo meus cabelos e mantendo ela ali.

Arrepiada, ofegante e com meu corpo em chamas agarro-me ao seu ombro, cravo as unhas e arranho o tecido, sentindo a textura da sua camisa de seda.

— Diga se essa não é a melhor forma de colocar fogo nas coisas? — Distribui chupões em meu pescoço, só que agora descendo em direção ao meu busto.

— Sim... Por favor, não para. — Hoje não quero mais ser eu, quero ser uma Grace dona das minhas próprias vontades, sem aparência, sem medo de sentir prazer.

Eu quero tudo o que me privei durante esse tempo todo, vivendo para os outros na esperança de ter algo que na verdade nunca tive.

Eric nunca foi meu de verdade.

Agora minha cabeça descansa no travesseiro e Raony caí de boca entre meus seios, apalpa-os com as duas mãos.

Gemo alto ao sentir sua língua tocar o bico do meu mamilo, rodeando-os, tentando-os, me incitando e fazendo com que fiquem lambuzados.

Morde, puxa e faz barulho.

Mama desesperado.

— Por Oric, Grace! — Prende minha cintura e roça sua ereção na minha perna a cada sugada, ou lambida perfeita.

— Oh sim... — Minha calcinha está encharcada.

— Seu cheiro me deixa louco, cheiro de mulher louca pra dar, melada e pronta pra receber meu pau. — Seu jeito sujo de falar não me causa pavor, me deixa mais sem pudor ainda. — Diga-me Grace, você nunca foi fodida com a língua?

Meu rosto queima, porém não me abato, estou totalmente entregue a essa luxúria que nos cerca.

— Não... — Murmuro.

— Então você terá uma chupada inesquecível. — Ele mergulha em meus mamilos. — Inferno. Quero provar você todinha.

Porém sou eu que salivo ansiosa com expectativa, com o coração martelando, pulsando pelas sensações novas em meu corpo. É atormentador e quero me aliviar, colocar tudo para fora e ao mesmo tempo não quero que termine.

Ele encontra a umidade entre minhas pernas após desprender o zíper da minha calça Jeans.

Murmura alguma coisa, grunhe e parece perder o controle. Isso me faz me sentir poderosa, pois consigo deixar alguém ensandecido por mim.

Alucinado.

É dessa forma que ele me beija, me lambe, marca-me com seus toques.

Ele toca em meu clitóris e me reviro no colchão respirando com intensidade, apertando mais meus joelhos em volta dele, ele passa as mãos na minha umidade e leva os dedos na boca, lambendo com lascívia.

— Aqui em baixo está melado. Gostoso... — Ele grunhe e abaixa mais minha calça.

Desliza com dedos apressados, beija meu abdômen, logo abaixo do

umbigo, vai descendo e tateando a lateral da minha cintura com os dedos inquietantes.

Quando penso que ele vai descer de vez e encontrar minha intimidade palpitante, e cada vez mais melada, ele apenas inclina a cabeça e lambe em direção ao meu quadril.

Arrepio-me sentindo um pouco de cócegas, mas nada supera minha boca seca.

Raony nota minha sensibilidade para cócegas e morde minha cintura, depois meu quadril, apertando minha pele com os dedos, boca, uma sensação gostosa de prazer e travessuras.

É bom e sorriso.

— Você sente cócegas. — Ele diz com a voz mais incrível que já ouvi, carregada de tesão.

— Hum rum...

— Quero descobrir tudo sobre seu corpo, sobre você. — Desliza a minha calça e tira por completo. Aperto os olhos arfando, minha pele pinica e transpira desejosa excessivamente por algo a mais, o quero me tocando naquele lugar. — Não feche os olhos, não perca a melhor parte. Olhe para mim.

Foco nele de joelhos com a boca inchada, me orgulho saber que eu causei isso nele, os cabelos bagunçados e camisa amarrotada, é hipnotizante ver tudo isso.

— Não vou fechar. — Aperto os punhos nos lençóis da cama. — Por favor, continue.

Seu sorriso convencido me afeta, deixando-me mais angustiada por ele ainda.

— Safada vai ter que esperar, pois quando chegar lá em baixo eu quero chupar toda a sua lubrificação. Saber que você está assim por mim me deixa louco, eu preciso me embriagar.

Puxa-me pela lateral da calcinha, sou obrigada a seguir seus

movimentos, vira o meu corpo deixando-me de quatro com os seus dedos presos em minha calcinha, brincando com ela, fico apoiada na cama pelo cotovelo enquanto ele me castiga tirando vagarosamente minha calcinha preta.

Ainda bem que estou com uma calcinha nova de renda, ele beija a covinha da minha bunda, depois um lado da nádega, depois outro, o tempo todo com a palma da sua mão apertando a carne de maneira persistente.

Balanço toda vez que ele me puxa mais pra sua boca ousada, suga, beija e minha bunda com certeza já deve estar vermelha.

— Foda. Sua bunda é muito gostosa a quero também.

Engasgo-me quando sinto o contato da sua língua nas minhas dobras.

Raony solta um rosnado.

Parece me avaliar, conhecer meu corpo, ver o que eu tenho para oferecer.

Prende minha calcinha de um modo que pressiona minha vagina, e também entra no meu rego.

— Toda enfiada, não sabe as coisas que estou fantasiando nesse momento.

Solto um gemido ao sentir a renda castigar meu clitóris a mão dele está presa entre minha pele e a calcinha, fazendo ela de puxador, separa ela da entrada do meu rego e dá outra lambida mais demorada nele.

— Aí... — Não consigo controlar.

Ele dá um tapa em um lado da minha nádega, sinto um ardor que cresce e faz meu corpo estremecer de prazer.

— Continue afoita Grace e não sairá dessa cama hoje.

Raony vira meu corpo deitando-me de frente para ele.

Escorrega sobre meu corpo de maneira ágil até ficar entre minhas pernas, abre-as, e toca com os dedos no triângulo da minha vagina, ainda estou de calcinha, embora esteja sensível demais até consigo sentir a umidade

dela.

— Não me torture... — Peço manhosa.

Raony prende o olhar em mim, analisando toda minha situação.

Finalmente ele tira a minha calcinha, rasgando a lateral dela, não sei como ele fez isso sem usar esforço algum.

Uma calcinha rasgada na cama e um demônio faminto me olhando como se fosse me devorar.

Ele se aproxima mais e cheira o ar, fecha os olhos e meneia a cabeça captando algo, parece uma fera sendo domada por um simples cheiro, seu olhar está carregando uma luxúria contagiosa, me faz sentir um prato em cima de uma mesa.

— Seu cheiro... Vou me banquetear de você — Diz abrindo mais minhas pernas. — Quero essa boceta toda pra mim.

Ele imerge entre minhas pernas, o contato da sua respiração com minha intimidade me deixa alucinada.

— Ah, sim... céus!

Escorrega sua língua entre minha intimidade de um lado para o outro, em círculos, me chupando, limpando tudo.

Toco em seus cabelos noto sua calça com um volume monstruoso.

— Delícia. — Ele diz com a boca colada na minha boceta, fazendo tudo vibrar com sua voz rouca e dominadora.

Estimula meu botão com o polegar enquanto sua língua vai mais fundo em mim.

Minha perna enfraquece, sinto-a pesar, porém meu corpo está leve, Raony entende e segura minhas panturrilhas impedindo-as de desabar sob o colchão.

Meu peito sobe e desce intensamente. Vagueio em uma mente incoerente, está tudo desconexo.

— Oh, céus eu vou...

— Goze Grace, deixa essa liberdade dominar você.

É arrebatador e cheguei a um ponto culminante, ninguém mais me alcança, sinto-me livre, longe de tudo e de todos sem nada para pensar, exigir, em branco, tudo em branco, sinto apenas prazer em seus toques.

Ele traga minha boceta bebendo tudo.

— Cremoso, meu doce viciante. — Tira sua calça de maneira atrapalhada. — Não vai me fazer melar minha calça querida.

Ainda estou sentindo o efeito do meu gozo quando Raony segura seu pau e se masturba por alguns segundos.

Os músculos dele tencionam e pronuncia algo como um rugido.

Mira em meu ventre e olha fascinado enquanto seu pau pincela com jorradinhas de gozo. Joga a cabeça para trás, ofegante e possesso, mas todo tempo com a outra mão com as unhas cravadas em minha cintura.

Apenas consigo focar no teto, ainda não é hora de olhar em seus olhos, não quero saber o que tem lá. Segundos se passam e ele continua parado me admirando.

Depois se joga ao meu lado na cama.

— Arrependida?

— Não!

— Ótimo, pois tem mais. Porém eu sei que você quer queimar as roupas da sua irmã, então vou deixar você em paz...

Seguro sua camisa antes que ele se vá.

— Fique. Pode me ajudar a queimar?

Ele concorda em silêncio.

— Eu gostei Grace, quero mais, quero você. Tudo. — Diz e segura minha mão. — E também não tem nada mais gostoso do que ver você toda

vermelha e melada de minha porra.

O pressionar da mão dele desaparece, Raony se foi. Levanto-me desamparada com o sumiço dele.

Foi embora?

Estou toda melada, toco no gozo dele no meu ventre, tenho vontade de experimentar, curiosa pelo mais os dedos e levo até a boca, porém antes de provar Raony aparece no quarto novamente com uma toalha.

— Não se preocupe querida tem muito mais de onde saiu esse. — Merda fui pega.

Ele senta-se na cama com o pau grande debaixo das calças.

— Eu hum... — Atrapalho-me.

— Queria provar Grace, isso é normal. — Ele limpa minha barriga, — Mas não deixa de ser safado, minha safada, **my little naughty girl*.

— Eu não sou isso! — Faço muxoxo. — Sou um anjo.

— Os melhores de se foder.

— Você sempre fala pornonês? — Brinco com a mecha do seu cabelo que caí em sua testa.

— Gosto de falar coisas sujas enquanto fodo, melhor se acostumar.

— Como se você fosse me foder um dia.

Ele arqueia a sobrancelha, um misto de surpresa e melancolia atravessa suas feições.

— Acabei de foder você com minha boca, na próxima, Grace, não serei piedoso.

— Ui. — Gargalho.

Ele acaba rindo um pouco.

— Vou lembrar desse "Ui", vou fazer gemer ele muitas vezes. — Ele pega de volta a toalha. — Então vamos fazer uma fogueira na porta da sua

casa?

— Sim! Depois tomo um banho.

Ele saiu do quarto.

Suspiro.

Não posso deixar transparecer o quanto ele me faz bem, não posso me apaixonar por ele.



CAPÍTULO QUATORZE

Elie Anjo - Demônios Reais

Não sei o que está acontecendo entre a gente, ela é minha, disso eu sei, porém algo diferente aconteceu quando a Grace entrou naquele consultório. meu instinto de proteção ficou em alerta. Ninguém machuca o que é meu e esse tal de Eric vai pagar caro por isso.

Grace faz uma fogueira com algumas caixas de papelão.

— Quer que eu ascenda agora? — Pergunto sentindo o meu cheiro nela, é apaixonante, o melhor cheiro do mundo é o nosso mesclado no corpo pequeno dela.

— Sim, por favor. — Ela abraça o corpo e eu a puxo em um meio abraço. Não gosto de vê-la triste. — Ela é minha irmã mais nova...

Beijo seu ombro, fico por trás dela e enlaço sua cintura, bebo um pouco da cerveja que peguei em meu apartamento, enquanto ela fazia a fogueira zapei pra lá sem que a Grace percebesse.

— Eu não entendo, nunca me importei com meus irmãos. Eles já são bem grandinhos e imortais.

Estalo os dedos e o fogo começa a crepitar, estamos em uma posição que a fumaça não nos atinge, sapatos, botas, cintos, bolsas, roupas nada da Trisha restou em sua casa.

— Sobre o que aconteceu... Eu não quero que pense que vou ficar correndo atrás de você por isso. Não se preocupe.

Acabo rindo.

— Deixa isso pra mim, estou correndo atrás de você.

— Por que me deixou daquela vez? — Noto o corpo dela ficar tenso.
— Por que fez de tudo pra ficar longe de mim?

— Tem muita coisa que ainda não posso explicar.

Ela fica imóvel, porém sinto seu coração bater mais forte. Ainda não é o momento de revelar tudo para ela, que Grace está destinada a ser minha, é mais seguro ir aos poucos, ela já tem muitos problemas pra lidar.

— Garota, você precisa de ajuda financeira. — Ela tenta sair de perto de mim e eu a prendo de volta, segurando firme pela sua cintura.

— Eu já disse que vou vender a loja.

— Não vou deixar você ir pra longe de mim, Grace.

— E por que não?

— Porque você é minha querendo ou não, mas hoje você confirmou que me quer. Então sem outro macho.

Não divido o que é meu.

— Isso quer dizer que não vou poder ir para o encontro amanhã?

— Não.

Jogo a garrafa no ar e a mantenho, fazendo com que fique rente ao rosto dela, apenas a garrafa flutuando no ar.

— Estou falando sério. — Viro o corpo dela fazendo seu rosto colar em meu peito. — Não confio naquele homem, não o quero perto de você.

— Isso por acaso é ciúmes?

Ela ainda não sabe o que é ter um macho possessivo e pode ter certeza que esse não sou eu nesse exato momento, estou realmente preocupado com a sua segurança, desde que descobri que tentaram matar minha fêmea quando era criança.

Ela não está segura, essas mesmas pessoas podem estar por aí. tenho

que encontrá-las.

Acaricio seus fios loiros e beijo sua testa.

— Entenda como quiser.

— Olha aqui. Não tente alimentar falsas esperanças, eu não quero ser passada para trás de novo. — Ela franze as sobrancelhas.

— Não tenho escolha Grace, acredite é você e só você, portanto escolha a mim também.

Quando ela fica pensativa faz uma cara única, é engraçada e demonstra o quanto está perdida em pensamentos.

—Tá! — Responde e retribui o abraço. — Esse é o relacionamento mais louco que já entrei.

Espera... Relacionamento? Desde quando?

— Grace...

— O que é?

— Nada não. — Ela está me dominando. — Somos amantes.

— Amantes... Então quantos amantes nós podemos ter?

Afasto o corpo dela, reagindo a fera possessiva dentro de mim, ela me encara um pouco surpresa.

— Você nenhum. Tire essa ideia da sua cabeça, que outros podem ter. Me entendeu?

— Calma aí, calminha...— Ela ri. Tá adorando me provocar. — Espera, mas e você? Não vai me fazer de trouxa e sair por aí tendo outras?

Sem me conter solto uma gargalhada, eu não costumo rir.

— Onde nossa conversa veio parar. Que merda de conversa é essa? — Fito o céu com as mãos na cintura dela, com a cabeça encostada na parede. — Não temos um relacionamento e estamos falando desse jeito.

— Bom, somos amantes. — Pra ela tudo não passa de uma

brincadeira de algo que uma garota inibida de fazer agora é capaz de fazer.

Tiro os fios dos cabelos que esconde a marca em seu pescoço. Será que se eu fizer da Grace minha, ela fugiria de mim depois?

Não posso me arriscar, ela é jovem, ingênua e imatura, ainda está desabrochando, sua cabecinha está cheia de sonhos e loucuras que ainda não viveu, precisa explorar mais sobre si mesma, ela não vai suportar ficar presa a uma fera centenária como eu.

— Então Raony não sei muita coisa sobre você. O que você faz, o que você é... Você é tão arrogante que as vezes parece que tem um rei na barriga.

— Sou um príncipe.

— Como assim um príncipe? Você é muito cafajeste pra ser um príncipe.

— Não terei isso como uma ofensa. E acredite, as humanas gostam mais dos cafajestes do que dos príncipes, por sorte eu sou os dois.

Seu corpo treme em uma gargalhada.

— Bom, tive que pedi pra sair do emprego na boate.

— Por quê?

— Lady Laura ainda não voltou.

— Vou resolver isso, embora não goste da ideia de você indo para cidade vizinha tarde da noite.

— Não é perigoso.

— Obviamente é.

Grace não fala nada.

Pega uma mecha do seu cabelo e põe para trás, prende em um coque feito com descaso, não fica feio, porém desprendo de volta.

— Deixe-os soltos. Quer ir a um encontro comigo? Com garantia que só voltará no dia seguinte?

— Certo. Combinado. Uso aquele vestido? — Fala empolgada.

Por Oric, ela é muito jovem, já estive com mulheres da mesma idade que a dela, porém eram vividas e maldosas. as vezes Grace parece uma criança em busca de aventuras. Não sei se um dia vai existir uma convivência entre a gente.

— Busco você as vinte horas. — Dou um selinho em sua boca. — Amanhã. — Acrescento.

Desvencilho-me do seu corpo.

— Até breve.

— Entra. — Me certifico que ela entrou e que o portão esteja bem trancado.

O que está acontecendo com você, Raony...

Estou sendo levado por um caminho sem volta e espero que a Grace esteja comigo até o fim.

Zapo para a mansão sombria, a residência do Rudá, fica em uma imensidão florestal e nenhum humano se arrisca a entrar, somos donos disso tudo.

Estou no salão de entrada e começo a zapar pelos cômodos a procura dele.

Encontro o Rudá em uma das salas próximo ao seu quarto, a lareira está acesa e ele está sentado em uma poltrona de perna cruzada lendo um livro usando óculos — e não há necessidade de usar óculos, ele usa por charme.

Sua cabeça está apoiada em descaso em seu punho com o cotovelo repousando no braço da poltrona vermelha, a minha chegada não o surpreende.

— Pelo seu cheiro vejo que teve um progresso com a humana. — Fecha o livro.

— Sim. — Fiz questão de ir até ele com o cheiro da Grace em mim.

— Faltam poucos dias.

— Eu sei.

— Traga ela para jantar com a gente amanhã. — Sabia, ele já estava planejando algo.

— Tenho um encontro com ela amanhã.

— Traga a humana. — Quem ele acha que é para me dar ordens? — Os outros estão ansiosos para conhecê-la.

— Não. Nem fodendo. — Acabo rosnando, ele me lança um olhar de repreensão, seus dedos inquietantes começam a dar toques no braço da poltrona. — Em resumo um bando de macho olhando pra minha fêmea. Não.

Ele molda um sorriso no canto da boca, se é que posso considerar isso um sorriso, é o mais próximo que chega.

— Não é hora para dar atenção para seu lado possessivo, será apenas um jantar com nossos amigos.

— Não tenho amigos.

— Não importa qual seja a situação você sempre continuará o mesmo egoísta.

— Foda-se Rudá, foda-se. — Acabo perdendo o controle.

— Você não passa de uma criança mimada, Raony, ainda me pergunto o que será da sua fêmea.

Quero ver quando chegar a vez dele, se vai continuar com essa mesma postura de macho controlado, como eu desejo que a fêmea dele faça ele perder a cabeça como a Grace faz comigo.

— Não a quero como minha, não pedi isso. Só é essa maldição que nos une.

Rudá levanta-se pomposo e caminha até a janela.

— Você não a quer porque não quer ter responsabilidades. — Eu o odeio. Merda. — Ou você a quer desesperadamente nesse exato momento,

mas está se negando por medo.

— E o que você quer que eu faça? Não sei o que vai acontecer com a Grace, sou imortal, ela não... Alguém tentou matá-la.

Ele zapa até onde estou, próximo a mim.

— Isso você não me contou. — Como pode permanecer tão calmo?
— E sobre a imortalidade dela, se você não tivesse destruído o livro, saberíamos o que fazer.

Não fui eu, foi a Tris. aquela maldita deu fim nos escritos da maldição, antes mesmo de sabermos ao fundo como funciona.

— Trarei a Grace, porém é apenas um maldito jantar, se ela se sentir desconfortável a levo de volta.

Concorda e toca em meus ombros.

— Obrigado pela compreensão, irmão.

Merda.

Zapo de volta para meu apartamento, aquela mansão velha já passou por várias mudanças, era um castelo antigo e poucos sabem da sua existência.

Espero que a Grace não desista de passar a noite comigo depois de conhecer um pouco mais a minha família.



CAPÍTULO QUINZE

Elie Anjo - Demônios Reais

— Certo. Grace, você consegue. Vai fundo, ou melhor enfia fundo! — Olho pra banana na minha frente e enfio na boca. Merda. Não achei que fosse tão difícil, engasgo-me.

Estou sozinha na cozinha do restaurante, porém quando a porta se abre Judite entra com o saco de cacau em pó que pedi para ela comprar.

— Meu Deus, Grace. Você não aguenta vê uma vergonha que já quer passar. — Ela zomba de mim enquanto cuspo a banana. — Que loucura é essa agora?

Meu rosto esquenta.

— Estou aprendendo a fazer aquilo...

— Um boquete. — Ela joga a sacola no balcão. — E por quê? — Seu olhar está cheio de especulações.

— Porque alguém fez em mim e quero retribuir, mas não sei como fazer. — Falo desesperada.

— Perdeu a virgindade e não me falou? Que cara é esse?

— Não! — Contenho suas acusações. — Ainda não aconteceu só foi isso beijos e um oral... dele.

— E quem é ele?

— Raony. — Falo baixo.

Judite leva a mão ao peito.

— O demônio sexy? — Suspira e faz uma cara safada. — Pra começar o pau dele deve ser bem maior do que essa bananinha que você escolheu.

— Sim, é enorme. — Faço uma medida separando as mãos. — Mais ou menos isso aqui amiga.

Judite lambe os lábios.

— Porra que cacete. Deve fazer um belo de um estrago.

Como posso conversar isso de uma maneira tão livre com Judite? O que o Raony está fazendo comigo?

Não. Eu quero isso, quero aprender coisas novas e que vão me dar prazer.

— Sim, fico imaginando como será. Ele me chamou pra um encontro e disse que eu tenho a garantia de só voltar no dia seguinte. — Explico a situação toda para ela.

— Merda, Grace, que inveja. — Judite coloca a mão na cintura, está pensando em alguma coisa. — Pra começar você precisa de algo maior pra treinar. — Vai até a geladeira onde guardo algumas compras pra fazer minhas refeições. Ela remexe um pouco e sai com uma calabresa. — Isso deve servir é grande, grosso e tem um gosto bom. — Lambe a boca e me entrega. — Comece!

Arremesso a banana na lixeira e pego a calabresa, engulo em seco quando dobro em meus dedos.

— Isso é muito grande.

— Exatamente, é perfeito. comece a lubrificar a extensão dele, envolva com a mão sinta a espessura do pau dele, mova pra cima e pra baixo.

Porque a Judite está com os olhos tão arregalados? É só uma calabresa, não um pau. Meus Deus, eu me sinto tão boba.

— Pervertida! Você entende muito de boquete. Safada.

— Lembre-se, quanto mais fundo engolir melhor, e na garganta... Prenda a respiração.

Coloco a calabresa no balcão.

— Isso é loucura nunca vou conseguir! — Passo a mão na testa. — E se ele não gostar? E se eu morder o pau dele?

— Ele vai ficar louco.

— Com a mordida? Não quero mordê-lo.

Judite gargalha.

— Não. Com o boquete... Se você morder o pau dele vai matá-lo.

Ela continua a rir.

Bufo e sorriso sem graça.

Pela noite, Judite me ajudou a me arrumar, maquiagem, unha e até o meu cabelo, porém tudo ficou mais perfeito ao vestir o exuberante vestido que o Raony me mandou, é vermelho com amarração no pescoço, deixa meus seios a vontade, os sapatos também são vermelhos e de salto alto.

— Ficou linda, amiga. — Judite me admira orgulhosa.

Olho frente ao espelho e o que vejo é uma Grace totalmente diferente, aspecto mais adulto, ousado, mulher fatal.

Pisco algumas vezes sem acreditar.

— Obrigada Judi.

— Agora tenho que ir. Tenho um encontro. — Judite pega sua bolsa e arruma seus estojos de maquiagens, depois me beija rapidamente e desce as escadas em disparada quando chega ao portão grita: — BOA FODA!

Juntos minhas mãos e o aguardo na sala, 19:45 e nada dele aparecer ando de um lado para o outro, estou nervosa e completamente assustada com a ideia que vou sair com alguém totalmente diferente de mim, sei tão pouco sobre ele.

Em uma dessas minhas idas e vindas, distraída piso em um sapato preto e me desequilibro.

— Aí. — Reclama Raony, que me segura pela cintura, me impedindo de cair. — Merda, não me atrasei.

Na verdade, são oito horas em ponto.

— Eu estava distraída, desculpa.

Me aprumo, segurando em seus braços, ele usa um terno preto e uma blusa cor de sangue por baixo, não usa gravata. seus cabelos estão para trás.

Da mesma forma, ele me avalia, fico na expectativa aguardando um elogio.

Porém ele parece tão surpreso, longos segundos de avaliação se passam e ele permanece em silêncio, pega a minha mão e faz meu corpo ficar colado ao seu em um puxão.

— Você estar perfeita. — Sussurra em meu ouvido. — Por favor, suporte por algumas horas aquela gente chata, depois prometo te levar para um lugar melhor.

Não entendi e nem deu tempo de perguntar, pois ele zapa me levando junto. Olho em volta e estamos em um salão com uma cúpula estonteante e o teto é tão alto, alguns sofás rústicos no canto da parede e uma orquestra tocando música clássica.

Só tem homens e cada vez aparece mais deles, zapando no salão.

— Oh meu deus...— Meus olhos devem estar arregalados.

— Sim você está no covil, não saia de perto de mim.

Balanço a cabeça, confirmando. Todos parecem ter muito dinheiro, se vestem de maneira luxuosa e o ambiente exala requinte.

Como um castelo de contos de fadas, no entanto, existem várias feras me observando.

— Por que me trouxe aqui? — Espero não ser o sacrifício esta noite.

— Exigências do meu irmão mais velho.

Três homens, ou melhor, demônios, vestidos elegantemente vem até mim. Reconheço o que me deu as flores, o que tentou me atropelar... E o que tentou roubar meu cupcake.

Exceto o mais velho, o sorriso dos outros é de deixar qualquer mulher sem ar. O da orquídea tem um semblante mais frígido.

Raony me segura pela cintura, caminha ao meu lado até encontra-los no meio do salão, gravei — O assassino da moto, — O ladrão de cupcake, — O galanteador das orquídeas.

Eles fazem uma reverência estranha, apenas sorrio.

— Essa é Grace Jane, minha fêmea perdição. — Apresenta Raony, mas não entendi a parte do "minha fêmea perdição", mantenho o sorriso tenso. — Grace eles são meus irmãos mais velhos: Marlon, Jandir, Rudá.

Na medida em que ele fala, cada um deu sinal de quem se trata.

— Um prazer conhecer minha cunhada tão esperada. — Jandir é o primeiro a beijar minha mão em seguida os outros.

Então me dou conta que os demônios usando máscaras cobrindo parte do rosto fizeram um círculo em nossa volta.

— Esses outros são como nós, eles vivem em seu mundo e não querem se identificar, pois são pessoas importantes. Entende? — Explica Rudá.

— Bom, espero que a cunhada venha nos ver mais vezes, e boa sorte em suportar o mau humor do Raony. — Brinca Marlon.

Por que eles estão me chamando de cunhada?

Raony revira os olhos.

— Uma dança. — Um dos demônios de máscaras pede. — Com a primeira fêmea perdição, pois quem sabe ela nos traga sorte e breve teremos a nossa.

Hm, tô boiando.

Os outros machos concordam, exceto Raony que diz:

— Acho uma péssima ideia.

— Ora, não seja ciumento irmão. — Marlon provoca.

Ouçó um fraco rosar do Raony.

— Tudo bem. É só uma dança. — Olho a minha volta e pergunto: — Quem será o primeiro?

— Grace... — Raony tenta me segurar.

— Deixe a Grace se divertir, vamos beber um pouco de vinho, irmão.
— Pede Jandir.

Só então ele me libera de vez permitindo outro demônio se aproximar.

— Opa, eu não sei dançar. — Confesso rindo.

— Não se preocupe tenho séculos de experiências pra te ensinar.

Hm, então deve ser muito velho...

Dançamos uma valsa (Eu acho), porém fui levada até o próximo parceiro de dança de modo peculiar, zapando de mão em mão. Girando, balançando... E de repente (ops) zapo para os braços de outro.

É tão divertido que acabo gargalhando em cada zapada, depois de um tempo nem precisei beber vinho pra me sentir tonta. Acredito que dancei com todos e foi tão rápido.

A brincadeira acabou quando zapei para os braços de Raony, notei o olhar dele em mim, sempre com uma taça de vinho na mão.

Sem fôlego pressiono o braço dele.

— Se divertindo, Grace?

— Bastante. Eles são uns amores, tão educados né? Gente! Onde se escondem caras assim... — Calo-me quando noto a fúria em seu olhar.

— Amores? — Ele aperta minha bunda. — Nesse exato momento todos eles ouviram o que você disse. O que me faz parecer um péssimo

macho.

Raony aperta meu corpo e zapa para um lugar mais frio, minha pele, que ainda está fervendo pela adrenalina maravilhosa da dança, nesse momento é castigada por uma rajada de vento frio.

Percebo que estamos em um barco.

— Onde estamos?

— No nosso encontro, ou você esqueceu enquanto se divertia dançando, pulando de macho em macho. — Diz em um tom chateado.

Desgrudo-me dele e cruzo os braços.

— Não tenho culpa de nada, você que me levou lá! — Segura meu vestido para o vento não suspender.

— Era pra essa noite ser perfeita, mas está dando tudo errado. pra começar você está cheirando aqueles machos.

— Olha aqui...

— Não quero te ofender, Grace. Isso é nosso, seu cheiro me excita e é broxante sentir cheiro de outros em você.

Meu rosto está pegando fogo. Ele me observa inquieto, me cheiro e não sinto nada de estranho.

— O que faço agora? Não sei o que fazer pra ficar cheirosa pra você.

— Merda. — Fala indignado. — Você é cheirosa Grace, muito... É que...

— Um banho resolve?

Droga. Sempre acabo estragando tudo meus olhos lacrimejam.

— Não chora, Grace...

— O que você quer que eu faça idiota? — Bato em seu peito. — Você acaba de dizer que meu cheiro é broxante e que esse encontro está sendo um fracasso e jogando a culpa em mim.

Segura meu pulso junto ao seu peito, prende o olhar severo nos meus.

— Desculpa não foi isso que eu quis dizer! Mas escuta Grace nosso encontro não é um fiasco, a noite só está começando.

Ele leva-me para o interior do barco, tem uma mesa posta para dois, vinho e frutos do mar, velas e rosas, pétalas no chão e na mesa.

— Você fez tudo isso?

— Pedi pra meu mordomo cuidar disso, porém acho que ele extrapolou.

— Está perfeito. — Minha raiva foi superada por um sentimento acolhedor de ser cortejada.

— Gostou mesmo? — Confirmo sorrindo. — Ótimo.

Raony aguarda eu me sentar, depois senta-se e serve minha taça.

— O que achou dos meus irmãos? — Parece apreensivo com a resposta.

— Diferentes, porém parece que se preocupam com você.

— Só são intrometidos.

— Mas e sobre isso de cunhada?

— São exagerados. — Fala em descaso e isso me deixa um pouco triste.

Como pouco, pois estou muito nervosa. Raony mantém uma conversa sobre o que ele gosta de comer, notei que não há doces. Não tem sobremesas.

— Você não come doces...

— Não. Se bem que ultimamente estou viciado em algo muito doce, eu não costumo comer, mas já comi e às vezes acabo experimentando.

— Sei como é... — Arrumo uma mecha atrás orelha.

— Vem cá. — Ele me beija de leve nos lábios.

Abro minha boca até lembrar que ele se incomoda com o cheiro de outros machos em mim.

— Me dá só um minuto, preciso ir ao banheiro.

— Tudo bem, mas não demore ou vou zapar e teremos nossa preliminar lá.

— Certo.

Levanto-me rapidamente e procuro pelo banheiro, passo por um quarto arrumado e encontro um banheiro depois dele, me dispo e entro debaixo do chuveiro de água morna. O mais estranho de tudo que é o mesmo sabonete que uso, o mesmo shampoo. Ele entrou no meu banheiro?

Uso um secador pra secar os cabelos, enxugo-me, cheiro o meu vestido não sinto nada de estranho. Deixo-o pendurado e saio apenas de toalha. Quando chego ao corredor tive uma ideia, espero que ele goste.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Elie Anjo - Demônios Reais

Grace está demorando, estou ansioso para fodê-la. Merda, não era pra ela saber do quanto o cheiro de outros machos nela me afeta, me deixa possesso não gosto que toquem nela. Ela está tão linda, Ructon fez um bom trabalho o vestido lhe caiu perfeitamente destacando suas curvas e enaltecendo uma beleza que só pertence a minha fêmea.

Minha... Ultimamente isso está saindo com tanta facilidade.

Olho novamente pra o corredor, sua demora está me deixando aflito, um par de pernas pequenas caminham timidamente em minha direção, subo o olhar deslumbrado por essa criatura tentadora, ela está totalmente despida, segurando uma toalha nas mãos com descaso e com o rosto enrubescido.

— Grace... — Babando por cada volta que dou em seu corpo, ela tem seios rígidos e médios, empinados e com o bico rosado, sua cintura pequena e quadril largo, não vejo pelos loiros, totalmente lisa, puxo o ar e capto o cheiro só dela, do seu perfume delicioso. — Por Oric, Grace, assim você acaba comigo.

E sem dúvida meu coração está irregular, surpreso, ainda não caiu à ficha que ela foi ousada a esse ponto.

— Só queria resolver a questão do cheiro.

Não me contenho e vou até ela esfomeado, ela não corre e se joga, me abraça e tomo sua boca, a pele recém banhada dela chega a ser um pecado.

Saboreio seus lábios em um beijo avassalador, sua pele é delicada, macia e cheirosa pra porra.

Carrego-a quase rodopiando e zapo para o quarto, só desprendemos nossos lábios quando a deito na cama.

Ainda de pé tiro, minhas roupas sentindo a necessidade pungente de tocar em seu corpo, provar, possuir, fazer dela minha.

Fico apenas de cueca boxer e me deito por cima dela, engulo sua boca de novo tocando sua cintura, ela retribuiu com a mesma paixão, enroscados, nos tocando.

Estou latejando para estar dentro dela, porém me contenho quando lembro que é a primeira vez dela.

Grace geme em meus lábios, mordisca e treme chamando meu corpo, persuadindo para tocá-la e é o que eu faço.

Enlouquecida, cruza suas pernas em minha cintura, arranha minhas costas, ombros, se esfregando na minha ereção mesmo com a cueca, sinto sua umidade.

Respiramos com dificuldade, como se estivéssemos acabado de fazer sexo, quando na verdade só estamos no início.

Tomo seus mamilos em minha boca, lambo, puxo causando barulho.

A luz reflete em seu corpo, pele fresca e cabelos um pouco úmidos cheirando ao seu shampoo — Foda-se adoro seu cheiro, seu gosto e gosto dela assim, selvagem, sem maquiagem, natural consigo ter tudo dela.

Estou rendido a algo que nunca senti. afundo meus dedos em seu cabelo, puxando sua boca, incitando seu tesão cada vez mais com voltas alucinadas em sua boca.

Desço a mão até encontrar sua intimidade que está incrivelmente encharcada. Então começo a masturbá-la com os dedos, rodeando seu clitóris inchado, ainda com minha língua enterrada na boca dela, ela está gemendo constantemente contra meus lábios e ficando cada vez mais sem ar, se contorcendo em cada toque em seu clitóris.

Afasto o beijo e encaro seus lábios inchados.

— Olha como você me deixa, Grace. — Minha voz está quase irreconhecível de tão rouca, guio a mão dela para sentir a dureza do meu pau ainda dentro da cueca. — Estou explodindo.

Solto as mechas dos seus cabelos bagunçados e desço a mão até a marca em seu pescoço. Seu corpo todo foi feito sobre medida para mim. Ela me atrai como nenhuma outra fêmea me atraiu.

Grace recupera o fôlego e fala:

— Eu quero tentar algo. — Surpreendo-me.

— O quê?

Ela se levanta ainda entre minhas pernas fico paralisado quando suas pequenas mãos abaixam minha cueca e envolve meu pau.

— Isso... Quero chupar você, Raony.

— Caralho garota. — Mordisco seu lábio inferior. — Você quer me foder com sua boca. — Introduzo dois dedos em sua boca.

Ela está corada, porém tem um olhar determinado isso me deixa mais ligado a ela ainda, Grace me surpreende a cada dia. fico de joelhos e tiro a cueca de vez, Grace fica de quatro com a bunda em posição oposta, dá uma olhadela para mim e diz:

— Ele é tão grande. — Engole receosa.

Eu rio.

— Não massageie meu ego, minha delícia.

Corajosamente ela toma meu pau em sua boca molhada, noto sua bunda redonda empinada se movendo pra se ajustar a posição, porém a meu ver soa mais como reboiadas.

Por Oric!

Meu pau lateja em sua boca molhada, ela não chupa por completo, mas a cada mergulhada sente-se mais confiante, baba no contorno todo, e

para me deixar mais louco ainda, geme como se estivesse saboreando, chupadas, lambidas e masturbadas perfeitas.

— Porra Grace que boquete gostoso. — Não resisto e seguro seu cabelo, movendo sua cabeça para frente para trás, ela engasga e mela tudo de baba. — Caralho...

Arfo e controlo a porra que já quer sair, ela é espetacular, sua pele limpa, e ela têm duas covinhas no cóccix. minha fêmea toca fogo em tudo, meu corpo está em chamas.

Afasto sua boca do meu pau com cuidado.

— Fiz algo de errado? — Gosto dela assim, submissa, não com medo, mas querendo me agradar me faz querer agradá-la mais ainda.

— Não, você foi perfeita.

— Treinei bastante.

— Muito safada.

Suspendo seu corpo e a deixo de joelhos rente ao meu, abro suas pernas a ponto de raspar meu pau na superfície da sua boceta encharcada.

Apalpo seus seios.

— Ah...

Puxo sua cabeça para trás segurando pelos seus cabelos, lambo seu pescoço, seu gosto e cheiro são únicos. Roço meu pau em movimentos lentos encaixado entre suas pernas, torturando sua boceta e seu clitóris.

Desço a língua em volta dos seus mamilos duros.

Devoro Grace com olhares persistentes em seu corpo, inebriado com tudo que vem dela. Não sabia que seria tão bom.

— Raony...— Sinto ela fechar as pernas apertando meu pau entre suas coxas, mesmo sem penetração alguma, roça desvairada e goza.

Separo o meu pau das suas coxas, molhado da sua lubrificação e recente gozada.

— Você quer ser fodida Grace e será, não apenas uma vez, mas várias.

Abraço suas nádegas com a palma da minha mão e a jogo na cama novamente, me encaixo nela e enfio meus dedos entre suas pernas sentindo a cremosidade, pronta para mim, pronta pra ser montada e possuída de toda a maneira que desejo nesse momento.

Porém minha mente lembra-me — Ela é virgem, tenho que ter cuidado para não a machucar, acima de tudo controlar a fera para não a tornar minha, não posso marcar a Grace.

Suspendo suas pernas fazendo com que trave ao redor da minha cintura.

Relaxo-a mais ainda, lambendo seu pescoço e chupando.

— Não vai doer do jeito que você está, meu pau vai deslizar.

Encaixo, empurro entre sua pele úmida, sentido o quanto ela é apertada, Grace me acaricia com uma das mãos presa em meu cabelo, outra no meu ombro.

Sedenta, ela beija meu pescoço me fazendo arrepiar ainda mais. Dá um chupão e arqueio com tamanho prazer ao sentir meu pau alargar seus lábios vaginais, ela se agarra mais a mim, chama-me pelo nome, choraminga.

Noto sua caixa torácica agitada.

Sinto-me mais sensível aos seus toques, isso nunca aconteceu.

— Apertada...

Ranjo e ajuste mais para dentro, ela geme mais alto e começo a movimentar devagar, tudo é mais intenso, diferente de tudo o que já vivi.

Grace desperta meu corpo e tudo o que quero é me deliciar ao ver essa fêmea explodir de prazer, portanto, avanço fazendo nossos corpos deslizar na cama que balança aos poucos.

— Deus do céu. — Ela morde os lábios gemendo assanhada.

A cada gemida, mais me delicio, me entrego, estou rendido, preso no

corpo dela, minhas garras tentam crescer e ameaça se enterrar na lateral da sua cintura, consigo colocá-la de volta.

Ainda não, Grace não está pronta para conhecer minha fera.

— Grace, você me deixa descontrolado. — A fodo mais veloz, ofegante e com a boca seca.

Suado e cada vez mais bruto nas investidas, Grace se revira e me acompanha nos movimentos, chocando-se mais contra o meu pau, o que faz com que tudo fique mais intenso.

— Porra Grace! — Ela está tão safada que está me enlouquecendo.

— Sim...Isso é tão perfeito.

— Estamos no começo minha gulosa.

Enterro-me em seu pescoço sentindo-a engolir cada vez mais meu pau, tão, tão fundo e apertado ao mesmo tempo, ela contrai mais forte a cada segundo, estou usando todo meu controle para não gozar antes dela.

— Aí, Raony...

Ela diz e crava a unha em meu ombro, sinto um incomodo na minha boca, minha presa está crescendo, continuo escondido em seu pescoço e dou enterradas profundas e mais sensuais nela, explorando pontos sensíveis.

Ela aperta mais ao redor do meu pau e explode fazendo com que eu goze no mesmo instante que ela, isso foi perfeito, tento manter meu corpo febril em cima dela apoiando-me pelos cotovelos.

Minha voz rouca vibra em um gemido, saindo do mais fundo da minha garganta.

Estamos conectados e imóveis. apenas sentido o som das nossas respirações, nosso corpo se recupera de uma foda gostosa.

— Você está bem? — Reparo no rosado do seu rosto e pescoço a deixei marcada com meus toques.

— Sim... — Seus olhos estão pesados. Grace toca em meu peitoral. — Suas tatuagens são lindas, você é lindo.

Não faz isso Grace... Não com essa voz doce após uma transa.

Jogo-me ao seu lado na cama.

— Não usamos camisinha. — Ela lembra.

— Não precisamos disso, nunca fico doente.

Ela se acolhe em meu peitoral.

— Eu não me preveni e sobre gravidez...

— Isso não vai acontecer não se preocupe. — Beijo sua cabeça.

— Não pode ter?

— Não quero falar sobre isso agora.

— Hm, vamos fazer mais vezes?

— Me der dois minutos, vamos fazer agora.

Aliso suas costas e me viro para ela, desço a mão até sua cintura ela está deitada de bruços no travesseiro, não quero que ela durma, estamos no começo...

Desço a mão para sua bunda e não resisto: Dou uma tapa.

— Aí... O que foi?

— Não durma.

— Não estou dormindo, estou esperando você me foder de novo.

Ela me deixa cada segundo mais louco, aperto a pele carnuda da sua bunda e dou um beijo, depois uma mordida, fico de joelhos atrás dela e deslizo seu corpo na cama, ela permanece de bruços com a cabeça deitada no travesseiro.

— Empina essa bunda, vou começar a abrir seu cu com os dedos enquanto fodo sua boceta.

Grace solta um murmuro de empolgação. Faz o que eu peço, fica empinadinha, já estou enrijecido e louco para me enfiar nela de novo, ela

ainda está melada com minha porra, puxo suas nádegas, a fazendo ficar de quarto e lambo a entrada do seu cu.

Melo minha mão na meleira entre suas pernas e pincelo-o, Grace se balança.

— Quieta. — Dou uma tapinha na lateral da sua coxa e abro mais suas pernas.

— Por favor...

— O que essa boceta gulosa quer?

— Aquilo...

— Aquilo? Não me ofenda.

Abro a palma da mão em suas costas e desço, fazendo o corpo dela ficar de bruços novamente, porém ela entendeu que a quero de bunda empinada.

— Por favor...

Encontro seus cabelos com alguns fios colados pelo suor, puxo e ela grita, faço com que olhe para mim, a outra mão segura firme sua cintura.

— Fale direito.

— Quero seu pau. — Fala baixinho, entretanto, ouço perfeitamente.

— Você é minha devassa.

— Não! — Ela tenta se revirar. — Não sou isso.

Inclino-me e desço a mão da cintura até debaixo das suas pernas e dou uma puxadinha com os dedos em seu clitóris que deve estar sensível.

— Oh...Sim!

— Você gosta Grace, acabou de dar duas gozadas e ainda quer mais.

— Por favor, sim.

Caralho de humana perfeita, onde ela estava todo esse tempo?

Escondendo-se em algo que ela nunca foi. agora entendo que Grace não é o oposto de mim, ela tenta ser, no final ela é tudo aquilo que sonhei em uma fêmea — Safada e gosta de sexo.

Melo meu pau na entrada da sua boceta, dou batidinha antes de enterrar de vez, minhas bolas balançam quando começo a socar com tudo de mim.

— Gosta disso, não é?! — Balanço a cama, e recebo o retorno em uma buceta pingando deixando tudo mais fácil e mais gostoso de fazer.

— Sim...

Lambo suas costas, ela se contorce, a mantenho firme segurando pelo cabelo, não lhe causa dor, Grace está louca, ensandecida, gemendo e pedindo mais.

E tudo isso envia tremores para meu corpo ela está tão espetacular nesse momento.

— Grace... oh delícia, Grace. — Seu corpo se choca, desliza para frente e para trás, mais rápido na medida em que colidimos em frenesi.

Tateio sua bunda até que enfio dois dedos em seu cu, ela está tão relaxada que acho que se enterrasse de vez meu pau nele, nem a afetaria.

Contenho essa vontade, ainda vou usar muito brinquedinho nesse cu antes de fodê-lo, e no momento estou sem nenhum.

Duro como aço, fodo, fodo, fodo...

Ela aperta o travesseiro rangendo e começa a apertar o meu pau também, está vindo de novo, posso sentir o desespero dela, pois também estou.

— Caralho!

Dou uma tapa em sua bunda e sinto uma tontura, tem algo errado nunca senti um clímax tão intenso assim, não a esse ponto.

O que essa pequena fêmea humana está fazendo comigo?

Nunca senti isso, nem pela Tris. meu coração parece querer saltar do

meu peito.

Uso minhas ultimas forças para dar uma enterrada profunda e jorro dentro da sua boceta.

— Grace!

Chamo por ela, minha visão fica turva, tato sua pele em busca dela. Ela me dá suas mãos e eu as seguro ainda jorrando nela, nos perdemos em nosso prazer, nossos gemidos se misturam, Grace me acompanha em outra gozada, levando nossos corpos a se fundirem. Em todos os espasmos dentro dela, chego a um êxtase inimaginável e novamente tenho que controlar minhas presas para não morder a sua marca.

Ainda, não, por favor, ainda não. — Imploro para o meu lado criatura.

Minha, minha — quer reivindicá-la, abstenho esse desejo.

Ela ainda não está pronta para tudo.

Desço o corpo com cuidado, a prendendo no colchão controlando meu peso.

Ela não existe, ela não é como outras humanas que fodi.

Claro, porque ela é minha, única e minha.

Jogo-me na cama satisfeito e leve, deito frente a ela, e acaricio seu cabelo, ela retribui. Tão doce, ela é meu doce favorito.



CAPÍTULO DEZESSETE

Elie Arjo - Demônios Reais

Acordo com alguém mordiscando minha orelha. Estou presa em seus braços, tomamos banho depois de transar pela segunda vez, dormi nos braços dele sentindo seu corpo me aquecer, dorida, mas bastante relaxada.

Nossa noite foi perfeita, porém quase não me reconheci... Tudo bem que queria ser uma Grace mais ousada, porém a situação fugiu totalmente do meu controle quando ele me tocou.

Arranho a unha na marca no meu pescoço, amanheceu formigando e espero que isso não tenha nada a ver com ele. Tem algo errado em tudo, mas nesse momento não quero pensar em mais nada, foi bom, foi perfeito e isso é o que importa.

— Sei que está acordada. — Raony ronrona em meu ouvido. Abro os olhos vagorosamente sentindo sua ereção alfinetar minha bunda. — Bom dia. Pedi para o Ructon trazer seu café da manhã, já deve estar pronto.

— Bom dia. Obrigada.

— Você precisa se alimentar repor as energias. — Seu tom é bastante provocativo.

— Eu preciso abrir a loja. — Bocejo.

— Mandei uma mensagem para a Judite, disse que hoje ela está de folga.

Desvencilho-me do seu aperto, ou tento, pois o macho é forte. Viro na cama e meu rosto fica colado ao seu. Seus cabelos estão bagunçados, no entanto, não vejo mais os arranhões em seu ombro que causei nele noite passada. Ele está pelado ao meu lado na cama. Só de pensar nisso de repente a temperatura começa a subir.

O que está acontecendo comigo?

— Não pode fazer isso. — Cochicho sem ter coragem de encarar seus olhos. Quando na verdade adorei o fato dele me querer manter ao lado dele por mais tempo.

— Não posso o quê? Tentar manter você na minha cama o dia todo?

Nossa noite foi perfeita, mas sinto que não vou conseguir manter esse tipo de relacionamento com ele, pois vou acabar me apaixonando, não quero apenas ser a amante dele. Mas como sou boba, depois de uma transa estou desesperada para ter algo mais sério com ele, mas isso não vai acontecer, pois somos de mundos completamente diferentes. Mas não existe uma forma de mantê-lo perto de mim?

Talvez encontre as respostas na casa da vovó, a pequena casa no meio da floresta um pouco afastada da cidade. Faz tempo que não vou lá, porém lembro-me que ela me mostrou um baú cheio de livros velhos com lendas antigas, espero encontrar algo de útil lá.

— Eu quero muito poder ficar aqui.

— Então fique. — Beija minha boca de leve. — Está com fome. — Confirmo com o balançar da cabeça — O Ructon está demorando, vou ver o que aconteceu.

— Ok, vou tomar um banho. — Falo calma.

Ele zapa e me deixa sozinha, procuro pelo meu vestido da noite anterior e o encontro no banheiro dobrado em cima da pia. Tomo um banho e ao sair da ducha dou uma olhada no espelho, meu pescoço está marcado pelos chupões dele, porém tenho um brilho diferente.

Ouçó algo vibrar e olho pelo canto do olho. o celular do Raony estar em descaso em cima da pia.

Não tenho direito de fazer isso, porém faço.

O aparelho está com a tela desbloqueada, não tem senha, desbloqueio a tela.

Vasculho...

A cada segundo uma nova mensagem, abro o aplicativo de mensagens e só tem mulheres como contato, o pior é ver o conteúdo das mensagens: só nudes.

Meu coração aperta e sou consumida por uma raiva crescente.

Leio algumas delas:

*“Soube que comprou um barco quando vai me levar para conhecer?”
(Patrícia)*

“Oi, quando vai passar aqui de novo, preciso de uma cavalgada no meu machão.”
(Lisa)

“Estou com saudade meu tatuado, posso levar algumas amigas aí no próximo fim de semana?”
(Susi)

Ódio!

Meu estômago embrulha, sei que entrei nisso por vontade própria, porém odeio ser passada para trás e ele prometeu que só seria eu na jogada.

De novo, de novo, de novo!

Enganada como uma trouxa que sou.

Não vou chorar, não darei mais esse gostinho para macho algum. sei muito bem que ele é orgulhoso e também não deve gostar de ser passado para

trás, pois é exatamente isso que vou fazer.

Ai Cristo. E eu achando que estava com a bola toda, que finalmente alguém estava me dando algum motivo pra continuar...

Achei que tinha me encontrado em seus braços ontem à noite, tanta liberdade que senti ao fazer amor com ele, tudo não passou de uma ilusão.

Dói porque mesmo não querendo, no fundo criei esperança. Pudera, o meu coração não é feito de gelo, ultimamente ele se sente bem quente ao lado do Raony. Algo que nunca senti, algo que nesse tão pouco tempo cresce de maneira assustadora.

Deixo o celular no mesmo lugar.

Alguém entra no quarto e saio do banheiro na expectativa de ser ele, meu coração chega deu um pulo. Porém encontro outro homem, ou demônio, deve ser o mordomo dele.

Ele sorri para mim segurando uma bandeja e com habilidade deposita em cima da cama.

— Sou o Ructon e muito prazer em conhecê-la.

Ructon tem cabelos castanhos, e olhos verdes, a saliência das suas maçãs é bem alinhada formando uma cova entre as maçãs e seu maxilar, deixa seu rosto bem expressivo; é mais jovem e tem cara de que tira o Raony do sério com frequência. Gostei dele.

Só resta a pergunta... Todos da sua espécie são lindos?

Ructon me dá espaço, mas o tempo todo me encara, alto e magro vestindo-se com uma camiseta larga.

— Oi, sou a Grace o prazer é todo meu.

— Soube que sabe fazer doces deliciosos. Adoro doces. — Ele fala de repente.

— Pode passar na minha loja quando quiser.

— Ho! Sem dúvidas, se o patrão permitir. Na verdade, já fui várias vezes, mas sempre tem uma outra fêmea lá... Já me chamou pra sair várias

vezes, mas não posso, pois nesses últimos meses não estou para fêmeas.

Rio, pois ele fala de maneira tão empolgada.

Pego um morango e mergulho no mel, como cereais e bebo o suco de laranja.

— Então Ructon, o que gosta de fazer além de hu...? — Não quero chama-lo de empregado do Raony, soa estranho nunca tive empregados. — Funcionário do Raony.

Ructon puxa uma risada, meio um soluço fofo.

— acredite, não sou um funcionário. Não tenho carteira assinada, se eu fugir eu morro, o meu senhor, corta minhas pernas. — Esbugalho os olhos, ele ri mais ainda. — Ah, senhora Grace é tão fofa, estou brincando.

Depois dessa eu ri.

— Pode me Chamar apenas de Grace.

— A senhora quer saber quem eu sou, eu já fiz de tudo, fiz várias faculdades ao longo dos anos... Fui médico, chefe de cozinha, psicólogo, se bem que nessa profissão não me sai muito bem... Bailarino, um grande bailarino por sinal. Seis meses no ano gosto de mulheres e seis meses gosto de homens. Nunca usei drogas, mas gosto de fumar, acima de tudo sou um cara bem família... — Ele pausa. — Não quero entediar a senhora, mas todos esses longos anos eu fiz com que minha vida fosse menos entediante.

Balanço a cabeça prestando atenção nele. Realmente gostei do Ructon.

Raony entra no quarto com uma mala, penso um milhão de coisas, ele joga a mala de mão na cama, já vestido com uma bermuda e camiseta.

— Quando vai me levar para casa? — Pergunto, mostrando minha irritação.

— O quê? Você disse que ia ficar... — Raony fica confuso.

— Putz. Ructon caindo fora, não quero presenciar a primeira briga do casal. — Ructon saiu correndo.

Correndo mesmo.

Deve ter ficado com medo da cara que o Raony faz nesse exato momento. Não me deixo abater.

— Você é bipolar mulher?

— Me leve para casa agora.

Aproxima-se e enlaça minha cintura.

— Por que mudou de ideia?

— Tenho um monte de coisas que não posso adiar. Me leve de volta, por favor? — Encaro a mala ao lado dele e pergunto: — E essa mala? Você não vai voltar?

— Não. Vou ficar um tempo aqui.

Só fui a primeira a inaugurar seu barco...

Ele zapa para minha casa e se desprende de mim.

— Se precisar alguma coisa me ligue. — Diz antes de partir.

Ele me confunde, pois as vezes parece se importar comigo outras não. Jogo-me no sofá com um sentimento de perda me atormentado, controlo as emoções, nenhum outro macho vai me fazer ficar triste.

— Desejo que seu barco afunde. — Digo e corro para meu quarto a procura de uma roupa, vou tacar fogo nesse vestido.



CAPÍTULO DEZOITO

Elie Anjo - Demônios Reais

Por mais que eu tente não consigo entendê-la.

Depois da noite incrível que tivemos, ela foge de mim como o diabo foge da cruz. O que aconteceu? O que eu fiz de errado? Bastou ser sincero em dizer que queria que ela ficasse o dia inteiro na cama comigo, achei que ela queria também.

Jogo uma garrafa no mar! Que vai quicando, depois a puxo de volta usando meus poderes, estou fazendo isso a um bom tempo.

Marlon senta-se ao meu lado, estamos na proa do iate.

— Pelo cheiro dela no barco a sua noite foi melhor que a minha, tive que suporta aquele jantar do Rudá. — Ele bebe a limonada que Ructon tinha servido mais cedo, Marlon cospe tudo pra fora. — Como consegue beber algo tão amargo?

— Essa limonada já deve estar aí mais de duas horas.

— Então já não é uma limonada, é veneno...

— Olha como estou rindo. Sério, reparou como estou de bom humor?

Deveria estar de bom humor, pois a minha noite foi perfeita, mas

aquela mulher... Me deixa puto!

— Marcou sua fêmea?

Miserabilidade.

Não quero ter essa conversa com ele, não quero conversar com ninguém.

— Obviamente que não.

— Sei... próxima transa então...

— Não vai acontecer, ela deixou claro, porque acha que estou aqui longe dela? — Nunca senti tamanha falta de empolgação.

— Isso não vai funcionar Raony, sua fêmea precisa estar perto de você.

— Não. Deixe-a em paz e não comente nada com Rudá.

— Ouvi do Rudá que tentaram matá-la.

— Por Oric! Por que tenho que ter irmãos tão fofos?

Marlon cruza as pernas e cruza os braços, está deitado de maneira confortável olhando para o céu.

— Estamos preocupados com você, se alguma coisa acontecer com ela, sabemos que será sua ruína, você é idiota e orgulhoso o suficiente para não admitir que se importa com ela...

— Não me importo! — O interrompo. — Se eu me importasse estaria com ela agora, não aqui ouvindo suas barbaridades.

— Você está aqui porque se sente amedrontado, está apaixonado.

Não me apaixonei pela Grace, tivemos uma ótima transa, mas só isso. Ela é minha predestinada e nenhum outro macho pode tocá-la. Mas não posso garantir mais nada além de proteção.

— Não fale besteiras, mas numa coisa você tem razão eu preciso estar ao lado dela e descobrir quem está tentando matá-la. — Tiro o cigarro do

bolso, aponto para Marlon o cigarro e ele ascende com o estalar dos dedos.
— Quer um?

— Melhor que suco de limão envenenado. — Pega um cigarro e ascende da mesma forma. — Vamos pegar o desgraçado.

— Ou os desgraçados, a Grace não pode saber de nada. — Solto a fumaça no ar. — Ela é boa demais para o meu mundo sangrento.

Cubro o rosto com a mão, é um saco ter que sair por aí caçando possíveis demônios que estão tentando matar minha fêmea.

— Sabe... O Jandir comprou uma casa nas montanhas, ele pediu pra gente ir lá conhecer, ah sim, ele quer que leve a Grace.

Olho de esguelha para ele.

— Vocês vão encher o meu saco até ter suas próprias fêmeas para se ocuparem.

— Não quero ter uma e se tiver terá que ser uma deusa para estar comigo, se não, foda-se. Não quero fêmea sem graça.

Jogo a butuca no chão e apago com os sapatos.

— Por acaso está chamando a Grace de sem Graça?

— Só acho... Que Graça só tem no nome dela.

Merda. Filho da puta. Ele zapa para longe de onde estávamos sentados, uso a telecinese para jogar a jarra de suco nele, Marlon zapa e fica atrás de mim.

— Calma só estava brincando, irmão. — Ele ri, imbecil! — Parece que alguém está morrendo de amores, Argh! Tem muita possessividade e instinto de proteção aí.

— Qual foi à última vez que quebrei sua cara Marlon? — Zapo pra cima dele e lhe presenteio com um soco na cara, óbvio que ele desaparece antes de ser atingido.

Persigo sua Aura e zapamos para outro lugar, caímos com tudo em cima de uma mesa.

Não faço ideia de onde estou, uso meu escudo para mantê-lo no mesmo lugar sem conseguir zapa, prendo seu colarinho e lhe dou outro soco, dessa vez acerto, ele revida e colido em uma geladeira.

O barulho de metal se contorcendo se mistura com minha respiração furiosa. Foda-se. Vou desgastar toda minha raiva surrando essa cara cínica dele.

Marlon zapa de cima da mesa.

— Eu já disse, só fiz uma piada!

— Não faça piadas estúpidas. Não estou com bom humor.

— Você nunca está.

Arremesso o micro-ondas nele. Marlon zapa para longe.

— Melhor brigarmos sem usarmos nossas habilidades! — Sugiro.

Preparamo-nos para colidir com nossos corpos, como antigamente, quebrar algumas costelas e... Meu corpo fica paralisado, assim como do Marlon.

— Seus filhos de uma égua, vocês destruíram meu lugar sagrado! — Rosna Jandir. — A porra da minha cozinha está destruída!

Putá merda.

Estamos na casa da montanha do Jandir, pior que ele é mais forte que eu e o Marlon, nossos corpos permanecem imóveis em sua cozinha destruída.

Jandir quase nunca se irrita, poucas vezes o vejo puto como está agora. Dos irmãos ele sempre foi o mais afastado da civilização, para mim Jandir é um homem das cavernas modernizado.

Ele nos solta e pra isso nem precisa estalar os dedos.

— Sinto muito. Pago pela bagunça, casa maneira. — Falo com a consciência pesada, Jandir é como nosso bichinho de estimação.

Jandir avança até a geladeira e termina de arrancar a porta amassada.

— Ainda bem que não destruíram minha comida. — Ele analisa a geladeira. — Comprei ingredientes para a cunhada Grace me ensinar a fazer cupcakes, agora foi tudo para o ralo, seus idiotas.

Marlon gargalha e depois diz:

— Merda. Vocês ficaram todos abobalhados depois que a fêmeas do Raony apareceu.

Jandir rosna, e eu também.

— Quando terei um pequeno sobrinho? — Brinca Jandir.

Na verdade, não sabemos de nada. Como a Grace vai suportar carregar o filho de um imortal sendo ela uma mortal frágil.

E também tem a questão da sua mortalidade, ela vai envelhecer e morrer, ou ficar doente! Merda talvez seja essa a maldição: ver sua fêmea morrer enquanto você continua vivo eternamente.

— Raony, irmão não parece estar bem. — Jandir joga uma cerveja para mim, pego a garrafa e abro. Não respondo nada para o Jandir. — Agora terei que contratar um novo design dos exteriores.

— Não seria design de interior?

— Isso mesmo, eu não entendo muita coisa desse mundo moderno.

Por ser muito ingênuo sempre foi difícil encontrar garotas que não tentasse explorar o Jandir, algumas até tentaram dar o golpe da barriga nele. Mas ele sempre foi muito mole com as pessoas e sempre acabava ajudando as fêmeas humanas que ele dormia.

— Foi muito bom nosso encontro, destrutivo como sempre, mas tenho que ir. Tenho que cuidar da boate e de um estúdio... Já que meu irmão só quer saber de correr atrás de uma fêmea. — Marlon fala antes de zapar.

— Ele é um idiota. — Bebo minha cerveja. — E você Jandir já não está na hora de viver com o restante da humanidade?

— Não sou humano, logo não gosto de ficar perto deles.

Eu não o julgo.

— Eu tenho que ir ver a Grace. — É a única forma de recusar passar mais tempo com ele sem deixá-lo triste.

— Pode ir. Mande abraços para a cunhada, estou aguardando-a aqui, eu e meus ingredientes.

Reviro os olhos, a Grace já tem meus irmãos no bolso sem nem tentar ter, Jandir adora cozinhar, Marlon adorar provocar. E o Rudá... Não sei do que aquele cara esquisito gosta.

Antes de voltar para o barco zapo para a casa da Grace, só para garantir que ela está dormindo segura. Mas ela não está. Onde ela foi uma hora dessas?

Zapo até a Adocica, o que vejo faz com que eu me sinta o cara mais amaldiçoado de todos... Essa mulher...

Grace, sua mulher maldita...



CAPÍTULO DEZENOVE

Elie Anjo - Demônios Reais

Pela manhã bem cedinho decido não abrir a loja, já não tenho mais ingredientes, decido ir para a igreja tenho que conversar com o Marcos sobre o coral, eu não quero mais participar de nada que inclua mulheres megeras me enchendo o saco. A velha Grace já morreu. Porém o Marcos faltou o ensaio.

Também não quero voltar para casa, preciso saber o que fazer da minha vida me sinto tão perdida e falida não sei extremamente que fazer... Pois a princípio penso em vender a loja e mudar de cidade e abrir um negócio menor e ir crescendo aos poucos, aqui já não tenho lucro nenhum.

Ainda mais agora que os boatos que estou com o Demônio da boate se espalhou isso porque o Raony foi visto comigo várias vezes.

Que se dane. Esse povo é fofoqueiro de qualquer jeito. Ignorei as mensagens da Judite, recebi a mensagem da oficina para buscar a Lady Laura. E é o que eu faço, a oficina fica na mesma cidade pego o transporte coletivo.

O ônibus é bem pequeno, pois a maioria dos passageiros são idosos, a população em sua maioria tem transporte, ou anda a pé como eu. A cidade é pequena... Que mais se parece um vilarejo.

Porém alguns terrenos foram vendidos, e corre o boato que virão novos investimentos para a cidade, isso depois que a boate foi aberta o que é

muito bom.

Pego a Lady Laura na oficina, passo no mercado para comprar algumas coisas, e dirijo para fora da cidade, para a casa da vovó, não passa de uma casinha no meio da floresta. Mais toda vez que ia lá fantasiava que eu era a chapeuzinho vermelho indo para a casa da vovó, o lobo mau nunca apareceu. Bom, isso até agora.

Estaciono frente à casa e não vejo mais nada além de mato e grandes árvores em volta dela, subo a escadinha que conecta a varanda e fico um tempo olhando o cata sonhos todo cheio de teias de aranhas balançando no teto da varanda.

Tiro as chaves da minha bolsa e abro a porta, abafada e cheirando a umidade, pego os produtos de limpeza que trouxe. Varro, limpo tudo, coloco lençóis novos, abro as janelas. Se essa casa não fosse tão longe da cidade eu morava nela. É agradável, só precisa ser reformada.

Arrasto o baú de livros até a varanda assim como uma cadeira de balanço. Vou até o carro e pego algumas guloseimas e refrescos que comprei, deixo-os em cima da cadeira enquanto reviro o baú em busca de coisas interessantes para ler...

No meio de vários livros velhos encontro um que chama minha atenção, primeiro que está escrito em uma língua que não faço ideia qual seja, ainda assim, guiada pela curiosidade passo a primeira folha que tem ilustrações de criaturas com chifres, outras animais, tigre, urso, lobos; Passo o dedo na língua e toco para passar a folha, mas a página está compreensível, estranho...Pois podia jurar que essa página estava escrita numa língua desconhecida por mim.

Leio os escritos, quem escreveu isso aqui não tinha letras, mas garranchos.

— Di—ver... Pera isso aqui é o quê, Hum, ah, sim... Está escrito diversas criaturas e diversas raças vi-vem-DO. — A vista cansou só em tentar traduzir os garranchos.

Passo para próxima página e continua em outra língua, passo o dedo na língua e viro a página... E de repente consigo compreender.

— Aí... Minha saliva é mágica? Ho, Ho, Ho...

Saio marcando todas às páginas com a minha saliva e tudo se torna compreensível. Maravilha.

Em uma dessas páginas tem o desenho de várias luas.

— Lu-lua de... San-GUE. — Leio o título em voz alta.

Sem me dar conta estou rodopiando na varanda enquanto traduzo o livro. Pelo que entendi essas criaturas se tornam mais intensas em um eclipse, super lua...Lua cheia.

Incrível.

Teremos uma lua de sangue em poucos dias. A vovó nunca me contou essas histórias, e eu gostei desse livro, não vou queimá-lo.

Ouçó o barulho de um carro vindo da estrada, ai Cristo! Será que é o Demônio?

Não quero ele me veja assim... Toda metralhada de poeira, tiro a sacola de supermercado da cadeira e pego um suco de caixinha sabor maracujá, enfio o canudinho e bebo, cruzo as pernas e abro o livro fingindo estar lendo.

Que ele fique sabendo que estou muito bem sem ele.

O carro para frente a porta.

— Grace? — É apenas o Marcos.

Mas o que ele está fazendo aqui... Suspeito. Está me perseguindo por acaso?

— Marcos? O que faz aqui?

— Fui na sua loja você não estava então encontrei a Judite ela me disse que estava aqui, foi difícil encontrar o lugar, mas que bom que encontrei.

Sorrio e deixo o livro em cima do baú.

— Livros? — Por que ele não tira o olho do meu livro mágico recém descoberto?

— Era da minha avó. Mas entre Marcos.

— Não dá...

Noto o desconforto em toda a expressão do seu corpo.

— Tudo bem... Então tchau, obrigada por vir me ver? Ah, propósito porque exatamente se deu o trabalho de me procurar em um lugar como esse? — Disparo aproximando-se mais dele.

— Só fiquei preocupado pelo encontro.

Ai, meu deus, dei um bolo no Marcos, verdade...Minha consciência pesa, além de um bolo o pobre coitado foi trocado por aquele demônio traidor. Argh!

Só em pensar nele quero socar alguma coisa de tanta raiva.

— Eu já terminei aqui... Que tal comermos um cupcake na minha loja? Te devo isso, e desculpe por não ir ao encontro, por não ter avisado.

— Tudo bem.

— Apareceu um demônio para atrapalhar só isso. — Guardo as coisas dentro de casa novamente.

Depois o Marcos me segue no carro dele, minha Lady Laura tá um arraso, minha Ferrari...

— Ah, desculpe Lady sei que se ofende quando te comparo com os outros, pois fique sabendo que você é o fusca mais veloz e sexy de toda a região. — Dou uma batidinha no volante.

O cupcake ficou para depois, pois o Marcos disse que podia me levar ao restaurante na cidade vizinha, tomei um banho e vestir um dos vestidos que uso para o culto de domingo à noite.

O restaurante na cidade vizinha tem uma comida muito boa, comemos, passeamos em volta da cidade, na praça.

— Então Grace, não foi ao encontro porque tem outro cara na jogada?

— Na verdade tem, não vou mentir para você. Mas ele é um idiota e o pior de tudo é que... — Mordo a boca achando que estou falando muito.

— Pode falar, pelo menos podemos ser amigos. Certo?

Yes of course...

— Sim! — Reajo esperançosa. Meu clã de amigos está aumentando, agora tenho a Judite, Ructon e o Marcos.

— Então pode me falar. — Ele sorri, mas eu sinto tensão no clima.

— Estou apaixonada por aquele demônio, e não paro de pensar nele e nas... Enfim nele.

Ele não fala nada, seu olhar faísca um pouco.

— Entendo. Quer ficar por aqui mesmo e jantar comigo? — Não sabia que o Marcos tinha tanta grana assim, mas é bom ter um amigo com dinheiro. — Ele não vai se importar de você ficar comigo o dia todo certo?

Acho que não...

— Não.

O tempo passou tão rápido, o Marcos é um bom ouvinte, voltamos para casa já era tarde da noite, sirvo um chá para ele e um cupcake que estava guardado.

Faço companhia para ele, também é uma forma de agradecer por bancar um dia tão divertido. Se eu tivesse sozinha estaria triste, se eu tivesse conversando com a Judite estaria mais triste ainda, pois não quero me lembrar do que aconteceu com o demônio.

A coceira atrás da minha nuca é pertinente, coço arranhando com as unhas.

— Está tudo bem? — Marcos Pergunta.

— Sim.

Sorrio tenso sentindo um enorme desconforto.

— Grace, sua humana maldita!

Quase caio da cadeira com o susto que tomei, da mesma forma o pobre coitado do Marcos.

— Hunf. Bem na hora. — Fala Marcos.

Raony encara nós dois com a cara que quer fazer o mundo explodir.

— Quantas vezes tenho que dizer para não sair por aí com outros machos?

— Mas você não é meu dono, só porque transamos não faz de você meu dono.

Ouçõ um fraco sorriso do Marcos que se estende para uma gargalhada. Ai Deus, seu filho Marcos quer morrer.

— Vou arrancar cada osso desse cara. — O pior que o Marcos não consegue parar de ri. Isso me lembra o filme do Coringa talvez ele tenha o mesmo transtorno...

Marcos se levanta e coloca o guardanapo na mesa.

— Perdão, eu tenho que ir agora, foi um prazer passar o dia ao lado da fêmea do Raony. — Por que a voz dele se tornou tão afeminada? Esses dois estão tirando uma com a minha cara? Antes de sair ele se vira para o Raony e diz: — Olá Raony. Deveria cuidar mais da minha amiga Grace, ela é tão frágil quanto uma taça de cristal.

Boiei.

Raony fica sem reação alguma, fica pálido como se tivesse acabado de ver um fantasma.

— Você sua bruxa...



CAPÍTULO VINTE

Elie Anjo - Demônios Reais

Que Bruxa?
Quem é
essa?
De quem

esse demônio traidor estava falando?

Por que o Marcos incorporou à louca?

E para completar o demônio desapareceu assim que Marcos saiu, está tudo muito estranho.

Subo para casa e tomo um banho.

Nada dele aparecer com as suas explicações... Deve estar muito ocupado no seu novo barco.

Visto uma camisola rosa, ando até a cama com meu chinelo pantufa de gatinhos, pego o travesseiro e imagino a cara do Raony, aperto e arremesso o travesseiro na porta, Raony reaparece e quase agarrou nele.

Encaro o celular em sua mão, me reviro de raiva, é o mesmo celular, ele termina a chamada e se volta para mim, não vejo mais o ódio em sua expressão.

— Por que você foi atrás de outro homem?

Ignoro a pergunta dele.

— Já disse que não quero mais você por aqui. A propósito quer me explicar o que aconteceu com o Marcos? Vocês incorporam em seres humanos também?

Pobre Marcos...

Raony não responde nada, sinto cheiro de outra na jogada.

— É complicado Grace, mas não é nada para se preocupar agora.

— Como não? A voz do Marcos por alguns segundos era a voz de outra mulher, ela está dentro do Marcos?

— Não está dentro do Marcos... E você está preocupada demais com esse cara.

Bufo. Cruzo os braços, pois nada o que ele disse é o suficiente.

— Pode ir então, acho que você está muito ocupado com seu celular, e com seus nudes. Vai embora, xô!

Ele franze a testa e levanta a sobrancelha, e como sempre raspa o polegar no lábio inferior. Parece totalmente perdido, porém até agora não negou o fato de que realmente ele é dono de um acervo pornográfico muito extenso.

— Que história é essa de celular?

— Só é acessar o seu celular e ver os nudes.

— Hm. Estava investigando meu celular? Como descobriu a senha?

Por que ele começou a rir? Ele tem todos os traços de um traidor, cínico! Não nasci para ser trouxa duas vezes, uma já me ensinou a lição.

Dou de ombros e explico:

— Não tinha senha, estava no banheiro vi seu celular e fiquei curiosa...

Ele fecha a cara de imediato.

— O único que sabe a senha é o Ructon, meu celular nunca fica sem

senha. — Novamente ele raspa a borda da boca com o polegar, percebi que ele usa esse gesto quando está pensativo.

— Isso não importa. Você é um cafajeste. não cumpriu o que disse, como sempre mentiroso. Concordamos que nenhum de nós teríamos outros amantes, mas pode mandar nudes por aí? — Lanço um desafio com o olhar. — Então vou começar a providenciar minhas fotos calientes também e enviar por aí... Arriba muchachos!

— Não seja infantil! — Grunhe.

— Não seja mentiroso.

Raony desaparece e aparece na minha frente, prende minha cintura. Essa pegada possessiva e máscula de certa forma me deixa excitada.

— Não me irrite mais do que estou irritado, não ligo para essas mensagens o Ructon é responsável por apagá-las, e se você enviar nudes por aí eu mato todos que virem você pelada. Apesar de tudo... Alegra-me saber que está com ciúmes, isso quer dizer que não me quer longe de você.

— Não é isso! Não quero dizer isso, para isso dar certo você também precisa cumprir minhas exigências

Ele me joga na cama, gosto quando prende meu corpo ao dele, minhas mãos ficam presas acima da minha cabeça, os pulsos unidos e apertados pela mão dele.

— Fale o que você quer, minha fêmea exigente.

Por que ele tem que falar assim?

Brinca com o tecido da minha camisola, posso sentir seus dedos deslizarem para cima da minha barriga, encontrando o bico dos meus mamilos, belisca entre os dedos.

Ele continua a encarar minha expressão, meus pensamentos estão diluídos, é tão difícil manter a concentração.

Raony desce mais as mãos e abre minha coxa, seus dedos quentes em contato com minha pele fazem meus pelos ouriçarem.

— Fale. Exija de mim, porem terá um preço...

— Q-Que preço?

— Vai saber quando você falar...

— Tudo bem. Quero que seja só meu. Sem mulheres mandando nudes no seu celular.

— Concordo. Justo. — Ele mordisca minha orelha. — Mas alguma coisa?

— Sobre o Marcos?

— Na hora certa te conto tudo Grace.

— Essa hora certa tá demorando demais, mas aguardo. — Deslizo a mão em suas costas.

— Para onde você foi com ele?

— Para lugar nenhum, ele apareceu lá na casa da minha avó, só estava arrumando a casa...

O que ele esconde de mim é outra bomba. Mas não quero saber, quero o Raony e desejo tanto que esse demônio algum dia me ame.

Novamente estou caindo em um amor unilateral, nasci pra ser trouxa mesmo.

— Mais alguma exigência?

— Você está muito bonzinho... Me sinto tapeada, mas estou gostando.
— Ele ri. — Queime o barco!

— O que?

— Fiquei horas imaginando você com todas essas mulheres e o cenário foi aquele maldito barco.

Raony faz uma carinha meio triste.

— Eu não quero me desfazer dele, foi onde aconteceu nossa primeira vez.

Ownnn...

— Retiro o que eu disse. Amo aquele barco.

E amo você. Mas se contar isso ele vai acabar se afastando de mim, e sinceramente não quero isso, quero ficar com o Raony para sempre.

— O que foi Grace? — Fala próximo a mim. Acaricia meu rosto.

— Na hora certa você vai saber, e essa hora pode demorar muito..., mas isso depende de você. — Engulo em seco. — E muito mais de mim. — Preciso me esforçar para conquistá-lo, ele não come muitas coisas doces, mas posso fazer sobremesas com limão. — Você comeria uma torta feita por mim?

Ele solta um fraco riso, o som da sua voz, do seu riso grosso é bom de se ouvir agita algo dentro de mim.

— Claro que sim.

— De limão.

— Maravilha.

— Agora...

— Hun rum...

— Pode sair de cima de mim, por favor? — Peço sem graça. — Ele se desprendo do meu corpo. Vou até a gaveta e pego meus últimos trocados. — Preciso ir comprar os ingredientes.

— Eu zapo com você. — Se oferece levantando da cama com uma ereção.

— Com essa ferramenta armada? — Sorrio sem mostrar os dentes e pisco.

Me leva para o mercado e compro os ingredientes, ele me observa na cozinha da Adocica, é desconfortável ter ele me seguindo com o olhar em tudo que eu faço.

Raony pega um limão para chupar e eu tomo de volta. Vou até a

geladeira e pego um Morango e coloco entre os dentes e entrego para ele, nossos lábios se tocam, fico apenas com um pedaço do morango, depois de comermos nos beijamos saboreando o gosto do morango ainda presente em nossa boca.

Meu avental suja um pouco a camisa dele.

Raony se diverte. Isso é bom, bom ver seu sorriso e ter a companhia dele.

Depois de pronta coloco a torta na mesa e faço o acabamento decorando com raspas de limão e com o creme, também faço algumas rosas por cima da torta.

Ele aguarda ansioso até eu cortar um pedaço e dá para ele.

Acompanho tudo com muita expectativa.

Ele pega um pedaço generoso com o garfo e come.

— Então? — Não aguento e pergunto.

— Eu quero comer isso todos os dias. Obrigado, gostei muito.

Rio como uma boba.

— Vou pesquisar mais receitas, e fazer controlando o doce e puxando mais para o azedinho...

Paro ao notar que ele não está comendo mais, apenas me observando falar, posso estar sendo iludida, mas seu olhar tem algo novo que ele nunca deixou transparecer.

Meu rosto esquenta.

Minha pele pinica só de pensar na possibilidade que ele também gosta de mim. É diferente de sair se pegando com um estranho... Que sair com o cara que descobrir estar apaixonada.

— Grace, vamos para cama. — Ele fala antes de segurar meu pulso e zapar me levando junto.



CAPÍTULO VINTE UM

Elie Anjo - Demônios Reais

Novamente fica escuro e quando tudo volta ao normal estou em uma cama King Size enorme, a cabeceira é um painel com entalhes dourados de uma caveira usando uma coroa.

Raony continua em cima de mim.

— Bem-vinda ao covil do demônio, só sairá daqui quando suas pernas estiverem bambas e impossibilitadas de correr atrás de outro macho.

Opa, o que mais querido?

Eu não fui atrás do Marcos, ele veio até mim.

— Se manter seu acordo...

— Fêmea safada.

Ele se levanta da cama e acompanho seu andar predatório, tira sua camisa e joga em descaso na poltrona frente a uma tv, zapa e me deixa sozinha.

Permaneço estática, ansiosa e sentido meu coração bater cada vez mais forte, Raony aparece próximo à cama apenas de cueca boxe e uma baita ereção. Ainda me pergunto como isso tudo cabe dentro de mim, o conjunto de vê-lo despido me encarando me deixa maravilhada, ele segura algo em suas mãos.

— Como você foi uma garota bem levada Grace, não vai ter permissão para me tocar. Vamos jogar Grace, porém eu que terei o controle

total do seu corpo.

Não consigo dizer não, assinto com o balançar da cabeça, acho que soltei até um risinho, observo ele me prender com as algemas, o tecido das algemas prende meu pulso, tem uma corrente em ambas as algemas que são bem rústicas, ele prende estas correntes no painel da cama com rapidez.

Consigo segurar a corrente mantendo a mesma posição de braços abertos na cama, em formato de cruz.

Ele vira o meu rosto para mim encara-lo e puxa a língua para fora, ele usa um piercing na língua que não tinha antes.

— Vê isso? — Faz uma careta com a língua para fora, solto um riso. — Já sabe o que vem por aí. Permaneça de pernas abertas.

Que Deus me ajude.

Faço como ele pediu, abro as pernas, firmando os pés na cama, joelhos dobrados na direção do ombro dele. Ele termina de rasgar minha camisola (desse jeito vou ficar sem roupas de dormir) ele tira o restante das minhas roupas, meu corpo todo está descoberto diante de tamanha luxúria.

Ele me devora a cada olhada.

Isso não pode ser mais excitante.

De maneira bem perversa, Raony me provoca com seus dentes mordiscando minha pele, pescoço, seios, me toca, apalpa-me e tudo o que consigo fazer é me revirar querendo retribuir aos seus toques.

— Não seja ansiosa. — Fala prendendo as mãos nas minhas coxas, mergulha nela e pela primeira vez gemo alto ao sentir o toque do metal gelado na minha boceta. — Você gostou?

— Sim!

Como não gostar? Ele se curva mais ainda e começa lambe-la lateralmente, a cada lambida fico mais necessitada de ter algo a mais, é maravilhoso tudo o que ele está fazendo, mas nada se compara com seu pau dentro de mim.

— Inchado. — Ele mordisca o meu clitóris.

— Ah! — Arqueio e as correntes se agitam fazendo barulho.

Sinto arrepios envolver o meu corpo.

Respiração irregular e meu peito cada vez mais subindo e descendo.

Minha cabeça tomba para trás, cada vez mais o metálico raspa em minha boceta lubrificada pela saliva dele, ele penetra com sua língua chupa firme, minha boceta vibra querendo alcançar liberação.

Espalho-me na cama e sempre puxo meu braço para tentar toca-lo, esquecendo de que estou presa e impossibilitada de tocar nele, em seus cabelos.

Como pode ser tão lindo?

Não imaginei que me sentiria atraída por um cara tatuado e com metais espalhado no corpo.

— Se você tivesse um piercing no bico do seu mamilo estaria grudado nele agora. — Ele fala de maneira tão natural.

Deve ter feito muitas mulheres felizes, afasto esses pensamentos. Não gosto de pensar na ideia dele com outra.

Quando ele me toca desse jeito posso entender o lado possessivo dele, pois não vou deixa-lo ir, a partir de agora ele está proibido de proporcionar prazer para outra mulher além de mim.

— Isso é muito bom! — Murmuro.

Sei que se ele continuar fazendo isso eu vou acabar gozando.

Ele afasta-se.

Depois se deita ao meu lado e introduz os dedos na minha boceta, me espreitando, cercando-me com esse olhar de fera, sou uma presa fácil, começa a me masturbar se deleitando dos meus gemidos, ele é tão magnífico no que faz, meu corpo é todo dele.

— Oh céus... — Ele vai acabar me viciando, talvez, seja essa sua

intenção.

Fazer-me dependente dele.

Ele toma meu mamilo e dá um forte puxão murmurando.

— Quero brincar com o seu corpo sensível o dia todo, deixa? —
Mordo o lábio quando ele dá batidinhas no meu clitóris com o polegar. —
Você é muito linda.

Um elogio inesperado, assim como o beijo esfomeado dele tomando o meu fôlego, consigo degustar o gosto salgado em sua boca.

Me fode com os dedos enquanto me beija, prende meus cabelos, já nem consigo acompanhar sua boca quando alcanço meu prazer absoluto, essa mistura de cheiros e sabores é delirante.

Sexo envolve sons, toques, sabores, cheiros...

E Raony é tudo isso. consegue estar presente sem deixar faltar nada, alguém capaz de me levar a prazeres que nunca imaginei. É assim que me sinto toda vez que alcanço meu clímax.

Ele tira os dedos de dentro de mim e lambe.

— Nunca vou enjoar do seu sabor. — Ele tira sua cueca e seu pau salta para fora. De repente sinto minha boca seca, encaro a extensão grossa, me atentando a veia contornado ele. — Gosta do que vê? — Envolve o seu pau com a mão.

Subo o olhar e foco em sua barriga marcada pelos gomos da musculatura.

— Sim.

Ele fica de frente para mim de joelhos, me puxa e encaixa seu pau na minha boceta pulsante, cabe tudo, preenche tudo, meus olhos chegam a lacrimejar.

Ele passa minhas pernas em seus ombros formando um V, erguendo um pouco do meu quadril, por enquanto ele apenas segura firme minhas pernas sem fazer movimento algum, porém posso sentir seu pau pulsar dentro

de mim.

— Quero muito castigar você, mas você que está me castigando, pois, desejo encher sua boceta de porra.

Ele sempre me deixa marcada, ainda tenho marcas do seu toque da última transa.

Começa a se movimentar dentro de mim, com seus olhos focados nos meus. Os movimentos não são devagar, nem gentis, é um pouco bruto e cada vez que me fode meu corpo balança sem controle, estou presa, sendo açoitada a cada investida dele.

— Aí... — Fundo demais.

— Doeu?

— Só um pouco, mas não para!

— Gosta de ser fodida assim? — Pergunta-me mordendo o lábio inferior.

— Muito.

— Quero você montada em mim, quero meia nove, quero encher sua boca de gozo. Quero tanta coisa e no final de tudo acho que meu querer nunca vai ter fim.

Céus... Ele é recheado de gostosuras, fala parecendo que está deleitando só de imaginar fazendo tudo isso.

Estou preste a gozar, mas ele se antecipa e goza primeiro berrando como um animal, suado e com a boca aberta formando um O.

— Eu quero gozar de novo...

— Não. — Fala sugando o ar, o mais incrível de tudo é que seu pau continua duro dentro de mim. — Do jeito que você está Grace sua boceta não se contentando com minutos de sexo, ela quer horas.

— Como ainda consegue tá duro?

Deita-se sobre mim, estamos suados e sua pele desliza na minha e é

indiscutível o quanto o cheiro desse homem é de outro mundo.

— Não sou humano, consigo aguentar mais tempo se eu quiser. Tem outra coisa, você é humana e aguenta tudo de mim, isso é muito bom...

Ele adora lambe minha orelha, meu corpo está em brasa, quero que ele se movimente dentro de mim novamente, quase gozei com ele pulsando dentro de mim enquanto gozava.

Ele desprende minhas correntes.

Me liberta das algemas.

E deita-se ao meu lado, com o seu pau cutucando minha bunda, beija meu ombro e crava as mãos em meus seios e ordena:

— Se toque Grace, eu quero que você se masturbe enquanto te fodo de novo.

É o que eu faço, deslizo a mão até encontrar meu clitóris sensível, traço os dedos o prendendo e acompanho os movimentos dele.

— Raony... — Meu gemido manhoso me espanta.

— Isso, continue...

Posso sentir o quanto ele me preenche com estocadas lentas, entretanto, metendo tudo dele em mim, de novo sei que alcanço o pico mais alto, ávida e apressada me masturbo mais veloz, está vindo, posso sentir a mesma sensação de liberação, liberdade, prazer ao extremo.

— Você é toda gostosa Grace. E toda minha. — Infelizmente Raony para suas investidas e diz: — Você gosta disso minha Fêmea devassa.

— Sim eu gosto. — Tento falar alguma coisa coerente. — Eu posso ser isso, me chame assim.

Estou com raiva das suas pirraças, ele está me castigando e me deixando louca, tenho vontade de mordê-lo.

E é o que faço mordo seu ombro com força, acho que senti gosto de sangue.

— Aí porra! — Que droga! Ele gostou e ficou mais em transe ainda. — Não sabe como estou aqui Grace, fique quieta minha intenção não é machucá-la, foda—se da próxima vez vou providenciar uma coleira. — Saí de dentro de mim, reclamo baixinho murmurando, mais ousada arranho seu ombro, quero que sinta dor, pois nesse momento seu abandono está me causando isso, preciso muito que ele termine o que começou. — Não esqueci o que aconteceu. Tá de castigo.

Foco em seu pau duro. Ainda bem que ainda está duro.

Por que ele parou? A fraca iluminação tinge a pele suada dele, lambo a boca louca para tocá-lo.

— Ainda não posso tocar em você?

— Não minha gata manhosa, apesar de gostar muito, guarde suas presas e garras para outro momento.

Bom, então o que me resta é admirar e aproveitar (Não é queridas?) Aí Cristo e que corpo!

Faço a minha melhor cara de pedinte na esperança que ele continue a me foder, eu o desejo loucamente.

— Príncipe Raony, meu cafajeste gostoso. Me foda, por favor. — Bato os cílios.

Ele ri. Seu sorriso é largo e lindo.

— Vire-se. — Ela ordena e me decepçiono um pouco por ele não querer que o toque.

Mas não quero irrita-lo, fico de bruços na cama sem me movimentar. Não devia estar assim, tão submissa a ele.

— Só estou me controlando, Grace...— Fala baixinho, como se lesse meus pensamentos.

Enfia o pau, me afundando na cama. sinto de leve seu peso sob mim. Suas estocadas fundas continuam a castigar minha boceta, suas mãos firmes estão abertas no colchão, seus braços apoiam seu corpo, as veias dos seus braços estão alteradas.

Ele parece estar fazendo esforço monumental para se conter, o que ele guarda de mim?

Hoje notei seus olhos brincalhões acesos e seu sorriso que é direcionado a cada grito que dou.

Uma linha delicada entre dor e prazer, porém muito prazer.

— Raony... — Não entendo como meu corpo se curva diante dele.

É como se eu estivesse sendo rasgada, ele tem toda preocupação em controlar o peso em cima de mim, a respiração dele na minha nuca me deixa mais ensandecida ainda, para completar ele lambe a marca logo ali.

— Você gosta de estar sem pudor diante de mim, pare de lutar contra isso... Porque isso me encanta, não é feio é belo.

Não contesto, pois concordo plenamente, nós somos belos juntos.

Concentro-me no barulho do choque que seus movimentos dão na minha bunda. Raony mordisca minha orelha, me lambe.

Se eu não posso tocá-lo seus toques me consolam.

— Caralho! — Ele berra. — Não posso fazer nada se você é muito gostosa. E tenho vontade de te comer toda hora.

Ele tira o pau novamente. De novo eu estava perto!

— Já chega! — Grito.

Faço uma careta para ele, me ignora, vira meu corpo e fica de frente para mim, toca em meus lábios de leve.

— Você está de brincadeira comigo? — Posso estar me iludindo, mas vi um pouco de tristeza em seu olhar.

— Larga de ser apressada, vai gozar muito nesse pau, só me beija e me toca. Está difícil, mas vou tentar continuar mantendo o controle.

O que ele quer dizer com isso? Parece mais profundo e seu tom é melancólico.

Tenho permissão para tocá-lo, que seja, enrosco as mãos no seu cabelo e o puxo para um beijo exigente, mordo e dou um puxão em seu lábio inferior em uma mordida, ele geme a intenção era lhe causar dor, mas seus gemidos de aprovação dizem o contrário...

Então mordo mais forte.

—Aí, caralho. Isso dói, porra!

— Me fode e não tira esse pau até eu gozar.

Ele começa a rir de novo, me prendo nessa visão. Estou apaixonada. Meu peito se aconchega em seu sorriso, em seus toques, em sua presença.

Devo está muito séria olhando para ele, pois ele também forma um semblante sério.

— O que foi?

Te amo.

— Nada. — Falo ainda fingindo estar chateada.

Ele torna a me beijar e mergulha seu pau em mim, porém mais lento até nos perdemos em nossa necessidade de nos conectarmos.

Gozo chamando por ele do fundo do meu coração, Raony não demora muito para me apertar mais contra seu corpo e liberar seu prazer, me sinto preenchida, a sensação de sentir seu pau pulsar e jorrar dentro de mim é única.

Ele se joga na cama puxando o ar com força.

— Agora é oficial Grace Jane. Você é minha mulher, não amantes, mas apenas minha, namorada, noiva, esposa, como você quiser. Só será minha e ponto final.

— Você também é meu. — Eu sei que ele também me ama, ele só não deve saber ainda. *Bobinho...*



CAPÍTULO VINTE DOIS

Elie Anjo - Demônios Reais

Não sei se vou conseguir transar com a Grace novamente sem conseguir marcá-la. Foi tão desesperador domar minha fera que queria cravar a presa na marca em seu ombro, tive que interromper a transa várias vezes, não posso marca-la antes de saber o que vai acontecer depois, se haverá mudanças extremas nela, ou em mim.

A Grace é mortal e provavelmente um de nós terá que renunciar sua vida. Ela vindo até mim, ou eu vivendo com ela.

Quero dá opção de escolha mesmo sabendo que é impossível viver longe dela, não apenas porque me apaixonei, mas nossa maldição nos obriga a ficar ao lado dela, caso contrário vamos acabar morrendo aos poucos. Grace é o elo que me liga a esse mundo, ela nasceu para manter minha existência, ou me exterminar. Se algum dia a fêmea negar o macho ele acaba morrendo aos poucos.

De certa forma criei uma ligação com a Grace desde que ela me chamou pela primeira vez.

Entretanto, ela não sabe de nada. Do quanto é importante para mim em todos os sentidos. Já não posso mais me deitar com outra e quando a marcar, tudo será mais intenso.

Preciso pedir ajuda aos meus irmãos para encontrar o restante do livro, também preciso manter a Grace segura perto de mim.

Não posso acreditar que a Tris esteja envolvida nisso tudo, ela desapareceu há séculos... Por que votaria agora?

Zapei para perguntar alguma coisa para o Marlon. Mas ele estava no meio de uma trepada nas montanhas.

Tentei ligar para o Rudá, mas ele não atendeu.

Grace dorme tranquilamente ao meu lado na cama, pensei que ela não me queria, mas tudo não passava de ciúmes...

A propósito, preciso arrancar as mãos de certo servil inútil.

Zapo para o banheiro e tomo um banho, quando saio apenas de toalha para procurar alguma coisa pra vestir ela está sentada na cama, totalmente despida e um pouco desnorteada.

— O que foi. Outro pesadelo?

Nega com o balançar da cabeça.

— Tenho que voltar pra casa...

Sento na borda da cama e seguro sua mão, fiz um bom trabalho ela está toda marcada, foco em seu olhar não em seu corpo.

— Não vou deixa-la ir, tem alguém tentando fazer mal a você. — A história do celular cheira a armação, alguém quer me separar dela.

— Eu não posso ficar, tem a Adocica.

— É só por um tempo, trago seu carro e peço pra Judite cuidar da Adocica, mas, por favor, fique aqui por um tempo. — Beijo sua mão. — Huh?

— Só se você me contar o que está acontecendo. Encontrei um livro na casa da minha avó, ele falava sobre criaturas e que vocês ficam mais descontrolados na lua cheia, lua de sangue... Vai ter uma lua de sangue em poucos dias.

— Que livro? — Isso me deixou intrigado.

— Pode achar que sou louca, mas o livro estava escrito em uma

língua estranha na medida que fui tocando com... — Ela cora, — Minha saliva consegui compreender tudo. Será que minha avó era uma bruxa de verdade e também sou?

Raspo o dedo na boca, pensando no que ela disse, tem essa possibilidade. Da mesma forma que tem a possibilidade desse livro ser o que procuramos o único jeito de saber é verificar pessoalmente, mas antes preciso encontrar a bruxa da Tris. Antes que ela tente mais alguma coisa para machucar a Grace.

— Então?

— Depois me leva na casa da sua avó.

— Tem mais coisas, não é? Relacionado à voz feminina...

Quanto mais a conheço mais me encanto. É incrível como ela passa longe da imagem de mulher louca que eu tinha, foi um julgamento precipitado. Grace é perspicaz.

— Na hora certa te conto. Agora tenho que sair, fique à vontade, se precisar de alguma coisa peça ao Ructon, só é discar o número um desse telefone. — Aponto para o criado mudo ao lado da cama. — Não saia de casa.

Beijo de leve seus lábios e zapo para meu closet, me visto rapidamente e bato em meu escritório onde o Ructon deve estar se ocupando e cuidando das coisas.

Acertei...

Ele está com a cara em uma pilha de papéis.

— Meu senhor!

— Me diga seu infeliz como a Grace teve acesso a um celular cheio de nudes? E porque diabos você tirou a senha, não apagou as porras das mensagens? — Jogo o celular na cara dele. Consegue se esquivar a tempo.

Antes que o celular se choque na parede puxo de volta usando minha telecinese. Desbloqueio a tela, deixo sem senha e excluo o aplicativo de mensagens.

— Não sei do que está falando, apaguei tudo! E não tirei senha alguma. Juro.

— Alguém mais entrou no barco?

— Só as pessoas responsáveis pela comida. Aqui o nome do restaurante, eles levaram a comida. — Pego o cartão.

— Pensei que você tinha feito o Jantar.

— Ah, meu senhor, assim você me magoa, não reconhece o meu tempero? Aquilo ali é comida de primeira classe, mas não tão boa quanto a minha. Só não tive tempo pra fazer estava muito ocupado com a contabilidade.

Ele aponta a pilha de papeis.

— O dono é um dos nossos?

— Sim senhor, o dono é um lorde como o senhor.

— Cuide da Grace até eu voltar e acho bom estar falando a verdade.

O restaurante fica na cidade vizinha. Guardo o cartão e coloco no bolso da jaqueta, zapo para garagem e Marlon me aguarda de braços cruzados encostado na moto.

— Onde está indo irmão?

— Não é da sua conta. — Aguardo ele sair de perto da minha moto.
— Ontem você estava trepando, não me deu atenção.

— O Rudá pediu para ficar de olho em você.

— Sabe o que eu quero? Que você o Rudá e quem mais encher meu saco, fodam-se!

Empurro-o da moto.

— Eu vou com você. — Ousado senta na garupa da moto. — Se é para ajudar a cunhada, eu quero ir.

Reviro os olhos e dou partida, espero que a Grace fique bem, se

Ructon está falando a verdade vou descobrir. Confio nele cegamente.

Cheguei na cidade vizinha depois de duas horas, isso porque aconteceu um acidente e tudo engarrafou, o pior de tudo é que não tinha como zapar no meio de tantos humanos em plena luz do dia.

Estaciono a moto frente ao restaurante, próximo a um hotel na estrada.

Zapo para o restaurante que está em funcionamento, porém é uma surpresa encontrar um único cliente, o tal do Marcos sentado em uma das mesas comendo.

— Esse maldito de novo? — Pergunto para Marlon ao meu lado.

— Problemas?

Não quero falar para ele nada sobre a Tris.

Ignoro o Marlon e entro no restaurante, o gerente informa que o dono não estava no momento. Ainda assim zapo para dentro do escritório dele.

Realmente não há ninguém.

Olho em volta e travo na foto sobre sua mesa, aproximo-me torcendo para estar enganado, porém apesar de ela estar de costas ao lado desse macho, que com certeza é o dono do restaurante... Reconheço o cabelo negro da vadia, a curva desse pescoço que tanto mordi.

Jogo o porta retrato no chão que se espraça.

Marlon deve ter escutado o barulho, pois zapa ao meu lado.

Encara a foto no chão e diz:

— Você está ferrado, cunhada número um voltou.

Tris vadia.

Ela mesma. o que aquela bruxa quer aqui?

Isso tem cara de fêmea enciumada.

Miserabilidade!

— Leve a moto! — Entrego a chave para ele.

— Você não pode ficar zapando pra lugares longes, Raony.

Rudá consegue, apenas ele, quando mais velho o demônio mais forte ele é.

— O que você quer que eu faça? — O encaro com ódio. — Aquela vadia está por aí tentando machucar minha fêmea, eu deveria ter estripado ela.

— Não faça nada que se arrependa.

É o que escuto antes de zapar, agora consigo persegui a Grace pela sua aura, ela não está onde a deixei. Limpo o sangue do nariz, o preço que se paga por ficar por aí brincando com os limites das minhas habilidades.

Estamos na igreja.

Maldição.

Falei para ela não sair de casa.

Escondo as mãos no bolso e caminho despreocupados entre os irmãos, preconceituosos me olham em aversão.

— A paz esteja convosco irmãos!

Onde estar essa pequena teimosa...

Tem uma cantoria vindo de dentro, parece um tipo de apresentação de um coral. Minha fêmea está entre elas, porém o mais intrigante de tudo é o regente.

Não pode ser...

Como esse infeliz consegue está em dois lugares ao mesmo tempo?

Um deles tem que ser a maldita da bruxa.

Terminaram de cantar Grace vem até mim sorrindo a ignoro, vejo o Ructon distraído, cercado por fêmeas quando me ver sorri torto, pelo menos ela não saiu sozinha.

— Socorro, meu senhor. Elas querem me comer vivo. — Fala Ructon para eu ouvi.

— Que decepção Ructon, tantos anos convivendo comigo e não consegue se livrar de fêmeas.

Sigo Marcos ele entra em uma das salas do templo.

— Quem é você seu filho da puta?

— Como? — Ele pergunta confuso.

Então o Marcos do restaurante só podia ser a Bruxa da Tris. Esmurro a parede e deixo o humano de lado.

Procuro pela Grace na multidão de mulheres, não foi difícil de encontra ela excluída no canto, e o Ructon tentando se livrar do círculo de mulheres à sua volta.

— Sou livre só seis meses do ano meninas, só seis meses do ano, respeitem meu estilo de vida! — Grita meu servil inútil.

Atravesso o salão, Grace está quase na saída, passo no meio do corredor formado pelos bancos, mas uma humana com verruga na cara me cerca.

— Olá, sou a Ruth. Você faz parte da nossa comunidade? — Pode me olhar indiferente, mas sinto cheiro de excitação.

Bando de mulheres vagabundas que morrem de inveja da Grace.

— Não querida, sou satanista. — Respondo me divertindo com sua cara de espanto. — Porém nem o filho do demônio está interessado em sua boceta peluda, agora saí do meu caminho.

Só lamento Ruth, mas meu dia está péssimo.

— Então é assim que afasta fêmeas meu Senhor?

O Ructon consegue afastar as fêmeas após sua crise de riso, ri alto, fazendo com que a fêmea Ruth fique mais constrangida ainda. As outras nem entenderam, pois estão muito distantes para ouvir.

Grace já deve saber da minha situação, e para isso ela nem precisou ouvir nada do eu disse, pois segura uma lágrima risonha.

Minha fêmea vem até mim.

— A Ruth é ótima. — Fala Grace mordendo a língua.

— Qual a parte para não sair de casa, você não entendeu? — Seguro sua mão.

Ela não tenta se soltar, abro caminho na multidão: Zé povinho, fofoqueiros e irritantes!

— Hei, calma aí machão. Não posso faltar os ensaios o natal é semana que vem.

— Não vai vir, esquece natal. Esqueça essas mulheres irritantes. A partir de agora não vai sair de dentro de casa! — Sou autoritário e falo alto.

Antes que Grace abra a boca para protestar, as mulheres gritam na direção da sala onde Marcos estava.

— Oh, meu deus, oh meu deus!

Grace corre para onde o grito estar vindo, tenho que correr atrás dela, sangue está por toda parte, o corpo de um homem está em um lado da sala e a cabeça de outro, não faço ideia quem seja esse cara e pelo visto ninguém reconhece.

Bruxa maldita.

E onde foi parar o Marcos? Pois deixei ele nessa sala a pouco instante.

Rapidamente pego a Grace e zapo para longe dali, consigo zapar para meu quarto mesmo desorientado.

— Por que fizeram isso? — Ela se joga na cama chorando. — Que horror, que horror!

Incrível ela não me acusar, sou o suspeito número um por matar aquele homem, primeiro lugar, eu, Ructon e a vítima somos as pessoas estranhas na igreja, logo sou suspeito por ter saído daquela sala, mas tem o

Marcos...

Porém minha fêmea não me acusa. Deito ao lado dela e escondo seu corpo em um abraço.

— Estão tentando machucar você. Não saia mais de perto de mim. Promete?

Grace está tremendo, a cena para ela e para o restante das mulheres é chocante demais.

— Sim. Mas isso é por que estamos juntos? Quem está por trás disso?

— É muita coisa, confia em mim... Você não me acusou...

Beijo sua mão.

— Por que faria isso? Você não é um covarde, você matou o meu pai por ele ser um.

Essa mulher...

Às vezes me deixa sem palavras.

— Não sei como uma humana como você tem tanta energia, comeu alguma coisa?

— Ructon me alimentou. — Limpa as lágrimas.

— Descansa então.

— Certo, vou ligar para a Judi e dispensar ela do trabalho esses dias. Preciso ligar para a boate na cidade vizinha... Já que vou ficar na cidade preciso de um emprego.

— Nem pense nisso Grace Jane!

— Por que não?

— Eu posso dar tudo o que você quiser? Não ouviu o que eu disse? Alguém está tentando machucar você!

— Não quero seu dinheiro. O Ructon vai comigo ok? — Não tem como brigar com essa mulher teimosa. — Oh droga esqueci meu celular em

casa, só lembrei de tomar banho e pegar as roupas.

— Pode usar o meu.

— Melhor não a última vez que toquei no seu celular, eu fiquei traumatizada.

Entrego o celular na mão dela.

— Não tem mais senha e desinstalei o aplicativo de mensagens, estar limpo vou pedi para o Ructon providenciar outro número.

Ela sorri satisfeita. Já me sinto um idiota quando o assunto é Grace Jane, ela já me tem nas mãos.



CAPÍTULO VINTE TRÊS

Elie Anjo - Demônios Reais

Fiquei dois dias em casa aguardando a poeira baixar, não estou me escondendo, mas seguindo o conselho do Rudá, Grace saiu no final da tarde, ela disse que ia atrás do seu antigo emprego na boate. Teimosa... Disse que ela poderia ficar na minha boate, mas ela não quer trabalhar para mim.

Dispensei a irmã dela faz muito tempo, que por sinal sumiu de vista. Grace não pergunta por ela, mas sei que quando a magoa dela passar vai querer saber da irmã. Então melhor me precaver e saber onde está a Trisha.

Prometi que ela poderia sair de casa com a companhia do Ructon e caso voltasse a trabalhar é claro que o Ructon ficara o tempo todo colado nela.

E tem a questão do cara morto, ele era um humano, mas não era da cidade. Deixei o Rudá cuidar disso. Não serei acusado, até porque temos muitos contatos fluentes que limpa nossa bagunça as vezes, e é claro que esses contatos são criaturas do nosso mundo.

Dirigi até a boate da cidade vizinha, onde costumava visitar com os caras, que são alguns demônios que costumam visitar também, não são amigos são minhas companhias de noitadas. Ou eram... Se a Tris está por perto eles devem saber de alguma coisa.

Engraçado que no fundo esperei ela retornar, mesmo odiando ela e o seu abandono, seu desprezo. Tris era a fêmea que eu queria.

Mas agora se tornou um fardo e a Grace não pode descobrir sobre ela. Sento no balcão sentido o olhar de um deles sobre mim.

Não demora muito para vim até mim, eu peço um Martini e enfio a mão no bolso da jaqueta preta. O demônio barbudo me olha atravessado.

— E aí Heitor, não me olha assim seu filho da puta. — Digo pegando o Martini, o dono dessa boate também é um demônio de segunda classe.

Mas o Heitor é a sujeira na sola do meu sapato. Um pobre fodido demônio que grudava em mim para ser bancado. Mas é claro que mandava ele se foder na maioria das vezes.

— Raony. — Passa a mão no bigode. — Soube que encontrou sua fêmea perdição, por isso que anda sumido? Tá passando roupa, hein, tá fazendo torradas no café da manhã pra sua fêmea... — Ele solta uma gargalhada irritante.

Mi—se—ra—bi—li—da—de!

Quero muito quebrar o nariz dele nesse momento, porém se existe um fofoqueiro nessa boate esse alguém é o Heitor e preciso que ele me diga se viu a Tris vadiando por aí.

Ela deve estar bem longe do restaurante agora, não é burra para permanecer lá, ela deve ter enganado a trouxa do demônio dono do restaurante.

Tris adora brincar com o coração dos machos e para minha eterna desgraça fui o primeiro na sua fila.

De uma maneira dura aprendi a lição, nunca coma a mulher que seu pai escolheu pra ser sua babá.

Como a azeitona do Martini e deixo o caroço na boca. Encaro o Heitor e cuspo o caroço bem na cara dele, acho que acertei seu olho.

— Qual é cara! Só estava brincando. — Ele segura o olho com a mão.

Foi forte o suficiente pra deixar um hematoma.

Tiro a mão do bolso e pergunto:

— Vou logo ao assunto Heitor, seu fofoqueiro, vida dos outros. Tem visto a Tris por aí?

Ele me olha com estranheza.

— Não...

— Fala ou não vai ser uma azeitona na sua cara da próxima vez. — Mostro o punho fechado para ele.

— Olha cara... — Ele faz um gesto para me aproximar e eu não quero fazer isso, cheirar o bafo de outro macho. Mas tenho que fazer. — Ela estava aparecendo por aqui nas últimas noites. — Fala baixo como um bom fofoqueiro. — Só não quero me meter na briga de vocês dois. Tão pouco com o bando dela.

Demônio mela calças.

Levanto-me da cadeira e digo:

— Pague a conta dessa vez, seu fodido. E aparece na minha boate um dia desses.

Se Tris está aqui nesse exato momento só tem um jeito dela aparecer...

Vou para o meio da pista de dança chamar atenção das fêmeas, quero vomitar por ter tanta gente ralando em mim, apesar de não ter muitos humanos, eu odeio esse fedorê humano.

Mas preciso fazer isso.

Não preciso dançar, apenas ando com a mão no bolso dando espaço para elas se aproximarem de mim e é o que elas fazem, bando de fêmeas com rabo free começam a me cercar.

— Oi. — Diz uma ruiva. Vai ser essa mesmo.

— Olá! — Pego seu pulso e a puxo para mim, dou um beijo nela e ela retribui de imediato.

Porém mesmo de olhos fechados me atento a qualquer alteração no ambiente, no meio de tanta batida e passos embalados, ouço um que vem ao

meu encontro, apressados e raivosos, usa saltos altos.

Já segui muito esse passo como trouxa.

Porém, algo mais me incomoda. Capturei um cheiro doce no ar. Estranho pensar no cheiro da Grace no momento como esses, afasto esse pensamento, ela é minha fêmea e inocente demais pra ficar no meio de tudo isso.

Alguém aperta meu braço e me puxa para longe da humana.

E só alguém com mãos tão pequenas tem uma força assim.

A bruxa.

— O que está fazendo meu macho? Tentando me deixar com ciúmes?
— Nunca pensei que a voz dela me irritasse tanto e eu achava sexy.

Solto um riso amargo ao encarar a mulher na minha frente com a aparência normal, cabelos longos e negros, pele mais morena, olhos puxados e delineados, amava suas bochechas marcadas e queixo pequeno pontudo. Idolatrava essa índia maldita.

Não me sinto balançando, não sinto as mesmas coisas de antes porque agora o meu coração só tem espaço para a Grace que além de espaçosa, preenche tudo com sua doçura e com a luz que só ela tem. Ela é única. Por isso que me apaixonei por ela, estive com tantas mulheres, porém nenhuma tão única como ela.

Meu celular toca, tiro do bolso da jaqueta e encaro a tela, recuso a chamada do Ructon.

Permito que Tris me leve para fora da boate segurando minha mão. Sinceramente estou com a enorme vontade de prensar ela na parede e arrancar a verdade à força.

O beco atrás da boate tem pouca iluminação. Ela solta a minha mão, porém permanece próxima a mim. Veste um vestido curto preto e noto algumas tatuagens no corpo, tem um piercing no nariz.

— Não vai falar nada? — Pergunta tocando na gola da minha jaqueta, depois me puxa fazendo o meu rosto ficar mais próximo ao dela. — Não

sentiu minha falta? Pois pensei em você todos os dias.

— Por que está perseguindo a Grace? Você matou aquele homem?

— Não é obvio? Matei, era só um cara que devia algo para alguém do meu bando ia morrer de qualquer jeito. — Ela ri. — Você anda por aí com ela, ouvi boatos que ela é sua fêmea.

— Não são boatos, ela é minha fêmea. — Tiro as mãos dela de mim. — E se tentar mais alguma coisa Tris, eu vou matar você.

Meu celular toca de novo. O Ructon tirou a noite pra me atazanar.

Ignoro a chamada novamente.

— Você deveria atender, a notícia parece ser urgente.

Agora chega, pego o pescoço dela e prendo-a na parede. Não me lembro de ter agredido fêmea, mas essa já não é humana há muito tempo.

Permito que minhas garras cresçam.

— Você sempre foi intenso, adorava fazer sexo selvagem, aposto que aquela fêmea humana não aguenta assim como eu aguentava, estou com saudade.

— A próxima vez que colocar essa língua para fora para falar da Grace vai ser a última vez. Vou arrancar. — Desço a garra até seu pescoço, apenas arranhando de leve, sei que em segundos ela vai se regenerar. — Some, faz como antes, desapareça. Você e sua tribo de índios malditos.

Alcateia maldita. Sendo guiados por uma fêmea louca.

Ructon liga de novo e dessa vez atendo furioso.

— O que é Ructon mais que inferno!

— Meu senhor... Creio que seu relacionamento com a senhora Grace está em perigo.

Olho para a porta que acabei de sair ouvindo a voz presente do Ructon e o fraco choro ao lado dele.

Ah merda, a Grace!

Ructon coloca o celular no bolso e permaneço parado perplexo encarando minha fêmea com olhos lacrimejados.

— Mas que porra, você a trouxe aqui?

Algumas luzes dos postes tremulam diante do meu descontrole, Grace se encolhe atrás do Ructon, limpando as lágrimas.

Tento puxá-la para mim, porém ela se afasta, ela deve ter presenciado tudo para estar nesse estado.

— Sabe a boate, meu senhor? É bem aqui. E eu sinto muito, se eu soubesse não teria trazido ela aqui.

— Ructon, seu traidor! — Ela bate nas costas do Ructon. — Você não pode esconder as coisas de mim, não seja como esse aí. Me leve daqui.

Ela nem olha para mim. Afs... Não sei como explicar isso para ela.

Para piorar tudo, Tris fica ao meu lado e passa o braço no meu ombro.

— Olá amiga Grace, foi muito bom me passar pelo Marcos algumas horas naquele dia...

Grace não diz nada confusa. Tão perdida.

— Quem é ela? — Só então Grace olha para mim.

Ructon se transformou no escudo dela, pois ainda está escondida atrás dele.

— Ninguém importante...

— Como sua primeira mulher não pode ser importante, querido? — Tiro a mão atrevida da Tris de cima de mim.

— Grace tem uma explicação para tudo isso. Vamos, vou levar você para casa, minha moto está estacionada logo ali. — Tento me aproximar dela.

Mas ela se afasta de mim novamente. E eu não gosto disso.

— Não. Vou voltar com Lady Laura. Vamos Ructon?

Ructon está com os ombros tensos aguardando minha aprovação. Não tenho alternativa nesse momento, ela está chateada demais. Libero o Ructon para acompanhá-la.

Ele entende.

Meu coração se afunda ao vê-la partir desse jeito, me sinto abandonado pela primeira vez. Ela está assim por minha causa, deixei minha fêmea triste.

Antes de saírem totalmente da minha vista sussurro:

— Não deixe a Grace dirigir, Ructon. — Ructon me escuta, ele apenas faz um sinal com o polegar antes de virar a esquina.

— Nunca vi você tão preocupado com outra fêmea além de mim.

— Qual é a sua, vadia? Aliás, não faço questão de saber, só desapareça. Se me conhece tão bem sabe que não terá outra chance, da próxima vez, eu te mato.

Ando apressado em direção a minha moto estacionada, consigo acompanhar o carro da Grace na estrada. Não quero ultrapassar seu fusca rosa, e foi assim o caminho todo.

O carro para frente à casa dela, sinal que a Grace não vai voltar para a minha casa comigo.

Que inferno!

Deixo a moto ao lado do seu fusca.

— Grace! — Chamo por ela antes dela entrar, sei que sabe que a segui pela estrada.

— Hoje não tenho condições de falar com você.

Não me conformo.

Eu não quero.

Preciso explicar tudo para ela.

Seguro seu braço a mantendo imóvel, ela tenta se soltar então prendo Grace na parede.

— Por favor, só me escuta, não é nada disso que está pensando, não fui para aquela boate pra ficar com outras.

— Como não? Meu Deus! Os homens devem achar que sou bem trouxa, sabe por quê? — Fico em silêncio ouvido seu desabafo. — Porque na verdade sou trouxa. Eu vi você com aquela mulher se beijando na pista de dança, depois o Ructon me levou para fora tentando ligar para você e tudo o que eu queria era correr para bem longe, depois você estava com aquela mulher. Sua primeira mulher...

Ela fala de maneira tão sôfrega e isso está me matando.

— Ela só é uma mancha em meu passado, voltou para me atormentar, você é minha mulher, Grace. — Acaricio seu rosto limpando suas lágrimas.

Nunca ninguém chorou assim por mim. Será que ela... Não, não. A Grace não nutre sentimentos por mim, ela é tão boa para amar alguém tão atormentado como eu.

— Grace...

— Não consigo mais, é torturante tudo isso. Quando penso que você é só meu... Quando penso que, que... — Ela trava com lagrimas que não param de jorrar.

Além de dor ao ver minha fêmea chorar, sinto uma enorme expectativa, quero que ela complete, que fale que sente algo por mim. Eu preciso desesperadamente que ela me ame. Eu quero ser querido e amado pela Grace não por outra mulher.

— Dói Raony... — Ela bate no peito com o punho fechado, parece tão sufocada. — Dói porque eu te amo. Porque quero que me ame. Porque você me fez sentir especial, queria ser especial para você de verdade.

Suas palavras balançam minhas estruturas. Na verdade, desde que vi a Grace chorando perdi completamente minhas estruturas. Agora ouvi da boca dela o que realmente sente por mim.

Por Oric! Estou sem chão.

Meu coração se torna mais inquietante, arde, pulsa é uma sensação que me dar segurança, abrigo, até mesmo confiança. A puxo para um abraço e ela chora mais ainda.

— Grace eu...

— Não! Não quero ouvi. Quero que me deixe em paz nesse momento, é muita coisa pra sentir ao mesmo tempo, nesse momento sinto amor e ódio. É tudo tão confuso...

Ela me afasta em um empurrão e corre para o portão.

— Droga. Esqueci as chaves! — Chuta o portão.

Zapo até ela vendo o Ructon mais distante balançando o molho de chaves, seguro sua cintura e zapo para a casa dela.

Beijo sua testa antes de partir.

Ructon me entrega as chaves, zapo para a casa dela novamente e a ouço chorar no quarto. Deixo as chaves na porta fazendo o mínimo de barulho possível.

Depois zapo para casa, me sento na poltrona no meu quarto e cubro o rosto com as mãos, primeiro que ele está fervendo desde que a Grace disse que me amava, e não faço ideia do que vou fazer para ela me aceitar de volta, e confiar em mim, e acima de tudo, acreditar quando eu falar que também a amo.



CAPÍTULO VINTE QUATRO

Elie Anjo - Demônios Reais

Não consigo dormir, não quero pensar na Tris, minha mente nem foca em nada dela. Eu quero a Grace, sinto falta dela.

Ela me ama. Ela é minha.

Olho as horas no relógio no pulso e passa das três da manhã. Zapo até o quarto dela, ela dormiu sentada no sofá com um pote de sorvete do lado... A tv ligada tocando músicas natalinas.

Com cuidado tiro minha jaqueta e cubro seu corpo, pois só está de camisola e a noite está fria a carrego até sua cama depois de deita-la na cama sento-me ao lado dela, um pouco desconcertado pego sua mão pequena e cubro na minha.

Grace dorme, acho que é a minha vez de desabafar então começo a falar:

— Eu tenho um pai que me abandonou várias vezes, ele sempre priorizou outras coisas... Fiquei preso em uma fortaleza, meus irmãos me libertaram, e acabaram sendo punidos também. Não queria isso. Só estou tentando dizer que sou um caos. Mas nesse momento tudo em que consigo pensar é em você porque eu também te amo e quero que fique comigo Grace.

Sei que ela já acordou e não consegue abrir os olhos, noto apenas as lágrimas rolares, beijo suas pálpebras.

— Você me ouviu certo?

Ela abre seus olhos extraordinários.

— Ouvi tudo.

— Então volta para mim?

— Eu acredito em você, só senti ciúmes e tive medo de você se sentir balançado por outra mulher. Você beijou outra... Posso não sentir o cheiro de outras mulheres em você, não da mesma forma que você, mas ainda assim me incomoda saber que estava com outra.

— Eu sinto muito por isso. Só a beijei pra atrair a Tris.

— Então esse é o nome dela.

Grace se levanta da cama. Aproximo-me mais dela e descanso minha testa na sua, ela cheira a sorvete de chocolate.

— Não existe uma mulher que me balance além de você. Só você me deixa perdido e sem ar Grace.

— Promete que não vai mais fazer isso? Sem segredos, sem beijar outra pessoa?

Beijo sua mão e afirmo:

— Sim.

— Então estamos bem.

Ela abre um sorriso tímido e me abraça.

Sim, estamos bem.

Voltamos com tudo.

Deito ao lado dela na cama e a cubro com os lençóis. Ela passa a mão na minha cintura, deita de lado, olhando para mim. Eu tive medo de perder algo pela primeira vez. Não conseguir pensar em outra coisa a não ser vir até ela e abrir meu coração.

— O que mais preciso saber Raony?

— Já são três da manhã...

— Acho que essa é a hora certa que você disse...

— Nós temos uma predestinada e você é a minha. Minha fêmea.

— Mas não sou da sua espécie.

— Tem que ser uma humana, você nasceu com a marca. — Toco em seus cabelos penteando-os com os dedos. — Tem mais uma coisa que precisa saber, para isso acontecer por completo preciso te marcar como minha, não pode voltar atrás.

— Por que no início você me rejeitou?

— Fui um idiota, não dei uma chance para conhecê-la, temos a mania de julgar as pessoas antes de conhecer melhor.

— E agora? — Ela boceja. — Tá bom não precisa responder, só queria ouvi que me ama de novo...

— Uma palavra dita facilmente não é tão valiosa quando aquela preciosa que guardamos para momentos especiais. — Beijo a pontinha do seu nariz.

Ela sorri mais ainda, e me olha com expectativa. Se eu não falar ela não vai desistir.

— Tá bom, eu te amo. — Falo sentindo meu rosto esquentar.

Grace se aconchega mais em mim, acaricio seu cabelo.

— Ela que quer me matar, né?

— Não perca seu tempo pensando naquela bruxa, estamos bem, estamos juntos e isso é o que importa.

Ela concorda.

— Acho que tomei muito sorvete, me sinto enjoada.

Ela me encara preocupada e já posso imaginar o que se passa na mente dela, acabo rindo, Grace fica pálida.

— Você não está grávida Grace.

— Como pode ter tanta certeza?

— Você precisa ser marcada primeiro. Antes disso ainda não posso ter um filho com você. — E nesse momento desejo planejar isso com ela. — Não se preocupe logo, logo terá um demônio em miniatura aqui. — Abro a palma da mão na sua barriga.

Grace sorri travessa e pisca.

— Sempre quis ser mãe, mas me sinto uma... Sem condições no momento.

Inacreditável como ela não me vê como provedor.

— Você é minha mulher, logo nada vai lhe faltar.

— Amém. Mas quero ter minha vida, minha independência.

Não quero discutir isso com ela agora, estou aqui para suprir todas as necessidades dela uma hora ela vai ter que entender que sempre terá tudo do bom e do melhor. Tudo o que ela quiser. Ficamos na cama conversando até ela pegar no sono, sinto sono também, mas não vou conseguir dormir nessa cama pequena e desconfortável então zapo com ela para a minha. E a dorminhoca continua dormindo.

Quando Grace acorda, eu já estou no banheiro pronto para tomar um demorado banho, mas aí ela aparece me dando um abraço apertado. A jacuzzi está pronta. Ructon até deixou vinho, eu nem tomei café pretendia relaxar nela e pensar sobre as coisas enquanto a Grace dormia.

Mas já que ela acordou cedo...

— Quer tomar um banho comigo? — Pergunto para ela.

— Se não incluir sexo... Nesse banho, se for apenas banho tudo bem.

Isso me deixa preocupado. Porque não? Ela está me evitando por acaso?

Não questiono, entro na jacuzzi e a água morna cobre meu corpo, sento-me enquanto observo Grace se despir, ela só pode ser muito ingênua

em entrar na banheira pelada comigo apenas para se banhar.

Bufo e encho a taça com o vinho seco.

Grace termina de tirar a camisola, mas fica virada de costas para mim imóvel. A visão da bunda dela me agrada, mas quero ver tudo. já estou de pau duro.

— Você pode olhar para lá pra eu entrar.

— Já vi tudo isso querida, não só vi... Então entra.

Sem jeito, ela entra ficando do lado oposto.

— Quer vinho? — Ergo a taça para ela.

— Não. — Ela olha tudo em volta. — E tem coisas que a gente precisa conversar ainda.

— Sério? — Deixa a taça e vou para mais perto dela, ela se encolhe.
— Sobre o quê?

— Sobre sua ex.

Mulheres...

— Grace deixa isso. Olha eu aqui todo para você? Porque não aproveita?

Tento cheirar seu pescoço ela se afasta.

— Como a conheceu? — Reviro os olhos.

— Muitos séculos atrás. — Cutuco o bico dos seus seios empinados com os dedos. — E já não é importante.

— Perguntei como, não quando.

— Esquece isso Grace!

Ela solta uma respiração, vai levar um tempo para ela se acostumar com a ideia da existência de uma ex, que não tem mais importância para mim, mas estamos falando da Grace, é muito difícil de entender sua cabeça.

— Tem mais alguma coisa?

— Você já me perguntou isso...

— Eu sei amor, mas só que...

— Fala de novo. — A interrompo.

— O que?

— Me chama de amor de novo. — Falo próximo ao seu ouvido e mordisco sua orelha. — E não vai sair daqui hoje.

— Então isso é pra chamar ou não chamar? — Grace solta um risinho adorável.

Huh... Já estou colado no corpo pequeno dela puxo para mim deixando-a na minha frente fico de joelhos atrás dela, meu pau cutuca sua bunda, seus cabelos já estão um pouco molhados.

— Pode me chamar de amor, Grace, mas quero algo. — Desço a mão até sua boceta. — Todo mundo tem seus sonhos quentes. Conte-me os seus.

Posso sentir seu nervoso sua nuca ganha um tom mais rosado. Fofa.

— N-não tenho.

— Tem sim...

— Você nem me deu um bom dia direito já está falando coisas pornográficas.

Por Oric, tenho que rir. Ela fica mais vermelha ainda.

— Quer melhor forma de começar o dia que seu macho te perguntando como gosta de ser fodida?

Movimento os dedos na sua boceta e beijo sua bochecha querendo captar sua boca, ela vira a cabeça mais para trás então consigo beijar e masturbá-la ao mesmo tempo.

— Só está tentando desviar o assunto... — Murmura em meus lábios.

— Só quero começar o dia bem e não falando do passado. Então

alegre meu dia e me diz seu sonho erótico, aí vou pensar nisso o dia todo e a noite eu o realizo.

Continuo a massagear seu clitóris.

— Não quero falar sobre isso.

— Então vou parar de fazer o que estou fazendo.

— Não!

Rio.

— Vai contar?

— E tem outro jeito? — Ela faz um bico.

— Mulher safada que eu amo.

— Quero uma transa na floresta, meio selvagem pelada e em uma noite de luar.

— Perfeita pra mim. Só não realizo agora porque está de dia, tem um sol não uma lua. — Mordo seu ombro. — Depois de Amanhã é noite de lua cheia, é o dia do eclipse onde nós vamos ficar mais fora de controle, você está proibida de sair de perto de mim Grace. — Beijo a marca em seu pescoço. — Vou fazer de você minha nesse dia.

Ela nada diz seguro seus seios e continuo a fode-la.

— Vem. — Tiro o corpo dela de cima do meu, e com cuidado saímos da jacuzzi sentando na borda dela. — Deita aqui minha linda, vou dá o bom dia que você merece.

— Taradeza, com certeza.

Sorrio com intensidade, me sentindo um bobo por ter a Grace só pra mim, faço um boquete nela demorado depois a fodo de lado me controlando para não a marcar, quero que ela seja minha. Mas quero fazer isso de um modo especial já que tudo está sendo tão único no nosso relacionamento.

Não faço o tipo romântico, mas sei que minha fêmea tem esse lado então quero agrada-la.

Depois da rápida transa, nos secamos e começo a me arrumar.

— Por que você não mora aqui comigo? Não gosta desse apartamento?

— Não é muito cedo pra isso?

Já estou pensando em ter filhos com ela, e ela acha cedo morar comigo. Preciso encontrar esse livro.

— Grace quando eu te marcar você não pode ficar longe de mim. Preciso de uma fêmea não apenas para ter filhos, mas vou querer você mais do que quero agora.

Ela ruboriza e morde os lábios.

— Eu vou pensar sobre isso.

— Sobre o livro na casa da sua avó amanhã vamos lá pegar.

— Ok.

— Vou a uma reunião agora, e você aceita a proposta de trabalhar aqui? — Encaro-a na cama vestida com um dos meus roupões.

— Sim.

Ótimo. Seria trabalhoso deixar Grace fora das minhas vistas cercadas por um bando de demônios luxuriosos. Tenho uma reunião com meus irmãos na mansão do Rudá. Depois de pronto dou um beijo de despedida nela e zapo para a mansão.



CAPÍTULO VINTE CINCO

Elie Anjo - Demônios Reais

Ainda não acredito que tem uma bruxa da idade de uma múmia me perseguindo. Aí Cristo. O que será de mim? Mas de qualquer forma não vou me abater, aceitei a proposta do Raony e decidi trabalhar na boate dele pela noite e durante o dia cuido da Adocica.

A Trisha desapareceu de vista, mas não é a primeira vez que ela faz isso. Abro a loja sem fazer ideia por onde começar. Vou até a cozinha e faço uma lista dos ingredientes que estão faltando na dispensa e são muitos.

Com o emprego na boate consigo manter a loja, não quero me desfazer dela.

Ouçó o sininho da loja tocar alguém acabou de entrar. Espio pela porta da cozinha e é apenas o Ructon segurando uma xícara na mão, com cabelos bagunçados e com roupas de dormir, um pijama muito chamativo de seda.

— Tem Cupcake? Acho que serei seu primeiro cliente.

— Não tem nada preparado, mas vou fazer Donuts. Pode ser?

Ele faz que sim então continuo na cozinha, Judi ficou de passar na loja hoje, estou com o salário dela atrasado e ela não se importa. Judi é filha do pastor, mas a família tem um pouco de condições.

Na verdade, ela fica na loja porque sou a única amizade dela nessa cidade ela é tão ignorada pelas mulheres quanto eu.

Mas no fundo não passam de um bando de invejosas.

Judite faz companhia ao Ructon enquanto termino de fazer os Donuts, os risos constantes deles demonstra o quanto estão se dando bem.

Depois de prontos coloco todos em recipiente e levo para a mesa, reparo na xícara do Ructon que tem a imagem da Arlequina segurando um bastão de baseball.

— Bom dia amiga. — Diz Judi.

— Bom dia Jujuba. — Beijo seu rosto, depois nos abraçamos.

— Você parece ótima, e essa pele iluminada? — Ela ri com um tom especulativo. — O demônio do outro lado da rua está fazendo um ótimo trabalho. — Pisca.

Reviro os olhos.

— Vou fazer mais café.

— Eu te ajudo. — Se oferece Judi.

Ela me segue até a cozinha.

— Então sobre o Ructon? Ele é solteiro?

— Ficou tanto tempo rindo com ele e não perguntou? — Dou uma tapa na bunda farta dela. — Tá de brincadeira né? Logo você? Você não faz o tipo tímida Judite.

Noto o quanto ela fica sem jeito.

— É eu sei, mas ele é tão... Tão... Ursinho... — Reviro os olhos com a confusão na cara dela. — Sabe não faz meu tipo, curto os Bad Boys, mas

enfim. Ele é um gato.

Isso é.

— Que eu saiba... — Pego os grãos do café no armário. — Ele é bissexual, e só fica metade do ano com mulheres.

Enquanto o grão é moído dou atenção às xícaras pondo em uma bandeja, a Judi me ajuda.

— Sério? Deve ser legal.

— Não vai me dizer que você também é bissexual? — Nunca soube disso.

— Não Grace, mas pelo meu estilo de vida até que poderia ser.

Coloco o café pronto no bule. Um pouco dele respinga no meu vestido azul.

— Decida—se mulher, só acho que você quer ficar com o Ructon, assim como quer ficar com a maioria dos machos que acha bonito.

— É pode ser. — Ela fala displicente.

Voltamos para loja e o Ructon está teclando no aparelho celular.

— Onde está seu namorado Grace? — Pergunta Judite. — Ele não vem tomar café com a gente?

Coço a garganta e aliso meu cabelo para trás.

— Meu senhor tem uma reunião com os irmãos por isso não pode estar com a Grace agora. — Comunica Ructon mordendo um Donuts. — Hun. Muito bom, minha senhora.

Quase cuspo o café para fora, já disse para ele não me chamar assim.

— Senhora? — Judi bebi da sua xícara olhando pelo canto do olho para mim.

— De 0 a 10 eu dou uma nota 7 para seus Donuts. — Ructon pega mais um e morde.

— Você por acaso é especialista em Donuts? — Pergunto já emburrada.

Como ousa dar uma nota tão baixa para os meus Donuts? Hunf!

— Claro que sim, eu praticamente sou o mentor por trás de muitos pratos. Os Donuts, por exemplo, mas não posso ficar pulando de época em época mostrando minha cara por aí, sou discreto.

Judi começa a gargalhar e Ructon congela a expressão, acho que caiu à ficha pra ele sobre sair por aí dizendo que pula de época em época.

—Você se esqueceu de me contar que ele usa drogas. — Judite continua a gargalhar.

E eu:

— Há. Há. Há, isso mesmo Drogas. Não é Ructon? — Faço um bico para ele.

— Nunca usei isso, minha senhora. Mas tudo não passou de uma brincadeira, mas posso lhe ajudar com os Donuts e com as finanças da Adocica antes que a senhora vá à falência de vez; nisso a senhora se parece muito com o meu senhor, não se preocupa com as finanças, mas ele tem muito dinheiro e a senhora não.

Sirvo mais café para ele com a enorme vontade de apertar seu pescoço. Tirou o dia para me criticar? Primeiro meus Donuts e agora praticamente está dizendo que sou uma péssima administradora e pobretona, e pior que sou mesmo. Então mordo a língua e fico calada.

— Obrigada meu querido Ructon, muito atencioso da sua parte. Mas

o Raony não vai ficar chateado? — Quero muito que ele diga sim para mudarmos logo de assunto.

— Meu senhor não se chateia mais quando o assunto é a senhora. Às vezes parece, mas ele só está tentando manter a aparência de durão.

Judite se recompõe.

— Desculpa por ter rido. — Diz Judite.

— Não tem de quê. — Fala Ructon. — Às vezes riso descontrolado, e demonstração euforia em excesso pode ser o sinônimo de que estamos sentindo o oposto. — Não vá por esse caminho Ructon, a Judite já tem seus problemas. — Muito usado para chamar atenção, inclusive à rebeldia também. — Ele encara Judite encolhida na cadeira e totalmente surpresa. Eu só tomo mais do meu café me preparando para a explosão. — Você quer chamar atenção, não é? Do seu pai, o pastor que prefere as moças perfeitinhas, ele tem vergonha de você.

AI CRISTO, RUCTON NÃO TEM FILTRO! Deve ser por isso que o Raony é tão grosso com ele.

— V-Você...

Judite tenta falar, mas Ructon interrompe gesticulando com a mão.

— Nã-Nã-Não precisa me dizer nada, a Grace cresceu com você e o pastor, seu pai a adorava exatamente por ser tudo aquilo que ele queria em uma filha, eu aposto que você sentiu inveja da Grace em algum momento da sua vida! — Ructon dispara com o olhar chamuscando.

O que está acontecendo aqui? Não eram amigos? Meu pai!

— Ructon... — Cantarolo tentando parar ele.

Ele parece ter voltado ao normal, pois sorri para mim suavemente. Acho que perdi alguns capítulos dessa história. Pego na mão da Judi, para tentar acalma-la, pois ela sempre rebate quando falam alguma coisa dela, mas

ela se afasta para limpar as lágrimas.

— Você não sabe nada sobre mim seu idiota! Da próxima vez que falar comigo desse jeito vou arrebentar sua cara. — Judi levanta-se para sair.

Claro que tenho que ir atrás da minha amiga depois do estrago que o Ructon fez. Mas antes de Judi abrir a porta a Helena entra na loja.

— O que você quer aqui? — Fala Judite com a voz alterada, muito parecida quando ela está de TPM, o que me faz ficar apreensiva com o que vem por aí. — Não cansou de ser a número um do Eric?

— Do que você está falando? — Pergunta a Helena.

E não interrompo. Mas encaro a Judite que está pálida e com as bases destruídas, nunca tinha visto minha amiga desse jeito.

— Eu sinto muito Grace. — Judi começa a desabar mais ainda. — Mas eu fiquei com o Eric, sou a puta dessa cidade. Eu achava que se ficasse com o cara mais cobiçado dessa cidade me vingaria de todas essas bruxas solteironas que me humilhava que tiraram meu pai de mim. Ele dar mais atenção para a filha dos outros do que para mim. Mas eu nunca invejei você, ou peguei o Eric quando estava com você, mas quando ele começou a sair com a Helena. Eu sou um lixo de ser humano.

Não consigo correr atrás dela, pois estou perplexa demais olhando fixo para o Ructon bebendo café, ele é um demônio causador do caos.

— O que faz aqui Helena? — Pergunto já com a cabeça fervendo.

— Só... — Começa a chorar. — Ia confirmar a encomenda, mas quero cancelar tudo, quero matar o Eric.

Passo a mão em seu ombro a consolando.

— Não vale a pena sujar as mãos com aquele verme, querida, a propósito se te consola você não foi à única enganada por ele, ele me traiu com minha própria irmã e engravidou ela, e até um dia desses ele estava se

pegando com ela em seu escritório. Então não precisa mata-lo, mas pode tacar fogo no consultório dele, eu te ajudo.

Ela chora e posso sentir mais a leveza em sua expressão, pois até sorriu.

— Eu já suspeitava, mas não queria acreditar. Sabe?

— Não sei. Porque eu nem suspeitava na época, era uma tolinha mesmo...

Rimos.

— Você é uma boa pessoa, o Eric me fez acreditar que você tinha raiva de mim porque fiquei com ele. Mas ele não merece nenhuma de nós.

Confirmo em silêncio.

— Quer um café com Donuts? — Oferece Ructon.

Eu não esqueci o que ele fez.

— Não obrigada, já estou indo.

Aguardo a helena sair.

Só para gritar:

— RUCTION!

Ele realmente estar assustado, bato na mesa onde ele está sentado usando muito da minha força.

— Minha senhora?

— Por que você fez aquilo com a Judi? Que diabo deu em você hoje?
Surtou?

— Não posso fazer nada se era isso que ela me passava. E quando,

meu senhor, Rudá pediu para investigar a senhora eu investiguei direitinho, e afastei todo o macho que... — Ele cobre a boca.

— Complete! — Ordeno possessa.

— E-eu não posso, estou numa fria, minha senhora, falei demais. Meu senhor, vai cortar minha língua. Onde posso me esconder? — Ele leva a mão na cabeça.

Tenciono os dedos imitando garras.

— Ai meu Deus! Não posso acreditar que todos esses anos vocês estão me perseguindo! Manipulando minha vida! — Grito jogando uma xícara na parede. — Vou matar aquele demônio!

— A senhora destruiu a minha xícara da Arlequina, era a minha favorita. — Ele fala bagunçando o cabelo.

— Eu sinto muito, mas você destruiu o coração da Judite e por conta disso ela destruiu o da Helena... Aí meu Deus que confusão.

— Não é pra tanto, por favor, minha senhora, minha vida está em suas mãos.

— E por que me preocuparia? Você deu sete para os meus donuts, SETE! Não, DEZ!

Ele levanta os dedos indicadores para cima, formando um O com a boca.

— Eu posso ajudar a senhora a fazer um donuts nota dez. Mas isso que eu disse fique só entre a gente. Eu guardo tanta coisa nessa cabeça que às vezes esqueço o que é para falar, ou não.

Ah, ele é tão fofo. Bato os cílios e dou dois toques em seus ombros.

— Não se preocupe querido, sua senhora vai te proteger, mas o demônio vai se vê comigo.

— Minha senhora... Olha lá o que senhora vai fazer.

— Nada de muito complicado. Só uma greve de sexo por tempo indeterminado. — Sorrio vitoriosa para ele.

— Acho que essa é a forma mais dolorosa de se matar um demônio cheio de luxúria. — Ructon fala em um tom pesaroso, como se realmente alguém estivesse acabado de morrer.

Pois bem. Morte ao demônio.



CAPÍTULO VINTE SEIS

Elie Arjo - Demônios Reais

Claro que a noite eu compareci a boate passei o dia inteiro colocando a armadura e estou armada da cabeça aos pés, isso porque, pedi dinheiro emprestado ao meu querido Ructon, comprei roupas e fui ao salão. Tive um dia de dondoca, convenhamos depois de tanta explosão eu estava precisando de algo novo.

Não consegui mais entrar em contato com a Judite. Ela deve estar pensando no que fez, precisa de um tempo, sinceramente não estou nenhum pouco chateada com ela, mas preocupada.

Meus cabelos estão escovados e soltos também fiz um corte nele que realçaram mais as mechas loiras. Bem maquiada, uma maquiagem que chama atenção para meus olhos, o vestido que escolhi com ajuda do Ructon é do gosto do patrão dele, ou seja, é bastante sensual.

Hoje é meu primeiro dia no trabalho e estou pronta para atender muito bem meus clientes.

Pedi ao Ructon para convidar bastantes demônios para a boate essa noite e ele fez um bom trabalho.

Não têm humanos além de mim.

O vestido é bem curtinho, e o decote deixam meus seios bem contornados e a mostra.

Eu sinceramente estou amando tudo isso.

Nunca chamei atenção desse jeito.

— Tenha cuidado, minha senhora, pois ainda não foi marcada pelo meu senhor. Esses machos vão dar em cima da senhora sem saber que já tem dono.

— Ele não é meu dono. — Resmungo.

— Só acho que está brincando com fogo. Ele te falou sobre a lua de sangue?

— É amanhã e o que tem isso? — Deixo o Ructon de lado e vou para o meio dos demônios.

Alguns deles nem disfarçam seu interesse.

— Olá rapazes sou a nova... Gerente. — Já que o Raony disse que eu poderia escolher trabalhar no que quisesse, escolho ser a gerente.

Mas como se cuida de uma boate?

— Estou aqui pela primeira vez e já gostei. — Diz um deles é barbudo, mas bonito, ele se aproxima de mim. — Posso lhe pagar uma bebida?

— Claro. Qual seu nome?

— Heitor.

— Eu sou a Grace.

Sento com o Heitor dividindo o mesmo sofá, ele é tão ousado que nem esperou a bebida chegar já passou a mão em volta do meu ombro.

— Então Heitor o que faz da vida?

— Heitor...

— Isso mesmo. — Olha a minha volta à procura do Raony, mas nem sinal dele.

— Eu sou servidor público.

Mentiroso... Me lembro dele quando trabalhava na boate da cidade

vizinha, ele é só um bagunço.

Não dou mais atenção a ele, porém ele começa a brincar com meus cabelos.

Jandir Zapa na boate, por que o Ructon convidou o Jandir?

Droga. Ele não, ele não.

Apesar de que... Ele também deve ser como os outros não se importam com os humanos e acha que pode manipular nossas vidas, minha vida!

Desde que encontrei esse demônio eles sabem de tudo sobre mim, e eu quase não sei muito sobre eles. Injusto!

— Cunhada Grace! — Brada Jandir vindo até mim com um sorriso largo.

Levanto e sou atingida por seu abraço forte.

— Olá, Jandir.

— Me deve cupcakes... — É só nisso que ele pensa. — Onde está o Raony? Por que ele deixou a fêmea dele cercada por esses machos?

— Shiii... Não fala isso alto.

— Por que não?

— O que faz aqui Jandir? — A aparência dele é a mesma, calça jeans, descalços e sem camisa.

Tento desviar o olhar do seu peitoral peludo.

— Grace? Grace... — Cantarola Jandir. — Você está bem?

— Sim. — Foco em seu olhar.

— Respondendo a sua pergunta, estou aqui para encontrar o Marlon. Viu ele por aí?

— Não.

— Não diga o Raony que eu estive aqui, fiquei de procurar uma coleira com o Marlon.

— Coleira?

— Amanhã é noite de lua cheia.

Cruzes. Chega me arrepiei depois que o Jandir atravessa a boate sento —me perto do Hector novamente.

— Quem é você para ser tão influente assim? — Pergunta Heitor.

— Como assim?

— Nada, esquece.

Ele deve estar falando sobre conhecer o Jandir, mas ele não pode saber que sou predestinada do Raony.

— Quer uma bebida? — Ele me oferece.

— Vou pegar.

Depois que ele se levanta para pegar a bebida aceno para o Ructon perguntando onde o Raony se meteu?

Heitor não demora para voltar com cervejas.

— Depois podemos ir para meu carro, brincar um pouco o que acha?

Acho que isso não vai rolar.

Mas apenas dou um sorriso nervoso para ele. Encaro a bebida e quando estou preste a beber, sinto um tremor na minha mão, em seguida o copo é arremessado na cara do Heitor.

Levanto-me de perto dele espantada. Eu fiz isso? Tenho poderes? Uau...

— Que porra está fazendo Grace Jane? — É a voz do Raony, mas eu não consigo enxergá-lo até ele se materializar próximo ao Heitor.

Não me diga que ele estava aqui o tempo todo? Encaro o Ructon um pouco mais distante e ele eleva às mãos à cabeça.

— Que Droga é essa Raony? — Heitor levanta-se rosnando, me afastando dos dois machos.

— Saí daqui, Grace. — Raony fala calmo, e isso me dá mais medo ainda. — Não vou pedir de novo.

Saio às pressas.

Por que estou correndo?

Tenho que voltar lá e falar poucas e boas para esse demônio, olho para trás e vejo a tensão entre eles... Tá ok, isso pode esperar só mais um pouquinho.

— Eu disse que seria uma péssima ideia senhora. Tentei te falar de várias formas. — Ructon ascende um cigarro. — Agora teremos um demônio morto no chão da boate.

Ructon não está nem aí, ele não se importa com nada, continua com a mesma cara de paisagem. Cruzo os braços emburrada.

— Pelo menos estou cheirando a outros machos?

— Você é uma diabinha, minha senhora.

Reviro os olhos para ele, todo mundo já se afastou dos dois, Raony encara Heitor com uma mistura de desdém e raiva depois raspa o polegar no lábio inferior.

— Como se atreve a tocar em minha fêmea?

— Sua? Ela nem marca têm? Não me diga que ela é...

Antes que o pobre coitado completasse Raony dar um soco na cara do Heitor que o faz cambalear.

— É bom que esteja vendo isso Grace, pois por ser uma garota levada, por sua culpa vou matar esse macho.

Estou com um enorme desconforto no peito, me lembro do dia que ele matou meu pai, Raony lança Heitor em um dos pilares no canto da parede o corpo do demônio continua suspenso e ele parece sufocado. O Heitor não sabia de nada é realmente minha culpa.

— Não faz isso! — Grito para ele.

— Ele não vai te ouvir... — Ructon me segura para não ir até o Raony.

Estou sozinha no meio de tantos demônios, a crueldade para eles é algo comum não posso conviver com isso, na verdade estou me tornando como eles, causando caos. Eu não quero viver com a culpa que alguém morreu por causa de uma pirraça e da minha falta de maturidade.

Eu só queria que ele sentisse o que estou sentindo no momento. Decepção e raiva.

— Por favor, não faça isso, a culpa é minha você tem razão. — Aproximo-me mais dele. — Deixa o Heitor ir, por favor, Raony.

Noto suas íris faiscantes, seus olhos não têm mais o azul de antes, mas está âmbar. Isso tem a ver com a noite de amanhã? O que será que vai acontecer com ele? Que tipo de criatura se esconde por trás desse corpo tatuado?

— Eu não posso fazer isso, não ache que sempre vai resolver tudo com essa carinha inocente querida. Nenhum macho que cobiça minha fêmea pode viver.

Ouçó o barulho de algo estalando, não tenho coragem de olhar para o Heitor caído no chão, espremo o rosto ouvindo o burburinho a minha volta.

— Você é algum tipo de psicopata, eu disse que a culpa foi minha! — Grito despejando minha raiva.

Minha pele toda pinica não quero olhar para o Raony, nem para ninguém então encaro o corpo estendido no chão. Agora pouco ele estava vivo conversando comigo... Não!

É como se meu corpo estivesse em chamas e não quero apaga-las quero destruir alguma coisa para me sentir bem.

— Grace?

— O que é? — Não consigo diminuir o tom da minha voz.

Tem algo de errado comigo, e esses sintomas só se agravaram depois que me envolvi com ele, minhas mãos estão formigando parece que acabei de tocar em brasas.

— Aí. — Gemo.

Devo estar em algum surto tento me controlar dando respiradas longas.

— O que está acontecendo com você? — Raony toca em meu rosto, me afasto dele.

— Idiota! Fique longe de mim!

— Não grite comigo, porra! — Grunhe e segura firme em meu pulso, zapamos para outro lugar e assim que meus pés tocam no chão Raony me joga na cama dele de maneira brusca. — O problema todo é que te dei muita liberdade Grace, mas vamos deixar uma coisa clara. Você nunca mais pode me desobedecer, ou me desrespeitar em público. Você me entendeu? Sem gritos! Se me chamar de idiota novamente na frente dos outros... Grace eu não sei o que farei com você. — Ele solta lufadas ferozes, me encolho na cama completamente amedrontada.

— Por acaso está me ameaçando? — Estranho achar que o lençol que estou tocando com as mãos estão ficando quentes.

— Não. — Ele fala alto, mas posso sentir que ele está preocupado. O que está... — Só quero que saiba que você é minha e existem regras. Tem algo de errado com você e o que é?

Seus olhos não voltam ao normal, e noto alguns objetos no quarto se moverem, as luzes se agitam um pouco.

— Pois vá para inferno! Você acaba de matar um demônio sem motivo algum e tem algo errado comigo? Seu demônio mentiroso, manipulador. E idiota! — Me levanto da cama com as pernas bambas, mas tentando demonstrar firmeza. Encaro o Raony e continuo: — Quem você pensa que é pra manipular minha vida? Todos esses anos vocês vêm jogando com ela, decidindo quem fica perto de mim.

— Que caralho é esse agora? Quem te contou tudo isso? — Ele me

prende na parede. — Foi o Ructon?

— Não interessa quem foi. Você nunca ia me contar isso?

— Não. Por que não me obedeceu? Eu falei pra você não se aproximar de outros machos. Você não sabe como me deixou com raiva Grace...

Ele esmurra a parede ao meu lado, antes pelo menos ele tentava se controlar agora parece que nem isso consegue.

— Mereço um pedido de desculpas.

— Não vou te pedir desculpas, porque não me arrependo do que fiz. Você é minha e só estava mantendo você segura.

— Segura de quem? Ah, da sua ex-mulher bruxa. Eu estou cansada de você. Afastaram de mim possíveis pessoas que poderiam ser... — Fico ofegante. — Fez com que eu fosse sozinha, fez com que os boatos continuassem, poderia ter amigos, uma vida normal e eu achando que o problema estava em mim todo esse tempo. Mas é você, são vocês...

— Não fale nada que possa se arrepender depois.

— Eu me enganei achando que estava livre com você. Mas você me manteve presa a você afastando todos de perto de mim, eu queria poder escolher quem eu queria por perto.

— Grace... — Sua voz está voltando ao normal.

— Uma vez você partiu quando mandei. Quando pedi de coração. Pois então fique longe de mim Raony, me deixe em paz! — Grito do mais profundo do meu coração ferido.

Ele desaparece, o quão longe ele foi dessa vez?



CAPÍTULO VINTE SETE

Elie Arjo - Demônios Reais

Mas que inferno agora!

Fui obrigado zappar para longe dela, não porque ela me pediu de coração, mas até ela se acalmar e não cometer nenhuma besteira de me mandar para longe de novo.

Talvez agora ela esteja mais calma?

Essa fêmea nunca vai entender nada sobre a gente, também nunca parei para conversar direito as coisas, mas ela não pode me desafiar em momento algum, embora fique encantado em descobrir esse lado dela. Cada dia que passa seu temperamento e suas atitudes me deixam mais apaixonado, às vezes uma Grace submissa, outra cheia de desaforos e audácia.

Sim... Ela não me deixa entediado.

Porém apesar de ficar encantado com tudo que vem dela, em público isso é um problema, fêmeas são submissas e Grace quebrou todas as regras. Humilhou-me quando sentou perto daquele macho que flertava com ela em público.

E isso vai além dos meus ciúmes.

Não sinto remorso em ter matado o Heitor, o mataria mil vezes por tido a audácia de chegar perto dela, mas que inferno de fêmea teimosa eu fui arranjar!

Como se atreve a me chamar de idiota em frente a todos? Que macho respeitoso eu seria se não tivesse... Ah, mas a Grace vai me pagar por isso, nada como uma surra de rola pra acalmar o facho dela.

Só em pensar nisso estou de pau duro, não só por isso, mas esses dias é como se ficasse no cio em uma noite ficava com várias fêmeas, espero que Grace aguentue tudo de mim..., mas quero a minha mulher agora!

— Que Miserabilidade! — O barco se agita um pouco.

Isso deve ser culpa da língua solta do Ructon, servil inútil e enxerido.

Tiro as roupas e fico pelado em meu barco, preciso me acalmar, zapo até a praia e encaro o mar, me jogo na água fria e permito que meu corpo afunde na escuridão.

Grace, Grace.

Não sabe o sacrifício que faço para não tocar em você no estado que estou, ela estava tão linda e tão perversa. Foi torturante ficar um bom tempo naquele escudo vê-la me provocando, tolinha... Ela não precisa atíçar meu ciúme, sou possessivo por natureza.

Depois de um tempo nado de volta para a superfície com o corpo tremendo de frio. Melhor assim, meu sangue não está mais fervendo e não posso voltar para a Grace até me acalmar.

Me acalmei, estou bem.

Odeio brigar com ela. Me seco com a toalha e visto um roupão. Zapo para a casa dela, Grace não está. Procurei onde tinha a deixado e nem sinal dela.

O jeito é seguir sua aura, mas não consigo encontrar e isso me desespera. Isso não era para estar acontecendo.

— Ructon! Seu infeliz, desgraçado. — Abro a porta do quarto dele no final do corredor em um chute.

— Meu senhor... — Fala sonolento.

— Você contou tudo para Grace. Não vou te castigar agora, me diga onde ela está? Não consigo encontrá-la.

Ructon se levanta cambaleando.

— Meu cérebro não funciona muito bem quando acordo, meu senhor, me dê alguns minutos.

— Fala logo seu infeliz!

Ructon da tapinhas estimulantes na cabeça cruza os braços rangendo, tenho que gastar toda a paciência com esse servil, fiquei horas debaixo d'água tentando me acalmar. Pra quê... Esse inútil.

— Ah, sim lembrei ela está na casa da vizinha dela. — Boceja. — Quer comer alguma coisa?

— Vá para o inferno!

Esse miserável adora me tirar do sério. Paro no meio do corredor, não me recordo de ir à casa da avó dela.

— Eu te levo lá, meu senhor. — Ructon fala atrás de mim.

Seguro ele pela gola do seu pijama ridículo e zapamos para a casa da avó da Grace.

— Agora some! — Digo vendo o fusca rosa estacionado frente a uma casa de madeira no meio da floresta.

Zapo para dentro dela e encontro a Grace dormindo no sofá com um pote de sorvete de chocolate e com o celular ao lado tocando música natalinas.

Que mulher irritante! Mas que eu amo e não posso mais viver longe dela.

Mas seu estado me deixa aflito, eu não vou pedir desculpas, ela vai ter

que me pedir desculpas.

Miserabilidade. Miserabilidade.

Não posso ser mole com ela. Se não ela nunca vai entender. Hoje é noite de lua cheia e porque não consegui encontrar a aura dela nessa casa. Tem alguma coisa de estranho nessa casa.

A avó bruxa dela deve ter colocado algum escudo em volta da casa.

— Grace...— Chamo por ela e jogo as sacolas de comida no chão. — Amor acorde.

Ela abre os olhos vagarosamente, já estou sendo mole com ela. A única coisa que está duro é o meu pau e vai ser assim até o final disso tudo.

Logo ontem eu tive que brigar com ela, deveria estar marcando a Grace, eu disse para o Ructon providenciar tudo para nossa noite de hoje, mas ao invés disso aquele infeliz fala coisas desnecessárias para ela.

— Não sou seu amor. — Ela resmunga e tenta se afastar.

— Hei. Hei. Se acalme. — A prendo em um abraço, não a deixando sair do sofá. — Você quer ouvi um pedido de desculpas. Eu estou sendo muito mole com você, fazendo de tudo para te agradar, você não vê, não entende.

Ela me encara confusa.

— Não mandei você para longe de mim então por que você não foi?

— Porque você me quer por perto.

Ela fica em silêncio, começo a distribuir beijos em seus ombros.

— Grace não seja assim. Você não pode me humilhar daquele jeito. Você queria se vingar de mim, conseguiu. Mas nunca mais faça isso.

— Então tudo envolve seu lado macho de ser.

O Cheiro gostoso da pele dela de recém banhada, misturada com cheiro de chocolate me deixa entorpecido. Péssimo dia para brigar.

— Grace, eu quero você agora. — É impossível controlar a vontade de jogá-la na cama e foder até minhas forças acabarem.

— Então foi por isso que veio aqui? Meus Deus! — Ela levanta-se e eu reclamo xingando baixinho.

— Não, não... Só quero você, caralho como você me deixa sem saber como agir.

Bufo. Não vou pedir desculpas, não vou pedir...

— Você matou um cara, Raony e me fez sentir culpada, sei que tenho uma parcela de culpa, mas ainda assim. Não sei como funciona as coisas em seu mundo, mas aqui matar é errado e por ciúmes? Por Orgulho sei lá o quê!

Grace se abraça, nesse momento minha fêmea está se culpando.

— Eu sinto... Não é bem assim Grace. — Não vou ceder, não vou pedir desculpas. A Grace tem que começar a fazer parte do meu mundo e isso inclui tudo.

— Então vai ser assim todas as vezes que um velhinho passar na rua e olhar pra minha bunda, você vai lá e mata ele? — Leva a mão ao peito.

Que fêmea dramática!

Solto a respiração pedindo paciência para Oric.

— Não Grace, não é assim querida, eu o matei para que sirva de exemplo para os outros, ninguém mais vai tentar se aproximar de você, quando você for marcada eles vão entender isso sem precisar dessa explicação tão radical.

Ela abre a boca formando um O.

— E sobre as coleiras...

— Quem te contou sobre as coleiras?

— Jandir.

— Linguarudo. Estou cercado por línguas soltas.

— Ora, se você não me conta nada.

Minha cabeça tá no corpo da Grace. Não na conversa de ontem com meus irmãos.

Esse corpinho pequeno que tanto quero, seco a Grace tentando disfarçar a ereção, mas não dá é muito difícil.

— Você pode ir na frente? — Peço.

— Ir pra onde? — Ela olha em volta.

Grace solta um risinho e desce o olhar.

— Para de olhar, você só está piorando tudo. Vamos ver o livro. Hun?

Não tem jeito tenho que levantar de pau duro. Que se dane estou apenas com o roupão de banho. A Grace tem que passar a morar comigo, só tivemos uma rapidinha ontem no banho, e jurava que nossa noite ia ser quente, mas quando volto encontro minha fêmea tocando terror na minha boate.

Acompanho a Grace até a sala onde ela tira o baú cheio de livros, entre eles reconheço logo de cara o livro antigo e é o nosso livro.

Quando ela me entrega começo a folhear tem trechos da nossa maldição que podem ser úteis, tem várias espécies catalogadas.

— Eu ainda não entendi muito bem. Você é filho de um deus? — Ela passou a noite lendo esses livros só pode.

— Não exatamente, Oric é como se fosse nosso tataravô paterno, foi o primeiro da nossa espécie meu pai é um demônio como nós, mas quando viemos para a terra ele se nomeou Oric, um deus na intenção de ter respeito dos humanos. Então ele vivia entre os dois mundos.

— Hmm... Ontem eu li que foram seus pais que lançaram a maldição em vocês.

— Foram nossos avós e nossos pais, mas eu culpo meu pai por ter concordado com isso, é complicado, mas prometo contar as coisas aos poucos, antes nós não éramos como os outros do nosso mundo que precisam

de uma companheira para a vida toda, nós escolhíamos como os humanos escolhem viver da forma que quer, agora nossa raça também faz parte dessa maldição. — Pego o livro e fecho. — Vou deixar isso para o Rudá ler, pode mantê-lo aqui por enquanto.

Agarro Grace apenas vestida com uma camisola.

— Ainda não terminamos, ontem você me assustou, gritou comigo e... Fez aquilo tudo. — Sua voz dengosa me domina.

Mulheres, mulheres, mulheres! Por que adoram reverter o jogo e fazer chantagem emocional?

— Eu sinto muito. Desculpa, não vai mais acontecer. — E aqui estou eu... Pedindo desculpas. — Mas você não pode voltar a fazer isso.

— Estou cansada de brigar com você.

— Eu também Grace. E nossas brigas são causadas por coisas que aconteceu no passado.

— É eu sei... Foi um dia intenso descobri que a Judi minha melhor amiga ficou com o Eric, mesmo dizendo para mim que o odiava ele, escondeu isso de mim e você também esconde coisa de mim. Quero saber das coisas Raony.

Disso eu já sabia, mas não dessa forma, só sabia que o Eric tinha várias amantes o Ructon me mandou a lista, mas não me interessei em olhar.

Me aproximo mais dela e falo:

— Eu não vou mais esconder as coisas de você.

Nosso beijo é profundo, Grace passa as pernas em volta da minha cintura. Incrível como me arrepio apenas com um beijo ela é tão gostosa, suspendo sua camisola e aperto a carne da sua bunda.

— Uf. Que delícia preciso muito de você... — E como, porém, nossa noite vai ser longa, melhor ela começar a guardar suas energias para mais tarde. — Ainda não. Faltam algumas horas, querida.

O bater da porta faz com que deixe Grace na cozinha e zape até ela

abro a porta e não encontro ninguém, apenas uma caixa de papelão, abro usando telecinese antes que a Grace consiga alcançar a porta, vejo o que tem dentro da caixa, tem a cabeça de um humano.

Rapidamente jogo a caixa com a cabeça para longe das vistas dela.

— Quem era? — Ela me olha com estranheza.

— Ninguém. Como pode ver, vamos voltar para casa? Depois peço para Ructon pegar seu fusca.

— O que falamos sobre esconder coisas de mim?

— Tinha uma cabeça. Só não quero preocupar você, ou que sinta medo.

O gosto amargo da minha boca se mistura com o medo de algo de ruim acontecer com ela. Sim, nunca sentir tanto medo na minha vida como tenho agora, de perder a Grace de alguma forma.

— Vamos entrar então. — Ela pega em minha mão tentando me passar segurança, mas sei que ela está com medo.

Preciso me livrar da Bruxa... Preciso que o Ructon me ajude a encontrar a alcateia.

A propósito onde está aquele servil inútil?



CAPÍTULO VINTE OITO

Elie Arjo - Demônios Reais

Estou muito ansiosa para hoje à noite e para completar o Raony me deixou sozinha para me arrumar ele disse que vai zapar para me buscar bem mais tarde, tomo um longo banho usando boa parte desses produtos caros que ele trouxe, shampoo, condicionador, loção corporal.

Sinto-me uma rainha, saio do banheiro apenas de toalha vendo o vestido branco estendido na cama que o Ructon trouxe mais cedo. Ele é de seda e o modelo é bem folgado no corpo, não tem nenhum adereço ele é imaculado, isso me faz pensar naquela cena de filmes onde acontecem os sacrifícios.

Em outra caixa encontro uma peça com tecido escarlate, em cima tem um bilhete escrito:

*“Uma capa vermelha como Branca de Neve.
Ructon.”*

Mas hein?

Finalmente descobri algo que o Ructon não é bom.

Começa a anoitecer então me sento na varanda com o livro misterioso aberto no colo, horas lendo e relendo partes que considero importantes, quem sabe descubra mais sobre essa noite.

Um uivar de lobo rompe ao redor da casa, e aqui nessa cidade não tem

lobos, está escuro e tudo o que consigo enxergar é uma luz na pista mais adiante, uma moto em alta velocidade.

Não é o Raony.

A bruxa desce da moto e deixa o capacete para trás aparentemente ela estar sozinha.

— Só vim pegar o livro. — Ela diz, mas não acredito. Noto o quanto ela está arrumada, com uma calça de cor e jaqueta cabelos longa presos em um rabo de cavalo. — Por que estar vestida assim?

— Não é da sua conta. Meu macho acha sexy.

— Vamos lá Grace, seja uma boa garota e me joga o livro.

Levanto-me com o livro já fechado.

— Você disse joga? Por que não vem pegar querida? — Desdenho e desço o primeiro degrau da escada.

— Você já sabia que eu viria, não é? — Ela permanece no mesmo lugar próximo da sua moto.

— Acho que sim. Que sentir de alguma forma.

— E por que não disse para o Raony? — Ouço um estalo atrás de uma árvore e acho que tem mais alguém aqui além da bruxa.

— Ele não vai poder me ajudar no que quero saber.

— E o que você quer saber? — Ela se aproxima mais da casa, mas sei o seu limite, sei que ela não pode entrar.

— O que está acontecendo comigo? Sinto que tem algo estranho com minhas ações e com meu corpo é pouco, mas sei...

Ela esboça um sorriso convencido na cara bem típico de alguém que sabe de algo que você não sabe.

— Quanto mais tempo ficar com ele, quanto mais ligações vocês terem mais parecida com o que eles são você vai se tornar, mas isso não estar relacionado com o fato de estar com o Raony, mas com o fato de você ter o

sangue de bruxa da sua avó. Luxúria é isso que você tem Grace, é tão cheia de luxuria quanto o próprio Raony. — Então é isso? A Trisha sente a mesma coisa? — Agora me passa o livro querida?

— Vem pegar!

— Sabe que não posso atravessar o escudo.

— Então sabe que não vou te entregar o livro. — Rebato confiante. Ah, é tão bom estar por cima.

Ela não parece ter ficado irritada.

— Então terei que fazer isso da forma mais complicada, eu encontrei uma raposa vagando na floresta. — A bruxa encara atrás da árvore.

O Ructon sai de trás dela com a boca amarrada em uma mordaca, tem um lobo ao lado dele e outros mais começam a rodear a casa, a Bruxa tira a mordaca do Ructon.

Onde está o Raony? Por que ele não veio até mim quando nitidamente estou apavorada?

— Não entregue, minha senhora, isso é muito importante para meus lordes. — Pede Ructon.

— Mas se ela não entregar você morre meu querido Ructon. — A bruxa sorri diabolicamente.

De todas as Ex por que meu namorado tinha que se envolver com essa aí?

— Minha senhora só escuta. Corre! Só corre e eu vou ficar bem. — Ructon fala confiante. — Você precisa sair do escudo para meu senhor zapar até a senhora de imediato ele não consegue te sentir enquanto estiver nele...

— Calado, seu traidor. Antes você costumava estar do meu lado. — Enquanto a bruxa foca no Ructon, eu penso na melhor forma de sair dessa situação, vou confiar nele.

— Isso faz muito tempo e nunca estive do seu lado, sempre estive ao lado do meu senhor, as escolhas dele é minha prioridade e ele escolheu a

Grace, Triskiana você precisa seguir. — Ructon leva uma bofetada no rosto.

Ela está fora de controle, pulo para fora da escada abraçando o livro, meus pés descalços tocam na terra e de imediato os lobos me cercam; minha respiração áspera esfumaça o ar frio da noite.

Os lobos cerram os dentes e rosnam para mim, não dar para eu correr agora estou apavorada. Raony Zapa até mim apenas de calça social.

— Você está bem? — Ele se coloca na minha frente. — Nossa você está linda, e eu ainda estava me arrumando.

Encaro os pés dele descalços.

— Temos coisas mais importantes Raony. — Falo me escondendo mais ainda atrás dele, fico entre a cerca alta da varanda e ele.

— Eu sei, vou pedi para você correr e entrar para a casa de novo daqui a pouco eu vou.

— Amor, eu... Se cuida.

Digo antes de correr de volta, porém a bruxa estar com o Ructon em seu poder e eu não vou deixar que ela o machuque.

Sigo minha ideia louca de correr com ele enquanto o Raony arremessa alguns lobos pelo ar, porém cada vez aparece mais lobos.

Corro até o Ructon e empurro a bruxa. Não dar mais para voltar para a casa cercada por lobos então o jeito é correr para a floresta.

— Corre! — Grito para o Ructon.

— Não é uma boa ideia esses lobos... — Ructon corre ao meu lado.

— Aquela Bruxa ia matar você e não posso deixar, eu e o Raony te amamos você é faz parte da família conturbada. — Ofegante tento falar o mais alto que posso para ele ouvir. Acho que ele ouviu, pois tem um sorriso bobo enquanto corre apenas de pijama de seda.

— Assim eles vão conseguir nos pegar, você é muito lenta correndo. — Ele diz rindo e para de correr, segura meu braço me fazendo parar também, parece que vou morrer se der mais alguns passos. — Só não tenha

medo e confie em mim, minha senhora, meu senhor, disse que só posso revelar quem sou em casos extremos, estou seguindo o protocolo de segurança para protegê-la.

Não sei do que ele está falando, mas estamos falando do Ructon o cara mais louquinho e legal que conheci.

Ructon se ajoelha e em seguida fica de quatro.

— Aí meu Cristo, você por acaso vai se transformar em lobisomem?

— Assim você me ofende, minha senhora.

Esubalho os olhos ao ouvir um outro uivar, estou angustiada no meio do breu apenas com a luz da lua cheia banhando as copas das arvores, outros uivos fazem meus pelos se arrepiarem.

Me atento ao barulho do pijama do Ructon se rasgar faz com que eu me afaste dele, seu corpo todo treme e ele olha fixamente para frente com o maxilar rígido sufocando um grito. Já despido seu corpo começa a ser coberto por pelos vermelhos e cinza, uma calda, e patas com garras, orelhas peludas e toda transformação acontece de maneira tão rápida e difícil de acompanhar.

Ainda estou com um grito preso antes de entender exatamente no que ele acabara de se transformar.

— Uma raposa gigante. — Consigo falar alguma coisa, Ructon balança o rabo, observo tudo inclusive sua roupa no chão.

Ele é quase do meu tamanho, se aproxima de mim e me cheira, me lambe depois se deita com as patas unidas para frente.

Acho que ele quer que eu suba nele, e faço isso sem pensar duas vezes. Assim que sento passo a mão em seus pelos crescidos e macios.

Seguro em seu pescoço, Ructon se levanta com cuidado e começa a andar devagar até eu me acostumar então começa a correr pela floresta, me sinto confiante para me debruçar nele colocando o livro entre seu corpo peludo e o meu.

Sei que Raony vai conseguir nos encontrar em algum lugar e vai zappar até a gente.

Depois de um tempo ele para em um rio para beber água, na verdade essa raposa esperta parecia seguir para água. Encosto—me a uma árvore esperando pelo Ructon depois ele vem até mim e deita—se ao meu lado.

— Está cansado? — A lua se expande no céu ganhando um tom avermelhado. — Está acontecendo.

Ructon se transforma em homem novamente então me dou conta que estou abraçando um cara pelado. Tiro minha capa e entrego para ele que rapidamente se cobre.

— Mamãe... — Aí Cristo. Parece um pouco desnorteado, — Desculpe ficamos com a mente incoerente na transformação. — Diz tímido e se encolhe ao meu lado cobrindo aquilo que eu não posso ver.

Mas sei o quanto ele é respeitoso e só está despido.

— Tudo bem com você? — Pergunto encarando seus olhos um pouco confusos.

— Sim, só faz tempo que não me transformo é estranho que a senhora tenha me visto assim.

— Isso não muda nada, você continua sendo o Ructon. — Bagunço seu cabelo, mais do que já está, ele balança a cabeça se rendendo ao cafuné.

— Eu tive medo de não poder ajudar à senhora, se alguma coisa acontecesse, meu senhor, ficaria destruído. — Ele boceja. — E eu o amo, ele foi meu primeiro amor.

— Você é apaixonado pelo Raony? — Mordo o lábio, tenso, as coisas de repente ficaram assim.

— Não dessa forma, do jeito que vocês se amam. — Então não fale meu primeiro amor desse jeito. Meu coração chega apertou. — Ele só fez algo por mim que ninguém mais fez então sou eternamente grato.

— E o que ele fez?

— Me deu liberdade estou com ele todo esse tempo por livre e espontânea vontade, não sei como seria minha vida sem eles. — Ructon estar cada vez mais distante. — Eu estou com muito sono, estou sem energia.

— Ah Ructon e não é Branca de Neve, mas Chapeuzinho Vermelho.

— Sério? Podia Jurar que a Branca de Neve fugiu para floresta.

— Sim ela fugiu, mas foi a Chapeuzinho que ia ser comida do Lobo Mau.

— Meu senhor foi muito cruel em escolher sua fantasia. — Ructon sorri. — Então, como é ser a Chapeuzinho Vermelho por uma noite?

— Hei! — O sacudo e rio. — Durma eu fico aqui.

Ele se encosta mais em mim.

Raony tem uma forma muito estranha de valorizar seus amigos. Estou muito preocupada com ele, preocupada a ponto de querer zapar até ele agora e dizer o quanto eu o amo e pedi perdão por tudo.



CAPÍTULO VINTE NOVE

Elie Anjo - Demônios Reais

Se eu soubesse que essa maldita teria audácia de aparecer na nossa noite especial para estragar tudo eu sinceramente teria arrancado a cabeça dela muito antes disso acontecer.

Feri alguns deles, matei muitos outros, com mordidas, minhas garras, é difícil me controlar quando estou transformado a minha forma original, ao contrário desses lobos sem controle eu tenho controle dessa criatura, exceto quando o assunto é a minha fêmea.

Mas os meus instintos de lobo ficam contidos e não temos a necessidade de usa-los, já que nosso DNA é supremo, vem da linhagem direta dos primeiros; devido a isso tenho que carregar esses chifres na minha frente por causa da minha metade demônio do meu pai, minha mãe era uma loba.

Sou um macho forte assim como meus irmãos.

Estou ensanguentado e sinto o gosto de sangue na minha boca pela maneira selvagem que destrocei os outros lobos sem usar nenhum dos meus poderes apenas para ter o prazer primitivo de acabar com todos eles usando minha nitidamente superioridade.

Rosno para a Bruxa que já estar perto da moto dela, quero arrancar a cabeça dela, mas só de lembrar o gosto do sangue dela das inúmeras vezes que tentei marca-la, me enoja.

— Aí estar você meu lindão. — Ela tenta me tocar e eu abocanho o

braço dela, mas não consigo morder, arrancar como eu quero. Cuspo de volta. — Não vai me machucar porque eu sei que no fundo você é o cara mais extraordinário que já conheci e por quem me apaixonei, por isso que peço, por favor, não a marque como sua, volte para mim tentaremos reverter isso juntos como antes.

Antes tentamos descobrir um meio de fazer com que ela tivesse um filho meu, mas ela me deixou porque matei o pai dela que não concordava conosco dois enfrentando a lei da nossa natureza.

Afasto-me dela desesperado para estar com a Grace.

— Não foi porque você matou meu pai, eu me afastei e me tornei tudo aquilo, para afastar você porque descobrir que não poderia dar aquilo que você tanto queria, uma família, filhos não poderia ser sua fêmea e vi o quanto sofria por me ver sofrer ... — A bruxa continua choramingando em meu ouvido, — Mas não me conformo que agora ela tenha aparecido e que tem tudo àquilo que sempre quis ter.

— *Eu segui em frente, meu destino, meu caminho, minha vida, minha perdição tudo isso se resume a Grace.* — Digo antes de zapar ao encontro de tudo aquilo que quero ter e que me preenche.

Minha Grace está deitada próximo a um rio com o Ructon dormindo ao seu lado e pelo seu estado deve ter se transformado em raposa.

A noite só estar começando.

Antes de me materializar para ela, me transformo de volta não quero que ela me veja ensanguentado desse jeito.

Zapo para o a beira do rio e me banho rapidamente.

Mas saio da água em chamas e pulsando para estar com ela. Preciso dos seus toques, do seu calor.

— Grace... — A chamo e ela de imediato abre os olhos.

Estendo a mão para ela, Ructon permanece dormindo.

Ela se apoia em minha mão e se levanta segurando o livro.

— Você está bem? — Ela me abraça ignorando o fato que estou pelado e com a bairra de uma ereção. — Fiquei tão preocupada, eu sinto muito, eu sinto muito. Eu nunca mais vou te desobedecer. Juro.

— Descobrir que não quero uma mulher obediente, eu quero você com toda a sua rebeldia, não posso exigir que seja aquilo que eu quero que seja Grace e fazer com que fique presa na bolha que foi sua vida toda, portanto, seja você mesma tenho certeza que vai aprender mais sobre mim aos poucos. — Seguro seu queixo deixando seu rosto rente ao meu. — Eu amo você do jeito que é.

Zapo com ela para mais longe do Ructon para o outro lado do rio.

— Mas e o Ructon?

— Vai ficar bem. Agora que tal tirar esse vestido? Só não acho justo estar pelado assim e você escondendo esse corpo gostoso de mim.

Grace entende e sorrir, ela tira a roupa enquanto armo uma fogueira perto onde a gente estar, o lugar é seguro.

Beijo Grace vagorosamente enquanto a deito na relva umedecida, pretendia fazer amor com Grace de maneira selvagem, mas tudo mudou, porque agora quero ama-la lentamente e quero realizar a fantasia dela de fazer amor no meio da floresta. Mas sinceramente não sei se vou conseguir me controlar.

— Eu te amo. — Ela diz com os olhos fixos nos meus.

Nos beijamos dando início a uma rodada demorada de caricias e provocações seu corpo pequeno abaixo do meu viro ele a ponto de ela ficar por cima de mim meu pau cutuca entre suas pernas ela está sentada com os joelhos fincado na terra pressionando minha cintura.

— Quero que coloque essa boceta na minha boca, querida.

— Que safado!

— Um safado que está explodindo de tesão.

Rimos, adoro a sensação do peso do seu corpo quente sobre o meu, Grace se movimenta e faz como tanto desejo, tenho a sua boceta lisa todinha

para mim com minha cabeça entre suas coxas pálidas e minha boca salivando, abocanho sua boceta e nessa posição consigo enxergar suas costas banhados pela noite, ela estar apoiada no chão pelos joelhos seu cheiro de fêmea excitada atinge meu nariz. Perco o controle, a minha criatura estar desesperado para marca-la.

Ah caralho.

— Grace...Eu. — Não sei como dizer isso pra ela.

— Você quer fazer sexo selvagem, seus olhos mudaram de cor.

— Já sabe o que eu gosto.

— E você também sabe o que eu gosto...

— Sei? Não lembro, diz aí, hora perfeita para falar sobre isso.

— Você já está fazendo querido.

Grace dá uma reboladinha, e retribuo com uma tapinha.

Lubrificada para porra.

Tenciono meu maxilar, estou todo arrepiado quando começo a torturar a boceta dela com o meu polegar assim está perfeito.

— Isso quer dizer que você topa fazer sexo selvagem?

— Hum... Não sei vou pensar.

Dou uma lambida profunda nela:

— Já pensou?

— Ok, eu topo. — Diz entre risinhos.

Minhas mãos estão fincadas na carne da sua bunda linda. Grace se movimenta em meu rosto, gemendo e rebolando em minha boca.

Enfio o dedo e tiro sentindo seu relaxamento, perfeito, e ela choraminga enquanto continuo a chupá-la, percorro a língua em tudo, puxo seu clitóris causando barulho, contorno seus lábios vaginais.

— Aí sim. — Geme e me deixando com mais tesão ainda.

— Goza pra mim, meu tesão.

Continuo a provoca-la, as unhas dela arranha meu peitoral até que derrama em minha boca. Deliciosa. Agarro sua cintura e a posiciono no meu pau já estou com ausência de controle e quero foder, fazer de Grace minha.

— Me monta Grace.

— Sim.

Vira-se para mim, sua pele está tão quente quanto a minha ela se encaixa em mim vagarosamente. Acabo introduzindo meu pau nela de maneira brusca e ela geme alto. É tão gostoso a sensação de estar dentro dela e sentir meu coração acelerar.

— Cavalga gostosa. — Firmo as mãos em sua cintura e abocanho seus seios enquanto ela faz o movimento para cima e para baixo e meu pau pulsa duramente dentro dela.

O cheiro da noite nela, sua pele salpicada pela luz da fogueira, cenário mais perfeito pra uma transa selvagem.

— Ah, Raony.

Ela contrai em meu pau, apertando, tragando.

— Caralho!

O descontrole da minha mente e da minha respiração é algo inexplicável, tudo em me estar voltado em satisfazer a Grace, mas ela estar me montado e contraindo em meu pau de maneira tão incrível. Consigo me posicionar melhor encostado no tronco da árvore e pegar um ritmo na foda.

Seguro sua cintura e fazemos o movimento em sincronia.

— Oh meu deus sim... — Grace inclina a cabeça e olha para o céu.

Gozo me preenchendo da imagem perfeita dela e de como ela estar linda banhada pela lua de sangue, nos conectamos de maneira incrível meu pau permanece enrijecido dentro dela, a abraço com força e peço:

— Fica de quatro e não me olha até que termine, não tenha medo Grace.

Espero ela se levantar e gotículas de gozo da sua boceta pinga em minha perna, solto um rugido forte, *minha, minha, pronta para mim*.

Grace se ajoelha e firma as mãos no tronco e pergunta:

— Assim, amor?

Não respondo para não a assustar com minha voz rouca, a cabeça do meu pau parece querer explodir, acabei de gozar, mas estou cheio de porra e vou derramar nela até que minhas forças terminem. Ajoelho-me atrás dela e enfio o dedo da boceta que pinga, o nosso gozo mesclado é o cheiro mais perfeito que pode existir.

— Ainda não me deu esse cuzinho querida. — O lambo cuspo e enfio um dedo ela arqueia as costas gemendo como uma selvagem.

Grace tem sangue de bruxa ela tem muita luxúria dentro dela, sempre soube disso, enfio outro dedo até me certificar que ela está pronta para receber meu pau, cuspo, lubrifico, por longos minutos, até achar que ela estar pronta então enfio meu pau aos poucos os músculos delas estão relaxados, mas ainda assim é muito apertadinho, começo a murmurar coisas desconexas as únicas coisas compreensíveis são os palavrões que profiro ao abrir seu cu.

— Aí.... — Ela diz mordendo o lábio então seguro seu cabelo e me movimento com cuidado dentro dela até depois de um tempo sentir que ela estar gemendo de prazer e não de desconforto.

Safada demais! E não me controlo.

— Se masturbe Grace quero que goze enquanto fodo seu cu.

Ela me obedece.

Pego ritmo acelerado e enquanto ela se toca com seus dedos não demora até ela gozar gritando alto meu nome e novamente gozo enchendo o seu cu de porra. Delícia Grace está mole e respira com intensidade enquanto se apoia no tronco, junto seu corpo ao meu.

— Estou morta.

— Ainda não acabou amor. — Falo me levantando de pau duro.

— Quer me matar!

— Vai ficar tudo bem confie em mim. Levante-se e permaneça de costas.

Guio-a até se apoiar no tronco, percebo o quanto ela estar relaxada e pronta para descansar, mas isso não será possível. Eu não marquei a Grace ainda porque não sei o que vem a seguir, se vou conseguir me controlar e deixa-la descansar, ou se vai ser pior que agora, por isso estou ficando mais cansado agora e gozando várias vezes.

Ela se apoia no tronco e fico por trás dela, minhas garras e pressas já estão crescida e o meu chifre, meu pau fica um pouco mais grosso devido ao meu outro lado, porém Grace está pontinha para tudo.

Entro nela com cuidado.

— Shi...— Beijo seu ombro e começo devagar, ela parece recuperar suas forças, pois todas as suas ações é para que eu continue.

Seguro seus seios em minhas mãos enquanto continuo com as estocadas.

Grace não nasceu para ser uma simples humana, nasceu para ser a humana de um demônio.

Nunca foi tão incrível sentir que pertencço a um lugar, alguém que cheira a noite e a terra, alguém que me esvazia de mim mesmo e me completa de amor, Grace é paz, também é loucura, risos, doçura, e bondade tudo dela é para mim, e tudo meu é pra ela.

Sinto que vou gozar, seguindo meus instintos eu a abraço mais forte ainda por trás e enfio o mais fundo que consigo derramando nela, lambo a marca do seu pescoço e a mordo, logo o gosto salgado do seu suor se mistura com o gosto de sangue, tudo se liga de maneira incrível como se eu pudesse estar dentro dela, das suas emoções, do seu eu e ela é tão linda por dentro quanto é por fora.

Fico tão sensível a ponto de perder o ar, me sinto seguro e ao mesmo

tempo com medo, essa mistura de sentimentos é explosivo, imponente, perfeito. Tudo fica silencioso em minha volta acabei de zapar para um lugar desconhecido, meu corpo pode voltar, mas minha alma estar entregue a ela, eu amo minha fêmea, ela sempre estará em primeiro lugar.

— Amor... — Grace grita alto também atingindo outro clímax latente.

— Minha. Você é minha.

Afasto-me do seu pescoço e observo uma fina linha de sangue descer em suas costas no lugar do seu sinal, lambo para cicatrizar mais rápido, ainda com o pau pulsando dentro dela.

Ofegantes e banhados de suor nos deitamos no chão, na relva. Deixo o corpo dela em cima do meu, com a sensação de que tudo estar em seu devido lugar, Grace desmaia de cansaço.

Vai ficar bem porque agora ela tem parte de mim, ou tudo de mim, estico o braço para pegar o livro e depois a abraço e zapo para a casa da avó dela, a carrego e a coloco na cama sabendo que aqui ela estar segura.

A avó dela devia saber que o melhor lugar para a Grace seria essa casa e provavelmente morreu antes que Grace entendesse isso. Durmo ao seu lado na cama e sinceramente gosto desse lugar tranquilo.

Acordo bem depois dela, ela estar em frente ao espelho apenas de toalha e cabelos molhados, olhando a marca da minha mordida em seus ombros.

— Isso não vai desaparecer? — Ela pergunta enquanto me levanto e zapo até ela.

— Não. E outra coisa também querida. — A abraço por trás e abro a palma da mão em seu ventre. — Você vai ter um filho meu. — Beijo seu ombro e completo: — Ele já está a caminho, precisamos preparar tudo.

— O quê?

Antes que ela brigue comigo zapo para o banheiro, a água do chuveiro cai enquanto me ensaboo com o sabonete dela, depois do banho me enxugo e prendo a toalha na cintura, escuto o bater forte da porta.

— Você está de brincadeira não é Raony, vou ser mãe! — Ela grita.

— Vou ser pai. — Zapo e prendo seu corpo ao meu e jogo na cama de volta. — E vai ser um macho forte.

— E se for menina?

— Não podemos mais ter meninas, não temos mais fêmeas da nossa raça, não nasce mais um dos motivos do nosso povo ter fêmeas humanas e vir procura-la na terra, tem a ver com a maldição.

— Que maldição terrível!

— E sobre ontem, você não pode mais sair dessa casa até matarmos a bruxa.

Grace se afasta de mim.

— Você não matou a bruxa?

— Não posso fazer isso.

— Você matou o Heitor que flertava comigo e não uma bruxa que tentou me matar? Isso porque ela é sua ex! — Arremessa o travesseiro em mim. — Seu cretino!

— Combinei com meus irmãos que não a mataríamos.

— Vai para inferno você e seus irmãos!

Lá vamos nós novamente...

— Grace, prometemos não brigar por besteiras.

— Besteira! Você acaba de dizer que posso ter um bebê, e quer deixar essa bruxa solta por aí me perseguindo? — Vocifera.

A acompanho até a cozinha, mantendo alguns passos distantes da pequena irritada.

— Vamos dar um jeito nela, estamos esperando o momento ideal se eu matar ela agora o seu clã vai querer se vingar.

— Espero que isso seja antes dos nove meses. Se não eu mesma terei

que matar a bruxa. — E ela fica tão sexy falando assim, rodando na cozinha a procura de alguma coisa. — Café?

— Sem açúcar, por favor. Aqui é o lugar mais seguro pra você.

— Certo. Lembrando que próxima semana eu tenho que cantar no coral: Então é Natal...

— Eu levo você. — Interrompo antes que ela comece a cantar músicas natalinas.

— Você tem certeza que quer ir à igreja comigo depois de tudo?

— Terei que me sacrificar. — Pego sua mão e coloco na palma da minha, deixo minha garra crescer.

— Vou confiar em você em relação à bruxa. E em relação a gravidez nesse caso só o tempo, não sei o que estar por vim.

Eu também não.

Mas estamos juntos e isso é o que realmente importa. Entretanto, preciso saber de algo, traço um risco em sua palma ferindo-a.

— O que está fazendo?! — Grace tenta puxar a mão, mas eu seguro mantendo fixa no lugar, e não a nada além de um pouco sangue saindo, sem regeneração.

Solto sua mão e entro em desespero de saber que Grace não foi transformada. Não pode se curar, ser imortal.

Tenho certeza que ela vai ficar grávida, e uma humana não será capaz de carregar um filho meu. Inferno! Nunca usei camisinha por não ter necessidade, mas agora... Sou o cara mais idiota de todos por colocar a vida da Grace em perigo.

— Raony?

— Vai ficar tudo bem.

— Fala.

— Você não pode se regenerar Grace, quando ficar grávida isso será

um problema. No livro não tem nada sobre isso?

— Ainda não sei ao certo, mas ainda não estou grávida a partir de agora vamos usar camisinha.

Que Oric me ajude. Grace vai engravidar.



BÔNUS - RUCTION

Elie Anjo - Demônios Reais

Que dia é hoje?

Já é dia? Noite...Ah, sim ontem à noite estava na floresta com a Branca de Neve, que sonho estranho corremos na floresta com lobos nos perseguindo não nevava, mas tinha uma lua cheia, sangue, lobos, vermelho...

Errei eu estava na história da Chapeuzinho Vermelho... Hum sim, agora as coisas estão se encaixando melhor, mas por que tenho a impressão que a Chapeuzinho vermelho se parece muito com a minha senhora?

Humm, agora as coisas se encaixaram melhor ainda.
Minha senhora...
Onde estar ela?

A primeira coisa que vejo ao abrir os olhos são folhas, muitas delas, viro a cabeça colada na terra e claro também tem muita terra, muito verde, troncos, galhos, ruídos, pássaros, insetos...

Levanto-me rápido e sinto tontura de imediato, isso por ter me transformado e corrido como um louco no meio da floresta.

Cubro-me com a capa e caminho pela floresta totalmente perdido a luz da manhã começa a preencher as copas das arvores *poderia* dizer que essa bela paisagem me causa aconchego, eu sou uma raposa, raposa vive na floresta. Mas estou apavorado e com fome com tanto medo que meu coração arde e bate de maneira irregular, nunca senti isso, assim como nunca sentir tanta fome.

Tum, tum, tum...

O que é isso agora? Parece que a batida do meu coração foi amplificada e agora ecoa na floresta.

Só quero comer.

Tum, tum, tum...

Deve ser delírio.

A última vez que estava na floresta sozinho fui atacado pelo meu próprio bando se não fosse pela generosidade do meu senhor estaria morto de fome.

Quero uma xícara de café preto com três Colheres de açúcar.

Paro a caminhada para me situar, encosto na árvore estendo o olhar para o matagal e devo admitir sou péssimo, não tenho senso de direção, porque as coisas não acontecem como na história dos Três Porquinhos quando eles foram para a floresta e para não se perder fizeram um rastro de migalhas, mas onde estão as migalhas no chão pra me guiar de volta até a casa da minha senhora?

Essa é realmente a história dos Três porquinhos?

Só tem mato, mato e... Estou perdido.

Olha só... Não é que tem uma estrada no fim do túnel de árvores... Meus pés estão doendo quando tempo estou andando? Quinze minutos quem sabe.

Espero que nessa estrada apareça algum motorista solitário e azarento pra me dar uma carona.

Olha só...

Um carro estar vindo.

Espero que ele abra exceção e der uma carona para um cara pelado e

com uma capa vermelha na estrada, e faminto... Não posso esquecer do faminto.

Mas para minha infelicidade ele passa direto.

Mas um e depois outro...

Perdi as contas de todos que passaram direto.

Mas eu tenho um plano infalível me afasto da estrada e me escondo atrás dos arbustos e quando o som de um motor se aproxima.

Em ação, me jogo!

Meu corpo choca no carro e caio no chão gritando alto:

— Aí minha perna, Ai minha perna. Seu desgraçado ou desgraçada!

Não estou machucado de verdade, já fiz isso várias vezes, principalmente quando decidi ser dublê de filmes.

Mas espero que seja uma mulher é muito difícil lidar com homens, principalmente hétero.

Esse plano nunca falha fico no chão por alguns segundos gemendo.

"Crianças não façam isso em casa."

— Oh meu Deus, por que meu Deus! Por que eu? — Já fui ator também e tem que ter drama, sem drama sem carona até a primeira lanchonete em algum posto de gasolina, ou qualquer lugar que venda comida.

— Você está bem?

Afs!

É a voz de um homem, olho para ele e... Usa um casaco grosso de frio e calça social, gravata torta e os cabelos castanhos escuros acentuados com e um pouco úmido...

Ele é hétero, me lembro da sua foto na ficha, ah, como é o nome dele mesmo... Adão, Adin, Ah! Aidan!

Esse é o Aidan Costatini.

— Óbvio que não, você me atropelou seu irresponsável. — Talvez, deva usar uma palavra que, meu senhor, sempre usa quando estar irritado e deve funcionar em momentos como esses. — Miserabilidade!

Seus olhos castanhos estão fixos em meu corpo esticado no chão.

— Pelo visto está bem. Você é maluco como se joga na frente do carro daquele jeito?

— Mas você me atropelou. No seu carro não tem freios?

— Tem e eu freei agora se quiser ajuda levante-se daí e vamos para emergência.

— Olha eu acho que fraturei minhas costelas. — Seguro na minha cintura. — Não vai me ajudar a levantar?

— Você quer que eu te carregue por acaso?

Que cara irritante. Levanto-me por conta própria e encaro-o com a cara feia de fome.

— Você é policial. — Tem a imagem de um demônio na minha sombra e chifres na minha cabeça nesse exato momento, principalmente depois de ver a desconfiança e preocupação no olhar dele.

— Como sabe disso? — Arqueia a sobrancelha formando um duro olhar.

— Bom estar na cara, então senhor policial eu não vou fazer você perder seu precioso tempo me levando para o hospital.

— Ah, obrigado pela sua compreensão. — Ele deve achar que estou com medo pelo fato dele ser policial, mas isso é tão excitante! Não no sentindo sexual, mas de perturbação.

— Eu não vou ao hospital acompanhado por você que me atropelou, mas estou faminto e nesse momento você precisa me alimentar...

Ele não controla sua surpresa.

— Você fugiu de algum manicômio?

— Se você não me levar minha coluna vai começar a doer, e pode ter certeza que não vai ser só a coluna vou fazer vários exames até descobrir o que tenho, e você que me atropelou não pode fugir, mas tenho certeza que você tem coisas mais importantes para fazer. Então vamos?

— Seu louco do caralho, entra na porra desse carro, seu fodido. E cubra sua nudez! — Prendo riso do modo como ele fala, me agacho para pegar minha capa e minha bunda fica exposta. — Ah, pelo amor de Deus!

Olha se fosse aos seis meses de macho eu acharia esse hétero sexy, mas estou pra fêmeas não pra machos e isso aconteceu exatamente ontem!

Sento no banco do carro e o policial que não sei o nome tem uma namorada sei disso devido a foto em seu painel e porque está na ficha dele, tem cigarros e garrafas de água espalhada pelo carro.

— Que situação mais estranha. — Gosto dela.

— Ótimo. Isso está vindo de um cara pelado vestido com a capa da Chapeuzinho Vermelho que se joga na frente do meu carro e me chantageia para que o leve para a lanchonete mais próxima. — Ele funga e enquanto vasculha sua gaveta, pega seu distintivo e coloca em cima do painel. — Uma situação bastante estranha. — Completa.

Ele me ignora no restante do caminho, liga o rádio e a voz de Jonh Dever cantando *Take me Home, country Road*. Segundo sua ficha esse novo

morador de Santa Maria veio de West Virgínia que fica muito longe do seu destino atual, deve ser o motivo de estar tocando essa música.

Começo a cantar baixinho o refrão dela:

— *Country roads, take me home, To the place I belong West Virginia...Mountain momma...*

— Cala a porra da boca ou te deixo na estrada e termino de te atropelar.

Ele pisa no acelerador ultrapassando o limite de velocidade. Não duvido que ele faça isso, na ficha dele tem coisas obscuras.

— Se fizer isso meus parceiros vão vir atrás de você.

— Me deixa adivinhar a vovó e o lenhador.

Ele permanece sério.

Solto um riso que se transforma é uma gargalhada. Sinceramente gostei dele, pode até fazer parte da minha lista de amigos heteros.

Ele desliga o rádio ainda com uma carranca. Não deve sorrir muito, mas na foto ele estar incrivelmente diferente com um sorriso largo no rosto abraçado com uma mulher, é a noiva dele atrás tem uma paisagem de outono.

— Bela foto. — Digo e de maneira brusca ele vira a foto. — Tudo bem, sem músicas, sem risos, comentários, eu não estou aqui.

Fico quieto até pararmos na primeira lanchonete na estrada tiro o meu cinto de segurança e tento abrir a porta travada.

— Você não está pensando em sair com essa bunda pálida atormentado os outros.

— Minha bunda te atormentou por acaso?

— Sem gracinhas seu pivete. — Pivete? Cruzes...— O que você quer comer infeliz? Eu vou pegar.

Mas ele é tão Amorzinho.

— *Donuts*. — Ele abre a porta, mas antes que ele saia completo a lista: — Milk Shake de morango por que estou com calor, café preto com três Colheres de açúcar porque vou sentir frio muito em breve quando o sangue esfriar, estão o café tem que tá bem quente, por favor, traga guardanapos, sanduiches de... — Será que tem sanduiches? É uma lanchonete deve ter. — Sanduiches de presunto e um pacote de batata frita para viagem.

Suspiro e me encolho no banco de couro.

— Eu espero nunca mais ver você na vida desgraçado!

Espero ele sair para colocar os pensamentos em ordem, eu acho que ele vai ter uma baita decepção porque em Santa Maria sou amigo de todos os policiais.

Sobre sua ficha, toda a pessoa que ocupa algum cargo importante nessa cidade passa pela aprovação do Rudá e eu sou responsável por investigar sobre elas, o prefeito atual é um humano e pediu ajuda de fora, mandaram o Aidan para ser o novo delegado da cidade. Ele vai substituir o primo do Heitor que se demitiu depois do Heitor ser morto pelo meu senhor e ele disse que não ia mais dar cobertura para a gente.

Acho que teremos problemas... Não vou ser babá desse humano, ele nem sabe que os demônios controlam tudo agora, o Rudá pretende comprar todas as fazendas e terras vizinhas fazer desse lugar o paraíso dos demônios.



CAPÍTULO TRINTA

Elie Anjo - Demônios Reais

Então é natal, quando todos sem lembram de fazer o bem e esse bem pode se resumir no simples fato de se lembrar de que eu existo e me cumprimenta com um sorriso falso na cara; quando o ano todo tudo o que recebo é o olhar de superioridade e desprezo dessas pessoas para quem eu vou cantar hoje.

Fico feliz pelo Raony ter vindo comigo entramos na igreja de mãos dadas e todos tem que encarar meu namorado lindo. Mas o que podem fazer? Absolutamente nada principalmente que o Raony retribui cada encarada com uma pior, amedrontando alguns, ou arrancando suspiros das mais assanhadas é o caso da Ruth.

Hoje é natal e todos merecem serem felizes, então não vou julgar a Ruth por cobiçar o meu presente.

— É pecado cobiçar o namorado dos outros. — Cochicho no ouvido dela.

— Quem estar olhando para esse demônio? Muito atrevimento o trazer para a igreja depois de tudo...

— Sim, depois de me entregar de corpo e alma para um demônio que beija gostoso e outras coisas mais até fui mordida. — Mostro a minha marca para ela.

— Ora, sua maldita sempre soube que era uma perdida.

— Você também é só é incubada, mas hoje é natal e vai ter uma festa na boate dele depois do culto se você for eu consigo demônios a fim de realizar tudo o que se passa nessa mente pervertida.

Ruth fica vermelha.

— O que está acontecendo com você? Estar tentando me levar para o mau caminho sua bruxa!

— Você vive no mau caminho e me infernizou a vida toda pelos meus erros. Só estou retribuindo de uma forma gentil.

Ruth faz um carão e se afasta de mim.

Raony estar rindo entre duas velhinhas e aposto que ele ouviu nossa conversa.

A Trisha me mandou uma mensagem mais cedo dizendo que estar na Califórnia e da próxima vez que me ver vai me fazer pagar caro pelas suas roupas.

Espero que isso não seja tão cedo.

Na saída da igreja me sento na garupa, línguas ferinas e cochichos ficam para trás ao som do motor, soube que o Marcos vai partir da cidade depois da ceia.

E eu...

Vou comemorar o natal com minha nova família.

Um bando de demônios, agora que sei que tenho sangue de bruxa preciso descobrir se tenho alguma habilidade.

Ai cristo...

Pedi para o Ructon convidar a todos, Rudá, Marlon e Jandir, e os demônios da cidade vizinha.

Que loucura, eu e o Ructon preparamos tudo da decoração a comida servida. E sobre a adocica assim que tudo terminar pretendo tentar novamente

agora sem a sangue e suga da minha irmã. Sem responsabilidade com ela.

Ructon decorou a árvore de natal com Donuts coloridos que fizemos embrulhamos claro, e o Jandir estar arrancando alguns deles para comer.

Rudá fica mais distante até chamar o Raony para o escritório. Deve ser sobre o livro que há poucos dias Raony entregou para ele, porém não entendo porque não posso participar da conversa.

— Esse é o natal mais irado de todos! — Declara Marlon ao lado de uma ruiva e uma morena.

Humanas.

E sem saber que estão rodeadas por criaturas. Eu sabia que Ruth não recusaria o convite e ela trouxe boa parte das garotas do coral.

— Sejam bem-vindas meninas. — Os demônios se empolgam e começam a se aproximar.

— Por que alguns deles usam máscaras? — Ruth pergunta.

— Faz parte da brincadeira. — Respondo sorrindo.

— Legal!

Alguns têm gorros de papai Noel.

Deixo—as se divertindo algo me diz que esse ano tudo será diferente. Eu tinha convidado a Judite também, sei que não gosta de passar o natal com os pais dela.

E quando vejo minha amiga entrar na boate explodo de alegria.

— Judi! Aqui! — Ergo as mãos e corro até ela, a abraço apertado e falo: — Que vestido mais sexy.

— Digo o mesmo do seu. — Ela se afasta do abraço. — Não estar mesmo chateada comigo?

— Não vou perder nossa amizade por causa do Eric.

— Há, garota, você estar diferente. — Me analisa com um sorriso

indagador. — Isso tem a ver com certo demônio por acaso?

Suspiro feliz por ter minha amiga que só pensa em machos de volta, por falar em demônio Raony estar demorando demais com o Rudá no escritório vão acabar perdendo a festa.

— Ho, Ho, Ho feliz natal! — Brada Ructon se aproximando da gente.

— E o que você deve para a Judite? — Pergunto para ele.

— Desculpas. — E ele que não pedisse. — E se me desculpar te apresento alguns caras legais.

Reviro os olhos ao ver o sorriso da Judite ficar maior, desisto desses dois.

— Grace! — Raony me chama.

— Divirta-se daqui a pouco volto. — Digo para eles.

— Porque a diversão da Grace é exclusiva apenas para ela. — Alfineta Judite.

E seu cúmplice Ructon ri junto.

Raony estar com um brilho estranho no olhar como uma criança que acaba de ganhar algo novo. Ele pega minha mão e me leva até o escritório, Rudá estar sentado de pernas cruzadas e olhar longínquo, balança de maneira constante e devagar sua taça com liquido escarlate.

Ele é bem compenetrado.

Não sei nada sobre ele é diferente dos outros irmãos conheço um pouco do Jandir e do Marlon, mas o Rudá...

— Sente-se. — Faço como o Raony me pediu, me sento do outro lado da mesa do escritório Rudá começa a me analisar seriamente. — O Rudá tem informações sobre o livro.

Espero que essas informações nos ajudem, sejam positivas.

— Olá Grace. — Ele esboça algo no rosto e acho que é um sorriso, forçado e amedrontador. Tenso.

— Oi — Meu sorriso também fica tenso, — Podem começar a falar rapazes estou pronta para o que deve vier.

— Sobre o livro que você não leu, — Rudá já começa me acusando. Não gostei. — Devo dizer que sua avó tinha pose do livro por um motivo especial ela fazia parte da linhagem das bruxas guardiãs dele, como ela morreu agora é sua obrigação...

— O quê? — Encaro meu cunhado tentando entender o que me disse, mas acho que ele foi muito rápido, ou eu que sou muito lenta, — Quer dizer pode me explicar melhor?

— Estava explicando, mas você me interrompeu.

— Ah, desculpa.

— Tudo bem.

— Certo!

— Não me interrompa mais.

— Ok ...

Rudá curva os lábios sorrindo, no final todos eles são perturbados.

Raony ainda não disse nada, ele já deve saber de tudo, mas então por que não me explica? Por que tem que ser o Rudá? Acho que ele não gosta de mim.

— Ele é assim com todo mundo. — Raony fala parecendo ler meus pensamentos.

Raony fica atrás de mim com as mãos em meus ombros.

— Continuando... Sua avó morreu antes de explicar as coisas a você, ou pelo fato dela saber que você é a primeira destinada... Queria poupa-la de mais um fardo à questão toda é que você nasceu guardiã e, é um fato inesperado. Em resumo é a sua obrigação cuidar desse livro e ajudar as próximas fêmeas que virão explicando as coisas para ela. Ajudando-as.

— E quando eu morrer quem vai ficar no meu lugar?

— Por que está pensando em morte Grace? Você não vai morrer, — Acabo de deixar o Raony chateado. Fofo.

— Ah, sim tem a questão da sua imortalidade. Para se tornar imortal tem um preço a se pagar você precisa dar algo em troca, por exemplo, a Tris era uma humana e para o meu pai ela fez a promessa de nos guiar nesse mundo, cuidar da gente. — Continua o Rudá;

— Coisa que ela não anda fazendo muito bem. — Lembro-o. — E qual será o meu preço?

— Estava escrito na página que você mais leu, pois é a que mais tem dobras na página. — Esse Rudá é um pé no saco! — Aquela que estava escrito sobre o fruto da perdição.

— Sim, o pecado? A morte? Na verdade, eu não entendi muito bem...

Rudá me lança um olhar duro me calo de imediato.

— Não é o pecado Grace... Nós temos fêmeas por dois motivos, acasalar e acima de tudo ter um herdeiro pra continuar nossa linhagem, você só pode se tornar imortal quando cumprir esse segundo quesito, gerar um filho.

— Pai do Céu quem criou essas regras malditas? — Estou indignada.

Rudá me ignora e continua:

— Nossos antepassados. Isso porque nosso mundo entrou em guerra e muitos morreram incluindo fêmeas, nossos pais acharam melhor garantir nossa sobrevivência nesse mundo. Mas somos orgulhosos demais para nos envolvermos com humanas a ponto de gerar uma criança sangue do nosso sangue, para muitos isso é sinônimo de uma linhagem fraca, mas entre fraqueza e sobrevivência... — Os antepassados deles escolheram sobrevivência. — A maldição tem dois lados, para continuarmos com nossa imortalidade precisamos ter nossa fêmea, e para ela ser imortal precisa manter nossa linhagem.

— Já nasci com obrigação de ser mãe de um filho de um demônio. — Bufo.

— A escolha é sua. — Raony diz. — Embora não quero que você morra.

— Se isso acontecer ele morre também já que a imortalidade dele só é válida enquanto a fêmea dele ser dele... — Ele bebe um pouco do vinho. — Vou entregar o livro depois que terminar de tirar a cópia, caso você der fim nele de alguma forma, a propósito a festa está boa... Nos vemos em breve.

Ele zapa deixando—nos sozinhos na sala do escritório.

— Mas ele já foi? Nem esperou a festa começar... — Me levanto decepcionada.

Raony permanece em silêncio. Até eu abraça-lo nem posso imaginar o que se passa nessa cabeça.

— Grace sobre sua escolha...

— Está tudo bem, já escolhemos um ao outro, lembra?

— Mas mesmo assim, gravidez é algo que tem a ver com seu corpo com seu querer não quero que se sinta obrigada a fazer isso, podemos esperar caso não fique grávida dessa vez.

Então é por isso que ele estava evitando transar comigo por esses dias, só era usar camisinha...

— Eu quero fazer isso.

— Então melhor tirar logo essa dúvida já se passou alguns dias... — Onze dias hoje, ele pega a minha mão e traça um risco com a unha encaro minha mão cheia de expectativa, minha pele começa a cicatrizar até não restar mais nada que algumas gotas de sangue. — Por Oric, você está grávida!

Não podia mesmo perder esse momento de ver o Raony eufórico a ponto de me levantar alguns centímetros do chão em um abraço, eu sabia que no fundo ele desejava ser pai.

— Eu vou ser um pai bem melhor que o meu. — Super protetor, porque acredito que tudo o que o pai dele deve ter feito foi para protege-los. — Eu te amo Grace, obrigado por nos escolher. Eu e nosso filho.

Não é só ele que estar feliz. Eu vou ser mãe de um demônio Junior o que me faz ser uma Super Mamãe agora posso me cortar com a faca da cozinha sem medo de perder um dedo, aí Cristo não é só ele que estar eu eufórico, eu também estou. Começo a ter uma crise de riso, com meus pensamentos insanos com a possibilidade de coisas que posso fazer.

— Grace?

Raony para de me balançar.

— Eu vou ser mãe!

Ele me beija e quando o beijo esquentou se afasta e diz:

— Acho bom começar a pegar leve a parti de agora, tem um baby aí dentro. — Ele dar aquela risada rouca que adoro, zapa comigo até o corredor que leva de volta para área agitada.

Só o que me faltava o Raony estar com medo de transar.



CAPÍTULO TRINTA UM

Elie Anjo - Demônios Reais

7 meses depois!
Não
posso voltar
para casa

coberto de sangue desse jeito, Jandir e Marlon participam da caçada comigo, porém eles partiram mais cedo e já estou enlouquecendo com a insistência da Tris em sondar nosso espaço com sua alcateia maldita; e também pelo fato que a estar difícil manter tudo escondido do novo detetive humano.

Foda-se da próxima vez que a bruxa cruzar meu caminho eu vou matá-la.

Zapo da floresta para a casa da avó da Grace onde ela está vivendo pelos últimos meses. Odeio ver a Grace presa nessa casa, mesmo zapando com ela para o barco, a mansão do Rudá, a boate são poucas as opções e sei que ela está entediada mesmo ela não reclamando.

Tomo um banho e tiro o sangue do meu corpo saio do banheiro despido, tivemos que reformar essa casa deixar mais confortável para a Grace. Quero terminar com isso antes do meu filho nascer, mas só por precaução fizemos o quarto do Gael, Rudá preparou um quarto de hospital na mansão por enquanto até construirmos o nosso próprio hospital nessa cidade as coisas vão ajeitar aos poucos.

Visto apenas uma calça jeans.

Olho da janela o Ructon está se balançando na rede na varanda com

um livro "como ser um papai nota 1000" cobrindo o rosto.

Estou morrendo de saudade da Grace foram dois dias longe dela. Mas onde estar minha mulher? Procuo por ela no quarto do Gael, ela e o Ructon decorou tudo — esse arco—íris pintado na parede onde fica o berço dele é obra do Ructon — e o quadro cheio de imagens do ultrassom do Gael é obra da Grace.

Grace não teve o prazer de escolher o enxoval pessoalmente comprou pela internet, ao vezes eu zapava por aí também. O que importa é que o Gael terá o suficiente

Mas isso é pouco para o meu filho e para a Grace, quero que ambos tenham uma vida confortável, que usufruam do melhor desse mundo, preciso providenciar logo isso para eles.

Ainda me lembro quando escutei as batidas do coração do Gael pela primeira vez. Meu filhote é forte e saudável.

A geladeira da cozinha está aberta e o Jandir revira o armário.

— O faz aqui Jandir?

— A procura de molho de tomate o meu acabou. Sabe onde a Grace guarda? — Ele ainda insiste em assaltar a cozinha da Grace.

Vou até a dispensa ao lado da cozinha e pego um molho de tomate para ele.

— Aqui. — Entrego.

— Não diga a ela que estive aqui.

Jandir Zapa.

E eu rio, Grace vai saber que ele esteve aqui, soube quando ele pegou um pedaço da sua torta, soube quando ele zapou no meio da noite pra fazer um lanchinho o que fez a gente interromper nossa transa ao ouvir os ruídos vindo da cozinha.

Bebo um pouco de água e zapo até a varanda onde o Ructon e agora o Marlon estão.

Ele entrega um pacote para o Ructon que coloca em cima da mesinha juntamente com o livro.

Grace está meditando do lado de fora com a esteira estendida no chão, começou a fazer exercícios para ajudar na hora do parto, zapo ao lado dela e devo admitir que ela nesse top de maia e legging está uma graça! Sua barriga grande e redonda, os cabelos estão bem mais longos.

— Você demorou dessa vez. — Ela diz se levantando da esteira no chão.

Tem um espantalho feito com minhas roupas pendurado em uma árvore espero que isso não signifique que ela está com raiva de mim.

— Desculpa, querida foi necessário. — E acredite não quero irritá-la. — Porque fez um espantalho com minhas roupas?

— Estava tentando queimar ele com a força do pensamento. — Por Oric! — Só estou tentando ver se tenho algum poder...

Ufs!

— Vamos entrar Grace, já comeu alguma coisa?

— Sim! — ela passa o braço em volta da minha cintura — O Gael não me dar sossego.

Toco em sua barriga grande com o umbigo arrebitado, estou ansioso pela chegada dele e ver o rosto do meu filho. Ructon quase cai da rede ao ver a Grace e já imagino o porquê.

— Olá Grace. — Fala Marlon.

— Olá uma ova o que estão escondendo de mim? — Ructon se levanta e corre para o outro lado da varanda segurando o pacote que Marlon tinha entregado para ele — Isso é maconha Ructon!

— Não! É chá!

— Não tente me enganar eu assisto TV! Quem te deu isso?

— O Marlon, minha senhora, mas tem uma explicação. Não vou usar, não uso. — Grace estar com os dedos na orelha do Ructon. — Ai, ai, minha

senhora. Bata no Marlon não em mim.

Eu pego o Ructon pela gola e tiro das mãos nervosas da Grace.

— Marlon, você está sendo uma má influência para o Ructon. Maconha? — Ela não deixa ninguém explicar. — E você, Raony que belo pai por que não me disse que o tio do seu filho é traficante?

— Por Oric, Grace! Ele não é... — Mantenho o corpo pequeno dela quieto preso em meus braços, rodando com uma bola no meio da varanda com essa barriga enorme. — é para pegar um cara do bando da Tris ele está rodando a cidade o Ructon vai se infiltrar usando a droga para atraí-lo.

— Agora sou um traficante! — Ructon fala balançando o saco de maconha na mão.

— Meu deus vocês estão indo longe demais. Isso não vai prestar. — Grace entra na casa indo em direção à cozinha, a geladeira estar aberta. Merda. Esqueci—me desse detalhe, ela enfia a cabeça para espiar e no chão ao lado da geladeira há um pouco de geleia em formato de um dedão: — Tem pegada de urso na minha cozinha.

Jandir...

Ela pega a jarra de água e enche o copo.

— Ele só queria molho de tomate.

— E comer minha torta!

Grace não está chateada quando dei uma bronca no Jandir, ela deu uma bronca em mim, ela adora fazer comida para os outros comerem ainda bem que o Jandir gosta de doce e vem aqui fazer companhia para ela e aprender receitas.

Queima meus olhos ver Jandir de avental na cozinha, Grace deu um avental para o Jandir escrito: "super urso."

E o meu presente de natal para ela foi uma tatuagem que eu mesmo fiz, ela pediu um livro aberto com letras saindo dele: R. G. R. J. M. R* A tatuagem está em suas costas embora seja pequena...

Como nossa família.

Grace fez com que meus irmãos fossem mais próximos a mim, apenas o Rudá se mantém distante.

— Vem cá, senti tanto sua falta.

A abraço encostando—a no balcão pequeno dessa minúscula cozinha não gosto dessa casa pequena já escolhi uma casa e pedi para construírem por aqui por perto, longe da cidade para a gente criar nosso filho com mais liberdade até o Rudá expulsar esses humanos.

— Você acha que engordei muito?

— Acho que você está gostosa. — Beijo Grace e não demora muito pra ela fazer sons de excitação.

Sim. Ela está ferosa como de costume. Levo—a pela casa até chegarmos ao quarto, já é fim de tarde e nada como terminar o dia com uma transa.

Nosso sexo é limitado, mas é bom, Grace fica por cima de mim e começa a se despir de maneira lenta, muito atrapalhada e eu levo barrigadas nos movimentos.

Minutos se passam e Grace cavalga em mim de maneira lenta, acaricio sua barriga, e estimo seu corpo com cuidado e beijos longos sendo o mais delicado possível nos meus toques até que ela atinge o clímax contraindo, estou tão relaxado e feliz que quando gozo a calma permanece.

Ainda bem, pois não vou mostrar minha cara de fera para ela.

— Está com sono? — Ela pergunta por cima de mim.

— Estou cansado, esses dias foi complicado. — Deita-se ao meu lado passando as pernas por cima das minhas, — E Gael deixa sua mãe dormir.

Toco em sua barriga.

— Quando você faz isso ele se acalma mais... — Beijo sua testa.

Durmo desejando que hoje não tenha pesadelos.

Mas tenho e sempre sofro ao ver a Grace correndo pela floresta cercada por lobos e para piorar consigo vê-la carregando o Gael até que ela tropeça e os lobos a ataca. Abro os olhos e tateio a cama em busca dela, mas não é um cabelo loiro que estar cobrindo o travesseiro, mas castanho escuros e não consigo me mover, a Tris beija meus lábios e diz:

— Mais um pesadelo meu amor? Não se preocupe a Grace não volta mais, estou aqui.

Acordo com o corpo coberto de suor, era só um pesadelo, porém parece não ter fim quando olho para o lado e vejo a cama vazia me desespero.

Onde estar a Grace?

Levanto—me e começo a zapar pela casa, não estar na cozinha, sinto o cheiro de fumaça persigo ele que estar vindo do lado de fora.

Zapo até Grace de camisola vendo espantalho queimar.

— Grace não faça mais isso. Não me mate de susto! — desesperado a abraço.

Ela está bem só foi um pesadelo.

— Eu consegui. Consegui fazer esse espantalho queimar. — Seus olhos refletem as chamas do fogo que crepita. Agora que ela é imortal e carrega uma criatura mística, talvez tenha sido o gatilho para despertar seu poder. — Agora posso sair daqui não é Raony? Se a bruxa me atacar posso matar...

— Grace... Eu sinto muito mesmo assim é arriscado, deixa o Gael nascer e depois que ele tiver maior e aprender a se defender...

— Entendo. — Ela entendeu o suficiente para ficar triste, almeja liberdade que eu sei.

E daria tudo para ela sair dessa casa.

— Por favor, entra a noite estar fria.



CAPÍTULO TRINTA DOIS

Elie Anjo - Demônios Reais

Algumas
semanas
depois...

Hoje

é a noite do cinema com a Grace, é quando ficamos em casa assistindo filme e curtindo um ao outro. Grace fez uma tigela cheia de pipoca e ela come enquanto procuro algum filme para a gente assistir, o Ructon ficou de atrair alguns caras do bando da Tris vendendo drogas.

Até agora nem sinal da Bruxa e Grace fica maior parte do tempo tentando queimar outro espantalho.

Ela encosta a cabeça no meu ombro e me oferece pipoca pego um pouco e continuo clicando no botão.

— Você acha que vou consegui de novo?

— Vai sim. No que pensou enquanto estava tentando queimar o espantalho?

— Na bruxa. Isso me deixa com raiva.

— Então continue tentando.

Meu celular toca no bolso da bermuda, é o Ructon me ligando, deixo a Grace assistindo o filme e me distancio um pouco para atender a ligação. Abro um pouco a cortina e olho para o lado de fora.

— O que é Ructon?

— Meu senhor eu fui preso com as drogas não sei quando vou poder sair daqui, mas o detetive humano está no meu pé só pode ser vingança, só pode! — Tem muito barulho de onde ele estar me ligando.

— Que caralho Ructon trate de sair logo daí Grace pode ter a criança a qualquer momento, você ficou de fazer o parto do que adianta pagar uma faculdade de medicina se você é tão inútil. — Grace para de comer a pipoca e me encara, com essa carinha de que vai explodir. — Tenho que desligar.

Coloco o celular de novo no bolso.

— Como assim o Ructon está preso?

— Se acalme o Rudá vai resolver isso!

Ajoelho—me frente dela e beijo sua barriga hoje preparei uma surpresa para ela, já que estamos sozinhos e não aguento mais esperar estou muito ansioso para isso, continuo beijar sua barriga e ela afaga minha cabeça, tenho paz como nunca imaginei sentir, completo com a mulher que amo e ao lado e do meu filhote.

— Veja só Raony, ele se moveu. — Eu consegui sentir também, quando me concentro em sua barriga consigo ouvi o som da batida do coração dele.

— Grace eu amo você, amo o Gael... — Tiro a caixinha com o anel do bolso. — Então eu sei que vocês humanos tem seus costumes para mim a marca é sinal de fidelidade eterna, mas para vocês humanos esse anel também representa uma aliança. — Pego o dedo anelar, comprei um anel de diamante pesquisei sobre isso também. — Casa comigo?

Ela encara sua mão pequena com dedos gordinhos, mas o anel ficou perfeito.

— Sim. Eu aceito, claro que sim! — Grace abre o sorriso e não disfarçar a alegria, — Obrigada! É lindo, perfeito eu te amo.

Torno a beijar sua barriga depois sua boca.

— Vou pegar um vinho e já volto! — Digo para ela.

Vou até a cozinha e me deparo com uma sombra encostada no balcão da cozinha o Rudá estar de braços cruzados me aguardando, eu já tinha sentindo a presença dele.

— Olá Raony.

— Olá porra nenhuma! Não apareça assim se fosse a Grace ela teria se assustado. — Enrugo a testa e procuro o vinho no armário.

— Soube que ela herdou os traços da avó dela, tem poderes. E sobre a outra irmã dela? A Grace já sabe?

— Me esqueci de conversar com ela.

— Então acho que também não conversou sobre o outro assunto!

— Ainda não é o momento... Ela está preste a ter nosso filho.

Rudá me analisa, depois senta-se e pega uma das taças sirvo vinho para ele.

Ouçõ os passos da Grace vindo em direção a cozinha arrastando seus pés com o chinelo, a barriga dela estar muito grande não parece que carrega uma criança, mas duas, porém ela só tem o Gael.

— Amor por que demorou? — Ela nem disfarça o quanto gostou do anel, pois está como a mão em direção ao rosto admirando—o e passa pelo Rudá o ignorando.

— Olá cunhada, boa noite.

— Oi. — Fala em seco, ela criou uma aversão ao Rudá. Quem nunca? — O que faz aqui? Veio ver se não tive a criança e a perdi por aí.

Ela guardou rancor.

Prendo o riso, porém minhas bochechas formam um sorriso pra o Rudá e meus olhos risonhos perscruta a expressão dele e nunca vi o Rudá mais sem jeito.

— Não. Eu sinto muito por isso. Não considero você irresponsável a esse ponto.

Grace suspende o queixo e dar de ombros. Ah, sim minha fêmea não pega leve com ninguém.

— O que faz aqui então? — Ela pergunta.

— Bom eu só...

— Ele veio me aconselhar. — Interrompo o Rudá, — Sobre sua irmã, Grace, ela não é como você sua avó já sabia disso, existe apenas uma guardiã, uma descendente que herda isso que você tem...

Adianto—me para o Rudá não falar mais do que deve.

— Já suspeitava disso...

Um silêncio se estende até que o Rudá diz:

— Bom. Eu vou tirar o Ructon da cadeia. — Ele se levanta pronto para zapar, — Até breve Grac...

— Aí! — Grita Grace segurando a barriga, e eu zapo até o lado dela preocupado.

— Sua bolsa estou? — Pergunto e o Rudá me ajuda a apoiar o corpo dela.

— Sentindo, sentindo contração. — Grace começa a controlar a respiração, — Aí meu Deus cadê o Ructon?

Ela grita nervosa e encaro o Rudá.

— Vá tirar o Ructon da cadeia e traga logo ele. — Carrego a Grace e o Rudá zapa.

Tento zapar para a mansão do Rudá onde deixamos tudo preparado para o parto; porém não consigo e sei que meu filho está impedindo de fazer isso de maneira inconsciente criando um escudo para não mover a mãe dele para lugar nenhum.

— O que foi? — Grace se contorce em meus braços.

— Não vou conseguir levar você para lugar nenhum, vamos fazer o parto aqui.

— Não! — Ela faz um a careta. — Ai meu deus por que tem que doer tanto?

A levo para nosso quarto e a deito na cama, tiro sua roupa de baixo e toco em sua barriga. Ele estar pronto para vir à mundo posso sentir isso, sinto a presença dos meus irmãos na sala.

Jandir e Marlon zaparam praticamente ao mesmo tempo.

— Já volto!

— Não ouse me deixar sozinha, Raony! — Ela berra.

E cubro seu corpo com um lençol.

— Não vou amor... — Beijo sua mão antes de zapar até a sala, Marlon está apenas de cueca reviro os olhos.

— O Gael vai nascer. — Jandir fala com um sorriso na cara, — Estou ansioso e com sede...

Com fome!

Ele zapa deixo o Marlon na sala e vou até a cozinha, Jandir já estar com a cara enfiada na geladeira logo em seguida o Rudá zapa ao meu lado.

— Nada feito o Ructon vai passar a noite na cadeia. E por que não levou a Grace para a mansão?

— Tentei, mas o Gael está me impedindo.

— Então quem vai fazer o parto? — Marlon acabou de zapar na cozinha também.

Somos quatro demônios trocando olhares apreensíveis até que o Rudá declara:

— Eu faço. Mas tem que me ajudar com a Grace.

Zapamos para o quarto da Grace.

Ela me lança um olhar mortífero.

— O que ele estar fazendo aqui! Onde estar o Ructon? — Ela funga.

— Nem pensar ele nem gosta de mim!

— Calma Grace. — Falo ao segurar sua mão.

— Não me pede pra ter calma porra! Quando tem uma criança querendo me rasgar!

Por Oric é a primeira vez que ouço a Grace Jane xingar!

Rudá tira o terno calmamente e dobra as mangas da camisa social.

— Deite—se de lado Grace até a hora da criança nascer suas contrações ainda estão com um período um pouco longo, vou esterilizar minhas mãos e já volto, Raony providencie toalhas limpas. — Rudá zapa.

Ajudo a Grace a deitar de lado e mordo a boca e xingo quando ela aperta minha mão fortemente.

— Eu quero urinar! — Grace me dar um puxão com um olhar suplicante.

— Não. É normal ter essa sensação li no livro. — Digo sem jeito.

— Você leu um livro sobre parto?

— Sim!

— Ah, que fofo, mas eu quero urinar do mesmo jeito!

Ela me dar outro puxão, desse jeito vou ficar sem braço para carregar meu filho quando nascer.

Rudá zapa de volta.

— Vou pegar as toalhas limpas! — Ufa. Zapo para o armário a procura de toalha, Jandir me dar um susto aparecendo na minha frente comendo o restante da pipoca que Grace tinha feito.

— O Ructon fez uma chamada de vídeo e disse que quer ver o Gael e tudo... Marlon tá com ele na linha.

— E pode celular na cadeia? — Pergunto pegando um montante de toalha, — deixa pra lá!

Zapo para o quarto de novo e Grace já está virada com o Rudá olhando fixo para sua barriga, ele está contando os minutos da contratação usando seus sentidos.

— Dois minutos... e está na hora. Vamos lá Grace colabore comigo.

— Certo... — Ela me olha antes de fazer força para empurrar.

Deixo as toalhas ao lado da cama e seguro sua mão.

— Vamos lá querida você consegue. — Incentivo—a.

Porém Grace fica mais quente, quase febril sinto um cheiro de fumaça e me surpreendo ao ver a cortina da janela pegar fogo.

— Marlon! Jandir apaguem a porra desse fogo. — Grito para eles entrarem no maldito quarto e apagar o fogo. — Grace se controla!

— Não me peça pra ter controle! — Ela aperta mais minha mão.

— Certo Grace Jane pode tacar fogo em tudo não se preocupe com nada.

Miserabilidade!

Ela já deve ter quebrado meus dedos várias vezes!

— Conseguir ver a cabeça, só mais um pouco Grace. — Rudá está centrado e o Jandir conseguiu apagar o fogo jogando a cortina do lado de fora.

Marlon estar com o celular mostrando tudo para o Ructon em chamada de vídeo, meu servil inútil cantarola: "*Gael, Gael...*"

— *Cala a porra da sua boca ou vou pegar meu celular de volta, seu infeliz!*

Outro cara grita, apesar de não ver seu rosto posso imaginar que é o novo delegado.

— Eu odeio vocês! Calem a boca isso é um parto não um show! — Grace grita com as veias alteradas devido ao esforço que faz pra trazer o Gael ao mundo. — Juro se não calarem a merda da boca vou queimar todos vocês!

Ela se contorce na cama fazendo um esforço descomunal, meu coração se aperta ao ver seu sofrimento sou invadindo por inúmeros sentimentos principalmente o de admiração. Uma fêmea sofre para colocar um filhote ao mundo, mas sei que em poucas horas esse esforço vai valer a pena.

Os gritos da Grace se misturam com o forte choro da nossa criança.

Paramos o tumulto no quarto, ou do outro lado da linha para ouvi o som da voz do meu filho, seu grito, sua presença, o sinal que ele veio ao mundo saudável e tão, tão pequeno. Parece que é o tempo parou quando o Rudá corta o cordão umbilical com as garras e carrega em seu colo a criatura mais inocente e linda que já vi na vida.

Sons de rios, alívio, e o choro do Ructon do outro lado da linha, mas me atento as batidas do coração dele e nesse momento só não bate mais forte que o meu.

Depois de enrolar ele na toalha Rudá entrega ele a Grace que chora ao aninhar nossa criança em seu colo é a primeira vez que vejo o Rudá tão emocionado.

— Saiam de aqui preciso limpar a Grace e o Gael precisa de um tempo com a mãe dele. — Ordena Rudá.

Não quero ir nem consegui ver o rosto da minha criança direito, mas não contesto zapo com meus irmãos até a sala.

Jandir se joga no sofá e diz:

— Foi tão lindo, quero muito ser pai um dia.

— Não acredito que não estou aí com vocês! Esse maldito delegado vai pagar por isso. — Ructon ainda está na chamada de vídeo, chorando como uma criança. — A boa notícia é que descobri onde a Tris está.

Minutos se passaram, e só então me importo com o fato de o Marlon estar apenas de cueca perto da Grace, irritado digo:

— Vai vestir a porra de uma roupa Marlon!

— Foi mal irmão estava dormindo... Daqui a pouco volto. Vamos

Ructon. — Marlon Zapa.

A porta do quarto se abre sinal que posso entrar então zapo para o lado dela na cama. Rudá já limpou tudo, restando apenas Grace e nosso bebê e essa visão nunca vou esquecer, guardarei para eternidade.

— Segura ele um pouco, estou muito cansada. — Gael não chora mais. — Obrigada Rudá, eu nunca vou esquecer o que você fez.

Com muito cuidado seguro meu filho pela primeira vez, ele é perfeito consigo ver as marcas do chifre em sua fronte que não vão crescer até ele conseguir controlar sua transformação.

Gael é metade lobo, demônio e humano meio bruxo... Meu sangue e da Grace se misturaram. Seguro os seus dedinhos enquanto ele me encara com olhos graúdos e azul como o da mãe, seus cabelos ralos e loiros, mas ele se parece comigo. Sem controlar a emoção deixo uma lágrima cair meu mundo se defini a esse momento.

Todo meu, meu momento de ser pai. Dou um beijo na Grace e sussurro:

—Obrigado, ele é perfeito.

Grace pega no sono. E tenho certeza que o Rudá fez alguma manipulação para ela dormir, conhecendo a Grace ela ainda teria energia para ficar acordada por causa do Gael.

— Ele é muito bonito. Uma criança forte. — A presença do Gael é muito forte, dominadora ele é tão pequeno e já carrega tamanho poder.

Perfeito.

— Obrigado por ter me ajudado. — Agradeço ao Rudá também.

— Somos irmãos, somos família. — Ele toca em meu ombro. — Melhor deixá-lo ao lado da mãe é a ligação mais forte que ele tem nesse momento.

Coloco o Gael ao lado da Grace. Rudá zapa.

E eu me deito ao lado deles e fico admirando, isso me faz lembrar do

enorme sacrifício que vou fazer para protegê-los, a Grace precisa demonstrar o quanto me ama e confiar em mim.



CAPÍTULO TRINTA TRÊS

Elie Anjo - Demônios Reais

Hoje o Gael completa um mês de vida e claro que vamos comemorar; esse mês eu tive trabalho em dobro, mas o Raony esteve comigo me ajudando agora, por exemplo, ele levou o Gael para trocar a fraude, um Super Pai e eles tem uma ligação muito linda.

Convidei a todos para comemorar o primeiro mês de vida do meu filhote.

O Ructon decora a sala com balões coloridos, ainda estou morando na casa da minha avó, mas depois daquele dia nenhum lobo tentou nos atacar. Graça a Deus os rapazes estão fazendo um bom trabalho espero que logo tenha minha liberdade odeio ficar presa aqui o dia todo.

Coloco a torta de limão na mesa, advinha, por causa do Raony.

E por falar em Raony, o Super Pai entra na sala com o Gael todo arrumado, aguardamos os tios dele zaparem na casa.

— Então como estou mamãe? — Raony pergunta me entregando o Gael.

Ele ficou tão presente, no entanto, pode ser coisa da minha cabeça, mas sinto algo de errado uma sensação estranha vindo dele, melancolia e medo à conexão que temos pode estar causando isso e sei que ele tenta disfarçar ao máximo.

Os tios deles zapam na sala, segurando presentes. Eu nem imagino o

que eles vão dar para uma criança de um mês de vida.

Sorrio para o Rudá e entrego o Gael para ele, e por incrível que pareça ele leva jeito para isso. Na verdade, só o Marlon não consegue segurar o Gael.

— Olha só como estar nosso pequeno demônio. — Diz Rudá ao passar o dedo na testa dele. — Nunca deixe ninguém tocar em seus chifres Gael.

— O Raony nunca deixou ver o chifre dele ou a sua forma real. — Reclamo, ainda não entendo o porquê ele é tão tímido quanto a isso eu já pedi várias vezes.

O Rudá me entrega um rolo de papel com uma fita vermelha.

— O presente do Gael. — Ele fala.

— Aqui o meu presente! — Marlon me entrega uma caixinha.

— E o meu... — O do Jandir não veio em embalagem é um urso. — Para ele abraçar quando for dormir.

— Obrigado rapazes! E o seu presente Ructon?

— É a minha presença, minha senhora, e espero que isso já seja o suficiente, fiquei duro depois que paguei minha fiança pra sair de trás das grades.

Suspiro e rio. Não pergunto qual o presente do Raony, pois ele mesmo já tinha colocado mais cedo no pulso do Gael uma pulseira de ouro com o nome do nosso filho.

— Eu vou abrir os presentes. — Pego o do Rudá primeiro, tiro a fita e leio... — Você está dando uma casa para o Gael?

— É uma mansão no Havaí se um dia ele quiser sair de pertos dos pais deles. — Justifica o Rudá. — Tenho certeza que ele será forte o suficiente para zapar para longe.

Abro a caixa do presente do Marlon e vejo apenas uma chave.

— O que é isso? — Balança a chave para ele.

— A chave de uma Ferrari. — Marlon fala.

Céus.

Um bando de excêntricos.

— Nem pensem que vocês vão mimar o Gael desse jeito. Mas obrigada vou guardar tudo para daqui a dezoito anos quem sabe.

É muito bom ter a família reunida para comemorar uma data especial comemos a torta, tiramos fotos para guardar no álbum de família e por alguns momento Raony se ausentou da sala para conversar com o Rudá já se passaram das 22:00 horas e o Gael ainda não pegou no sono, aninho ele no quarto tentando fazê-lo dormir.

Eu amo tanto essa criança tanto quando amo o pai dela.

Coloco o Gael no berço e Raony zapa no quarto ao meu lado.

— Ele já dormiu?

— Sim, por onde andou?

— Estava na mansão do Rudá.

Ele me enlaça pela cintura ainda estar com a mesma roupa de mais cedo.

— Eu acho que esconde algo de mim.

Não insistirei mais no assunto não quero dar uma de paranoica, preciso aprender a lidar com minhas desconfianças.

— Esse mês foi perfeito, amo ter uma família ter você e o Gael.

— Eu sei também sinto o memo.

Ele zapa até o nosso quarto e me joga na cama.

— Eu não quero que esqueça disso Grace, que te amo. — Ele me lembrou disso nesse último mês.

Raony simplesmente me surpreendeu ele esteve comigo cuidando do Gael e até mesmo de mim. Fez que meus medos de ser mãe de primeira

viagem fossem apenas coisas bobas quase nem precisamos do Ructon para nos orientar em alguma coisa.

Acredite o Ructon se mostrou uma babá muito eficaz. Mas o Raony... Ele se doou completamente para nós dois.

— Não vou esquecer. — Ele desabotoa sua camisa enquanto eu o admiro.

— Vou confiar nisso.

Ele toma meus lábios e me beija, toques, caricias de alguém que tem saudade isso é estranho... Não quero pensar sobre isso também não consigo parar de pensar que há algo estranho... Ele faz amor comigo com paciência depois fica por longos minutos me encarando do outro lado da cama.

Não quero pegar no sono também gosto de vê-lo depois que fazemos amor, mas estou tão cansada durmo com seu olhar em mim e pela madrugada o Gael chora como sempre.

— Raony... Vai lá e traz ele. — Falo batendo com as mãos para o lado da cama onde ele dorme.

Mas minha mão toca apenas no lençol.

Abro os olhos e ele não está mais na cama. Já zapou para o quarto do Gael? O Gael parou de chorar então deve ter sido isso.

Aguardo sentada na cama com meu corpo um pouco dolorido, mas sei que logo, logo não vou sentir mais nada devido a minha imortalidade. Não tenho a mesma resistência que o Raony e nem a do Gael...Chegará uma idade em que ele vai parar de envelhecer.

Levanto-me e cubro meu corpo com o robe da camisola de seda. Vou até o quarto do Gael ouvindo o cantarolar da voz do Ructon.

— Pode voltar a dormir, minha senhora.

— Tudo bem. — Ructon permanece de costas sem responder nada, eu sinto que há algo errado esse aperto no peito e sensação sufocante não é normal. — Raony deve estar no barco, certo? Eu vou voltar a dormir.

Mentira. Deito-me, mas não consigo dormir quando canso de ficar deitada corro para o quarto do Gael e me balanço na poltrona ansiosa observando meu filho dormir.

O sol reflete na cortina do quarto, tocando o berço meu filho que acorda, porém não chora.

— Quem é o bom garoto da mamãe? — Pego ele no colo e checo se a fraude dele. — Vamos trocar de fraude?

Ele observa meus gestos e sorri a sua inocência ilumina meu dia. Depois de deixá-lo pronto o levo para a cozinha.

— Ructon?

— Já estou indo, minha senhora. — Ultimamente o Ructon dorme na rede do lado de fora, ele anda apressado até mim. — Precisa de alguma coisa?

Ele parece cansado.

— Sim. — Eu estou com medo de fazer essa pergunta, tentei evita-la quero acreditar em um bom motivo para ele se ausentar durante a noite, ele nunca fez isso. — Onde estar o Raony?

Ele cobre a boca e quando faz isso é porque não estar autorizado a falar nada.

— O Rudá ficou de dar uma passada aqui.

— Eu perguntei pelo Raony não pelo Rudá. — Fico irritada e ao mesmo tempo aterrorizada. — Ructon me diga onde estar o Raony?

— Eu não posso... — Ele começa a chorar.

Que merda! O que está acontecendo?

O Rudá zapa e mesmo tão cedo ele está de terno e gravata, eu seguro a lagrima e dou espaço para a raiva.

— Fala logo! — Exijo enfurecida.

— O Raony teve que fazer uma viagem. — Responde Rudá.

— Ele foi atrás da bruxa não foi? — Rodopio na sala com o Gael, sufocada e me sentindo enganada, sozinha.

— Sim ele precisa manter vocês dois seguros e livres. — Rudá continua mais só escuto um zunido de raiva e nada mais.

— Ele prometeu não esconder mais nada de mim! — Gael começa a chorar com toda minha agitação. — Shi... Mamãe estar aqui. — Abraço meu filhote — seu pai é um miserável, egoísta.

— Não, minha senhora, o entenda já não estava mais aguentando ver a senhora trancada nessa casa...

— Eu nunca reclamei disso com ele!

Rudá se aproxima de mim e pede:

— Deixe que eu segure o Gael até que se acalme. — Estende a mão.

— Não! Se acha que vou machucar meu filho está enganado, — Me afasto deles indo em direção ao quarto da minha criança: — Saíam todos daqui vocês são uns traidores de merda!

Ele pediu para confiar nele, para não esquecer que ele me ama. Mas quanto tempo?

Não tenho coragem de sair dessa casa foi assim nas semanas seguintes e depois que passei os três meses ao lado do meu filhote sem nem sinal do pai dele, por momentos eu sofri a dor da perda e outras o ódio por tê-lo perdido.

Eu tenho orgulho e por isso vou tocar minha vida em frente o Gael tem quatro meses e não quero que cresça com uma mãe fracassada, ainda tenho lady Laura e ainda tenho a adocica.

Pego a bolsa do Gael e coloco no carro depois de me certificar que ele estar seguro na cadeirinha no banco com o urso que o Jandir deu para ele e encaro o espantalho que eu passei a queimar com frequência nesses últimos meses.

— Eu sei que está aí Ructon!

Ructon sai detrás de uma árvore e abre um sorriso.

— A senhora não pode me mandar pra longe, eu preciso cuidar de vocês dois.

Bufo e digo:

— Vamos!

— Vai deixar a casa?

— Vou seguir minha vida ou você acha que vou ficar aqui esperando aquele infeliz! — Grito para ele.

— A senhora precisa cuidar do Gael... — Ructon entra no carro e passa o Cinto. — Mas podemos nos distrair enquanto, meu senhor, estiver fora, vamos ressuscitar a adocica já mandei um recado para a Judite.

A única amiga que veio me visitar, mas não podia convidá-la quando os demônios estavam na casa com essa mania deles de ficar zapando para lá e para cá.

Com raiva eu expulsei o Jandir um dia desses da minha cozinha, tudo farinha do mesmo saco.

Não acredito que ele simplesmente partiu sem me dizer nada! Demônio maldito, demônio maldito.

Dirijo até a adocica onde tudo começou. O Gael está grande e pesado Ructon o carrega não foi justo deixá-lo tanto tempo longe dele, mas precisava do meu tempo do meu luto.

— Você acha que a gente consegue Ructon? — Na verdade meu medo é de não conseguir fazer mais nada sem o Raony por perto.

Sinto tanta a falta dele, preciso me distrair.

— Claro que sim, minha senhora, estamos juntos nessa! — Ele envolve minha mão na sua. — Não é Gael?

Meu filhote tenta morder o queixo do Ructon e começa a babar tudo. Sorrio com a cena então o que me resta fazer é seguir em frente e cuidar do Gael e espero que esse demônio não volte, porque juro por Deus que vou assá-lo vivo!



CAPÍTULO TRINTA QUATRO

Elie Anjo - Demônios Reais

É torturante viver tanto tempo longe da Grace e do meu filho, mais torturante ainda não dar para eles liberdade e tudo por minha culpa, a bruxa passou a persegui a Grace, portanto cabe a mim me livrar dela. Quando o Ructon descobriu onde ela estava hospedada fui visita-la e lhe fazer uma proposta dar a ela tudo o que queria, o livro e a mim. Mas é claro que tirei a cópia do livro com o Rudá e obviamente não estou aqui de corpo e alma tentando seduzi-la.

Preciso que ela me leve até os demais, vamos exterminar todos de vez sem deixar vestígios ninguém mais vai perseguir minha fêmea e meu filhote. Decidi não falar nada para a Grace é melhor mantê-la com raiva de mim e segura, pois tenho certeza que um dia ela vai me perdoar.

Saio do quarto do hotel, nesse momento estou na Rússia embora aqui esteja um inverno com um frio devastador não tem nada pior que ficar perto da Tris sem querer estripa-la.

Ela está novamente lendo o maldito livro, nesses últimos três meses viajamos por alguns lugares em seu jato a procura de algo que ela nunca vai encontrar — algo capaz de quebrar a maldição, ela ainda não levou em consideração que mesmo se quebrar não há garantia nenhuma que serei dela.

Calço a luva que falta e coloco a mão no bolso pronto para sair do aquecedor desse hotel.

— Tem que haver um jeito Raony se você não for mais amaldiçoado

não precisa se prender a Grace, você poderia ver o Gael é normal terem pais separados eu não me importaria...

Louca.

Não estou preso a Grace por causa da maldição, mas porque a amo, mas acredito que se falar isso ela vai surtar.

— Quando vamos sair? Você disse que hoje íamos visitar sua aldeia.
— Onde ela esconde uma tribo com criaturas imortais?

— Eu vou levá-lo lá. Mas você sabe que eu sei do seu plano, — nunca duvidei da sua inteligência. — Que quer entrar na aldeia para matar todos nós.

Há um sorriso confiante, algo que não estava ali nos últimos dias.

— Isso mesmo...

Tris aproxima—se de mim e cochicha:

— Eu vou prendê-lo por ser um lobo muito mau.

Ignoro suas insinuações, na verdade eu só preciso estar lá, preso ou não quem vai terminar de fazer o serviço são os meus irmãos que zaparão para a aldeia assim que eu estiver lá.

Tris me guia até a aldeia, ela está muito confiante. Deixamos o carro no estacionamento de um posto de gasolina e adentramos a floresta e a cada passada afundo o pé na neve.

— Como consegue viver três meses sem sexo? Pelo que eu me lembro sempre teve fome de sexo. — Ela para de andar e me olha maliciosamente.

— Aproveitei muito minha fêmea antes de estar aqui. — Resmungo, — mas acredite nunca odiei tanto ter sonhos quentes.

É doloroso sonhar com o corpo pequeno da Grace por cima do meu, cavalgando e...

Foco!

— Raony? Estamos quase lá. — Tris me traz para a realidade.

Paramos entre duas árvores com desenhos de espirais e outros símbolos indígenas desenhados nelas. Ela deixa a garra crescer e fere a ponta do dedo toca nas árvores pincelando com seu sangue, logo uma barreira se revela.

O peso da neve sob a árvore desaba em direção a Tris, Zapo e a jogo para o lado.

— Sempre foi distraída — rosno segurando o corpo dela.

— E você sempre protetor... — Passa à mão no meu rosto, essa foi à única vez que fomos tão próximos — isso é tão bom, ficar assim em seus braços, isso te lembra algo?

— Me lembra de que preciso terminar logo com isso e voltar para minha fêmea e meu filho.

— Por obrigação.

— Você sabe que é por amor.

Deixo seu corpo cair de vez na neve.

— Desgraçado.

— Vamos.

Adianto-me e atravesso a barreira e a aldeia tem construções rústicas, as casas de madeira coberta por neves como uma aldeia de caçadores e não há crianças o que facilitam as coisas para mim.

— Eu vou deixar você preso sabe disso.

Como uma criança cheia de birras ela me arrasta segurando minha mão, sinto uma leve picada.

O anel dela acabou de me ferir, mas se me enfeitiçou por que não sinto nada? Tontura, enjoou ou algo assim... Encaro seu rosto e seus cabelos escuros com os fios voando ao vento gélido ficam um pouco loiros e isso me faz lembrar da Grace.

— Grace... — Sorrio para ela, — que porra você fez comigo?

Ela abre a porta da casa no centro da vila, eu me sinto bem, feliz porque tenho tudo, mas ainda assim no fundo sinto vontade de matar todos esses aldeões.

Que estranho...

A bruxa fecha a porta.

— Por que seus cabelos estão loiros?

Toco neles e meu coração bate mais forte, tem o cheiro doce da Grace. Só o que me faltava agora, ter delírios com a Grace de maneira tão real preciso controlar isso ela não é a Grace e também não estou bem ou feliz, tudo é uma ilusão.

— Você é duro na queda meu lobo, esses feitiços não conseguiu derruba-lo — a voz não é da Grace e tão pouco o rosto, ela só me trouxe para dentro dessa maldita casa, — é sua nova casa vou confiar que não vai zapar por aí.

É tudo o que diz antes de me deixar sozinho, encaro o relógio no pulso e em Santa Maria já deve ser bem tarde da noite. — Zapar para tão longe vai doer um pouco, mesmo assim zapo para o quarto do Gael venho fazendo isso nos últimos meses sem que a mãe dele perceba não posso fazer isso com frequência e toda vez que visito meu filho ele está cada vez maior, limpo o sangue no nariz com a manga do casado grosso.

— Como você está grande Gael! — Caralho. Seguro ele em meu colo encostando o rosto em sua bochecha gordinha minha roupa estar fria e ele acorda, mas sem chorar. Não tem ninguém no quarto. Acaricio sua cabeça seus cabelos finos e dourados como da mãe, — você está cuidando bem da esquentada da sua mãe? — ele sorri — encha o papai de orgulho e não deixe nenhum macho se aproximar dela.

Ouçõ os passos da Grace no corredor e de imediato coloco o Gael no berço e fico invisível me preparando para zapar, evitei ao máximo vê-la consigo ver quando entra no quarto e vai até o berço o Gael que está olhando fixo para mim.

— O que é tão bonito no escuro para você acordar no meio da noite para ficar encarando? — Grace examina o quarto.

Zapo antes das coisas saírem do controle, ao retornar todos os meus músculos doem, sinto um enjoou e corro para vomitar em um vaso de planta que tem no quarto, a presença da bruxa retornando me preocupa eu não consigo controlar os sintomas. Encolho-me na cama tentando me recuperar.

— Raony... — Ela entra no quarto com uma bandeja, — Eu sei que você zapou para longe e para ver a Grace.

— O meu filho.

— Por que não o traz para ficar com a gente?

— Não seja tão louca — pego o copo de água na bandeja e bebo. — Essa será minha prisão? Vai me torturar também?

— Que tipo de tortura? — Ela lambe a boca e passa a mão no meu abdômen.

— Pode ter certeza que essa que está fantasiando será a pior tortura de todas — Tiro a mãos dela de cima de mim.

— Já ouviu falar em síndrome de Estocolmo?

Por Oric! Sou levado a risos.

— O desespero está arruinando sua faculdade mental isso não vai funcionar comigo, você não é a Grace, portanto sem chance.

— Você nem citava o nome dela agora só quer falar Grace, Grace... — Exasperada joga a bandeja no chão — está tentando me irritar conseguiu.

A propósito espero que o Rudá não demore de vir, já era para ter vindo o plano era invadir a aldeia assim que eu chegasse aqui mandei um sinal de desespero para aquele infeliz assim que a bruxa tentou me confundir se passando pela Grace. Ele não sentiu?

— Acontece que está proibido de zapar, enquanto estava fora coloquei um escudo em volta da casa, essa é a sua prisão.

— Daqui a pouco meus irmãos vão vir. Tola. — Minha cabeça estar

pesada.

— Então esse era o plano? Seus irmãos iam vir até aqui, sinto informar que essa casa é isolada você não existe para ninguém além de mim desde que passou por aquela porta, eles não vão sentir sua presença, portanto não vão vim.

Por mais que eu tente não consigo manter meus olhos abertos uma dormência e sensação de relaxamento invade meu corpo.

Não, eu não posso ficar mais tempo longe da Grace.

Está difícil me movimentar, essa bruxa me mantém nessa casa e me trata com seu bicho de estimação.

E quando abro meus olhos a primeira coisa que pergunto é:

— Quando tempo estou aqui?

— Você me faz a mesma pergunta quando acorda nesses últimos sete meses. — Que inferno! Grace nunca vai me perdoar por ficar tanto tempo sem dar notícias. — É normal se sentir desorientado ao acordar, mas totalizando está aqui há quase um ano desde que deixou a sua adorada Grace pode fazer diferença para ela, mas para nós não, pois estamos juntos, querido.

Sim ela tem razão passaram tanto tempo eu estou sempre limpo, com roupas limpas embora passe maior parte do tempo enfeitiçado e dormindo.

Ela se aproxima de mim.

— O que essa casa está fazendo comigo?

— Se sente fraco? O corpo fraco afeta a mente de alguma forma, então esse escudo é mantido com a sua energia ele consome o suficiente para deixá-lo impossibilitado de fazer alguma coisa.

— Para com isso Tris, você sabe que todas as criaturas míticas estão inclusas na maldição você também pode ter seu macho em algum lugar por aí.

A aldeia não tem mais crianças, a Tris só transformava os adultos e quando transformados não se reproduzem apenas quando encontrar sua fêmea

perdição.

— Ora, por favor, Raony esse macho pode não ter nascido ainda, além do mais temos milhares de demônios esperando vocês encontrarem suas fêmeas. Ou não sabe dessa parte, vocês são as cobaias se o envolvimento com as humanas não der certo ninguém vai se envolver com ninguém, bem capaz de começarem a matar as crianças que nascerem com as marcas.

Inferno e ela tem razão. Não posso abandonar minha fêmea por muito tempo temos uma ligação, mas a Grace tem mente de humana ela pode muito bem decidi continuar sua vida.

Rosno, nem fodendo vou deixar isso acontecer mato todos os machos que se aproximarem dela.

— Tris...

— Você está em um estado lamentável, uma hora você vai acabar cedendo.

Ainda bem que ele me deixa sozinho no quarto.

Há uma bandeja ao lado da cama, estou fraco, mas não estou burro e ela me deu uma informação valiosa — enquanto eu estiver vivo a barreira permanece, pois é mantida com a minha energia.

Pego a faca na bandeja e miro no coração, já fiz isso inúmeras vezes — já pulei frente ao caminhão, de penhascos entre outras coisas e sempre volto à vida! Meus irmãos vão sentir a minha perda em algum lugar só preciso tirar essa barreira por alguns segundos então cravo a faca com força rasgando o meu peito, e meu corpo desaba.

Minutos no breu, vazio, silencioso e infinito, consigo sentir tudo isso antes de começar a voltar a vida abro os olhos e me arrepio ao sentir a presença demoníaca mais forte que já sentir.

Não pode ser... Ele permanece no canto do quarto me observando por alguns segundos antes de zapar, faz tanto tempo que não o vejo, mas por que retornou só agora? Talvez por causa do nascimento do Gael, por Oric ele veio por causa do Gael! Preciso que esses inúteis dos meus irmãos me tirem logo daqui!



CAPÍTULO TRINTA CINCO

Elie Anjo - Demônios Reais

lá, Grace.

— O Há um senhor de terno e gravata na minha humilde loja, hoje Judi vai se atrasar um pouco então fico no balcão e o Ructon servindo, a loja está lotada isso desde que Ruth e suas amigas passaram a frequentar a Adocica os negócios vão de vento em popa.

— Pois não, em que posso ajudar?

Agora consigo sentir quem é humano ou não, sua aura é dominadora, porém o que me incomoda mais são esses olhos — faz—me lembrar do Raony.

Mas como ele sabe o meu nome?

— Vim ver o Gael.

Encaro meu filho ao meu lado no balcão brincando com seu mordedor e um dos ursos que seu tio Jandir lhe deu. Ele está no cercado desde que começou a engatilhar esse é o melhor lugar para deixar um bebê demônio muito esperto, tenho que dar sempre um jeitinho — é a base do improvisado na criação do Gael que não quer mais tocar em meus seios, quer comer papinha e suco sem açúcar. Ele não gosta de coisas doces e isso puxou ao pai.

— E quem é você? — Estou pronta para uma boa briga, mesmo sendo com um senhor que deve ter idade pra ter sido pai do primeiro Faraó.

— Não precisa temer, jamais machucaria meu neto, — chocada! Ainda assim pego o Gael no colo, a minha criança pesada e cada dia mais linda. — Aí está você, desculpa o atraso Gael demorei em vir conhecê-lo.

Ructon fica nos observando de longe tão chocado quando eu, ele deixa os clientes para vir. Porém o demônio faz um sinal com a mão para que ele não venha até nós.

— O que quer? Olha só avô do Gael que não sei o nome...

— Me chame de Mathayus. Posso segurá-lo?

— Não! — ele me encara severo, — o filho é meu não confio em você.

Rudá acaba de sair da minha cozinha, acabou de zapar.

— Está tudo bem Grace, — diz Rudá— ele está aqui por um motivo precisa falar sobre o Raony.

— Então você também sentiu Rudá?

— Sim pai.

Do que esses dois estão falando?

— Não só sentir como fui até ele nesse momento o Raony está sofrendo.

— Problema dele! Bem feito e quero mais, por favor, — digo e percebo que em matéria de friquidez o pai se parece com o Rudá, mas nem pensar que esse olhar superior vai me afetar eu já aprendi a ignorar e não ter medo.

— Não seja uma garotinha má. — Mathayus usa um tom de repreensão.

— Não sou uma garotinha, sou uma mulher e mãe do seu neto, cujo o pai foi um idiota e nos deixou sozinhos durante todo esse tempo, então não quero saber do Raony, ele fez a escolha dele. Fora da minha loja, meu senhor, estou tentando seguir minha vida!

Que Raiva! Entro na cozinha e bato a porta, abraço o meu filho e não

controlo as lágrimas que jorram.

Não vou perdoar o Raony por ter me abandonado e pior abandonou o Gael e perdeu uma parte da vida dele tentei ao máximo passar por cima da dor do abandono para focar no Gael. Semana passada eu recebi a visita inusitada do Marcos em minha loja, conversamos e trocamos o número do telefone não vou mais perder meu tempo, minha vida precisa seguir.

Sei que não vai ser a mesma coisa a ausência do Raony é dolorosa e os sintomas da distância é atormentador quase sempre acordo com o coração palpitando e sem contar a necessidade sexual fora do comum, por vezes me deparo com os dedos entre as pernas.

Aquele maldito!

O Rudá perguntou se os sintomas da falta dele, como eu estava lidando — falei que não era da conta dele, claro.

Recomponho—me e suspendo o Gael, suas coxas são grossas e têm dobras ele faz exames frequentes na mansão do Rudá, o Ructon e o Rudá são os responsáveis por isso já que não posso levá-lo ao médico.

Gael adora animais, o Marlon tem filhotes de cachorros e de gatos agora que mora sozinho no apartamento transformou o antigo quarto do Raony em um quarto para seus bichos de estimação e o Gael adora brincar com eles.

Observo o meu filho babar tudo ao morder com força seu mordedor.

— Você gosta desse mordedor em formato de limão, né? — O Ructon que presenteou.

Recomponho—me e volto para a loja e não vejo mais o pai do Raony algo me diz que ele não vai desistir, entretanto, eu também não.

Ructon coloca a bandeja no balcão e cochicha:

— Você não deixou vossa alteza tocar no Gael. — Ele sorri, — nunca pensei viver para ver isso, se, o meu senhor, tivesse aqui...

Dou de ombros.

— Eu não quero mais falar sobre isso, prometeu que não ia mais falar do Raony.

— Ele vai voltar Grace e a primeira coisa que vai fazer é vim atrás de vocês dois.

Isso é verdade não tem como se esconder, mas eu não quero me esconder. Coloco o Gael novamente no cercado e não vou tirar o olho dele.

— Como posso deixar o Gael com você para o meu encontro de hoje à noite! Nunca o deixei sozinho e agora isso... — Levo a mão ao peito.

Eu amo tanto esse pequeno ser, que não vou deixar ninguém o tirar de mim.

— Não acho uma boa ideia, minha senhora, sabe que não pode se relacionar com outros machos à senhora nem vai conseguir.

— Claro que vou.

— Não se lembra do Heitor? Quer que o Marcos morra?

— Se ele encostar um dedo no Marcos eu torro ele. — Não vou deixar de viver, não vou!

O Raony não é meu dono, esse tempo todo ao lado da bruxa de outra mulher, pois se ele fosse apenas matá-la já teria voltado devem ter se lembrado dos bons tempos e esquecido até que tem um filho.

Só em pensar nisso ferve de ódio.

Maldito! Maldito!

Passei o expediente todo tentando tirar o foco da visita inesperada, estaciono frente à minha casa no meio da floresta onde sempre vou estar protegida com o Gael. O Ructon me ajuda com ele a maior parte do tempo e também passou a cuidar da parte financeira da loja. Tenho roupas novas e dinheiro o suficiente para me mudar para um lugar melhor, mas então porque não consigo me desapegar desse lugar? Foi aqui que é Gael Nasceu e passei o primeiro mês da vida dele junto com o pai dele.

Tudo tão perfeito para no final de tudo ser abandonada.

Tomo um banho e começo a me aprontar para a noite, tinha comprado um vestido da Versace não tem loja da Versace nesse fim de mundo, porém descobrir que tanto o Jandir como o Rudá podem zapar para lugares distantes então pedi ajuda ao Jandir, fomos a compra em Paris

O Ructon providenciou minha estadia, o Gael babou meu vestido antes mesmo de experimentar. Naquele momento alcancei o ápice de orgulho de mim mesma, pois fora a "viagem" tudo saiu do meu bolso.

Meus cabelos estão bem longos, os preservei assim, pois às vezes me lembro da última vez que fiz amor com o Raony e ele disse que achava sexy mulheres com cabelos longos.

Porém quando me lembro disso, lembro que a bruxa também tem cabelos longos, pego a tesoura de dentro da gaveta e grito:

— Ructon! Você sabe cortar cabelo?

— Sim, minha senhora. — Ructon aparece no meu quarto de avental molhados, estava limpando a cozinha.

Ructon começa a cortar o meu cabelo com bastante atenção e em silêncio. Quando termina de cortar me admiro no espelho e confesso que estou bastante satisfeita com o meu novo visual.

— Acho que preciso tomar outro banho.

E, é o que eu faço tomo mais um banho e já saio pronta, demoro mais ainda para me maquiar já devo estar em cima da hora, me dou conta disso quando ouço o carro do Marcos buzinar.

Desço a escadinha da varanda com meus saltos altos e fico constrangida com tamanha admiração que vejo no olhar dele.

— Você está muito linda, — Ele abre a porta do carro para mim.

— Obrigada.

— É uma pena não poder entrar para ver o Gael. — Ele senta-se e novamente e lança um olhar cheio de segundas intenções. — Eu ainda não

entendo como um cara é capaz de abandonar você, eu nunca faria isso.

— Acho bom mesmo. — Sorrio sem jeito.

No restaurante da cidade vizinha eu despertei interesse dos clientes assim que cheguei talvez por estar exalando ostentação com essa roupa.

Ficamos um bom tempo conversando antes de dar atenção ao cardápio, Marcos é advogado além de regente do coral da igreja, falou sobre a paixão pela música e pela vida estável dele e que mudou para Santa Maria recentemente, o Gael gosta dele e ele gosta muito do Gael. Então por que não dar uma chance para ele?

Não sou mais a Grace insegura de antes, sou uma mulher que quer ter um homem, não porque precise dele, apenas porque quero ter alguém ao meu lado. Depois do jantar voltamos para casa, ele não tira o sorriso do rosto.

— Quando será o próximo? Preciso ouvi mais histórias sobre o Gael.
— Verdade. Conversei mais sobre o meu filho do que sobre mim. — E quem sabe você não me deixa te conhecer melhor?

— Desculpa... Foi meu primeiro encontro depois de um tempo, sou uma mãe solteira.

Ele se aproxima de mim e beija o meu lábio, fico imóvel um tanto surpresa com o beijo, mas também não o afasto tento retribuir também e por alguns segundos deu certo. Entretanto, começo a sentir minha nuca pinicar, no lugar da mordida maldita — seguido por um enjoou repentino o que me leva a empurrar o Marcos antes que as coisas piores.

— Acho que ainda não consigo. — Lamento e controlo minha raiva.

— Tudo bem, eu espero. — Beija minha bochecha, — Até mais Grace.

Entro as presas dentro de casa e bato a porta com força!

— NÃO ACREDITO!

— Eu falei que não ia dar certo.

— Calado Ructon!

Tranco-me no quarto me perguntando se o Raony sente o mesmo quando toca em outra, se sim, talvez ele realmente esteja em perigo e não transando com a bruxa por aí.

Quem eu quero enganar, isso pode ser apenas coisa da minha cabeça, querendo me iludir. Abro a gaveta e pego o anel que ele me deu e que não uso mais.

Como ele pôde? Depois de tudo, de me prometer não esconder as coisas de mim. Como ele pôde?

— Grace!

Deixo o anel cair no chão com o susto que levo.

— Ai que susto, — levo a mão ao peito diante da presença do pai do Raony. — O senhor novamente? Não tem autorização para entrar nessa casa.

— Você precisa vir comigo.

— Não vou com você para lugar nenhum!

Meu anel começa a flutuar indo para a palma da mão dele.

— Bonito anel, os garotos receberam o anel que dei para as mães deles quando a mãe do Raony morreu em um dos muitos ataques ao castelo. Lhe dei o anel da mãe dele e o instruí para dar para a fêmea dele e você sabe o que ele fez?

O Raony não me deu o anel da mãe e me pergunto quem não era importante na história o anel da mãe dele ou eu.

— Não faço ideia.

— Ele jogou no rio e disse que não ia ter uma fêmea preferida e se tivesse ela não ia usar um anel velho e usado por outra mesmo sendo pela mãe dele. — Isso é a cara dele, — Ele gostava mais da mãe do Jandir que da dele, mas isso foi à coisa mais profunda que já ouvi dele, confessou que a fêmea dele teria privilégio e exclusividade.

Não sei onde essa conversa vai parar.

— O privilégio de ficar sozinha criando um filho.

Bufo.

— Não, — coloca o anel da palma da minha mão. — privilégio de ter o amor do meu filho, se ele não estar aqui com você é porque está preso na Rússia tentando voltar pra você e ele não tem muito tempo, ele não pode morrer se isso acontecer você também morre, e o Gael será criado por quem?

Pelo avô dele? Cruzes!

— O que tenho que fazer?

Ele toca em meu ombro e zapamos para outro lugar, estar de dia e me vejo cercada por neve, Marlon, Jandir e Rudá zapam em seguida.

— Estamos na Rússia — diz Rudá tirando sua jaqueta preta e gentilmente cobre meus ombros desnudos, meus saltos assim como os meus pés estão escondidos no chão afogado de neve. — Vou levar você até a cabana onde tem um escudo talvez você possa nos ajudar com isso.

Zapamos para uma cabana no centro da vila, logo pessoas saem das casas, e zapam nas ruas.

Ao contrário do Rudá eu consigo subir até a varanda da casa, sinal que posso entrar nela. Mas o Raony está aí dentro sabe lá deus o que está fazendo ainda assim terei que ajudar o pai do meu filho. Estou fazendo isso pelo Gael, Raony não pode morrer e tão pouco eu, pois o Gael não vai crescer sem pais.



CAPÍTULO TRINTA SEIS

Elie Anjo - Demônios Reais

Eles estão aqui eu posso sentir a presença do meu pai e de outra pessoa também — Grace Jane! Não acredito que a trouxeram, mas que inferno! Não quero que ela me veja nessa situação.

Com raiva por ter me suicidado e acabado com os planos dela, Tris não me deu banho ainda estou com a mesma roupa ensanguentada e estou muito faminto também, e com frio...

O inverno da Rússia dura 5 meses.

Entretanto, o mais estranho de tudo é ter acordado e sem a Tris tentando me fazer dormir novamente, o barulho de saltos altos do lado de fora chama minha atenção, o cheiro doce da Grace agita meu peito, mas e se bruxa estiver tentando me enfeitiçar novamente? Estou muito debilitado para lidar com isso não a quero perto de mim, tenho força o suficiente para sair da cama e ir até a porta acho que consigo sair dessa cabana.

Abro a porta e me deparo com a visão mais extraordinariamente sexy e linda que vi nesses últimos meses, Grace está em minha frente, maquiada e com o vestido preto.

— Você cortou o seu cabelo, — falo sem acreditar que seja ela.

— E você está ensanguentado. — Não consegue esconder sua preocupação.

Por Oric! É realmente minha fêmea, minha Grace.

Tento tocar em seus fios cortados ela se afasta.

— Seus irmãos estão te esperando lá fora. Consegue andar? — Estou apoiado na parede com meu corpo fraco tendo minhas energias sugadas por esse escudo.

— Não. — Ela está com um casaco masculino sinto cheiro do Rudá, como veio parar aqui? E por que está vestida desse jeito? Além do cheiro do meu irmão sinto outro se sobressair, álcool e... Um cheiro que não sinto há tempos, mas ainda assim reconheço que é do macho humano. — Você estava em um encontro?

Não tenho intenção de ocultar minha raiva e desapontamento, como ela teve a audácia de sair com outro cara?

Vou matar esse desgraçado.

— Eu apenas segui em frente. — Seu tom indiferente é como uma adaga ultrapassando o meu coração sei que ela deve ter me odiado, mas ainda assim devia ter confiado em meu amor, jamais a trocaria por outra.

A essa altura do campeonato ela já deve saber que fiz isso para tentar dar a liberdade dela, mas falhei em não voltar para ela, falhei em deixá-la sozinha esse tempo todo. Estou com raiva e medo de perder a mãe do meu filho e dona da minha existência.

— Você não me esperou?

Ela não me responde nada o que me deixa mais aflito, alcançamos a varanda e o caos já se alastrou pela aldeia, não vejo meu pai entre meus irmãos tão pouco a bruxa.

Marlon destroça o que ver pela frente, ele já está transformado em lobo, Rudá e Jandir não se transformam. Coisa rara é ver eles em suas formas originais já são poderosos do jeito que são.

Jandir está sem camisa correndo e todo ensanguentado, selvagem e esmurando usando telecinese e muita força bruta para matar seus adversários.

O Rudá, o metido do Rudá não mancha nem os sapatos vêm até nós e

apoia meu corpo deixo o peso desabar em cima do dele mais do que da Grace.

— Você está fraco irmão. — diz ele.

— Me diga uma novidade.

— Pelo menos sabemos que permanece com a sanidade mental, — Rudá alfineta agora que estou longe desse escudo aos poucos, em alguns dias consigo me recuperar. — Desculpe a demora.

— Ainda bem que sabe que demorou. Onde estar à bruxa? Preciso matá-la!

— Deixa que o pai cuida disso.

— Isso é um problema meu.

Grace ainda estar próximo à casa, mas fora da varanda, observando amedrontada a briga sanguinária de feras sem controle.

— Grace eu vou zapar para um pouco mais longe daqui, precisamos terminar com isso depois voltamos para casa. — Rudá se antecipa e zapa comigo até onde Grace está, ela entende e toca no braço do Rudá.

Quanta intimidade.

Zapamos para mais distante da aldeia.

— Não demore seu infeliz — falo para o Rudá antes dele zapar, me encosto em uma árvore e começo a me despir — Grace não olhe para mim, vire—se.

— Mas...

— Vou me transformar será mais rápido me recuperar na forma de lobo.

Grace me obedece e se vira.

Transformo—me em lobo e deito ao lado dos pés da Grace não quero conversar com ela sei o quanto está chateada e se contendo para se manter indiferente tenho a impressão de que a qualquer momento minha fêmea vai

me grelhar vivo. Porém nesse exato momento ela me admira em minha forma original.

— Incrível — estou desejoso que ela me toque, porém afasta a mão antes disso acontecer.

Choramingo.

Ela tira os saltos altos e fico admirando tudo o que fui privado de ver esse tempo todo, lambo seus pés e ela se afasta. Já me sinto melhor que alguns minutos atrás preciso comer e dormir longe de feitiços e delírios.

Pego o cheiro no ar de magia e fico em alerta rosno e Grace se assusta, fico na frente dela e atento a cada som.

Tris aparece em nossa frente segurando o livro que a gente copiou.

— O lobo conseguiu fugir da jaula.

Grace está em modo chamuscas com os dedinhos agitados e preste a atacar a bruxa. Mas isso não pode acontecer, fico na frente dela e ordeno:

— *Saia daqui Grace!*

Posso sentir a raiva crescer dentro dela, ela quer ferir a Tris, mas ela nunca feriu alguém na vida e me lembro do quanto ela ficou traumatizada com a morte do pai dela e do Heitor, será pior viver sabendo que tirou a vida de alguém.

— Não ouviu Grace? Ele quer ficar a sós comigo.

Grace está diferente, muito calada, geralmente ela teria falado meia dúzia de verdades e não gosto disso, de uma Grace reprimida eu preferia de quando ela explodia ou me ameaçava, fazia birras, protestos e mesmo que tivesse um comportamento infantil, preciso ouvi o que se passa nessa cabeça, nesse coração machucado.

Isso é péssimo.

— Eu estou no meio do nada, descalça na neve isso tudo porque você deixou seu filho e a mim para vim atrás dessa mulher! — nunca fiquei mais feliz por ver minha fêmea brava.

— Eu decidi que não quero mais ter uma conversa com você, Raony!

— *Não ouse Tris!*

Ainda estou fraco o suficiente para atacar a bruxa e livrar a Grace das investidas dela.

— *Grace pelo amor que você tem ao Gael, corre!*

Ela corre e desesperada por estar sendo perseguida por mim e pela Tris.

Tento zapar para alcança —lá, mas é inútil estou sem energia para correr, tão pouco para zapar me desespero ao cair no chão com o corpo atrofiado.

Noto que a bruxa parou de correr, isso quer dizer que Grace também.

— Raony! — ela grita por mim.

Não. Não. Não volta!

Como ela conseguiu se livrar da Tris? Não a vejo em lugar nenhum, me sinto um inútil em não poder tirar a Grace do perigo.

— Eu vou te ajudar. Como posso fazer isso?

Por Oric!

Sinto seu cheiro do seu desespero de longe, notei que não usa meu anel. Miserabilidade.

Tris retorna segurando uma adaga.

— Prometo que não será doloroso.

— *Você sabe que se matá-la também vai matar a mim, sua idiota!*

— Eu sei, mas se você não pode ser meu não será de mais ninguém.

Seus olhos refletem insanidade, ela está fora de si.

— *Grace...*

— Ninguém aqui vai morrer. — Ela se levanta e ergue seu queixo. —

A única que vai morrer será você sua bruxa!

Acabo de ver uma divindade, refletindo na Grace, em seu olhar chamuscado, no controle que ela começa a exercer sobre o fogo em suas mãos vários filetes das chamas são lançados em direção a Tris; que aposto que está surpresa em encontrar uma adversária a altura, na verdade a Grace nasceu de uma linhagem de bruxa e é destinada a ser imortal, por ser minha. Enquanto a Tris é a criação do meu pai.

Uma das suas muitas crianças perdidas no mundo.

Tris consegue se desviar de algumas, mas no estado que a Grace está será impossível continuar fugindo dos seus ataques ela conseguiu acertar seu rosto, criando uma horripilante queimadura.

— Sua vadia! — Tris berra e se corre de dor.

Para ela se regenerar de um ferimento assim, terá que se transformar em loba, mas se ela fizer isso agora vai estar vulnerável diante da Grace.

Tenho que terminar o serviço me concentro e consigo arremessar o corpo da Tris para longe da Grace.

O corpo da bruxa choca em uma árvore, eu preciso fazer isso ainda assim sinto que a morte dela é algo que não quero carregar... Mas é preciso, consigo me levantar e zapar para cima do corpo caído dela mordo sua jugular na intenção de destruir seu pescoço, ela tenta pronunciar alguma coisa, mas ela me privou de ver o meu filho nesses últimos meses e ficar ao lado da Grace e sem contar que a existência dela ameaça a do meu filho e da mulher que amo.

Minhas patas grandes mantêm o corpo dela no chão.

Ela já está desmaiada e quando estou prestes a completar os serviços, sinto meu corpo se afastar do dela, continuo rosnando na adrenalina do momento e por provar, beber o sangue de uma bruxa e isso é algo que não dá para controlar, estou faminto.

— Chega Raony. — Meu pai me impede de matar a Tris.

— *O que é isso agora velhote?*

— Se recomponha está assustando a Grace.

Velho maldito, a Grace nem estar olhando para mim.

— *O que quer?*

Pergunto ao velho, ele se aproxima da Tris e olha com pesar para o corpo dela ao chão, ela ainda não morreu e qualquer momento pode se regenerar.

— Tris é um demônio que eu criei, e não quero que o fim dela seja esse.

Meus irmãos zapam até onde estamos.

— Todos mortos. — Anuncia Rudá.

Mas que inferno ele sabia disso? Que o meu pai veio buscar a Tris? Por isso ele não veio até mim de imediato e nem procurou por mim como deveria?

Ah, claro estava esperando o nosso pai.

— *Rudá seu desgraçado, traidor!*

— Você nunca iria vir se soubesse que o plano não era matar a Tris, mas devolvê-la ao papai.

— *Você vai pagar por isso seu filho da puta!*

Sempre egoísta, nunca confiei no Rudá a esse ponto e tudo o que levo é uma traição dessa e espero que ele nunca precise de mim um dia, pois vou tratá-lo da mesma forma que venho tratando—o nessas últimas décadas. Não o quero perto da Grace e do Gael.

— Estava procurando a Tris faz um tempo Raony não culpe o seu irmão, ela fugiu do meu controle, das minhas vistas. Imaginei que viria atormentá-lo então só esperei o momento ideal.

— O que vai fazer com ela pai? — Pergunta Jandir, rosno para ele, — Não seja assim irmão eu não sabia de nada disso, nem o Marlon o Rudá não é confiável sempre tem seus segredinhos obscuros, portanto não me deixe longe dos cupcakes da Grace. É tudo o que eu peço.

Esse aí venderia sua imortalidade por comida, também não confio nele.

— Pare de brigar com seus irmãos, Raony. E sobre a fêmea problemática— Ele encara Grace, — Além de não me deixar ver meu neto como devia, quase me expulsou da casa dela.

Ouço risos dos meus irmãos.

A Grace não poderia ter feito melhor.

— *Vão para o inferno vocês!*

— Vou transformar a Tris na criação original dela, uma mera humana mortal e quando isso acontecer o Rudá vai apagar suas memórias, vou leva— a comigo e deixar viver entre os humanos como antes. — Determina meu pai.

Já tinha planejado tudo isso!

— E eu já vou indo. Me dar carona Jandir? Não quero chegar fodido em Santa Maria tenho um encontro hoje à noite. — Ele toca no ombro do Jandir e Zapam.

Meu pai revira os olhos e diz:

— Filhos sinceramente eu não sei onde errei na criação de vocês.

— *Deve ser porque você não criou a gente, velhote!* — retruco.

— Rudá, você pode me levar para casa? — Grace pede e ela continua me ignorando.

— Sim. Vamos.

— *Mas e eu?* — Não quero voltar com esse velho.

— Você vai comigo filho...

Miserabilidade.

Grace passa por mim e toca no ombro do Rudá, fêmea desumana. Pior que ficar a sós com o velhote é pensar que perdi a confiança da Grace.

Ainda bem que ela ouviu a conversa, eu não tive culpa se o Rudá

estava de tramoia com o meu pai e atrasou o resgate. Sim, o plano não era esse o Rudá poderia ter atacado a aldeia desde que pisei os pés nelas, antes de ser enfeitiçado mandei um sinal de desespero desde que a bruxa tentou me iludir se passando pela Grace.

Agora tenho que conquistar minha fêmea novamente.



CAPÍTULO TRINTA SETE

Elie Anjo - Demônios Reais

Grace Jane não quer me ver nem pintado de ouro, nesses últimos dias me recuperei bem, entretanto, estou com saudade dela e do meu filho embora ela não tenha proibido de vê-lo até mesmo me disse que posso ir busca-lo para ficar comigo quando eu quisesse. Mas não quero isso, quero ficar perto deles.

Da mesma forma que ela estar com raiva por ter ficado tanto tempo longe sem dar notícias estou correndo de raiva e ciúmes por ela ter ido a um encontro com o macho humano e pior, por deixar que ele tocasse nela.

Esmurro a parede da cozinha do Jandir, estou ficando aqui não vou para a mansão do maldito do Rudá quando quero esfola-lo vivo e o Marlon transformou minha casa em um puteiro e abrigo para animais.

Agora tem um filhote de cachorro ocupando minha cama.

Restou-me essa casa no meio do nada, o Jandir ficou boa parte do tempo me entupindo de comida e mimos exagerados! Sinceramente não reclamei não é à toa que amava a mãe do Jandir que sempre foi tão carinhosa e amável diferente da minha que era tão azeda quanto um limão por ser a mais velha e ter demorado mais para ter um filho.

Meu pai sempre cobrava mais dela e ela sempre teve inveja da mãe do primogênito Rudá que sempre teve mais atenção do meu pai — a mãe do Rudá era tão fútil e exigente que transformou o filho no que ele é hoje.

Sem contar que Rudá sempre passou mais tempo com o papai, por ser

os mais velhos deveres de príncipes herdeiros e tudo mais, na realidade ele sempre quis ser o certinho da história.

Boa parte da culpa de estar nessa situação é por ter confiado no Rudá e em seus planos.

Pelo menos agora meu filho e a Grace estão livres.

Pego um pedaço de morango cortado, a geladeira do Jandir está socada de frutas cortadas e separadas e organizadas em recipientes cobertos.

Por Oric tem de tudo aqui!

— Bom dia irmão!

Fecho a porta da geladeira e encaro o Jandir.

— Bom dia Jandir.

Desconfortável por morar com a "mamãe Jandir"

— Já comeu alguma coisa? — Ele aperta minha bochecha e estica meus olhos — Está com cor, você estava tão pálido.

— Estou melhor.

Tenho que ver o Jandir sem camisa todos os dias e o dia inteiro, mesmo com um frio de trincar os dentes.

— E quando vai ver o pequeno Gael e a cunhada?

Ele pega um recipiente com cerejas e começa a jogar no ar e pegar com a boca.

— Eu nem sei. Na verdade, vai ser muito difícil ver a Grace sem poder toca-la.

— Você fez isso várias vezes, só zapava para ver o Gael, bolas ora!

— Ora bolas! — O corrijo...

— Isso mesmo.

— Mas como sabe disso? — deixo o recipiente com os morangos na

mesa, não me lembro de ter sentindo a presença do Jandir na casa das vezes que zapei para ver o Gael.

— Todo mundo sabe, uma vez encontrei a cunhada chorando aí perguntei o motivo ela olhou firmes em meus olhos e perguntou o que estava acontecendo porque você estava sendo tão cruel em zapar para ver o Gael e ignorar ela ou suas preocupações. Ela só queria saber se você estava bem. — Caralho. Deixei passar o detalhe que a Grace não é apenas uma humana, ela pode me sentir, então todas as vezes que eu visitei o Gael, ela sabia — Eu senti pena dela irmão, mas respeitei a sua decisão.

— Isso só complica tudo sabe lá o que se passou na cabeça dela.

— Eu faço ideia do que se passou, tristeza, preocupação, abandono, preocupação, raiva, perda, preocupação, rancor. O restante das coisas você sabe.

Ótimo! O Jandir com a sua sinceridade contribui bastante nessas horas. Droga eu estou com vontade de correr até ela, mas boa parte do que estou sentindo é devido a sua rejeição — Grace Jane vai acabar me matando de tristeza.

— Ela é muito rancorosa, me lembro de que dá última vez ela me fez zapar para longe dela e fiquei tanto tempo longe da cidade, tenho medo de nesse exato momento ela pedir isso e...

— Ela não vai pedir irmão, porque ela te ama.

Jandir me interrompe, conversar com o Jandir é estranho ele é como a mãe dele, tenho medo de magoar com as palavras e de deixa-lo triste.

— Não sei o que fazer, Grace me deixa perdido.

— Ambos precisam se perdoar você errou, ela errou isso acontece nos relacionamentos. Li em um livro que para um relacionamento ser saudável o perdão e a empatia é essencial. — Jandir e seus livros de autoajuda...— Então nesse momento você vai fazer a barba, tomar um banho ficar bonito e cheiroso para a sua fêmea e ir lá pedi desculpas, se ajoelhar se for preciso não exija nada dela, não exija um pedido de desculpas da parte dela por ter indo a um encontro com o humano...

— Mas ela me traiu! — fico com raiva só de lembrar desse detalhe.

— Nada disso Raony, tudo o que ela fez foi querer dar o troco e te ferir, isso se chama imaturidade e isso todos nós temos até mesmo o Rudá, imaturidade nos faz cegos e burros. — Jandir fala enquanto prepara a mesa para o café da manhã, desde que passei a morar aqui faço minhas refeições na mesa e enfatozo dói meus olhos vê-lo de avental e ainda por cima exige que eu lave as louças. — Só vai lá e admite que errou. Amor é dar sem esperar nada em troca.

Odeio quando ele fala assim, convence qualquer um e não tem como dizer não para o Jandir ainda mais que nesse momento ele é o dono da razão.

— Tudo bem eu vou.

— Mas toma café primeiro.

— Ok vou tomar um banho.

Zapo para a casa da minha fêmea, da mulher que eu amo. Estou nervoso e ansioso para acabar logo com isso, Grace bisbilhota por trás da cortina ela estar com o Gael no colo.

— O que ele faz aqui? Droga ele não avisou que ia vir ver o Gael. — Ela fala do lado de dentro, consigo escutar tudo o dia está nublado e cai uma fina chuva.

— Acho que ele não veio apenas ver o Gael minha senhora. — Ructon fala, — Me dá o Gael e vai lá fora conversar com ele.

— Não vou, se ele quiser ver o Gael pode levar. — Grace fala com a voz trêmula.

— Pois eu não vou sair daqui Grace Jane até que você venha para conversar comigo! — berro, eu poderia apenas zapar, mas tenho que levar à sério o que Jandir disse sobre ser paciente e respeitar.

— Olha aqui seu demônio eu não vou falar com você.

Mas ela já está falando...

Solto um fraco sorriso e ela percebe e arremessa alguma coisa do lado

de fora que passa raspando em mim, olho para minha retaguarda e tem um arbusto sapecado.

— Porra Grace não torne as coisas mais difíceis. — Rosno.

— Não rosne para mim.

Lança outra e abre a porta, pelo menos ela vai desgastar sua raiva em mim ao invés de me ignorar isso sempre funciona qualquer coisa é melhor que seu silêncio e rejeição e depois de um bom desgaste de raiva ela fica mais calma e conversa. Sim. essa é minha fêmea esquentada!

Grace permanece na varanda com as mãos abertas crepitando uma chama logo acima.

— Amor vamos conversar como dois adultos. — Desço o olhar para seu corpinho pequeno e tenso, morrendo de saudade das suas curvas.

A chuva fica mais grossa e começo encharcar minhas roupas.

— Você teve todo aquele tempo quando zapava para ver o Gael.

Fala já chorando e droga eu odeio saber o quanto ela sofreu, porque eu sofri, mas era o único jeito de terminar com tudo que colocasse a vida dela e do meu filho em perigo.

— Grace...

— Saia daqui! — Ela arremessa novamente e não desvio totalmente, deixo que me atinja o suficiente para me derrubar no chão lamacento.

O que não faço por essa fêmea?

— Oh meu deus eu atingir ele Ructon! O que eu faço?

— Acho que ele vai morrer se a senhora não for lá socorrê-lo. — Meu servil fez algo útil finalmente.

Grace corre debaixo de chuva até onde estou "caído".

— Raony?

— Eu não escuto você chega mais perto. — Droga. O mais difícil é

segurar o riso que se formou.

Ela se agacha no chão e me encara preocupada. Seguro a sua mão. Como sentia falta de tocar em sua pele quente.

— Me diz onde machuquei você.

— Aqui. — Levo a sua mão ao meu peito e me levanto, sento-me ao seu lado e ela tenta puxar a mão de volta. — Eu sei o quanto machuquei você, mas eu preciso que me perdoe ou me mostre outra forma para te mostrar o quanto eu sinto muito, o quanto estou sofrendo com tudo isso.

Nossa intimidade continua a mesma, a ponto de deixarmos nossos corpos tão próximos sem notarmos, sem querer se preocupar com isso, me concentro nela e em seus lindos olhos.

— Você me prometeu, disse que não ia esconder mais nada de mim.

— Eu sei, quebrei uma promessa. Sinto muito, mas você e meu filho sempre será minha prioridade estava tentando manter vocês dois seguros.

Não vou acrescentar que ela também quebrou a dela. Estou fazendo como o Jandir me pediu, sem acusação, preciso do perdão da Grace para poder voltar para ela.

— Se você me contasse seus planos, me incluísse...

— Não dava Grace, por favor, vamos passar uma borracha nisso e seguir em frente. — Limpo a mão na minha calça e contorno sua bochecha com o polegar, louco para beijá-la, para matar a saudade. — Me perdoa? Volta para mim, sabe muito bem que não podemos viver longe um do outro.

Grace segura minha mão ainda posicionada em seu rosto quando penso que ela vai tentar me afastar ela segura firme e diz:

— Com uma condição, não faça mais isso. Eu fiquei perdida... — Desaba em lágrimas, — Você é tão idiota! Mas eu te amo tanto, ninguém me contava o que estava acontecendo eu me senti uma péssima mãe ao pensar em deixar o Gael para ir procura-lo. Mas onde?

Puxo para um abraço apertado, ancoo seu corpo trêmulo enquanto ela chora.

— Amor... Nunca mais, nunca mais vou deixar você.

O Jandir tem razão isso de empatia funciona comigo, nesse momento me coloco no lugar dela— de uma mãe de primeira viagem com um filho recém-nascido. Eu tentei ficar o máximo ao lado dela, mas só no primeiro mês. Quanto mais tempo passasse mais eles corriam perigo e sincera não me arrependo de ter feito o que fiz, porém graças ao Rudá o plano foi mal executado.

Aguardo em silêncio Grace se recuperar, consolo acariciando seus fios molhados, beijo sua bochecha e escuto o Ructon falar:

— Vamos para a casa do tio Jandir, Gael, vou ligar para ele vir nos buscar.

Boa Ructon.

Grace coça o nariz.

— Vamos sair dessa chuva. — Falo para ela.

Não demorou para o Jandir zapar e buscar Gael e Ructon.

— Sim. — A ajuda se levantar, zapo com ela para a varanda.

— Vamos melar a casa toda.

— Não tem problema, depois eu limpo.

Tem algo a mais, ela ainda estar estranha. Abro a porta e ela é a primeira a entrar.

— Ainda tem mais coisas Grace, vamos terminar logo com isso então fala.

— Sobre o Marcos... — Morde o lábio inferior. — Nos beijamos e...

— Eu perdoo você. Justo. Nós dois erramos precisamos nos perdoar e seguir em frente, mas isso não quer dizer que não fiquei com raiva. Porra ainda estou, você é minha e macho nenhum toca. — Sem me dar conta estou falando de maneira ríspida, ela se encolhe totalmente sem jeito, estar com vergonha eu sei.

— Eu sinto muito.

— Já disse perdoei, mas chega disso. — Colo seu corpo no meu, — Senti sua falta e vamos matar a saudade de outro jeito.

Nosso dia, nossa cama, nossa fome um do outro, tudo voltou para onde paramos. Grace estava tão sedenta e com vontade quanto eu. Foi o melhor sexo que fizemos, cada toque demonstrou o quanto sentimos falta e precisamos um do outro. Amo a Grace e fizemos amor até que nossas forças se exaurissem.

O sexo se prolongou em vários cantos da casa, até deitar no sofá com o copo dela por cima do meu, nessa última rodada o sexo começou na cozinha enquanto ela tentava fazer alguma coisa para a gente comer.

Quente e macia, cheirosa e gostosa, eu fantasiei com isso durante esse tempo todo.

— Como senti falta disso.

— Hum rum... Preciso ver o Gael. — Grace está sem forças.

— O Ructon está com ele, daqui a pouco vou buscar eles. — Abraço para impedi-la de se mover. — Tem algo que precisamos fazer.

— O quê?

— Casar. Onde está o anel que lhe dei?

— Guardado.

— Boa garota, mas o quero em seu dedo.

— Ok, mas primeiro quero que me mostre sua forma, quero fazer amor com você segurando seus chifres.

— O quê? — gargalho surpreso, o riso me consumiu da mesma forma que a alegria por ter tudo o que sempre quis. — Como eu te amo.

— Isso quer dizer que vai rolar?

— Sim.

— Vou ver mesmo né?

Ela não vai sossegar até conseguir o que quer. Ergo seu corpo com o pau ereto, só de imaginar a Grace por cima de mim, cavalgando em mim e porra segurando meus chifres...

É exatamente o que fazemos, me sento no sofá e ela se encaixa em mim, minhas garras crescem um pouco assim como meus chifres ela acompanha tudo com um misto de curiosidade e admiração.

— Satisfeita? — Pergunto com a língua trincando em minha singela presa.

— Quero tocar.

— Certo, com cuidado...

Nem esperou eu pedi, ela envolve sua pequena mão neles com todo o cuidado do mundo pergunta:

— Dói amor?

— Não minha linda, eu estou excitado pra caralho.

Arrepio-me todo e começo a me mover dentro dela, ela está olhando fixo para meu rosto.

— Você é lindo, podemos fazer isso mais vezes?

— Claro que sim. Adorei sua nova tara. — Envolvero seu mamilo com a mão.

Não a julgo tenho uma tara pelo corpo dela, pelos seus seios.

Ela sorri satisfeita. Grace Jane é minha. Nasceu para ser só minha.



EPÍLOGO

Elie Anjo - Demônios Reais

Meses
depois.

— Gael meu filho por que gosta tanto desse urso velho quanto te encho de brinquedos legais?

Meu filhote segura firme o urso que Jandir lhe deu, ele não percebe que trocamos por um novo quase sempre, pois ele arrasta o urso por todo canto da casa ainda mais agora que está dando seus primeiros passos.

— Papa... — E me enche de orgulho.

— Sim seu papai, agora me entrega esse urso velho. — Tento tirar dele.

— Nã...

— Hoje é o dia do casamento dos seus pais não vai entrar com esse urso feioso.

— Nã... — Começa a fazer birra, meu filhote mimado.

— É só um urso Raony...— Grace entra na sala, acabou de sair do nosso quarto vestida de noiva.

Viro-me rapidamente.

— Não era pra te ver vestida de noiva!

— Mamã.

— Por que não se já me viu pelada várias vezes?

Abro os olhos, embora o vestido seja simples tudo na Grace fica lindo, seus cabelos estão em um penteado trançado, não tem jeito teremos que ir juntos para o lado de fora onde ela e o Ructon fizeram a decoração.

É de manhã bem cedinho, ela escolheu se casar ao nascer do sol, meus irmãos zapam pelo meio da floresta para não serem vistos pelos humanos que Grace convidou entre eles a Judite e as irmãs da igreja o pastor, e pessoas que se tornaram clientes dela na Adocica.

As cadeiras foram colocadas em volta de um tapete azul, e logo mais à frente há um painel de flores silvestres, quando alcançamos o primeiro arco de flores todos olham para nós três.

Gael com seu urso espalha fiapos em meu terno, o coloco no chão, e dou uma ajeitada em sua gravatinha, está vestido como o pai dele.

— Dar o urso para mim, filho. — Me agacho e estendo a mão, ele franze a testa enchendo suas bochechas gordinhas de ar, tá aprendendo a fazer careta.

Enquanto ele se decide, eu pego a caixa com as alianças do bolso.

— Você consegue Gael, ensaiamos várias vezes.

A mãe dele passa mão em seus cabelos loiros e tão finos, não tem como não dizer que puxou os da Grace, porém seus olhos mudaram de cor agora tem um tom castanho bem claro, mas das poucas vezes que ele fica irritado seu lado mítico sobressai e altera a cor dos seus olhos para um azul ofuscante.

— Urso. — Ele me entrega o urso.

— Esse é meu filhote. — Uno suas mãos e entrego a caixa com as alianças — Agora mostra para todo mundo que você é o cara!

Meu filhote é muito esperto tanto eu como a Grace babamos por cada

graça que ele faz. Gael está com as bochechas vermelhas e sei que quer chorar ao ver tantas pessoas olhando para ele e tirando fotos, mesmo assim ele avança devagar olhando para frente.

Enlaço o braço da minha mulher no meu, me sentindo tão completo, transbordando de felicidade, quando Gael alcança o meio começamos a dar nossos primeiros passos. Grace sempre simpática sorrindo para os convidados — estou babando por cada detalhe e ansioso para que chegue na lua de mel.

— Você está muito linda.

— Nós três estamos.

Ructon está ridiculamente vestido de padre, pega a aliança do Gael depois seu tio Jandir o carrega para ficar perto dos tios. Infelizmente o Rudá também veio... Marlon foi o último a chegar.

— Estamos aqui para celebrarmos a união de Raony e Grace...

— Corta essa Ructon!

— Calado Raony, hoje ele é o padre e tem que falar essas coisas. — Grace belisca meu braço.

— Que noiva mais doce.

Ela ergue o queixo e faz biquinho, não vou irritá-la no dia do nosso casamento embora para mim já estamos unidos. Ructon entrega a aliança para nós.

— Posso continuar? — Ructon pergunta seriamente, concordo com o balançar da cabeça, — Raony Chandler' Arc aceita Grace Jane Santos como sua esposa, prometendo respeitar, amar, cuidar, suportar, não maltratar, não a deixar mais por quatro anos, não a deixar sozinha para executar um plano estúpido... — Mas que merda é essa? Ele e Grace trocam um olhar cúmplice — e não esconder mais nada dela?

Risos, é isso que os convidados fazem, riem.

— Então querido?

— Essas são suas condições Grace Jane? — A vontade de zapar com ela para qualquer lugar que só tenha nós dois só aumenta. — Aceito, e prometo...

Coloco a aliança em seu dedo.

— E você Grace Jane Santos promete respeitá-lo, não o provocar, não o desobedecer, não o humilhar, não negar sexo, — eu também tenho as minhas exigências não achei que quando o Ructon me perguntou essas coisas a finalidade seria essa. — E nunca, nunca segurar seus chifres quando a intenção não for terminar o serviço.

Essa só meus irmãos entenderam, porque os humanos riem com a loucura toda sem entender porra nenhuma.

— Sim, aceito e não vou negar nada.

Grace está tão plena cheia de vida seus olhos cintilantes se prendem no meu, já sinto um desconforto entre as pernas.

Ela coloca a aliança em meu dedo, seu toque gentil e mãos macias me fazem suspirar.

— Podem se beijar, por favor, é só um beijo... — Ructon sorri.

Beijo Grace que tímida retribui talvez por estarmos em público eu não tenho vergonha de beijar com vontade minha mulher, só minha.

Depois de tanta agitação, abraços e desejos de felicidade quase no final da tarde quando os humanos levaram para casa o último salgado da festa nós finalmente partimos para nossa lua de mel.

Decidimos nos mudarmos da antiga casa da avó da Grace para a que tinha mandado construir, fica em uma área reservada pra nós, onde podemos nos transformar em feras e correremos pela floresta. Rudá começou a expandir e comprar essas terras, Grace dirigi seu fusca rosa enquanto carrego nosso filho que dorme de cansaço em meus braços.

— Vá devagar querida.

— Lady Laura está veloz depois que pedi para turbinarem ela.

Rio.

— Ainda assim prefiro minha moto, mas agora com o Gael tenho que comprar um carro, ou talvez use a Ferrari que o Marlon deu para o Gael.

— Louco.

Grace faz a curva e nossa casa vislumbra em meio a tanto verde, é moderna, porém toda a decoração foi a gosto da Grace quero que ela se sinta bem vivendo aqui comigo e criando nosso filho. Descemos do carro, pego as malas, não tem nada dentro, já trouxemos tudo podíamos simplesmente zapar até a casa, mas Grace quis sair da festa dirigindo o fusca rosa.

— Obrigada por nos trazer para casa Lady Laura. — Ela mima tanto esse fusca velho que já estou tratando—o como um membro da família.

O Gael tem tantas fotos nesse fusca.

— Vamos tirar uma foto temos que registrar esse momento.

— E posso dizer não? — Resmungo.

— Não seja rabugento Raony. Chegue mais para cá, fique perto da Lady.

Ela se afasta com a câmera fotográfica, o Gael continua dormindo com a cabeça encostada em meu obro, tirei sua camisa está apenas com a calça e sem sapatos.

— Já tirou?

— Sorria Raony.

— Quero fazer outra coisa agora, depois que terminar eu sorrio quantas vezes você quiser.

— Afs! — ela faz cara de brava.

Engraçada, acabo rindo.

— Vamos Grace, fica aqui do meu lado e tira uma foto comigo.

Ela deixa a câmera em cima do fusca e corre para ficar do meu lado

sobre o clic de vários flashes automáticos eu a puxo pela cintura com o meu braço livre e digo:

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Huh, agora quero a lua de mel, vamos entrar. — Desço a mão até sua bunda.

— Hey!

E assim adentramos ao nosso novo lar, onde vamos criar nosso filho, nunca imaginei que chegaria até aqui, que encontraria uma fêmea capaz de me dar tudo isso.

Depois de viver tanto tempo, sinto que tudo antes da Grace foi inútil que minha vida só começou a valer quando a encontrei.

Desejo que um dia meus irmãos possam encontrar a mesma felicidade, a mesma plenitude.



F I M

Elic Anjo - Demônios Reais

PROXIMO LIVRO DA SÉRIE

P r ó l o g o

Tempo, tempo, tempo... Porque não passar rápido quando a gente quer, quero que chegue logo à noite onde poderei encontrar o senhor Rucinho, mas papai disse que não posso entrar por essa porta grande, é o quarto da minha mãe, papai não a deixa sair quando tem homens na casa.

Pego minha boneca de porcelana e coloca na cadeira, agora é hora do chá onde todas estão reunidas na mesa comigo.

— Ora Margarida não seja gulosa deixe biscoitos para as outras, Julieta quase não comeu nada tão pouco a Rosinha. — Reclamo para a minha boneca deixar de ser gulosa.

Tenho um quarto só para meus brinquedos e para coisas que papai guarda de quando eu era mais nova, coisas que não uso mais, não durmo mais em berços.

Tem muitas fotos nossas, eu amo o meu papai, pena que minha mamãe não me ama. Eu sou uma boa mãe para minhas bonecas, porque queria que minha mãe fosse boa para mim também.

— Não reclame Margarida, não seja olho de bomba. — Argh. Não sei a quem essa menina puxou. Olho de lula.

Pego a Rosinha no colo e dou chá na sua boquinha, eu tenho muitos brinquedos, mas não tenho amigos para brincar comigo, então tenho que fantasiar que meus brinquedos estão vivos, igual ao filme Toy Story, mas eu sei, claro que sei que não estão. Porém é mais divertido brincar assim.

Daqui a pouco minha babá vem me buscar para ir para a zona azul, nossa casa é dividida por zona e a vermelha é onde não posso ir.

Meu papai é um chefe perigoso, mas quando crescer quero ser igual ao meu papai.

Antes que minha babá venha me buscar quero ver a mamãe, preciso vê-la e falar da má criação da Margarida — e a culpa não é minha.

Ela não vai me dar atenção mesmo assim gosto de conversar com ela, vou até seu quarto e a porta está aberta, papai sai do quarto ao lado que é onde ele dorme. Escondo-me em uma das pilastras para que ele não me veja no corredor sozinha, sempre tenho que estar acompanhada.

— Eu sei que está aí Desi. — É a voz do papai, corro para abraça-lo.

— Papai.

Ele acaricia minha cabeça e me carrega, meu pai é alto e muito forte.

— Não pode sair do quarto sozinha por aí Desi, vamos minha boneca vou leva-la de volta.

— Mas eu quero ver a mamãe.

— Uma última vez.

Não fez sentindo algum para mim, não vou ver minha mãe pela última vez mesmo ela não gostando tanto de mim eu sempre quero ver a minha mãe. Entro no quarto o mais rápido que posso e minha mãe está sentada na cama com alguns papéis ao redor dela e duas malas grandes aos seus pés.

Ela vai viajar? Mas para onde? Eu não posso ir?

— Veja monstrinho, sabe o que tem nesses papéis? — Eu nego com o balançar da cabeça. — São os papéis do divórcio e da sua maldita guarda, como se eu fosse recusar minha liberdade e todo esse dinheiro para ficar com você.

Mamãe está tão linda, mas ela fala coisas tão cruéis para mim, fico triste por isso ainda bem que papai me ama. Ela não.

— Não vá mamãe. — Mas ainda assim não a quero longe de mim.

Minha mãe deixa os papéis sobre a cama e pega suas malas, arrasta pelo quarto e parte sem me dizer adeus eu corro até ela, porém meu pai me segura.

Grito, choro, não devia me comportar desse jeito meu pai diz que sou como um cavalo selvagem e que no futuro terei problemas com isso. Mas não me importo com o futuro sei que isso tudo é culpa dele, culpa de quem ele é

tudo isso afasta as pessoas de mim e agora vou viver presa nessa casa enorme sem ninguém.

— Desiré tudo o que eu faço é porque te amo e quero protegê-la, mesmo da sua mãe um dia você vai me entender. — Eu não quero entender não me conformo.

— Agora não tenho mais ninguém.

— Não fale isso minha filha, você sempre terá a mim.

Minha babá me leva para o quarto e fica comigo até que eu adormeça, soou frio, meu corpo todo treme sou acordada com alguém tocando em meu braço.

— Rucinho. — Salto da cama.

Ele me abraça e diz:

— Hoje o dia foi difícil para você, prometo que um dia tudo vai se resolver.

— Estou doente?

— Está com febre, mas vai passar. — Ele coloca alguns comprimidos na minha boca e me dá um copo com água.

Sr. Rucinho sempre veem quando fico doente.

— Mamãe se foi. — Cochicho para ele, — Isso me deixa com medo, sou a única garota na casa fora a babá.

Sr. Rucinho me cobre com os lençóis, os olhos azuis dele se parecem com os do meu papai.

— Não se preocupe Desi você nunca vai estar sozinha.

Sr. Rucinho toca meu pescoço, uma vez ele me disse que o sinal que tenho no meu pescoço é muito bonito. Finjo que durmo e aguardo ele sair, apenas para segui-lo e depois dar um susto nele.

Desço as escadas da mansão, pois ele entrou no escritório do meu pai, bisbilhoto a conversa do lado de fora no corredor.

— Por que demorou pra me chamar? A febre dela estava alta.

— Tive que resolver alguns assuntos!

— E esses assuntos têm a ver com a Desi?

— Tem a ver com a porra da mãe dela, Magda passou dos limites não estava sendo uma boa mãe, também estou preocupado com minha filha sendo vendida pra alguém fora do ramo da máfia. Hoje recebi uma proposta do...

Ouçó um bater forte, cubro a boca com a mão.

— A Desi já tem dono desde o dia em que ela nasceu nós mantemos negócio com essa finalidade se esse acordo não existir pode ter certeza que terá um demônio muito insano batendo em sua porta.

— Pelo menos me diga quem é o homem que paga uma fortuna para uma garotinha se nem sabe como ela será no futuro. — Meu pai fala mais alto.

Sr. Rucinho não responde mais nada, me encolho assustada.

Eu serei vendida? Não acredito nisso, pois só tenho sete anos não sei nem pentear esses cabelos rebeldes direito.

Por que querem me levar?

Aguardo sentada na escada Sr. Rucinho sair com sua pasta preta, seus cabelos vivem bagunçados como se estivesse acabado de sair da cama.

— O que faz fora da cama? — Ele fala de maneira doce, muito diferente de quando conversava com o papai.

— Por que você quer me levar para longe do meu papai?

— Você ouviu nossa conversa sua diabinha... — Me afasto dele.

— Um dia você vai saber até lá espere por mim, vou vim te buscar Desi.

Eu não tenho medo dele, mas não quero abandonar o meu pai.

∴ ═══ ∴ ✱ ∴ ═══ ∴

Alguns anos depois...

Sr. Raposa

Encontre-me nesse endereço.

Um galpão em Santa Maria.

A máfia Russa entrou em contato comigo depois de tanto tempo... O que será que eles querem? Bom de qualquer forma eu deixei um recado para meu senhor vir até mim se alguma coisa acontecer e espero que ele não demore.

Chego no balcão e sou abordado de maneira muito agressiva, sou preso em uma cadeira e espancado.

— Onde está a garota? — Um deles me pergunta, juro se eu soubesse da Desiré não estaria aqui apanhando.

Achei que eles soubessem onde estar à filha do chefe. Mas onde está a Desi? Isso não é nada bom.

Cuspo sangue no chão e digo:

— O meu senhor acaba de chegar, creio... Que ainda dar tempo de fugirem.

Rio da situação deles enquanto continuam com o espancamento, quanta agressividade...

Preciso encontrar a Desi.

C a p i t u l o - 1

— Você é uma aberração Desiré. — Mamãe diz quando tento prender minha bandana na cabeça, — Não acredito que seu pai me deixou um estorvo como você para atrasar minha vida. É melhor você se comportar porque o Derrick não gosta de garotas más.

Passei a morar com minha mãe desde que meu pai foi preso, eu tinha quinze anos embora tenha completado dezessete não posso ir há lugar nenhum, não quando se é filha de um mafioso, de um do chefes da máfia Russa. Quando ele foi preso minha mãe ficou com a minha guarda, mas ele saiu recentemente e por medo minha mãe me arrastou para essa cidade no fim do mundo chamada Santa Maria.

Derrick é seu novo amante tosco.

Eu não sou uma garota má, sou apenas uma garota burra que não pode ir à escola é como se eu não existisse, vivo trancada dentro de casa enquanto minha mãe gasta fortuna que meu pai deu a ela no acordo de divórcio.

Ela me odeia e nunca entendi o motivo.

Ela foi mãe muito jovem e sei que casou por obrigação, mas ainda assim não tenho culpa de nada disso.

Moramos nessa cidade há algumas semanas nossa casa é no centro dela e da janela do meu quarto sempre observo a rotina das pessoas do lado

de fora, passei a desenhar algumas delas.

Toda sexta-feira a loja de doces logo a frente renova o estoque e quase sempre um fusca rosa estaciona frente à loja já do outro lado tem um prédio mais moderno, semana passada uma gangue de motoqueiro parou frente a ele.

Tudo o que posso fazer é observar...

Já está quase na hora do cachorro passear, comecei a anotar os horários das rotinas de algumas pessoas em destaque do dono um cachorro que chama a atenção quando anda pelas ruas, assim como seu dono.

Mas está bem difícil driblar mamãe, pois quando o Derrick vem nos visitar o inferno fica pior, faz parecer que o diabo estava de folga nos dias anteriores.

Mamãe abre sua gaveta de joias, senta-se na penteadeira e escova os cabelos vagorosamente.

— O que está fazendo aí me olhando? Vai fazer o que mandei. — Me enxota com a mão, — mas você é tão lerda.

— Desculpa, já estou indo.

O que ela me pediu pode esperar só mais alguns minutos ao invés de correr para a cozinha eu vou até o meu quarto e fecho a porta abro a cortina da janela gradeada e bisbilhoto a rua — como sempre acerto em cheio, mesma horário de sempre...

Ele é lindo, seu andar impõe respeito e ao mesmo tempo tão, mais tão fofo, sua língua está para fora, como queria apertá-lo e acariciar sua barriga peluda.

Suspiro, sempre quis ter um cachorro e me pergunto qual o nome dele. Não é só a mim que ele enfeitiçou todas as mulheres das proximidades não param de olhar.

Para ele ou para o dono.

O batizei de totó, totó se senta enquanto seu dono atende o celular. Ah, sim ele deve morar no prédio frente à loja de doces e também tem algum

parentesco com a dona da loja e seu bebê...

Nunca consegui focar em seu rosto ou vê-lo, pois ele só sai pela noite ou de manhã bem cedo para passear com o cachorro, pode ser cadela também.

Porém, o dono não me interessa.

Fecho as cortinas e antes que mamãe perceba que não estou fazendo o que ela mandou eu vou para a cozinha.

Derrick gosta de comer porcaria, deve ser por isso que reclama tanto da minha comida saudável.

Mas hoje vou preparar um macarrão ao molho branco com bacon.

Os saltos agulha da mamãe trincam no chão do quarto.

— Monstrinho, você viu o meu brinco de pérolas? — Grita mamãe do quarto.

— A senhora não tem um brinco assim. — respondo experimentando o molho que ferve na panela, o espaguete já está no escorredor.

— É claro que tenho!

— Não, não tem.

Deixo a panela e vou à procura de alguns legumes para fazer uma senhora salada, ainda bem que temos azeitonas.

— Como você sabe por acaso anda pegando minhas coisas novamente?

— Não. A senhora me perguntou lembra?

Paciência...

— Esquece se não encontrar o meu brinco de pérolas juro monstrinho que vendo seus rins para comprar outro.

Creio...

Descasco as batatas e as corto em cubinhos, em seguida a cenoura e

coloco para cozinhar na panela.

— Ainda não está pronto? — Mamãe olha indignada para a tigela apenas com o tempero da salada, joga o azeite de oliva sem lhe apresentar nenhuma resposta para o óbvio. — Não se faça de muda.

— Ainda não está pronta.

Céus...

— E como estou? — analiso seu vestidinho cor rosa goiaba, tem um decote exagerado e um estilo mais adolescente.

— Talvez eu deva cozinhar alguns ovos para colocar na salada. — Mudo de assunto.

— Está tão ruim assim?

Eu não queria responder, mas...

— Péssimo. A senhora não precisa se vestir como uma menininha para agradar o Derrick, aquele vestido azul marinho que a senhora tem fica mais elegante.

O vestido é apenas o começo a maquiagem dela é o próprio arco-íris pintado por uma criança de cinco anos.

— Esquece nem sei por que te pergunto as coisas, olha só para você, com essa coisa tosca e ridícula na cabeça, com essa cara salpicada por essas malditas sardas com essas gorduras criando uma pilha de pneus que é seu corpo...

A pior coisa é a cara de nojo que ela faz, me faz me sentir um lixo, que está olhando para algo medonho, não para sua própria filha.

Meu rosto esquenta de imediato e sinto vontade de revidar, mas sei que isso só vai piorar as coisas.

— Desculpa.

Ela ergue o queixo convencida que está "causando" — digna de pena eu diria.

— Deixe a mesa pronta, só saia do quarto para jantar quando terminarmos, depois limpe tudo.

Não posso reclamar, pois se não fizer como ela quer bem capaz de não jantar hoje.

Faço como ela pediu fico trancada no meu quarto desenhando enquanto a escuto rir com o namorado dela, gosto de desenhar quando morava com o meu pai tinha aulas de desenho minha educação sempre foi supervisionada por professores particulares nunca frequentei uma escola.

Esboço o desenho de um cachorro preso em uma coleira, totó tem mais liberdade do que eu e com certeza é mais amado também. Quando o barulho na sala cessa saio do quarto usando um casaco grosso que cobre o meu corpo até os joelhos.

É inverno em Santa Maria e a neve está criando desordem do lado de fora, porém só posso sair à noite e apenas para jogar o lixo fora.

Não há mais ninguém na rua e ninguém me conhece nessa cidade, sou um fantasma. Ajeito meu capuz e atravesso a esquina até um beco onde fica a lixeira, jogo o lixo e faço meu retorno ralando uma mão na outra para aquecê-las. Ao atravessar o parque ouço latidos, totó está com coleiras, porém sem o dono ele me encara e dar outro latido.

Antes que o dono dele me veja escondo-me atrás da lixeira quase perto do estacionamento do parque, orando para que totó não venha até onde estou.

— Lagertha! — O dono da voz chama o totó, agora sei o nome dela, ela é fêmea então... — Sua quenga não fuja mais desse jeito. — Estou sem saber o que fazer, então fico imóvel quase sem respirar, piora tudo quando Lagertha volta a latir — O que foi garota, Huh?

Silêncio, depois dessa pergunta Lagertha não latiu mais, será que já foram embora?

— Quem está aí?

Droga. Fui pega.

— Foi por ela que você fugiu? — Como ele sabe que sou uma garota? Como sabe que estou aqui? — Sei que está aí, sinto o cheiro de morango do seu shampoo, muito cheiroso embora acho que seu desodorante está vencido. — Outro latido, — Lagertha concorda comigo. Só acho... Que devia troca-lo, cheirar a lixo dessa cidade não é muito bom.

Isso era para ser engraçado?

Não posso sorrir e nem ter nenhum tipo de interação com ele, mas algo me diz que se eu não sair daqui logo ele vai me pegar nessa situação constrangedora que é estar abraçada com a lixeira.

— Eu vou sair, mas, por favor, me deixa apenas retornar para casa, não me olha.

— E por que não? Por acaso saiu para passear pelada nessa noite fria.

— Muito engraçadinho o senhor.

— Me fez parecer o velho que sou.

Pela voz não é tão velho assim, mas nitidamente bem mais velho que eu, caramba só tenho dezessete anos.

Com cautela me levanto e olho por cima da tampa do contêiner de lixo. Ele está de costas segurando Lagertha pela coleira, ela dar outro latido para mim.

— Qual a raça dela?

— Chow Chow.

Tenho uma vontade enorme de acaricia-lo, mas não posso ficar mais tempo do lado de fora.

Ando de fininho em direção oposta.

— Não vai nem dizer adeus?

— Adeus estranho e não deixe a Lagertha fugir, e ela deve odiar quando você fica no parque parado no celular acho que é o momento do dia em que ela quer correr pelo parque e não ficar em uma coleira vendo os outros se divertirem, se eu estivesse no lugar dela faria isso..

Droga. Por que estou falando essas coisas? Não posso puxar assunto com estranhos.

— Como sabe de tudo isso? Anda espionando minha cadela ou a mim?

Iludido, nem sei como é seu rosto.

— Ficamos só no adeus.

— Apareça um dia desses na boate.

— Impossível.

Estou bem distante para ele escutar, entro pela porta da cozinha e encontro o Derrick bebendo água, apenas de cueca que nojo.

— Desculpa eu achei que já estivesse dormindo — era para estar, se eu não fosse a empregadinha da minha mãe, — É bom te ver, sua mãe não deixa você sair do quarto quando estou aqui.

— Oi. Tchau. Eu vou dormir. — Ele fica em minha frente.

— A noite só está começando...— Segura meu pulso. — Agora sei por que sua mãe te deixa no quarto esconde você, porque é bonita. — Derrick é pegajoso como o bigode fino e seu cabelo grisalho em corte militar. — Vem cá não precisa ter medo só quero te conhecer melhor.

— Me solta.

— Fala baixo, não queremos acordar sua mãe, não é? — na verdade eu quero, — você tem uma beleza exótica.

Bufo, pois de todas as coisas que me considero, ser bonita nunca estive na minha lista, pelo contrário sou horrível.

— Obrigada, tenho que ir dormir.

Ele puxa minha mão com força e leva para um lugar que ao sentir que está duro, meu estômago quer colocar à janta para fora. Que nojo. Consigo tirar minha mão com força e acerto um soco em sua cara e acho que acertei o nariz.

Às vezes corria para a área vermelha para ver os homens do papai treinar.

— Sua vadia, vai me pagar por isso Desiré.

Corro para o meu quarto e tranco a porta, mas só por garantia eu arrasto minha cadeira para escorar atrás dela, mesmo assim demora muito para pegar no sono.

**SIGA A AUTORA PARA SABER AS NOVIDADES DOS PRÓXIMOS LIVROS DA
SERIE *DEMÔNIOS REIAS*:**

WATTPAD: <https://www.wattpad.com/user/ElieAnjo>

INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/elie—anjo/?hl=pt—br>